



MENINO COM PIÃO, Óleo sobre tela - Cândido Portinari - 1947/1953

DARLIANE SILVA DO AMARAL

Orientador: Prof. Doutor António Gomes Alves Ferreira

UMA ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DO PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO (PIEF)

Coimbra
2012



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

UMA ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES E
FRAGILIDADES DO PROGRAMA INTEGRADO DE
EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO (PIEF)

	Ficha Técnica:
Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	UMA ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DO PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO (PIEF)
Autor	Darliane Silva do Amaral
Orientador	António Gomes Alves Ferreira
Júri	Presidente: Doutora Armanda Pinto Mota Matos Vogais: 1. Doutor Carlos Manuel Folgado Barreira 2. Doutora Carla Sofia Andrade Teodósio dos Santos Valadas e Góis
Identificação do Curso	Mestrado em Ciências da Educação
Área científica	Educação
Especialidade	Administração e Gestão da Educação e Formação
Data da defesa	27-9-2012
Classificação	18 valores

• U • C •



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Aos meus pais, Aristeu Amaral e Marinalva Araújo, pelo estímulo e por terem sido o meu maior fôlego durante todo o percurso de produção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por me fazer acreditar que sempre posso ir além.

Ao meu orientador, Professor António Gomes Alves Ferreira, pelo profissionalismo e pela seriedade.

À Coordenadora do estágio, Professora Doutora Armada Matos e demais professores do grupo de Estágio em Administração e Gestão da Educação e da Formação, Professor Doutor Carlos Barreira e Professora Doutora Carla Valadas.

A todos os meus professores do Mestrado em Ciências da Educação. Aos funcionários da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Aos bibliotecários da Escola Superior de Educação de Coimbra e da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, especialmente, à Sofia Gomes pelo profissionalismo e carinho com que sempre me tratou.

Aos alunos da minha turma de mestrado, em especial à Sandra Martins, que, pacientemente, ouviu muitas das minhas angústias no processo de construção deste trabalho.

À Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis, todos os seus funcionários, ao Diretor Professor Augusto, aos professores que integraram o grupo/turma PIEF: professores Helena, Amândio, Rui, Carlos, Armando, Cristina, Filipe e, de modo especial, aos professores Teresa Sá e Fernando Sá, minha gratidão pelas idas e vindas juntos da escola.

À Técnica EMM e coordenadora local do estágio, a professora e amiga Maria da Luz Pedroso, por quem tenho o maior respeito, admiração e carinho.

À Técnica Carla Ribeiro, pela disposição, seriedade e pelo humor com os quais trabalha no PIEF.

À Iana, pela amizade e confiança.

À minha eterna garota de Ipanema, Rosane, pela amizade.

Ao amigo Alê, que sempre emanou energias positivas.

Ao amigo Otavio, que sempre me alimentou com a melhor música, a poesia necessária e a palavra mais eficaz.

Ismália e Elaine pela amizade e pelos papos descontraídos, quando a saudade de casa teimava em se fazer presente.

Aos brasileiros que vamos encontrando em Coimbra e que já fazem parte da nossa vida (Carol, Estélio, Marcelo, Fabiana, Alexandre Suenaga, Jaciel, Max, Anaber, Vilaça, Marcia, Jácomo, Joana Áurea, Bernardete, Ney, Dani, Gina).

Leilane Xavier, Dilane e Riquelme, minha gratidão pelo acolhimento em vossa família, e por todos os momentos compartilhados durante os dois anos do Mestrado.

Bruno Araújo, pela relação de amizade, confiança, pelo companherismo e pela cumplicidade em todos os momentos.

Nazareth pela correção ortográfica do texto.

Dona Alice e sua filha Ana, pelo sorriso sempre acolhedor.

Aos companheiros e amigos da Secretaria de Educação de Itaiçaba, com quem tive a oportunidade de trabalhar e partilhar uma luta pela educação de qualidade nos municípios brasileiros. De modo particular, ao amigo Pedro Ivo, que, para mim, é um incansável trabalhador da educação do Vale do Jaguaribe.

Aos familiares, amigos e colegas que de diversas maneiras foram manifestando acreditar em mim e na conclusão exitosa desse percurso acadêmico.

Aos meus irmãos (Disalvio, Daniele, Deborah e Denise), pela confiança e respeito.

Aos meus pais, pelo incentivo diário e por suportar, de maneira tão silenciosa, a minha ausência.

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito da sua própria história.

(Paulo Freire)

AMARAL, D.S. (2012). *Uma análise das potencialidades e fragilidades do Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF)*.196f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.

RESUMO

Este trabalho tem como foco de estudo o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), caracterizado como uma medida que atua na inclusão social dos jovens com insucesso escolar (retenção/abandono), comportamentos desviantes, jovens institucionalizados, com famílias disfuncionais (violência física, alcoolismo, pais separados etc.). Um dos principais objetivos da medida é a garantia do cumprimento da escolaridade obrigatória para estes jovens. A metodologia de intervenção do programa pauta-se por um trabalho em rede, contando com a articulação de diversos parceiros institucionais, que apoiam a inserção dos jovens na comunidade local e no mundo profissional. Durante o ano letivo 2011/2012, realizamos um estudo de caso no grupo/turma PIEF, na Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis de Coimbra, onde buscou-se compreender a implementação e atuação do PIEF, bem como acompanhar e conhecer a prática dos diversos atores que intervêm no programa (Técnicos, Diretor de Escola, Professores, Parceiros, Pais e Encarregados de Educação). Na parte teórica, abordamos a aprendizagem escolar e a educação para a cidadania. No estudo empírico recorremos à metodologia de análise de conteúdo, a partir da elaboração e da aplicação de entrevistas semiestruturadas e da construção de diários de campo. Por fim, identifica-se um conjunto de fragilidades na aplicação da medida, que impossibilitam a consecução plena dos objetivos propostos.

Palavras-chave: PIEF; jovens; inclusão; escola; educação e cidadania

AMARAL, D.S. (2012). *An analysis of potentialities and fragilities of the Integrated Education and Training Program (PIEF)*. 196f. Dissertation (Master in Science of Education), Faculty of Psychology and Sciences of Education. University of Coimbra.

ABSTRACT

This work focuses on the study of the Integrated Education and Training Program (PIEF), characterized as a measure that operates in the social inclusion of young people with school failure (retention / abandonment), deviant behavior, institutionalized youths with dysfunctional families (physical violence , alcoholism, divorce etc.). The main purpose of measure is the guarantee of compulsory schooling for these youngsters. The methodology intervention program is guided by a network, with the articulation of several institutional partners, which support the integration of young people in the local community and in the professional world. During the school year 2011/2012, we conducted a case study in group class PIEF, at Escola Secundária com 3º ciclo Dom Dinis, em Coimbra, where he sought to understand the implementation and performance of PIEF as well as monitor and understand the practice of the various actors involved in the program (Technical, School Principal, Teachers, Partners, Parents and Guardians). On the theoretical approach we discuss about the function of school and citizenship education. In the empirical study we used the methodology of content analysis, from the elaboration and implementation of semi structured interviews and building logbooks. Finally, it identifies a number of weaknesses in the measure precluding the full of goals proposed.

Keywords: PIEF; young; inclusion, school, education and citizenship

ÍNDICE

	INTRODUÇÃO.....	15
	PRIMEIRA PARTE-ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	19
I	APRENDIZAGEM ESCOLAR.....	20
	1.1. Aprendizagem: características, importância e complexidade.....	21
	1.2. A função da escola na formação da cidadania.....	27
II	EDUCAÇÃO ESCOLAR E CIDADANIA.....	30
	2.1. Educação para a cidadania: uma necessidade atual.....	31
	2.2. Como educar?.....	33
	2.3. A escola e a inclusão exclusiva.....	37
	SEGUNDA PARTE: INVESTIGAÇÃO EMPÍRA	
I	JOVENS CONSIDERADOS DE RISCO EM PORTUGAL.....	40
	1.1. Caracterização da instituição educativa.....	41
	1.1.1. Organização interna da escola.....	43
	1.1.2. Espaços e instalações.....	46
	1.2. Caracterização do Programa para Inclusão e Cidadania (PIEC).....	47
	1.3. Caracterização do Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF).....	48
	1.3.1. Estrutura organizativa do PIEF.....	50
	1.3.2. Operacionalização do PIEF.....	54
	1.3.3. Estrutura curricular no PIEF.....	54
II	UM ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA PIEF	59
	2.1. Metodologia do estudo.....	60
	2.1.1. Objetivo do estudo.....	60
	2.1.2. Justificativa do estudo.....	61
	2.1.3. Estudo de caso.....	62
	2.1.4. Sequência das etapas da investigação.....	64
	2.1.5. Análise de conteúdo.....	66

2.2. Análise e discussão dos dados.....	68
CONCLUSÃO	97
BIBLIOGRAFIA	100
LEGISLAÇÃO	103
ANEXOS	105
I Diários de Campo.....	106
II Guião de Entrevista.....	146
III Autorização do Diretor da Escola para aplicar as entrevistas.....	151
IV Autorização dos entrevistados para utilização dos dados recolhidos.....	153
V Transcrição das Entrevistas.....	155
VI Matriz de Categorização dos Dados.....	185
VII Matriz de Redução dos Dados.....	187

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	Intervenção PIEC.....	48
Figura 2	Intervenção PIEF.....	50

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	Objetivos do Conselho Pedagógico da Escola D. Dinis.....	45
Quadro 2	Espaços da escola.....	46
Quadro 3	Parceiros do PIEF.....	53
Quadro 4	Matriz curricular do PIEF.....	56
Quadro 5	Horário de turma.....	58
Quadro 6	Distribuição das entrevistas.....	65
Quadro 7	Codificação dos sujeitos do estudo.....	68
Quadro 8	Caracterização sociodemográfica dos profissionais.....	69
Quadro 9	Aspectos negativos sobre a organização do horário das aulas.....	70
Quadro 10	Sugestão acerca do horário das aulas.....	72
Quadro 11	Aspectos positivos sobre a matriz curricular do PIEF.....	73
Quadro 12	Aspectos negativos sobre a matriz curricular do PIEF.....	73
Quadro 13	Caracterização sociodemográfica dos alunos.....	74
Quadro 14	Sugestão acerca da matriz PIEF.....	75
Quadro 15	Semelhanças em turma PIEF comparada a turmas do Ensino Regular.....	76
Quadro 16	Diferenças em turma PIEF comparada a turmas do Ensino Regular.....	76
Quadro 17	Cumprimento das regras dos alunos.....	78
Quadro 18	Autocontrolo.....	81
Quadro 19	Informações gerais sobre os alunos.....	83
Quadro 20	Aprendizagem cognitiva.....	85

Quadro 21	Competências pessoais e sociais.....	87
Quadro 22	Visão acerca da organização do Funcionamento do PIEF.....	89
Quadro 23	Visão acerca dos espaços e materiais.....	92
Quadro 24	Um olhar sobre a atuação das parcerias no PIEF.....	93
Quadro 25	Proposta futura sobre organização.....	94
Quadro 26	Proposta sugerida sobre os espaços e materiais.....	95
Quadro 27	Proposta sugerida sobre os recursos humanos.....	96

SIGLAS E ACRÔNIMOS

CMC – Câmara Municipal de Coimbra

CPCJ – Comissão de Proteção Crianças e Jovens

CS Eiras – Centro de Saúde Eiras

DGRS – Direção Geral de Reinserção Social

DREC – Direção Regional do Centro

DT – Diretor de Turma

EMAT – Equipas Multidisciplinares de Assessoria ao Tribunal

EMM – Equipe Móvel Multidisciplinar

IEFP – Instituto do Emprego e da Formação

ISS – Instituto de Segurança Social

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

PEETI – Plano para Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil

PEF – Plano de Educação e Formação

PETI – Programa para Prevenção e Eliminação, da Exploração do Trabalho Infantil

PIEC – Programa pra a Inclusão e Cidadania

PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação

MTSS – Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social

ME – Ministério da Educação

RSI - Rendimento Social de Inserção

SS – Segurança Social

TIL – Técnico de Intervenção Local

INTRODUÇÃO¹

Vivemos em uma sociedade onde a busca pelo conhecimento torna-se cada dia mais competitiva e acelerada, pois quanto mais e melhores forem as informações construídas, mais o indivíduo será valorizado e mais bem preparado para atuar no mercado de trabalho.

Neste contexto, deve valorizar-se a formação contínua de cada professor e demais profissionais da educação, no sentido de dotá-los de competências essenciais para o desenvolvimento de funções socioeducativas no interior dos estabelecimentos de ensino. Uma das possíveis consequências de um professor em formação contínua são alunos capacitados e com bom nível cognitivo, cujo desenvolvimento das competências pessoais e sociais flui espontaneamente.

Sendo assim, a responsabilidade do sucesso educacional do aluno abrange, além da aquisição e do domínio dos conteúdos, o contexto social em que o aluno se encontra inserido, pois este deve ser olhado pela escola e pelos professores como parte fundamental para se projetar uma educação eficaz.

Em busca de uma política educacional mais justa, o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) foi implementado nas escolas portuguesas, com o objetivo principal de garantir a escolaridade obrigatória, desenvolver a cidadania, promover as inclusões escolar e social de jovens considerados de risco ou em risco de exclusão social. Nesse sentido, a escola e os professores desempenham um importante papel na formação do aluno, devendo este ser o protagonista da ação.

Do nosso ponto de vista, é necessário olhar o aluno de maneira individual e perceber que cada jovem encaminhado para a medida PIEF tem especificidades e necessidades particulares. Por este viés de pensamento, o presente trabalho traça uma panorâmica da aplicação das medidas do programa numa instituição escolar da cidade de Coimbra, no sentido de identificar impactos positivos e negativos alcançados pelos alunos; perceber as dificuldades que professores e técnicos tiveram ao trabalhar com os jovens; e analisar as condições de ação em que o grupo/turma funcionou.

¹ O presente trabalho foi redigido segundo a norma culta do Português do Brasil, seguindo as alterações trazidas pelo Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Há de salientar, que os alunos PIEF são jovens com insucesso escolar (retenção e abandono), comportamentos desviantes e oriundos de famílias disfuncionais. Eles são encaminhados para o programa, este representando uma oportunidade última de cumprirem a escolaridade obrigatória e obterem certificação. A imensa fragilidade dos contextos de proveniência destes jovens e, igualmente, as diversas perturbações na estrutura familiar, de que fazem parte, são questões que merecem a nossa reflexão e que, certamente, poderão ser estimuladas pelo pensamento de Perrenoud (1986, p.30), segundo o qual, “os privilégios sociais desiguais, conduzem geralmente a diferentes formações que geralmente arrastam consigo diferenças de condição social, sendo desigual rendimento a nível económico, prestígio, interesse da profissão, vida cultural, participação social e política”. Os jovens que constituem o público-alvo da medida PIEF possuem características muito específicas, que individualizam o seus percursos pessoal e escolar e têm forte incidência na formação da sua personalidade – questões desenvolvidas no âmbito desta produção.

O PIEF encontra-se subordinado ao Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e ao Ministério da Educação, somado a uma rede de parceiros de diferentes órgãos e instituições, que integram uma articulação para alcançar respostas nas áreas educacional e social. Desta forma, o nosso trabalho apresenta o PIEF, em primeiro lugar, conceptualizando-o e procurando perceber, posteriormente, as suas potencialidades e fragilidades, as suas vantagens e desvantagens na consecução dos objetivos a que se propôs. A atual estrutura organizativa do programa, com particular atenção para a organização curricular e para a formatação dos profissionais que dele fazem parte, conseguiram responder às necessidades do público-alvo? De que forma os jovens atendidos poderão, de fato, ser trabalhados para uma (re) integração plena nos contextos social e escolar? Todas estas indagações permeiam as reflexões no interior deste trabalho.

Para o seu desenvolvimento, analisou-se, especificamente uma turma, inserida na Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis. Da nossa análise - estruturada a partir da metodologia de observação participante, realizada entre os meses de setembro de 2011 e junho de 2012, cujas referências foram inseridas em diários de campo, em anexo -, fizeram parte técnicos e professores que integraram e desenvolveram trabalhos na referida turma, ao longo do ano letivo de 2011/2012. Para tal análise, além do registro em diários de campo, recorreu-se à aplicação de entrevistas semiestruturadas aos principais atores envolvidos (diretor da escola, técnicos e professores), constituindo, portanto, uma investigação qualitativa aplicada a um caso específico (estudo de caso).

A nossa investigação estrutura-se em dois grandes eixos: o primeiro destina-se ao enquadramento teórico, no qual, contempla-se um conjunto de autores, cujas linhas de raciocínio muito contribuíram para a problematização das questões teóricas que fundamentam este estudo. O segundo eixo centra-se no desenvolvimento do procedimento empírico, no qual, os dados recolhidos serão tratados, com recurso a técnicas de Análise de Conteúdo e, em seguida, apresentados os resultados para interpretação e discussão.

No primeiro capítulo, propõe-se refletir sobre a aprendizagem escolar. Pensa-se na temática abordada como fator que potencializa o desenvolvimento do aluno se, de modo intencional, além do professor, houver um sistema educacional preparado e atento para tal fim. Em aprendizagem, propõe-se abordar características, a importância e a complexidade deste fenómeno, percebendo o aluno como foco e eixo principal do processo ensino aprendizagem. O aluno é, a nosso ver, um sujeito a se desenvolver ou não, dependendo do processo de interação e mediação estabelecido entre docente, instituição de ensino, aluno e família. Neste sentido, a escola deve assumir-se como um espaço propício à construção do saber formal, valorizando as relações afetivas entre professor e aluno, cuja relação deve constituir uma ferramenta positiva para dinamizar o processo de aprendizagem, ressaltando a importância do ensino que associa teoria e prática. Dessa forma, a construção dos significados que o aluno atribui ao conhecimento e o desenvolvimento das competências necessárias para o seu aperfeiçoamento pessoal e escolar será, certamente, mais profícuo.

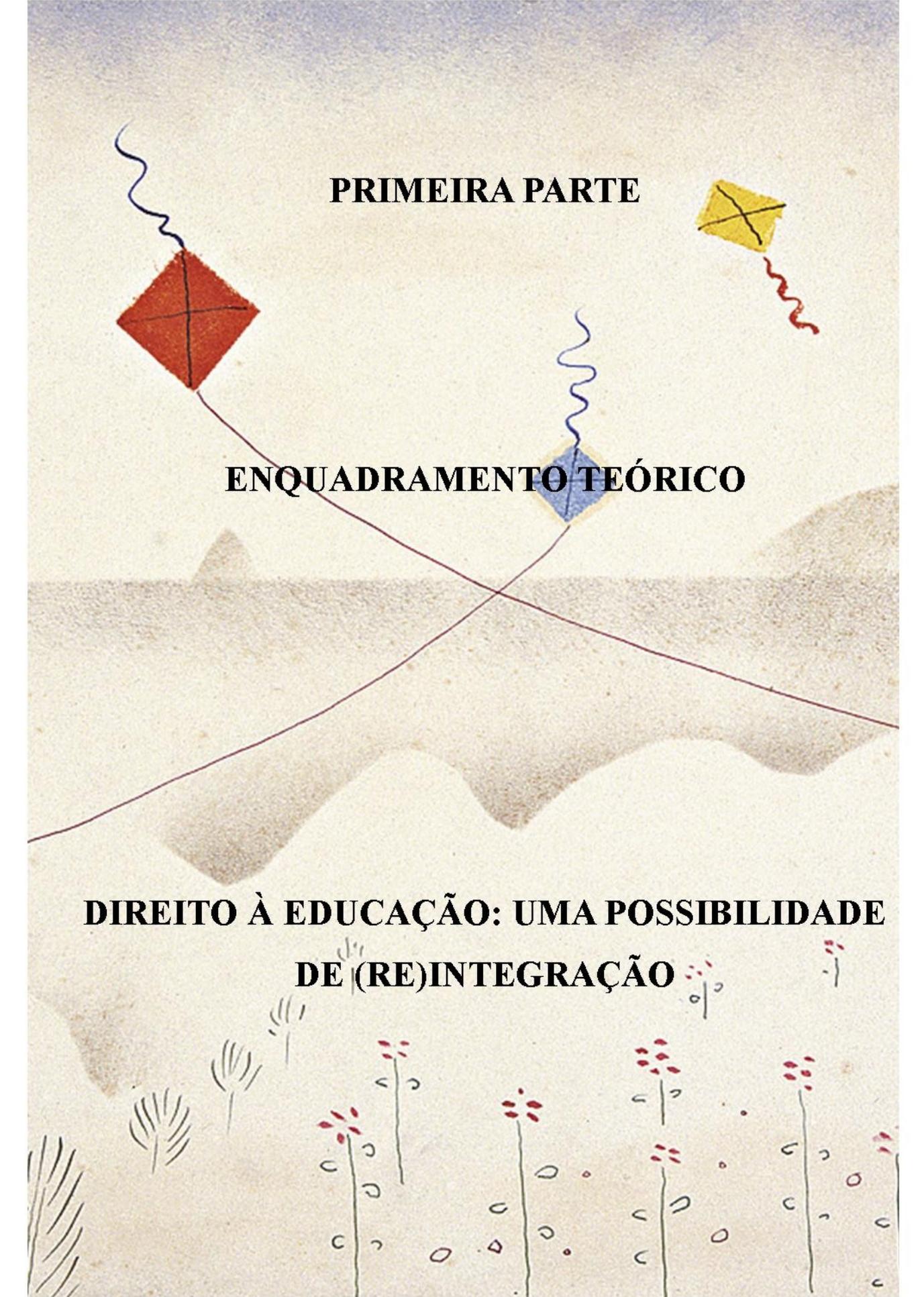
No segundo capítulo do enquadramento teórico, a temática central abordada trata da relação entre a educação escolar e o exercício efetivo da cidadania. Assim, discorre-se sobre a escola, refletindo a sua função, bem como identificando-a como espaço de promoção da inclusão e, quando não cumpridas as condições mínimas, também como espaço de exclusão social.

A dinâmica de pensamento pretendida com o tema deste segundo capítulo procura estabelecer uma relação entre o individual e o coletivo, entendendo ser impossível a prática efetiva da cidadania sem que esses dois componentes atuem em consonância. Quando o cidadão promove e luta pela garantia de uma prática cidadã que beneficia o coletivo, automaticamente, ele garantirá a sua própria cidadania. A partir de Gadotti (2002), Perrenoud (2002), Fonseca (2000), Barroso (2003) e outros pesquisadores, procura-se caminhar por uma ação educativa, que aproxime o ser humano da sua humanidade, seja ela perdida ou assegurada, inclusive pela escola.

O nosso procedimento empírico estrutura-se também em duas partes. O primeiro capítulo foi direcionado para a caracterização da Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis, local onde se desenvolveu o estudo. Apresenta-se a organização interna da escola, e segundo o Projeto Educativo (2009/2013), salienta-se as linhas principais da sua política educacional para a realização do trabalho escolar. Dando continuidade, expõe-se a caracterização do Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), medida operacionalizada pelo Programa para Inclusão e Cidadania (PIEC). Com foco no PIEF, apresenta-se a estrutura organizativa e curricular do programa, percebendo a funcionalidade de cada estrutura, e o trabalho direcionado para a (re) integração do jovem na escola e na sociedade. Enfatizam-se os diversos intervenientes que, em parceria, buscam colaborar para a inclusão.

Dando sequência, o segundo capítulo trata da metodologia de estudo, explicitando os objetivos, justificativa e as etapas da investigação. Além disso, desenvolve a análise das entrevistas e dos diários de campo, discutindo os resultados e apresentando as interpretações.

Por fim, elenca-se um conjunto de considerações finais, das quais fazem parte as principais conclusões a que chegamos com este estudo. Da mesma forma, lança-se novas pistas de investigação com o objetivo de que outras produções aprofundem os temas aqui desenvolvidos e, igualmente contribuam para o lançamento de luzes sobre este percurso empírico.



PRIMEIRA PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

**DIREITO À EDUCAÇÃO: UMA POSSIBILIDADE
DE (RE)INTEGRAÇÃO**



CAPÍTULO I

APRENDIZAGEM ESCOLAR

1.1. Aprendizagem escolar: características, importância e complexidade

“Sabem o suficiente aqueles que sabem como aprender”.

Henry Brooks Adams

Atualmente existe uma busca acelerada pelo conhecimento. Tendo em vista a rapidez com que as mudanças acontecem e as inovações que vão surgindo e afetando cada vez mais a vida humana, vem exigindo-se às pessoas um maior investimento no desenvolvimento das suas capacidades e no explorar de novos conhecimentos. Associado a esta situação acrescenta-se a concorrência mundial que requer recursos humanos cada vez mais competentes e preparados para novas aprendizagens e que valoriza a formação permanente. O mercado de trabalho está em constante mudança e requer profissionais que saibam adequar-se às novas exigências. Ou seja, as necessidades contemporâneas e o mercado estão exigindo constante aprendizagens.

A aprendizagem, entendo, depende muito das situações oferecidas e vividas dos contextos, dos atores, das motivações. A partir das leituras realizadas em Coll et al. (2001), Fonseca (1998), Bruner (1997), Fontes e Freixo (2004), entre outros que seguem o mesmo pensamento, consideramos aprendizagem como uma construção que surge a partir da capacidade de elaboração de uma representação pessoal sobre um objeto ou conteúdo que se pretende aprender. Essa elaboração é recheada de significados, possibilitando ao indivíduo confrontar experiências e vivências prévias, com determinadas situações novas.

Conforme Solé e Coll (2001, p.19),

Pode dizer-se que, com os nossos significados, nos aproximamos de um novo aspecto que por vezes apenas é novo na aparência, mas que, na realidade, se pode interpretar perfeitamente com os significados que já possuímos enquanto que outras vezes constituirá um desafio a que procuraremos responder modificando os significados do que já estávamos providos, de forma a poder dar conta do novo conteúdo ou situação. Neste processo, não só modificamos o que já possuíamos como também interpretamos o novo de uma forma muito peculiar, de modo a poder integrá-lo e torná-lo nosso.

Ainda segundo os mesmos autores, aprender não é copiar ou reproduzir. A partir da concepção construtivista, os indivíduos aprendem quando são capazes de formar significado pessoal sobre um determinado objeto, aspecto, conteúdo que se queira aprender. Essa

significação que o indivíduo constrói está relacionada com a finalidade do aprender, assim como com os seus conhecimentos anteriores e o contexto social e cultural em que está inserido.

Acerca da construção de significados, Antunes (2002, pp.40-41) diz que derivam de uma apropriação a partir das experiências e conhecimentos prévios que dão sentido e promovem uma aproximação e apropriação entre os saberes. Como “o cérebro humano odeia incoerência, vinga-se com esquecimento daquilo em que não percebe significação”. Se a mensagem não é representativa, dificilmente será valorizada pelo aprendente, sendo, portanto, banalizada. Desse modo, “aprendemos não quando estocamos saberes, mas quando estes reestruturam nossa forma de pensar, nossa expressão ao opinar. Aprender significa sempre reestruturar o sistema de pensamento com o qual compreendemos as coisas, as pessoas e, naturalmente, o mundo”.

Fonseca (1998, p.8) entende a aprendizagem “como uma mudança de comportamento provocada pela experiência de outro ser humano e não meramente pela experiência própria e prática em si ou pela repetição ou associação automática de estímulos e respostas. Aprendemos como seres humanos e não como animais”. Para Sollé (2001, p.29), na

[...] aprendizagem intervêm aspectos de tipo afetivo e relacional, e em geral tudo aquilo que se costuma incluir nas capacidades de equilíbrio pessoal, estamos convencidos de que estas capacidades não se constroem no vazio, nem à margem de outras capacidades. Quando aprendemos, implicamo-nos globalmente na aprendizagem, e o processo seguido, bem como o seu resultado, repercutem-se também em nós de uma forma global.

Diante do exposto, é pertinente pensarmos que todo esse processo não é simples e nem acontece de maneira involuntária. Há um esforço e uma organização dos sentimentos e das capacidades para que ambas encontrem um caminho menos conflituoso possível e construa essa aprendizagem que acontece dentro e fora de cada indivíduo.

A (des) construção da aprendizagem passa pelo interesse ou por uma necessidade de saber. Não se pode separar a relação entre o afetivo e o cognitivo, como também, não se pode saber com exatidão o processo de interação entre um e outro (Sollé, 2001).

O ser humano é constantemente bombardeado com novas propostas de aprendizagens, sendo esse um caminho que perpassa pela rejeição ou aquisição deste novo conhecimento. Esse confronto pode afetar o indivíduo em pequenas ou grandes proporções, em ambos os casos, causando sempre mudanças e vindo a contribuir para uma nova formação.

No caso do aluno na escola, ele é confrontado com diversas situações que envolvem as questões da aprendizagem. Essas devem ser vistas como um processo de construção em que o indivíduo deverá aprender e (re) organizar os novos conhecimentos. Só assim é possível pensar na evolução e no progresso de cada aluno.

Pensando o aluno a partir do seu estado inicial, Miras (2001, p.55) aponta três aspectos que caracterizam o referido estado. O primeiro é a disposição apresentada pelo aluno em aprender novos conteúdos, que surge como resultado de estímulos pessoais e interpessoais. Por exemplo, “[...] o grau de equilíbrio pessoal do aluno, a sua auto-imagem e auto-estima, as suas experiências anteriores de aprendizagem, a sua capacidade de assumir riscos e esforços, de pedir, dar e receber ajuda, são alguns aspectos de carácter pessoal que desempenham um papel importante na disposição do aluno face à aprendizagem”.

O segundo aspecto se apresenta em qualquer situação de aprendizagem considerando que os alunos devem possuir “determinadas capacidades, instrumentos, estratégias e competências” como elementos indispensáveis para executar esse processo de construção da aprendizagem. E, por fim, o terceiro aspecto se caracteriza pela união entre essas capacidades citadas anteriormente, para que o aluno organize e consiga construir novos conteúdos (Miras, 2001, p. 56).

Ao falar de aprendizagem, é necessário considerar o estado inicial do aluno, ou seja, seus conhecimentos prévios. A aprendizagem terá um maior significado quanto mais intensas forem as relações entre o conhecimento que ele já sabe, e o que ele irá construir. Os conhecimentos não podem ser valorizados pela quantidade, mas, sobretudo, pela organização interna, pela relação que o mesmo tem com o mundo.

Neste sentido, Vygotsky (2000) apresenta a teoria histórico-cultural, partindo do pressuposto de que aprendizagem e desenvolvimento estão relacionados.

Nesse processo, segundo o autor, evidencia-se a fala como mediadora na organização das atividades humanas, o que significa dar-se importância às funções de comunicação e ao intercâmbio social. Isso acontece porque “antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento” (Vygotsky, 2000, p.33).

Vygotsky (2000) afirma que o percurso do desenvolvimento humano, em seu ponto inicial, depende, em parte, da maturação do organismo individual, mas é a aprendizagem, através da interiorização progressiva de instrumentos mediadores, que proporciona a inserção do indivíduo no ambiente cultural. Assim, o ser humano se entende, entende os outros, como

também, o mundo ao seu redor. A aprendizagem e o desenvolvimento não é, portanto, um ato solitário e apenas individual.

Acreditamos ser pertinente a colocação de Clyde Kluckhohn citado por Bruner (1997, p.23), quando diz que “os seres humanos não terminam em suas próprias peles; eles são expressões de uma cultura”. Bruner (1997, p.40) reitera “[...] que é a cultura, e não a biologia, que molda a vida e a mente humana [...], ela faz isso impondo os padrões inerentes aos sistemas simbólicos da cultura, sua linguagem e modos de discurso, as formas de explicação lógica e narrativa e os padrões de dependência mútua da vida comum”.

Todos os indivíduos pertencem a uma cultura e, de modo consciente ou inconsciente, constroem dentro de si “um mundo”, onde nem sempre têm a oportunidade de vivências com outros mundos, impossibilitando a riqueza de perceber-se diferente, ou que há diferenças entre as culturas. É preciso um olhar curioso para contemplar a diversidade cultural e apropriar-se dos conhecimentos que essa diversidade acrescenta aos que se permitem experimentar.

É um exercício complexo identificar e reconhecer que existem modos de vida impensáveis, a partir do que supostamente poderá ser para uns, a única maneira já estabelecida de vida. Nesse contexto, torna-se fácil pensarmos na intolerância humana para com a diversidade de culturas, e a inadaptação de vida na imersão cultural que não seja a sua, ou a que o seu “mundo interior” já construiu como sendo o único modo confortável de vida.

Falar do universo cultural que cada indivíduo construiu e pertence, é relacioná-lo com a livre exposição para construir novas aprendizagens em que todos estão inseridos. Segundo Fonseca (1998, p.9):

A aprendizagem humana não se explica ou esgota apenas pela integridade biológica dos genes e dos cromossomos, nem se limita a uma pura exposição direta a objetos, acontecimentos, atitudes e situações, mas emerge de uma relação indivíduo-meio que é mediatizada por outro indivíduo mais experiente, cujas práticas e crenças culturais são transmitidas às gerações futuras, promovendo nelas zonas mais amplas de desenvolvimento cognitivo e criativo.

Para Vygotsky, citado por Fontes e Freixo (2004, p.16), é relevante dar importância ao “[...] contexto sociocultural no significado atribuído às atividades do indivíduo. Para este autor, o ambiente e os indivíduos interagem constantemente e encontram-se vinculados por uma relação dialéctica que os torna interdependentes, admitindo que os processos psicológicos mais elevados têm origem na cultura e na actividade social”.

De acordo com Vygotsky (2000, pp.117-118), “[...] um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros”.

Deste modo, a aprendizagem vem antes do desenvolvimento. A aprendizagem deixa de ser individualista para ser social e facilitadora da aprendizagem dos outros (Vygotsky, 2000), ou seja, a interação estabelecida entre o indivíduo e o seu meio sociocultural promove a aprendizagem, e esta produz o conhecimento. É relevante pensar sobre a forma de mediação e interação entre as pessoas em seus grupos sociais, acreditando que as atitudes intencionais com objetivos claros, resultarão em aprendizagem. Quando o professor é o mediador desse processo, exerce grande influência sobre os que pela escola passam, instituição compreendida por Vygotsky (1999) como responsável por oferecer ao aluno aquilo que lhe falta internamente e só a aprendizagem sistematizada pode lhe dar.

A escola deve ser o lugar por excelência de aquisição do saber formal, diferente daquele adquirido na família, ou em outras instituições. É o lugar onde o professor deverá intervir e mediar o processo de aprendizagem do conhecimento exigido a que frequente a escola.

Na escola ensina-se e para ensinar é imprescindível intervir e compreender que o aluno tem capacidade de aprender, como também, percebê-lo quando não aprende e por quê. Acreditamos ser pertinente o olhar do docente para cada aluno, percebendo-o individualmente dentro do grupo, identificando os diversos ritmos e o fato de que nem todos aprendem da mesma maneira e no mesmo tempo.

Conforme Antunes (2002, p.31),

[...] a aprendizagem escolar precisa ser vista como um processo conjunto, compartilhado entre os professores e alunos, com a finalidade de levar todo aprendiz, ajudado pelo professor e por seus colegas, a se mostrar progressivamente autônomo na resolução de tarefas, na transformação de informação em conhecimento, na interpretação, utilização e transformação de conceitos, na prática de determinadas iniciativas em múltiplos desafios.

A aprendizagem e o ensino são processos inter-relacionados. Essa compreensão é importante para o desenrolar da docência no ambiente escolar. A psicologia diz-nos, por exemplo, que são importantes as questões da autoestima e da autoconfiança, assim como

fatores que intervêm nas relações dos alunos entre si e deles com os professores. Tal como Rangel (2010, p.160): “relações positivas, solidárias, fraternas, de acolhimento e respeito mútuo são *educativas* e auxiliam a convivência e a disposição, tanto para aprender, como para ensinar”

É necessário pensar nessa dimensão humana presente no fazer pedagógico para intervir de modo mais eficaz na aprendizagem do aluno. Aproximar a relação afetiva entre professor/aluno é sempre contar com uma possibilidade a mais para desenvolver o ensino formal. Todo ser humano sente a necessidade de ser valorizado e reconhecido no grupo de que faz parte.

O professor precisa perceber mais sobre os alunos e o seu desenvolvimento, e verificar como o adolescente se comporta nesse processo de interação que a escola oferece, bem como entendê-lo nesse período que acarreta tantas mudanças. Para o professor, é imprescindível um conhecimento sobre as possíveis transformações que acontecem nessa fase da vida, pois poderá potencializar a adolescência, desmistificando a ideia de que se trata de uma fase complicada. O docente como mediador do processo ensino aprendizagem precisa aproximar a escola do aluno que, segundo César (2003, p.120) pode estar exposto ao risco de ter “a sensação de que a escola parece ter sido feita à medida de outros, baseada numa cultura muito afastada daquela em que eles se inserem”.

O professor deve, portanto, agir a partir do que o aluno é e deve valorizar o que Vygotsky (2000) chama de percurso do desenvolvimento humano no seu ponto inicial que depende, em parte, da maturação do organismo individual relacionado com a aprendizagem mediada, levando o indivíduo à inserção no ambiente cultural. Rangel (2010, p.163) acrescenta que “as práticas de ensino devem partir de conceitos, fatos e processos mais próximos dos alunos, mais reconhecidos por eles”. Com isso se pretende aguçar a sensibilidade do professor para que sua prática não seja mecânica, estando, portanto, relacionada com o mundo do aprendiz.

A ele cabe valorizar o conhecimento teórico que o aluno possuiu e relaciona-lo com a sua aplicabilidade na vida dos indivíduos, de modo que o conhecimento fechado em conceitos e, muitas vezes, memorizado e não entendido pelos alunos, seja questionado. Rangel (2010, p.164) acrescenta que “o princípio da transposição didática recomenda a relação entre teoria e prática, entre conceitos e exemplos, entre o conteúdo ensinado e os fatos do cotidiano da vida social a que o conteúdo se aplica”.

Desse modo, importante desenhar e implementar em relações de aprendizagem que “[...] permitam o diálogo, a cooperação e troca de informações mútuas, o confronto de pontos de vistas divergentes, e que impliquem a divisão de tarefas onde cada um tem uma responsabilidade que, somadas, resultarão no alcance de um objetivo comum. Cabe, portanto, ao professor não somente permitir que elas ocorram como também promovê-las no cotidiano da sala de aula” Rego (1998), citado por Ponzio, (2009, p.31). Acrescentamos que esta promoção deve ocorrer em todo o ambiente escolar. Todos os espaços e as mais diversas atividades que a escola propõe, podem ser potencializados intencionalmente desenvolvendo-se espaços de interação e multiplicando-se oportunidades de aprendizagem.

1.2. A função da escola na formação da cidadania

Acreditando que a escola tem a função educacional e social de promover mudanças e transformações, procuraremos estudar, destacar e refletir sobre a prática pedagógica do professor, observando e avaliando suas ações no sentido da promoção e do desenvolvimento da cidadania e da inclusão. Desta forma, de modo consciente e planejado, deve ser treino diário do professor, valorizar a diversidade de opiniões e a construção cultural que cada aluno traz à escola, para que possa entendê-lo no seu próprio mundo. E, para além disso, provocar no aluno a curiosidade por novos mundos, e a sistematização de conceitos e opiniões. Conforme Rodrigues (2004, p.49):

A cultura escolar deve fomentar a ideia de que cada projeto individual faz parte de um grande projeto, que é a própria sociedade, porque a articulação entre o pessoal e o coletivo aprende-se à medida que se adquire autonomia, tornando-nos pessoas responsáveis e conscientes dos deveres e direitos, cujo exercício se traduz na participação na vida da comunidade, atitude que denominamos cidadania.

A cidadania dentro da escola deve pensar e garantir os direitos individuais de cada cidadão que a ela pertencer, mas também promover uma discussão coletiva a fim de garantir os direitos para além do que a escola pode e deve oferecer. A educação precisa promover práticas de cidadania para a vida em sociedade não restringindo o discurso aos direitos e deveres no ambiente escolar. Este, por sua vez, precisa criar e ser esse espaço onde se pratique a cidadania.

A educação precisa pensar o aluno como um elemento capaz de construir conhecimento. Para Moraes (2006, p.144), “no meio de tantas incertezas, a educação precisa prever que o indivíduo necessita aprender continuamente, utilizando metodologias adequadas de pesquisa, de elaboração de estratégias para a resolução de problemas, para o estudo de alternativas e para tomadas de decisão”.

Por mais que avancemos no pensar e no fazer pedagógico, ainda e de modo agressivo, temos políticas educacionais e ações educativas que são voltadas para promover a ditadura do conhecimento. É imposta sobre os indivíduos uma verdade absoluta que se constitui como pronta e acabada, construindo uma alienação em massa, onde indivíduos são treinados para “engolir” o conhecimento estabelecido e não estimulado para a descoberta da reflexão. Nesse contexto, Freire (2002, p.58) explica que “na visão “bancária”² da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro”.

Percebemos essa dominação cada dia mais presente no campo da cidadania, cujo cotidiano do aluno não representa importância para os professores. Estes, na sua grande maioria, julgam importantes apenas os conteúdos programáticos propostos e impostos pelo currículo. A escola deve ser um lugar de igualdade e respeito à diversidade.

Em educação não há um manual que oriente e possa ser seguido como regra universal onde todos se adequem e obtenham sucesso da mesma maneira. Pensar em educação é permitir um desafio constante, promovendo na escola a possibilidade de os indivíduos construírem caminhos que os tornem cidadãos no mundo.

A escola precisa promover espaços e atividades que explorem o exercício do pensamento, possibilitando que, de modo individual e coletivo, os alunos pensem. É preciso violar a monotonia e a ditadura de algumas posturas que a escola estabelece como sendo progresso. A escola, mesmo com muitas deficiências, tem o poder de promover mudanças e, por omissão ou ignorância, acaba por se tornar um espaço pacato sem desafios, limitando-se apenas ao papel de repassar instruções.

O estado, a sociedade e os professores necessitam investir na educação, depositando o que de melhor cada um possui, valorizando as potencialidades e o surgimento de ideias

² Paulo Freire define como "bancária" a pedagogia burguesa, comparando os educandos a meros depositários de uma bagagem de conhecimentos que deve ser assimilada sem discussão.

criativas. É preciso que a escola sonhe e cultive o sonho da liberdade, formando homens e cidadãos não da escola, mas do mundo.

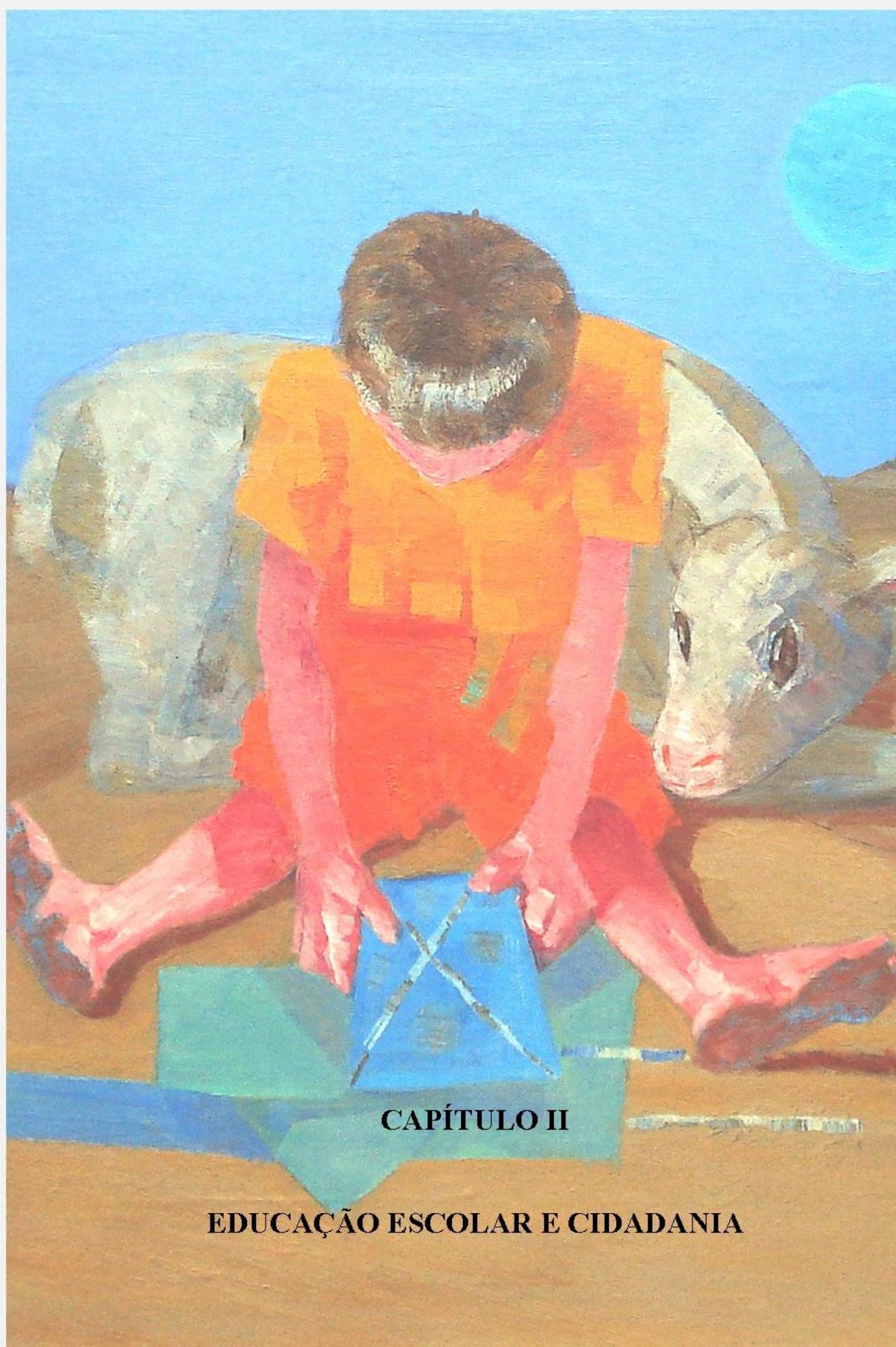
A escola representa fortes e definitivas mudanças na vida dos que por ela são incluídos e excluídos. Nesse contexto encontramos muitos desafios e muitas problemáticas na complexa tarefa de ser escola.

Conforme Santos (2007, p.19), “a escola tem como função principal gerir, tomar decisões e criar condições de processos democráticos, funcionando como um centro cultural e educacional dos alunos e da restante comunidade escolar. Deve promover-lhes o desenvolvimento integral numa perspectiva de preparação para a vida social, profissional e como cidadãos críticos e construtivos”.

Perguntamo-nos quando e como a escola consegue atingir o que ela determina como sendo sua função. E quando há um não cumprimento da função do(s) interveniente(s) externos (estado, família, sociedade), a escola tem mecanismo para superar a ausência desses outros e exercer com êxito sua função? Pensamos ser pertinente discutir e refletir sobre estas questões, inserindo as diversas opiniões que interpelam e influenciam para que, de modo satisfatório, a escola possa caminhar tendo o foco do sucesso das suas funções.

Para Fonseca (1998, p.171), “a escola, no seu sentido lato, não pode caminhar em atitudes filosóficas e práticas pedagógicas de homogeneidade; a heterogeneidade e a diversidade de alternativas de diagnóstico e de intervenção compensatória e construtiva, como ocorrem num hospital, devem nortear a escola de sucesso para todos”.

Pois, o processo de ensino aprendizagem representa para além do desafio em si, uma riqueza de experiência para o professor e para o aluno. Tanto quem ensina como quem aprende estão expostos e sujeitos aos conflitos, frustrações, construções, desconstruções e conquistas. Tendo em vista esse contexto, faz-se necessário que a escola e o professor atuem de maneira participativa e eficaz, na busca de contribuir para a formação de uma política educacional democrática e cidadã.



CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO ESCOLAR E CIDADANIA

2.1. Educação para cidadania: uma necessidade atual

A sociedade muda com muita rapidez e cada vez torna-se mais inconstante. Nessa velocidade de mudanças, os indivíduos (re) constroem maneiras de viver, que equilibram e desequilibram a convivência com o coletivo e com o planeta. Partindo desse contexto de mudanças, temos a escola que sofreu alterações em sua metodologia educativa, sendo necessário rever conceitos e inovar suas práticas. Isso dá a ela o papel de formar cidadãos críticos e conscientes do seu papel social.

Para suprir essa necessidade, surge a educação para a cidadania. Este deve ser um trabalho de todos na escola e presente em todas as disciplinas, “conteúdos de caráter sociológico, ético-filosófico e relativos à psicologia do desenvolvimento social e moral” (Fonseca, 2000, p.48).

Educar para a cidadania, segundo Perrenoud (2002), é agir pelo menos em três registros. Primeiro, capacitar os indivíduos no que diz respeito ao conhecimento e às competências necessárias para atuarem junto à complexidade do mundo, sendo importante formar o indivíduo para defender com argumentação seus pontos de vista. Em segundo, o respeito pela opinião do outro, sendo útil desenvolver uma postura flexível. Por fim, dar importância às representações e aos conhecimentos que sustentam a democracia.

De acordo com Fonseca (2000), educar para a cidadania deve partir de seis temáticas, sendo a primeira, educar para reconhecer e respeitar as diferenças e a diversidade multicultural, ou seja, educar para as diferenças. Em segundo, dar importância aos fenômenos crescentes de exclusão social, entendendo que os mesmos aparecem como obstáculos ao exercício da cidadania por um número significativo de pessoas. Como terceiro, o resgate dos valores à educação e a discussão da importância desses valores. Em quarto, a questão do desenvolvimento sustentável, compreendendo dever existir uma harmonia entre o homem e o que está ao seu redor. Como proposta para o quinto tema, o autor sugere uma participação mais ativa nos funcionamentos dos organismos sociais, sendo um caminho para a construção da identidade social participativa. Por fim, o trabalho para desenvolver nos indivíduos uma consciência identitária nacional e transnacional onde haja uma vasta integração dos espaços.

Como objetivo de uma educação para cidadania, Fonseca (2000, p.22) aponta que deveria haver uma ligação entre

[...] crianças e os jovens às realidades de natureza cívica com as quais se vejam confrontadas, a nível local, nacional ou global. Ao aproximar-se das realidades que dizem respeito à vivência do cotidiano e que mais diretamente tocam a vida dos seres seus semelhantes, uma criança ou um jovem poderão perceber, já hoje, o que é ser cidadão e a sinalizar o modelo de sociedade que desejam para o futuro que lhes pertence .

Contudo, não é fácil tornar-se cidadão. O caminho a percorrer perpassa pela apropriação de valores e condutas onde o indivíduo tem que agir de maneira democrática, exercendo, portanto, seus direitos e deveres como cidadão de uma determinada sociedade e do mundo. Fonseca (2000, p.38) considera que nos tornamos cidadãos quando,

para lá da escola, uma rede muito alargada de influências radicais nos contextos onde habitamos e onde vamos tecendo a nossa identidade pessoal e social. Dos museus às associações culturais e recreativas, das bibliotecas aos clubes desportivos, dos centros de cultura às entidades religiosas, dos organismos cívicos e políticos às coletividades de bairro, todos são convocados para serem atores de cidadania e de formação cívica entre as pessoas. A cidadania requer aprendizagem e exige participação, a qual, por sua vez, é fator inerente à criação de comunidades humanas. Num contexto social estimulante, que vai muito para além das fronteiras das escolas, a coragem de nos expormos à multiplicidade de influências resultante da articulação e da inter-relação entre instituições formativas diversas é, seguramente, a principal condição para que todos nós, durante toda a vida, possamos aprender e desenvolver atitudes e competências de cidadania.

O professor a cada dia torna-se um profissional de quem é exigido desenvolver competências em diversas áreas e educar para a vida, pois transmitir conteúdos para a formação do saber já não é suficiente. Para Henriques (2000, p.46-47):

A capacidade de auto-crítica, indispensável na educação para a cidadania implica uma abertura aos valores, de modo a que estes formem o carácter e, assim, sejam defendidos publicamente. São vários os caminhos possíveis. Um deles é construir um elenco de valores e verificar como os incutir. Outro é elaborar um mapa de valores segundo as coordenadas democráticas, pluralistas e de mudança das sociedades em que vivemos: valores de liberdade, resultantes da autonomia pessoal, intelectual e moral a ser cultivada numa sociedade em mudança; valores de tolerância, igualdade perante a lei, e de participação; valores para uma sociedade justa e solidária, contra discriminações étnicas, sexuais e anti-económicas. Em suma, valores da cidadania para uma participação social orientada para a procura do bem comum e da justiça.

A partir de Perrenoud (2002), Fonseca (2000) e Henriques (2000), pode-se concluir que para se desenvolver práticas de cidadania, efetivamente deve haver uma mudança pessoal,

gerando uma consciência que leve o indivíduo a transformar essa postura pessoal na vivência social, sobretudo no que concerne à garantia dos direitos do outro. Pretende-se no fundo garantir o direito efetivo da pertença social, ou seja, dos direitos que supostamente já o são. Devem-se respeitar acima de tudo as diferenças, sendo necessário reconhecer que por trás de cada ser humano existe um cidadão que deve ser incluído no mundo dos direitos.

Desse modo, Henriques (2000, p.47) reitera que “sem educação do caráter, ou educação para os valores nos quais se integra a formação para a cidadania, ninguém sabe gerir o espaço de direitos e deveres que a sociedade lhe proporciona. A educação deve estar aberta a um estudo crítico da história e das identidades coletivas incentivando-nos a respeitar as identidades comunitárias alheias”.

Pensa-se muito em que mundo estamos construindo para as futuras gerações, quando seria válido pensar que geração estamos formando para o mundo atual. Que a maneira atual de se fazer cidadania não respeita o indivíduo dentro da sua totalidade. Os discursos são proferidos com toda formalidade e boniteza para alguns. Eles não chegam a ser compreendidos por muitos. Talvez não devam ser mesmo, se existir uma intencionalidade de exclusão. Falar em cidadania é sempre muito complexo, pois formalmente todos têm direitos, mas na prática não os têm. O Estado promove uma cidadania disfarçada em que próprio sistema é excludente.

2.2. Como educar?

Na perspectiva de Gadotti (2002, p.47), a educação está intimamente relacionada à emoção, onde professor e aluno devem estabelecer uma relação afetiva para que ambos possam construir e reconstruir conhecimento a partir do que fazem, explorando a curiosidade como um mecanismo que deve apontar novos sentidos e novas aprendizagens. Mas, segundo o mesmo autor “a escola perdeu seu sentido de humanização quando ela virou mercadoria, quando deixou de ser o lugar onde a gente aprende a ser gente, para tornar-se o lugar onde as crianças e os jovens vão para aprender a competir no mercado”.

Nesse contexto de competitividade, refletimos sobre o papel e a profissão do professor, pensando-o como sendo necessário assumir uma postura mais “relacional, dialógica, cultural, contextual e comunitária”. Gadotti (2002, p.28) reconhece que educação é um ato complexo, acrescentando que o êxito do ensino não depende somente do

conhecimento do professor, mas, sobretudo, da capacidade que tem em criar espaços de aprendizagem. Reconhece, portanto, que,

a educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo de novo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Educar é também aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento. O professor precisa saber, contudo, que é difícil para o aluno perceber essa relação entre o que ele está aprendendo e o legado da humanidade. O aluno que não perceber essa relação não verá sentido naquilo que está aprendendo e não aprenderá, resistirá à aprendizagem, será indiferente ao que o professor estiver ensinando. Ele só aprende quando quer aprender e só quer aprender quando vê na aprendizagem algum sentido. Ele não aprende porque é “burrinho”. Ao contrário, às vezes, a maior prova de inteligência encontra-se na recusa em aprender.

Segundo Licínio Lima (2010, p.43), “a educação não faz tudo, e nem tudo pode ser reconhecido como educação. A educação, enquanto direito humano, comporta limites normativos, ético-políticos e morais, que são incompatíveis com fenômenos de amestramento, endoutrinamento ou condicionamento dos seres humanos”.

A educação corre um risco muitas vezes de ser um massacre disfarçado, onde todos têm que, obrigatoriamente, adaptar-se ao mesmo método que o professor aplica, de modo igual, exigindo, portanto, resultados iguais. É necessário que exista o olhar para as potencialidades e necessidades individuais. É comum, durante o processo educativo, que não sejam valorizadas nem percebidas as reações dos alunos, mas só ao final, com notas e conceitos inquestionáveis, os resultados atingidos serem vistos com relevância, tornando-se comum exaltar alguns e excluir outros.

Nesse contexto, o professor pode cometer o erro ao atribuir um precipitado julgamento de que o produto final (classificação), obtido naquele determinado momento, possa vir a ser identificado como única aprendizagem que o aluno evoluiu e/ou construiu. Isso agrava a situação quando o professor acredita que o determinado rendimento perdurará durante um longo ou todo percurso de vida escolar do aluno, haja vista a (in) capacidade diagnosticada em tal situação, restringindo portanto, as capacidades humanas a um único momento.

O indivíduo como ser pertencente à vida, não pode ser avaliado dentro de um julgamento que o limite a momentos ou determinadas situações, como uma sentença imutável, que não seja possível a transformação. Nesse sentido, retomaremos e acreditamos ser

pertinente a reflexão de Gadotti (2002, p.30), quando pensa o ser humano na seguinte condição:

Todo ser vivo aprende na interação com o seu contexto: aprendizagem é relação com o contexto. Quem dá significado ao que aprendemos é o contexto. Por isso, para o educador ensinar com qualidade, ele precisa dominar, além do texto, o com-texto, além de um conteúdo, o significado do conteúdo que é dado pelo contexto social, político, econômico... enfim, histórico do que ensina. Nesse sentido, todo educador é também um historiador. Nós, educadores, precisamos ter clareza do que é aprender, do que é “aprender a aprender”, para entendermos melhor o ato de ensinar. Para nós, educadores, não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é ensinar, o que é aprender e, sobretudo, como aprender.

As exigências educacionais no que refere ao desenvolvimento do trabalho docente têm sido cada vez maiores e da parte de todos, como também, o nível, acesso e a oferta de formação. O professor, no contexto atual, é bombardeado por necessidade, obrigatoriedade e/ou vaidade com um excesso de formação que, muitas vezes, não atinge para além da certificação, absolutamente nada.

O profissional da educação em processo de formação contínua subentende uma constante aprendizagem, atuando com uma postura reflexiva e flexível à inovação e às dificuldades enfrentadas pela escola. O professor encontra-se pressionado a cumprir o que é determinado pelo projeto curricular e, muitas vezes, o tempo da aprendizagem de cada aluno é atropelado pela pressa. Como já foi referido no primeiro capítulo deste trabalho, reiteramos que a aprendizagem acontece em tempos diferentes de indivíduo para indivíduo, sendo necessária a sensibilidade para perceber esses tempos.

O professor precisa manter uma postura de aprendiz, não se limitando a transmitir conhecimentos. Na aula é necessário alçar voos mais altos, em que o desenvolvimento e o exercício do pensar libertem o aluno de métodos e regras pré-estabelecidas. O indivíduo que pensa é desafiado a transformar sua realidade, quebrando fronteiras e construindo novos mundos. O senso crítico do aluno precisa conduzi-lo a uma autorreflexão sobre as limitações e dificuldades, mas, também, a reconhecer avanços e progressos. É comum a preocupação das escolas com o cumprimento da carga horária, exigindo uma pontualidade dos alunos no que diz respeito ao horário das aulas, essas muitas vezes deixando a desejar na ocupação útil do tempo. Neste sentido, Thurler (1994, p.33) refere-nos que “a mudança dependerá, por conseguinte, das estratégias adotadas pelos diversos atores. Essas estratégias devem, por um

lado, favorecer a mudança das atitudes e das práticas dos professores e, por outro, melhorar o funcionamento dos lugares de trabalho”.

Perrenoud (2002) trata a temática da educação direcionada para as solidariedades, ou seja, educação para o coletivo, cujas necessidades pessoais não são prioridade absoluta, quando cada um tenta “safar-se”, restando apenas lamentar ou ser indiferente aos que sofrem e são atingidos pelas mazelas sociais. Trata, ainda, sobre a relação entre conhecimento e capacidades, referindo que os conhecimentos por si só de nada valem se, no tempo oportuno, não forem utilizados para resolver problemas ou tomar decisões pertinentes. O autor intitula o professor como o artesão de uma pedagogia construtivista, onde o conhecimento adquirido não é uma simples memorização, mas uma construção mental.

Pensar em educação é priorizar o ser humano como a principal ferramenta de atuação e mudança. É preciso olhar o aluno para além da escola e da sala de aula, reconhecendo que sem ele não há educação. Para Perrenoud (2002, p.90),

Em educação, o discurso utópico alimenta os inovadores mais ingénuos. Os mais aguerridos encontram uma via estreita, sem grandes ilusões nem demasiado cinismo, entre o realismo conservador e o idealismo ingénuo. Não se trata de acreditar cegamente na mudança, mas de acreditar suficientemente para continuar a ser um pessimista ativo ou um otimista prudente. É necessário que os inovadores não tenham uma grande decepção quando, ao cabo de alguns anos de esforço intenso, constatam que não conseguem preparar para a cidadania ou acabar com o insucesso escolar... A mudança é uma história sem fim. Mais uma razão para nos mobilizarmos imediatamente!

Sabemos que não é tarefa fácil, contudo não podemos desacreditar do poder da educação. Já dizia Paulo Freire que se a educação não transformar a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

A educação escolar tem como finalidade ensinar, instruir, motivar, criar, promover situações de interação, formar, desenvolver a personalidade do ponto de vista intelectual e pessoal. Quando estas finalidades não são atingidas, encontramos ou consideramos estar diante do insucesso, o que pode tornar-se um contributo negativo, juntamente com outros fatores, para que os jovens se tornem em risco social e abandonem a escola. Isso, certamente, constitui sério problema pessoal e social, sendo difícil garantir aos jovens um direito que lhes assiste, que é a permanência na escola até cumprirem a escolaridade obrigatória, cuja legislação portuguesa foi revista em 2009.

Pode ler-se no ponto 1, do artigo 2º da Lei 85/2009, de 27 de agosto, que “consideram-se em idade escolar as crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos”. A obrigatoriedade da escolaridade de 12 anos é apontada como uma medida necessária para ajudar a superar os indicadores de abandono escolar e promover uma qualificação mínima aos jovens. Contudo, essa medida acaba por representar uma dificuldade acrescida à escola que forçosamente terá que receber e manter os alunos que se encontram com sérias deficiências de aprendizagem e problemas sociais, para os quais não está preparada.

2.3. A escola e a inclusão exclusiva

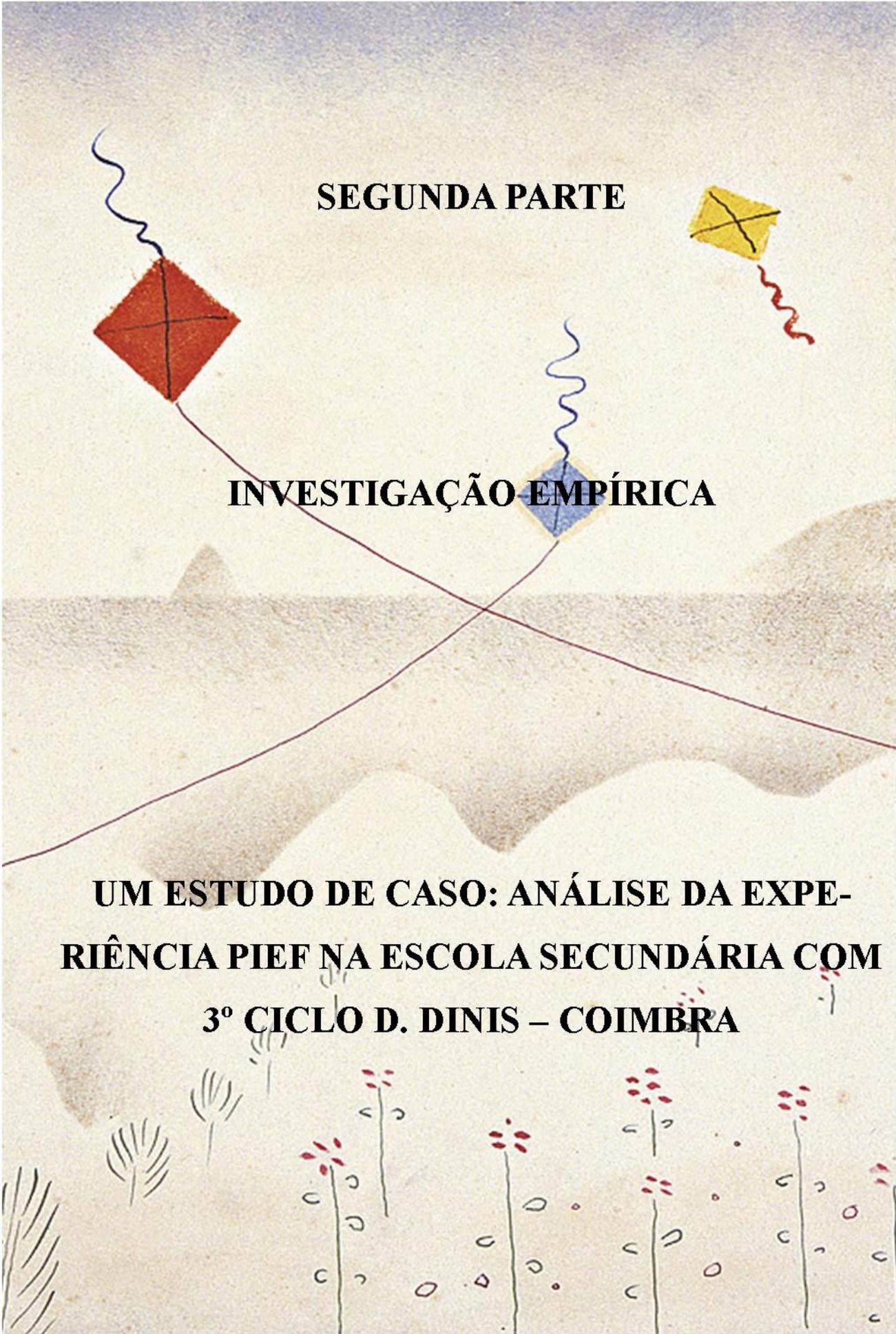
Segundo Faure (1972), a igualdade de acesso à escola não representa a igualdade de oportunidades. Por outro lado, a permanência e o cumprimento da escolaridade obrigatória não significa sucesso para todos os alunos. Nesse contexto, Dubet (2008, p.52) acrescenta que “a igualdade das oportunidades é, portanto, uma ficção necessária. Uma ficção porque é pouco provável que ela se realize totalmente; necessária porque não se pode educar sem nela crer”.

Compreendendo a escola como espaço de interação, troca, construção e desconstrução do saber, é que entendemos o papel do professor como grande mediador do conhecimento e com possibilidades de criar as condições para que desperte mudança na vida dos alunos. Para isso, faz-se necessário que o professor não se limite a ser um excelente profissional somente para determinados “modelos de alunos”, para os considerados “ideais”. Santos (2007, p.20) acrescenta que “a inclusão surge como paradigma educacional capaz de promover a rentabilização de recursos humanos, numa escola democrática que tem de estar aberta e preparada para aceitar e trabalhar com todo tipo de pessoas numa perspectiva colaborativa”.

Entretanto, faz-se necessário oferecer oportunidades aos jovens, sobretudo os considerados de risco, promovendo a construção, o desenvolvimento pessoal e social, a partir das necessidades e carências em que cada um encontra-se inserido. Barroso (2003, p.27) apresenta quatro formas de exclusão fabricadas pela escola: primeiro “a escola exclui porque não deixa entrar os que estão fora”; segundo “a escola exclui porque põe fora os que estão dentro”; terceiro, “a escola exclui incluindo” e quarto, “a escola exclui porque a inclusão deixou de fazer sentido”.

Seguindo a perspectiva do autor a primeira forma de exclusão está relacionada “com a desigualdade de oportunidades e realiza-se através de mecanismos sobejamente conhecidos, como sejam: a influência das diferentes origens sociais dos alunos nos seus percursos escolares; a estruturação da oferta educativa em função de factores económicos, culturais e sociais; a falta de apoios diferenciados; a hierarquização dos graus, etc”. A segunda forma que a escola acaba por promover a exclusão acontece fundamentalmente relacionada com as problemáticas ligadas ao insucesso e abandono escolar. Na terceira forma, “exclusão pela inclusão o que está em causa, sobretudo, é a imposição de modelos de organização pedagógica e padrões culturais uniformes, o que agrava o desfasamento entre oferta e a procura escolares”. Quando o autor diz que a inclusão deixou de fazer sentido, “assistimos aos efeitos de um confronto de lógicas heterogéneas de “consumo” escolar em que muitos alunos não encontram na escola um sentido para sua frequência, quer ao nível do saber partilhado, quer ao nível da sua utilidade social, quer ainda como quadro de vida”.

Para Barroso (2003), essas quatro formas de promover a exclusão que são fabricadas na escola, estão relacionadas com políticas educativas, economia e organização social.

The background is a hand-drawn illustration on textured paper. It features a sky with three kites: a red diamond-shaped kite with a black cross and a blue wavy tail on the left; a yellow diamond-shaped kite with a black cross and a red wavy tail on the right; and a blue diamond-shaped kite with a black cross and a blue wavy tail in the center. Below the sky is a horizon line with stylized, wavy hills. At the bottom, there are several thin, vertical stems with small red flowers and some green foliage on the left side.

SEGUNDA PARTE

INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

**UM ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA PIEF NA ESCOLA SECUNDÁRIA COM
3º CICLO D. DINIS – COIMBRA**



CAPÍTULO I

JOVENS CONSIDERADOS DE RISCO EM PORTUGAL

1.1. Caracterização da instituição educativa

A Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis foi criada pelo Despacho n.º 260 do Ministério da Educação e Cultura, publicado no Diário da República, II Série, de 31 de dezembro de 1985, com o nome de Escola Secundária da Pedrulha. Foi rebatizada com o nome de Escola Secundária D. Dinis, conforme Portaria n.º 261/87, de 2 de abril, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 93/86, de 10 de Maio.

A escola, no ano letivo 2011/2012, funcionou em regime contínuo de 8h25min às 18h20min, atendendo uma média 370 alunos³. A referida instituição encontra-se sediada na Rua Ariano Lucas, na Pedrulha, pertencente à Freguesia de Eiras. Conforme Pinto (2008, p.27), “a Freguesia de Eiras localiza-se no norte do conselho de Coimbra e o seu território, de 9.81 Km²”.

O contexto socioeconómico e geográfico em que a escola está inserida foi determinante para atribuir-lhe uma imagem de subúrbio. No Projeto Educativo (2009/2013) é explicitado que a escola se preocupa em relacionar o trabalho realizado com o ir de encontro à construção da identidade. É preciso entrar na comunidade de memórias com o objetivo de um auto conhecimento.

É nosso objectivo darmos-nos a conhecer para que, conhecendo-nos, gostem de nós. E precisamos que gostem de nós. Aliás, e aqui parece poder residir a chave da questão: precisamos de gostar de nós. Não acriticamente. Não cegamente. Não corporativamente. Gostar de nós o suficiente para vermos o quem somos, o que somos, o que queremos, para e por onde queremos e podemos ir. Talvez a reabilitação da nossa imagem pública passe, primeiro que tudo, pela reabilitação da nossa imagem, por nós próprios. Propomo-nos procurar, em conjunto, os meios de recuperarmos a auto-estima institucional e estudar a forma de reforçar uma imagem pública positiva, essencialmente pela qualidade dos serviços prestados (p.8).

Como política educacional, a escola pretende se desenvolver como uma comunidade de aprendizagem aprendente, através do crescimento académico de toda a comunidade – docentes, estudantes e pessoal não docente – onde cada um tem um papel a desempenhar no processo de aprendizagem, próprio e comum.

³Dados recolhidos na página eletrónica da escola, disponível no endereço http://esb3-ddiniscoimbra.ccems.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=45&Itemid=60, acedido em 25/11/11 às 17h.

No Projeto Educativo da escola (2009/2013, p.7), citando Bolívar (2003) refere que “[...] uma escola é o conjunto de indivíduos que a formam e, sobretudo, é constituída, antes de mais, pelos significados, intenções, modos de ver e compreender que orientam a acção conjunta; ou seja, é uma realidade subjectivamente construída e partilhada, socialmente, pelo grupo”.

A escola, a partir das avaliações externa e interna, resultados escolares e estudos feitos, identifica alguns problemas que são abordados no Projeto Educativo (2009/2013) com a seguinte organização:

➤ Domínio pedagógico-didático

Insucesso e abandono escolar. Comportamento desadequado de alunos (indisciplina, incivildades e falta de educação).

➤ Domínio da organização, planeamento e desenvolvimento

-Cultura organizativa de gestão pedagógica

Ausência de ações de articulação com os estabelecimentos de ensino de proveniência dos alunos, de modo a assegurar a sequencialidade das aprendizagens. Cultura de processos formalmente instituídos para o acompanhamento e a supervisão da prática letivas em contexto de sala de aula. Falta de estudo sistemático da eficácia dos apoios implementados, não possibilitando reorientar as opções tomadas. Ausência de quadros de valor e mérito. Pouca diversificação de estratégias nas aulas.

-Cultura organizativa de coordenação.

Pouca intervenção das lideranças intermédias. Assimetria nas práticas de articulação inter e intra-departamental - só em alguns casos é realizada a coordenação com consolidação científica. Ausência de mecanismos para o acompanhamento e a supervisão da prática letiva em contexto de sala de aula. Falta de um trabalho plural e partilhado de construção e aplicação de matrizes e teste/provas comuns.

-Cultura organizativa de gestão administrativa, social e cultural

Falta de cultura de escola. Resistência à mudança. Falta de estratégias concertadas de diálogo entre os órgãos executivos, pedagógicos, departamentos e clubes. Desempenho pouco interventivo da Assembleia de Escola e ausência de formação quando ocorrem mudanças de funções.

➤ Domínio das condições físicas da Escola/Serviços

Instalações com alguns sinais de deterioração. Falta de técnicos especializados. Pessoal não docente no limiar do indispensável. Atitudes e comportamentos alimentares dos alunos não adequados às exigências alimentares – resistência dos alunos.

➤ Participação na vida da escola/Cultura de Escola

Reduzida participação da comunidade envolvente. Reduzida participação dos agentes educativos da escola nas atividades promovidas pela escola (sentimento de pertença à Escola).

➤ Documentos Orientadores

Pouco envolvimento dos Pais/E. educação, dos alunos e dos representantes da comunidade local na construção dos documentos reguladores da vida da escola e insuficiente conhecimento dos mesmos.

Relativamente as potencialidades, foram elencados no Projeto Educativo (2009/2013) os seguintes aspectos:

➤ Recursos Humanos

Professores e o pessoal não docente, considerado relativamente estável, experiente e dedicado.

➤ Recursos físicos

Salas de aula razoavelmente equipadas. Laboratórios adequadamente equipados. Meios audiovisuais em atualização. Salas de estudo cobrindo o horário de funcionamento da escola e pavilhão ao serviço da comunidade.

➤ Recursos científico-pedagógicos

Dinamismo das atividades de enriquecimento curricular. Desenvolvimento de Projetos Saberes docentes ao serviço e dispor dos alunos.

➤ Recurso Escola

A escola afirmar-se como pólo gerador e aglutinador do conhecimento e da cultura na comunidade escolar e educativa.

1.1.1. Organização interna da escola

Quanto ao seu funcionamento, está organizada de acordo com o Decreto Lei 75/2008 de 22 de Abril. Com esta nova lei a organização interna da escola segue da seguinte maneira: Conselho Geral; Diretor; Conselho Pedagógico e Conselho Administrativo.

O Conselho Geral é constituído por representação do pessoal docente e não docente, alunos, representante de pais e encarregados de educação. Conforme o Artigo 11.º n.º 1, “o

conselho geral é o órgão de direcção estratégica responsável pela definição das linhas orientadoras da actividade da escola, assegurando a participação e representação da comunidade educativa, nos termos e para os efeitos do n.º 4 do Artigo 48.º da Lei de Bases do Sistema Educativo. (Decreto-Lei n.º75/2008, de 22 de Abril)”. Segundo Almeida (2011, p.4):

O Conselho Geral ganha o maior protagonismo no equilíbrio de forças no interior das escolas, sendo que no seu seio têm maior peso aqueles elementos que estão fora da Escola ou que apenas por lá passam de forma transitória, deixando em minoria os que lá fazem todo o seu trajecto profissional. Para além de que, nesse órgão, com tantos poderes e tão extensas competências, os requisitos para os elementos do corpo docente são menores do que os requisitos exigidos para se fazer parte do Conselho Pedagógico que, indirectamente, dele depende.

O Diretor conforme o Artigo 18.º do Decreto-Lei n.º75/2008, é o órgão de administração e gestão do agrupamento de escolas ou escola não agrupada nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial. No Projeto de Organização da Escola (2011/2012) a Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis “atribui ao diretor a competência de: dirigir, orientar e coordenar as atividades e serviços da Escola, de modo a imprimir-lhes unidade, continuidade e eficiência. Assegurar a gestão de pessoal e a gestão administrativa; numa perspectiva pedagógica e respeitando a política educativa inerente ao projeto de escola” (p.6).

O Conselho Pedagógico é constituído por representação do pessoal docente e não docente, pais e encarregados de educação. Conforme o Artigo 31º, constitui “o órgão de coordenação e supervisão pedagógica e orientação educativa do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, nomeadamente nos domínios pedagógico-didáctico, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente e não docente (Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril).

A Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis entende o Conselho Pedagógico como um “motor de progresso pedagógico da escola, estimulando experiências educativas nos e dos alunos, monitorizando os níveis de consecução, reforçando o desenvolvimento profissional e organizativo e reforçando a implicação na comunidade” (Projeto de Organização da Escola 2011/2012, p.7)”. Apresenta-se no quadro a seguir as funcionalidades específicas do Conselho Pedagógico da referida escola.

Quadro 1- Objetivos do Conselho Pedagógico da Escola D. Dinis

Seção	Objetivo
Ocupação dos Tempos lectivos/escolares(OTE)	-Gerir horários dos docentes para OTE; -Adotar procedimentos visando a ocupação plena dos tempos escolares; -Gerir necessidades do dia a dia; -Gerir permutas de aulas; -Coordenar atividades de aulas na ausência de planos de aula; -Encaminhar planos de substituição de aulas; -Avaliar os procedimentos e a eficácia das medidas adotadas
Enriquecimento Curricular	-Elaborar Plano de Atividades; -Gerir atividades de acordo com as recomendações do Conselho Pedagógico; -Dinamizar atividades de enriquecimento curricular; -Avaliar prossecução dos objetivos das atividades; -Acompanhar Projetos/Clubes
Avaliação e Acompanhamento	-Avaliar resultados dos alunos; -Propor medidas de superação de dificuldades; -Organizar procedimentos de acordo com as propostas dos Conselhos de Turma; -Orientar / Programar Conselhos de Turma; -Acompanhar vida escolar dos alunos; -Avaliar APAs e outros apoios educativos; -Acompanhar o funcionamento dos Cursos Profissionais
Formação	Auscultar necessidades de formação; -Propor formação; -Gerir “ dossier “ formação; -“Dialogar” com CF Minerva
Avaliação Interna	-Monitorizar o funcionamento, a eficácia e satisfação dos diferentes setores e serviços, com vista à sua otimização; -Divulgar resultados da avaliação
Relações externas	-Promover a escola na comunidade; -Dar a conhecer as atividades da escola.

Fonte: Projeto de Organização da Escola (2011/2012)

O Conselho Administrativo é constituído pelo diretor, pelo adjunto do diretor e por um chefe dos serviços administrativos. Tem como função exercer as competências inerentes à autonomia administrativa e financeira da escola. Segundo o Artigo 38º compete ao conselho administrativo:

- a) Aprovar o projecto de orçamento anual, em conformidade com as linhas orientadoras definidas pelo conselho geral;
- b) Elaborar o relatório de contas de gerência;
- c) Autorizar a realização de despesas e o respectivo pagamento, fiscalizar a cobrança de receitas e verificar a legalidade da gestão financeira;
- d) Zelar pela actualização do cadastro patrimonial (Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril).

A Escola tem como documentos estruturantes e orientadores da organização e das práticas educacionais, o Projeto Educativo para o ano letivo 2009/2013, o Regulamento Interno, Projeto de Organização da Escola 2011/2012 e o Projeto Curricular. A identidade da

escola está fundamentada nestes documentos, pretendendo-se que sejam operacionalizados para a realidade de cada turma no projeto curricular de turma.

1.1.2. Espaços e instalações

Segundo o Projeto Educativo, a escola abriu em 26 de Novembro de 1986, com 7^{os}, 8^{os} e 9^{os} anos. Em 1987 iniciou o 10^o ano e só em 1989 passou a funcionar com todos os anos, do 7^o ao 12^o ano. A escola tem edifícios de acordo com a sua época de construção, tal como se pode observar no quadro 2. Ou seja, seis blocos com funcionalidades específicas, espaço interior envolvente, largo e aberto. Em todos os blocos com atividades letivas têm cacifos para os alunos.

Quadro 2-Espaços da Escola

Bloco A	Conselho Executivo (2 salas), Sala dos Professores, Sala de Trabalhos (2 salas), Biblioteca e Centro de Recursos Educativos, Auditório, Gabinete de Diretores de Turma (2 salas), Gabinete de material multimédia, Serviços Administrativos, Telefone, Arrumos, Reprografia, Casas de Banho (F. e M. e Deficientes) e Gabinete Médico/Apoio Educativo.
Bloco B	Oficinas de Serralharia e Eletricidade, Sala de Educação Tecnológica e Gabinete anexo, Sala de Oficina de Expressão Dramática e Teatro e arrumo anexo, Salas de Informática e gabinete anexo, Laboratório de Matemática/Sala de Estudo, Gabinete do Clube de Jornalismo, Salas de aula, Casas de banho (F. e M.) e Arrumos.
Bloco C	Unidade Autismo e Curso PIEF
Bloco D	Laboratório de Biologia e Geologia e dois anexos, Gabinete de Trabalho, Gabinete de Geografia e História e anexo, Salas de aula e Casas de banho (F. e M.) e Arrumos.
Bloco E	Sala de preparação de Física e Sala de Preparação de Química, Laboratórios de Física e Química, Sala de Estudo de Física e de Química, Sala de Estudo de Inglês e Alemão, Gabinete do Departamento Clássico-Românico, Gabinete do Aluno, Gabinete dos Serviços de Psicologia e Orientação, Salas de aula, Casas de banho (F. e M.) e Arrumos.
Bloco F	Sala de Convívio dos Alunos, Bar, Refeitório, Papelaria, Sala de Convívio do Pessoal Não-Docente, Sala da Associação de Estudantes, Lavabos e Casas de banho (F. e M.).
Pavilhão	Pavilhão, Gabinete de Educação Física, Balneários, Arrumos, Gabinete do Pessoal Não Docente e Casas de Banho.
Arrumos exteriores	Sala do ergómetro, Arquivo “morto”, Oficinas de Manutenção.
Campos exteriores	Alcatrão – com marcações e de terra batida.
Portaria	Gabinete

Fonte: Projeto de Organização da Escola 2011-2012.

Considera-se que a nível da estrutura física, os alunos estão bem providos de um espaço que propicia a aprendizagem. Os espaços encontram-se bem preservados, e

identificamos, com a nossa ida à escola, um contentamento do pessoal docente e não docente no que diz respeito aos espaços que a escola oferece. Por meio das observações e conversas informais, constatou-se que parte dos alunos sentia-se bem com a estrutura oferecida, bem como, usufruía disso, à medida que era conduzida pelos professores a desenvolver determinadas atividades pedagógicas fora do espaço da sala de aula.

1.2. Caracterização do Programa para Inclusão e Cidadania (PIEC)

O Programa para Inclusão e Cidadania (PIEC)⁴ tem sua origem no Plano para Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil (PEETI)⁵, depois renomeado Programa para a Prevenção e Eliminação, da Exploração do Trabalho Infantil (PETI)⁶.

Considerando as atribuições do PIEC, conferidas pela Resolução do Conselho de Ministros nº 79/2009, de 2 de setembro, a sua principal missão é a promoção de respostas na área da inclusão social com vistas a prevenir e combater as situações indicadas e/ou sinalizadas de crianças e jovens em risco de exclusão social, unindo a mobilização de medidas já existentes com medidas específicas. Nesse momento, aponta-se como medida específica, o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), da qual decorre nossa investigação e que detalharemos mais à frente.

A partir da consulta aos documentos do PIEC, identificamos que este tem como função sensibilizar e envolver a sociedade para a discussão dos direitos da criança e dos adolescentes; promover e apoiar respostas de inclusão social e avaliar a execução das medidas adotadas.

A primeira medida efetiva de atuação do PIEC acontece com o processo de intervenção, que se apresentará na figura 1. O processo de intervenção inicia-se com a sinalização que pode ser efetuada por cidadãos ou entidades, como a Segurança Social (SS), Escola, Tribunal, Comissão de Proteção Crianças e Jovens (CPCJ), entre outros. Em seguida, é realizado o diagnóstico individual, escolar e socioeconômico de cada jovem sinalizado. A partir daí será encaminhado para uma resposta socioeducativa mais adequada à avaliação diagnóstica, sendo integrado em turma de PIEF ou turma do ensino regular com um Plano de Educação e Formação (PEF).

⁴Criado pela resolução do Conselho de Ministros nº 79/09, 2 de setembro.

⁵ Criado pela resolução do Conselho de Ministros nº 75/98, 2 de julho.

⁶ Criado pela resolução do Conselho de Ministros nº 37/04, 20 de março.

Conhecer para Intervir

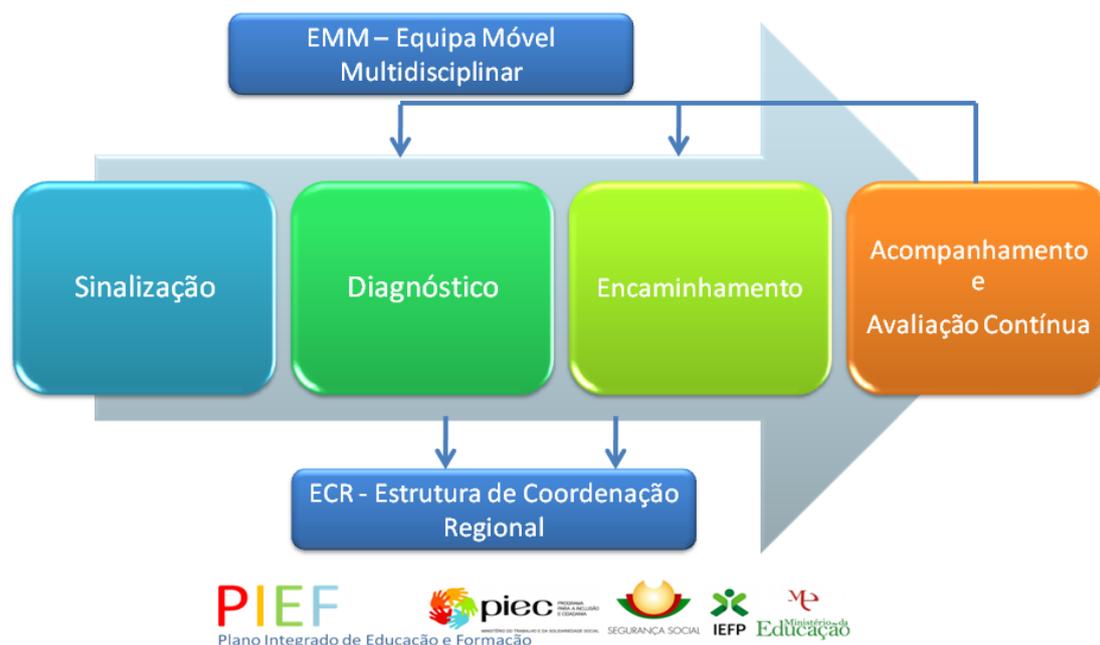


Figura 1- Intervenção PIEC

Fonte: Blog PIEF: <http://olhopief.blogspot.com/>

O processo de inclusão requer a ampla participação de toda a sociedade, necessário para diminuir as diferenças sociais entre cidadãos portadores dos mesmos direitos.

1.3. Caracterização do Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF)

A medida PIEF foi criada no âmbito do PEETI, sendo revisto e reformado pelo despacho conjunto n.º 948/2003 dos Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho, publicado a 26 de setembro, e 171/2006 de 12 de janeiro dos mesmos ministérios. Esta medida atua na inclusão social dos jovens com insucesso escolar (retenção/abandono), comportamentos desviantes, jovens institucionalizados, família disfuncional (violência física, alcoolismo, pais separados etc.) e garante a escolaridade obrigatória.

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, nos objetivos do ensino básico⁷, pode-se constatar que o PIEF propõe uma medida de intervenção que pretende atender um direito que já é assegurado para os jovens. De modo que o programa tem como objetivo promover a certificação escolar do 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e profissional, de menores a partir dos 15 anos em situação de abandono escolar. Aliado a essa certificação, o foco do programa é desenvolver no jovem uma mudança de postura, possibilitando-lhe adquirir hábitos e comportamentos que fragilizem as ações negativas, obviamente fortalecendo comportamentos positivos.

O primeiro passo para esta medida de inclusão é reintegrar o jovem na escola, pretendendo que o mesmo integre uma turma PIEF, acreditando que vão adquirir e desenvolver competências escolares, profissionais, pessoais e sociais que futuramente os permitirão exercer uma cidadania participativa. Podemos observar, na figura 2, os diversos atores que intervêm e articulam-se, desejando a interação das diversas parcerias para que possam realizar, juntos, a proposta de inclusão dos jovens.

⁷a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;

b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;

c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;

d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;

e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;

f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;

g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas;

h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e socioafetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;

i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando à formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;

j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;

l) Fomentar o gosto por uma constante atualização de conhecimentos; n.º 166 - 30 de agosto de 2005 - Diário da República Série - A 5127;

m) Participar do processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;

n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;

o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos (artigo 7º, subsecção I, secção II, capítulo II).

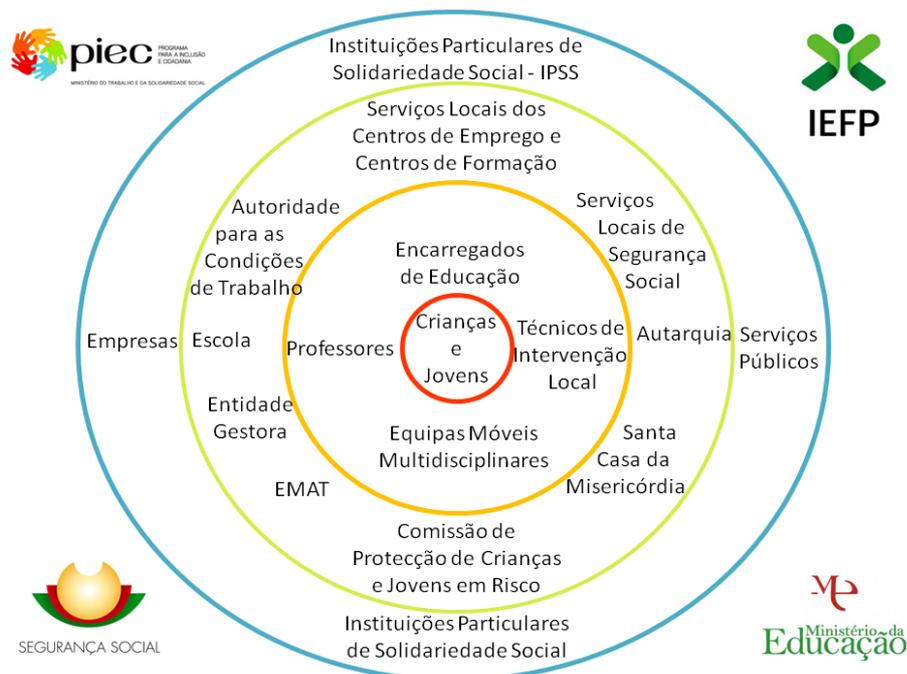


Figura 2- Intervenção PIEF

Fonte: Blog PIEF: <http://olhopief.blogspot.com/>

1.3.1. Estrutura organizativa do PIEF

A estrutura organizativa existe na esfera nacional, regional e local⁸. A coordenação regional do PIEF é formada pelo serviço/instituição com representação do PIEC, Direção Regional do Centro (DREC), Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) e Instituto de Solidariedade e Segurança Social (ISS). No nível local, o técnico da Equipe Móvel Multidisciplinar (EMM) atua, acompanhando o percurso de integração do jovem. Cabe a este avaliar, analisar as fichas de sinalização dos jovens. Depois de feita a avaliação, ele fará um diagnóstico que tem por base as áreas: individual e sociofamiliar. Segundo Machado (2006, pp.101-102), o diagnóstico individual “incide essencialmente num instrumento de auto e hetero relato, nas motivações e expectativas do jovem quanto ao seu projecto de vida”, identificando as dificuldades psicológicas e cognitivas do jovem, coletando informações “relativamente à história clínica do jovem, eventuais doenças, tudo o que diz respeito aos seus interesses vocacionais, de que forma ocupam os seus tempos livres e, ainda, ver se foi instituída alguma Medida Tutelar Educativa ou Medida de Protecção”.

⁸Encontra-se no projeto de constituição do PIEF da turma que acompanhamos: nome e endereço das respectivas entidades coordenadoras.

No âmbito sociofamiliar, pretende-se “conhecer a constituição do agregado familiar e as condições de habitabilidade: se há saneamento, condições de conservação ou deterioração da habitação, água canalizada, entre outros”. Já a situação socioeconómica relaciona-se “ao nível do emprego, desemprego, se existe comportamento aditivo, entre outras particularidades. E, havendo uma precariedade, [...] esta família será beneficiária de algum apoio, nomeadamente Rendimento Social de Inserção (RSI) ou outras pensões”.

Também faz parte das atribuições do Técnico EMM, o diagnóstico da vida do aluno, que pode ser feito de duas maneiras: primeiro, por meio do “registo biográfico do aluno” e, segundo, quando o aluno já estiver inserido em uma turma PIEF “recorrer à figura do Director de Turma, que é o representante da equipa pedagógica e que tem um contacto mais direto e regular com as famílias e os jovens”.

A TEMM não está todos os dias na escola, mas acompanha a execução do PIEF, sendo relevante sua participação no sentido de contribuir para que este jovem seja (re) integrado e que a medida PIEF seja uma resposta positiva no processo de inclusão e qualificação do jovem.

Para desempenhar as funções, a estrutura PIEF disponibiliza o Técnico de Intervenção Local (TIL), que deve ser psicólogo ou técnico de Serviço Social. A função do TIL é de suma importância para a execução do PIEF, uma vez que deve atuar como articulador entre escola, família, parceiros e TEMM. O TIL está todos os dias na escola. Deseja-se que este profissional conheça as diversas características dos jovens da turma, e busque uma aproximação de modo a ganhar a confiança do jovem, para que este se sinta a vontade para falar sobre tudo, inclusive expor sentimentos e emoções.

Neste sentido Azevedo (1996, p.128) pensa que a escola também pode ser “um lugar apropriado para a expressão das emoções. É que ela ocupa um lugar muito importante nesse “camarim da vida”. Basta que o currículo seja mais espaçado, só o suficiente para nele caberem as pessoas que moram nos alunos”.

Na escola, é selecionado um grupo de professores e, dentre estes, um será o Coordenador Local, mais conhecido como Diretor de Turma (DT). Pretende-se que tenham formação específica ou recebam formação antes de iniciar o trabalho com o PIEF. O trabalho docente deve observar os objetivos do programa, ou seja, (re) integrar o jovem no sistema educativo e procurar garantir-lhe a certificação. Exige-se que este profissional seja flexível, adequando o conhecimento de modo a atender às necessidades individuais de cada aluno. No PIEF, durante o decorrer do ano letivo, pode haver o ingresso de novos alunos na turma,

como também podem ser certificados e/ou transferido para outra medida de intervenção. Contudo, a estrutura organizativa da turma PIEF deve abranger o número máximo de 15 jovens. A esse respeito, Marto (2006, p.106) reitera o compromisso quando diz que

a gestão pedagógica tem de ter em conta as características dos menores identificados durante a fase de diagnóstico, a heterogeneidade da população PIEF, tanto nos domínios cognitivo, afectivo e psico-motor, como também a nível socio-familiar implica a utilização de uma metodologia pedagógica flexível, isto é, centrada no aluno. A sua principal característica é a flexibilidade, que se reflecte quer na entrada, quer na saída dos menores, não estando sujeita a lógica de ano escolar.

Portanto, espera-se que aconteça uma integração entre as partes e que a medida PIEF cause mudanças na vida dos jovens. No estudo realizado por Roldão, Campos & Alves (2008, p.23), “a ideia mais forte da *cultura* PIEF – que foi possível identificar como uma cultura de trabalho própria – traduziu-se na preocupação de tornar estes jovens, lançados precocemente para processos vários de exclusão, escolar e social, *peessoas e cidadãos* capazes de se reinserir nas dinâmicas sociais”.

A metodologia de intervenção do programa é o trabalho em rede, concentrado na articulação e no constante contato estabelecido com pais e/ou encarregados de educação, como também com as parcerias locais e as instituições que apoiam a inserção dos jovens na comunidade local e no mundo profissional. No quadro 3 segue a identificação de cada parceiro junto com os contributos que cada parceria oferece ao PIEF.

Quadro 3-Parceiros do PIEF

PARCEIRO	CONTRIBUTO
PIEC-Programa para a Inclusão e Cidadania	-Coordenar o planeamento, execução e avaliação do PIEF e de acordo com as indicações da Representante do PIEC na Estrutura de Coordenação Regional do PIEF; -Contribuir para a elaboração e operacionalização do plano de educação e formação (PEF) relativamente a cada um dos jovens integrados no grupo turma; -Acompanhar a execução da programação financeira do Fundo de Apoio ao PIEF, de acordo com o Regulamento de Gestão do PIEF e promover e dinamizar as reuniões da assembleia de Parceiros.
IEFP-Instituto do Emprego e da Formação	-Disponibilizar informação necessária sobre medidas e prestações técnicas do emprego e da formação à Equipa de coordenação local de acordo com as necessidades locais do PIEF; -Colaborar na dinamização e coordenação de respostas locais a implementar no PIEF; -Estimular a articulação interna e externa das estruturas e serviços do IEFP no que respeita às concretizações das intervenções no âmbito do PIEF; -Colaborar no acompanhamento e avaliação do Programa; -Participar nas reuniões da Assembleia de Parceiros.
ISS- Instituto de Segurança Social	-Acompanhar jovens/famílias em articulação com os gestores do caso/processo; -Avaliar situação de carência sócio-económica para eventual apoio económico; -Agilizar de procedimentos no âmbito da execução de medidas de promoção e protecção aplicadas pelos tribunais, sempre que o PEF seja assumido como uma forma de intervenção para a promoção dos direitos do jovem em perigo; -Promover a agilização de procedimentos no âmbito do acompanhamento do Rendimento Social de Inserção nas situações em que os agregados dos jovens integrados em PIEF sejam beneficiários deste apoio; -Disponibilizar à Assembleia de Parceiros informação sobre os recursos mobilizáveis ao nível dos projectos locais, respostas sociais e outras dinâmicas das quais a segurança social seja parceira ou promotora de acordo com as necessidades locais do PIEF; -Colaborar no acompanhamento e avaliação do Programa; -Articular os recursos disponíveis ao nível da intervenção social/comunitária; -Participar nas reuniões da Assembleia de Parceiros.
Escola	-Disponibilizar instalações ao desenvolvimento das actividades do PIEF; -Disponibilizar/afectar docentes ao grupo-turma - Disponibilizar o apoio acção social escolar (alimentação, material e manuais escolar, seguro escolar e outros apoios do ASE); -Apoio administrativo referente aos alunos e professores; - Participar nas reuniões da Assembleia de Parceiros.
CMC Município	-Disponibilizar à Assembleia de Parceiros informação sobre os recursos mobilizáveis ao nível dos projetos locais, respostas sociais e outras dinâmicas das quais o Município seja promotor ou parceiro, de acordo com as necessidades locais do PIEF; -Assegurar o transporte escolar; -Colaborar no acompanhamento e avaliação do Programa; -Participar nas reuniões trimestrais da Assembleia de Parceiros.
CPCJ-Comissão de Protecção de Crianças e Jovens	-Promover a agilização de procedimentos no âmbito da execução de medidas de promoção e protecção aplicadas pela CPCJ, sempre que o PEF seja assumido como uma forma de intervenção para a promoção dos direitos do jovem em perigo; -Colaborar no acompanhamento e avaliação do Programa; -Participar nas reuniões da Assembleia de Parceiros.
DGRS- Direção Geral de Reinserção Social	-Promover a agilização de procedimentos no âmbito da execução de medidas tutelares educativas acompanhadas pela DGRS, nomeadamente quando o PEF seja assumido como plano de conduta; -Colaborar no acompanhamento e avaliação do Programa; -Participar nas reuniões da Assembleia de Parceiros.
PSP Escola Segura	-Promover a agilização da articulação com a Equipa da Escola Segura, no âmbito do desenvolvimento do PIEF; -Colaborar no acompanhamento e avaliação do Programa; -Participar nas reuniões Assembleia de Parceiros e Acções de sensibilização, informação e formação.
CS Eiras-Centro de Saúde Eiras	-Colaborar no acompanhamento e avaliação do Programa; -Participar nas reuniões da Assembleia de Parceiros e Acções de sensibilização, informação e formação.
AnaJovem Entidade Gestora	-Executar a Gestão Financeira do Fundo de Apoio ao PIEF de acordo com o Regulamento de Gestão do PIEF;-Colaborar no acompanhamento e avaliação do Programa; -Participar nas reuniões da Assembleia de Parceiros.

Fonte: Projeto de Constituição do PIEF

1.3.2. Operacionalização do PIEF

O PIEF operacionaliza-se de modo individual, elaborando para cada jovem o Plano de Educação e Formação (PEF)⁹. Este documento, segundo Roldão, Campos & Alves (2008, p.48), “permite avaliar o grau de adequação e diferenciação dos percursos de ensino e aprendizagem face à situação de partida de cada aluno, assinalar o tempo e o nível da consecução de cada uma das competências assinaladas, e perceber o modo do seu acompanhamento no decorrer do PIEF”. Nessa perspectiva, Machado (2006, p.103) acrescenta que “o Plano de Educação e Formação consiste na organização, elaboração e operacionalização de respostas a nível individual, sócio-familiar, e escolar. Subordinando-se a sete princípios”.

Assim, de acordo com o Projeto de Constituição do PIEF 2012 tem-se, como primeiro princípio, a individualização que considera as características pessoais do jovem, como a idade, situação pessoal, interesses e as necessidades de inserção escolar; segundo, a acessibilidade que permite, em qualquer altura do ano, ao jovem ser integrado numa turma PIEF; como terceiro princípio, a flexibilidade que propõe integrar o jovem em diversos percursos de educação e formação ou de educação extraescolar, nomeadamente em ações que o certifiquem; quarto, a continuidade das respostas ao nível da intervenção permanente e integrada; como quinto princípio o faseamento da execução que respeita e desenvolve as etapas estruturantes do percurso do menor; como sexto, a celeridade que possibilita a obtenção dos certificados escolares em um período de tempo mais curto, em um e dois anos para a conclusão dos 2º e 3º ciclos do ensino básico; e, por último, a atualização, permitindo a atualização do plano em função de alterações do percurso sempre que for necessário.

Falar de PIEF, segundo Pereira (2007, p.65), “implica falar de um conjunto de medidas de educação e formação facilitadoras do cumprimento da escolaridade obrigatória. A sua principal característica é a flexibilidade que se reflecte, quer na entrada, quer na saída dos menores, não estando sujeita à lógica de ano escolar”.

Mais importante do que levar o jovem à escola é trabalhar para mantê-lo, sendo indispensável planejar estratégias bem definidas, atribuindo importância ao processo e não somente aos resultados.

⁹ Despacho Conjunto nº 948/2003, de 26 de setembro.

1.3.3. Estrutura curricular no PIEF

Com a estrutura curricular proposta, pretende-se aliar o trabalho ao encontro das necessidades de cada aluno, de modo que caminhe ao encontro do processo de (re) integração dele. Segundo o projeto de constituição do PIEF (2011, p.12), como consta no anexo deste documento,

do ponto de vista estritamente curricular, este percurso organizar-se nos termos do previsto nos números 1 a 3 do capítulo II do Anexo ao Despacho Normativo n.º 1/2006, de 6 de Janeiro, integrando ainda um conjunto diversificado de medidas e acções prioritariamente orientadas para a reinserção escolar, podendo incluir actividades de educação extra-escolar, de ocupação, de orientação vocacional, de desporto escolar, de integração social e profissional, entre outras oportunamente se entendam necessárias com vistas à prossecução do PIEF.

A partir da respectiva Lei e das orientações da medida PIEF, a matriz curricular é proposta para escola, dando-lhe autonomia para adaptar a matriz à realidade de cada jovem. A estrutura curricular pode ser vista no quadro 4.

Quadro 4- Matriz curricular do PIEF

COMPONENTES DE FORMAÇÃO	ÁREAS DE COMPETÊNCIAS	DOMÍNIOS / UNIDADES DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO	C.H Semanal 3º CEB	N.º Professores Formadores	Expressão da avaliação
FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL	LÍNGUAS, CULTURA E COMUNICAÇÃO	Viver em Português	3	1	<u>Quantitativa</u>
		Comunicar em Língua Estrangeira I	1	1	
		Comunicar em Língua Estrangeira II	1	1	
	CIDADANIA E SOCIEDADE	Ciências Humanas Sociais	1	1	Qualitativa
		Formação para a Cidadania	1	1	
	MATEMÁTICA	Matemática e Realidade	2,5	1	
	DESPORTO	Educação Física	1	1	
FORMAÇÃO ARTÍSTICA OU CIENTÍFICO TECNOLÓGICA	TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO	Tecnologias de Informação e Comunicação	1	1	<u>Quantitativa</u>
	TECNOLOGIAS ESPECÍFICAS	Ciências Físicas e Naturais	1	1	
		Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho	0,5	1	
FORMAÇÃO VOCACIONAL E ARTÍSTICA	FORMAÇÃO VOCACIONAL E ARTÍSTICA		2	1	Qualitativa
PROGRAMA DE COMPETÊNCIAS PESSOAIS E SOCIAIS			2	TIL	
TOTAL SEMANAL			17 Blocos		

Fonte: Projeto Educativo da Medida PIEF

A matriz curricular é prevista para dois (2) anos letivos, no caso desta turma que propomos o acompanhamento (2011/2012 e 2012/2013), conferindo aos jovens que concluíam com aproveitamento este percurso, no 2º ciclo e/ou 3º ciclos, incluindo sempre que possível formação profissional¹⁰.

Esta situação verifica-se por dois motivos: o primeiro, a matriz curricular tem de obedecer a alguns critérios para permitir o acesso ao exame nacional no final do 9º ano, caso o

¹⁰A certificação consta no âmbito do regulamentado no Despacho Conjunto n.º 453/2004, de 27 de julho.

aluno queira prosseguir nos estudos e integrar uma turma do ensino regular. E, segundo, porque, nas práticas das escolas e dos docentes, não é valorizada a autonomia para a mudança das estratégias pedagógicas. Neste sentido, achamos pertinente a abordagem apresentada de Roldão e Santos (2008, p.11) sobre a flexibilidade da escola em adaptar o currículo à realidade do aluno.

A intenção é recuperar estes jovens que abandonaram a escola – e que por ela também foram abandonados – para a aprendizagem e o estudo, ao mesmo tempo que se trabalha na sua reintegração socializadora no interior de uma comunidade da qual, por razões várias, estão objetivamente excluídos ou não excluídos. Procura-se, para isso, adaptar o currículo e integrar nele uma vertente vocacional prática, desejavelmente profissionalizante no médio termo, e garantir a certificação escolar correspondente à escolaridade básica nos termos legais vigentes.

Entretanto, a medida PIEF propõe a elaboração do PEF para cada aluno, com o objetivo de orientar o trabalho do professor e direcionar a aprendizagem do jovem. É de suma importância a atenção do professor ao diagnóstico, pois a partir dele será a construção do PEF, tendo em conta as necessidades e potencialidades de cada jovem. No quadro 5, pode-se observar o horário direcionado para todas as atividades que os jovens da turma PIEF à qual o nosso estudo tem se debruçado.

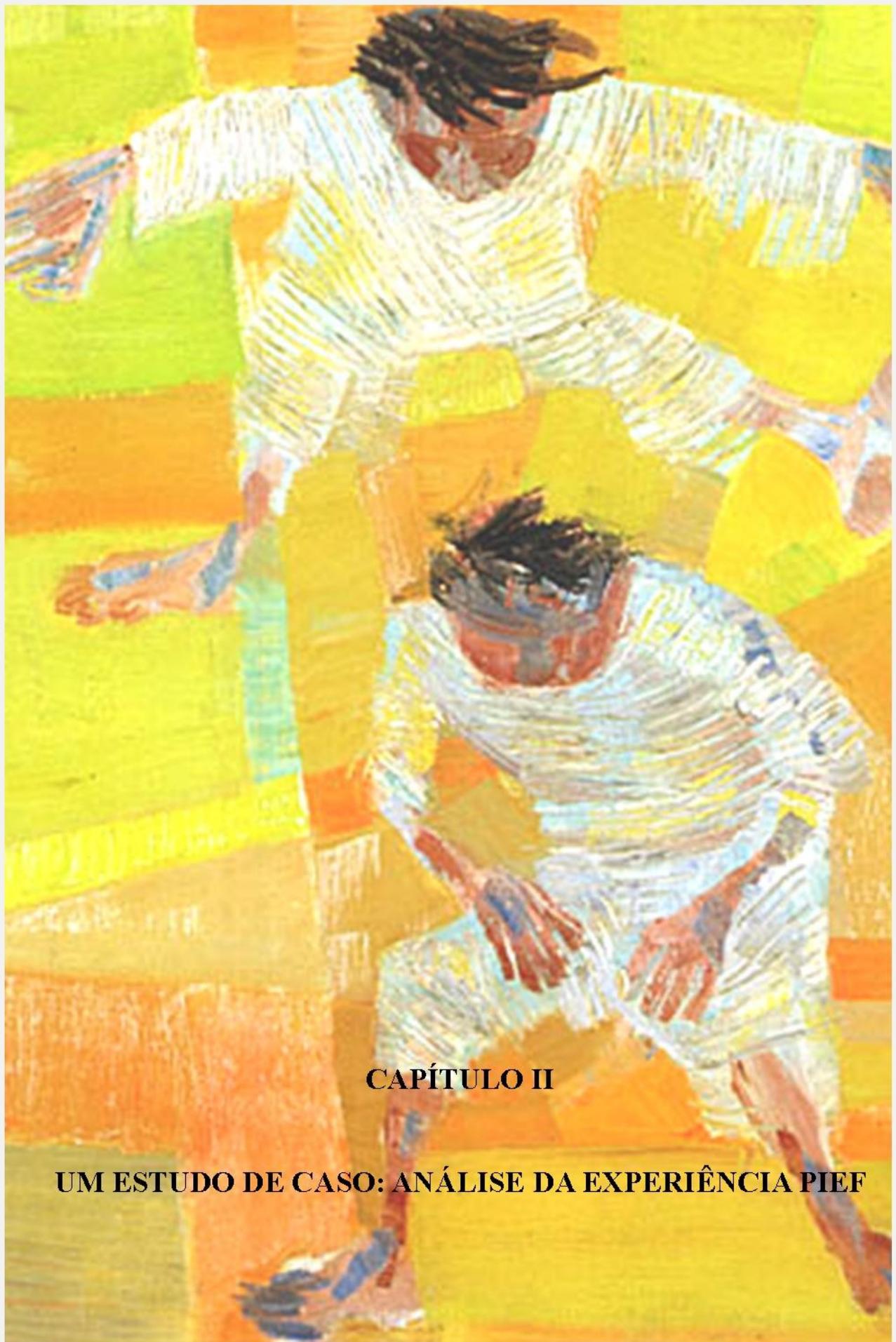
Quadro 5- Horário de Turma

DIAS HORAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
08.25 - 09.10	Português	Matemática	C. S. Humanas	Português	TIC
09.10 - 09.55			Francês		
10.10 - 10.55	F. Cívica	C.F. Naturais	C.F. Naturais	Matemática	Português
10.55 - 11.40	Francês	Inglês	H. S. S. T		Inglês
11.50 - 12.35	Matemática	F. Cívica	Português	C. S. HUMANAS	Ed. Física
12.35 - 13.20	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	
13.25 - 14.10	Competências pessoais e sociais	F. Vocacional		F. Vocacional	Almoço
14.10 - 14.55					Programa G. P. S
15.10 - 15.55					

Fonte: Projeto Educativo da Medida PIEF

Na fundamentação do Projeto de Constituição, elaborado para o grupo turma PIEF, foco do nosso estudo, Pedroso (2011, p.5) refere ser pretensão

criar um espaço multicultural em que possam desenvolver um perfil de competências emocionais, pessoais, sociais e escolares que os enriqueça e lhes sirva como instrumento para a construção de um projecto de vida. Assim, ao mesmo tempo que se pretende recuperar estes jovens para a aprendizagem académica, visa-se trabalhar uma (re)integração socializadora, na alteração de comportamentos/atitudes potenciadores de mudança.



CAPÍTULO II

UM ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA PIEF

2.1. Metodologia do estudo

2.1.1. Objetivo do estudo

“É preciso expressar os objetivos com clareza para evitar possíveis desvios no processo de pesquisa; tais objetivos devem ser possíveis de alcançar”.

Rojas

Ao estudar a turma PIEF, pretendeu-se analisar a coerência e aplicabilidade entre os documentos estruturantes e a atuação da Escola, bem como diagnosticar a eficácia do programa na vida dos jovens, identificando quais os avanços e (in) sucessos apresentados por eles no decorrer do ano letivo 2011/2012. Para tanto, atentou-se aos diversos atores (técnicos, diretor da escola, professores, alunos, pais e encarregados de educação) que intervêm na educação e construção do conhecimento dos alunos. Nesse sentido, definiram-se os seguintes objetivos:

Objetivos gerais:

- Perceber a estrutura organizativa do Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) e as suas respectivas funções;
- Compreender a implementação e atuação do PIEF;
- Acompanhar e conhecer a prática dos diversos atores que intervêm no programa.

Objetivos específicos:

- Caracterizar os participantes;
- Avaliar a organização e dinâmicas pedagógicas;
- Identificar semelhanças e diferenças na prática pedagógica do professor no PIEF, e em outras turmas do ensino regular;
- Identificar os momentos significativos na construção da aprendizagem cognitiva dos alunos;
- Perceber o desenvolvimento ao nível das competências pessoais e sociais;

- Compreender o comportamento do aluno PIEF, no que diz respeito o cumprimento das regras e o autocontrole;
- Analisar as condições de ação em que o grupo turma PIEF funcionou;
- A partir do acompanhamento do ano letivo 2011/2012, verificar propostas futuras, contribuindo para um melhor funcionamento de turmas PIEF.

Tendo em conta os objetivos elencados, escolheu-se trabalhar com a metodologia qualitativa, utilizando como estratégia o estudo de caso, visualizando uma maior proximidade dos atores para a recolha dos dados. Nesse sentido, segundo Bogdan e Biklen (1994, p.16), “os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente às pessoas, aos locais e às conversas, e de complexo tratamento estatístico”. Procurar-se-á não facultar ou alterar dados que possam não estar relacionados com o que foi observado e identificado na escola. Deste modo, pauta-se pela veracidade dos fatos e pela constante reflexão dos mesmos.

2.1.2. Justificativa do estudo

Os alunos que integram a turma PIEF regressam à escola em razão do referido programa, uma vez que este representa uma última oportunidade para a permanência do jovem como aluno, com perfil de escolaridade obrigatória. O programa pretende, ainda, ingressá-lo em uma profissão, projetando-o em um percurso de trabalho que possa (re) integrá-lo socialmente ao mundo profissional. Para tanto, faz-se necessário oferecer oportunidades aos jovens, considerados de riscos, e colocá-los em um patamar de construção e desenvolvimento pessoal e social, a partir das necessidades e carências em que cada um encontra-se inserido.

Para atuar nessa realidade, o Programa para Inclusão e Cidadania (PIEC) propõe como medida de intervenção, o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), que pretende incluir os jovens e garantir para além da escolaridade obrigatória, uma intervenção individualizada, que profissionalize, encaminhando-os a uma situação que favoreça, transforme, (re) integre e possibilite ao jovem mudanças e um novo percurso de vida. Deste modo, propõe contributos para a prática de intervenção dos jovens considerados de risco.

Nesse sentido, é pertinente identificar quais as mudanças positivas e os retrocessos que a turma PIEF acompanhada alcançou. Repensar ainda as dificuldades que a escola (pessoal docente e não docente) e os técnicos tiveram em atender os alunos que não avançaram é outro ponto de reflexão da nossa produção. Ora, tais dificuldades poderão ter contribuído para um reforço da frustração, do sentimento de exclusão e, por consequência, dos índices de distorção idade série e de insucesso escolar.

Além disso, foi direcionada a atenção para a concepção de inclusão e exclusão do ponto de vista educacional, buscando refletir e/ou responder os seguintes questionamentos: o mesmo espaço que inclui, é capaz de excluir? Como formar o jovem crítico e consciente do seu papel social? Como transformar o quadro do jovem com insucesso e abandono escolar? As atividades realizadas na escola contribuíram para a formação do jovem atendido pela intervenção da turma PIEF? A Escola e os professores estão preparados para trabalhar, considerando as competências pessoais e sociais destes jovens?

Acredita-se que questões como estas precisam ser motivo de inquietação e observação constante da Escola e da *práxis* do professor. Esta, por sua vez, precisa conduzir o aluno na aquisição de uma maior aprendizagem, estabelecendo, para além da técnica, uma humanização que aproxime afetivamente e possibilite um diálogo reflexivo entre professor e aluno. Com esse tipo de aluno, atendido pela medida PIEF, é indispensável o componente afetivo, pois representará uma mais-valia no processo de (re) integração do jovem.

2.1.3. Estudo de caso

O nosso estudo realizou-se de setembro de 2011 a junho de 2012. Como já foi referido, atuamos na Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis, acompanhando a turma PIEF. As informações relativas à implementação do programa, ao contexto e às dinâmicas vividas nas aulas e reuniões pedagógicas foram colhidas na Escola. Conforme Ponte (1994, p.3), o estudo de caso

[...] visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e a sua identidade própria. É uma investigação que se assume como particularista, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico.

O mesmo autor refere oito componentes fundamentais para toda investigação qualitativa, inclusive o estudo de caso, sendo portanto:

[...] problema e objectivos do estudo; base teórica; modelo geral da investigação; selecção dos participantes, locais e circunstâncias; a experiência e os papéis do investigador; estratégias de recolha de dados; técnicas de análise de dados e apresentação, interpretação e aplicação das conclusões (p.12).

Pretende-se entender “o mundo” dos participantes, assim como perceber essa realidade com base na visão e no ponto de vista dos diversos atores que integram e intervêm no grupo turma PIEF acompanhada. Nesse contexto, Amado (2009, p.124) citando Freebody (2003), diz que, observando o estudo de caso em educação, designa-se como objetivo, na modalidade mais geral, “[...] pôr em marcha uma investigação em que tanto os investigadores quanto os educadores possam reflectir sobre instâncias particulares da prática educacional”.

No que concerne ao conceito de grupo, entende-se como pertinente a abordagem apresentada em Bogdan e Biklen (1994, p.91), segundo os quais, “[...] quando falamos acerca de um *grupo*, numa organização, como foco de estudo, estamos a utilizar a palavra numa perspectiva sociológica, para nos referirmos a pessoas que interagem, que se identificam umas com as outras e que partilham expectativas em relação ao comportamento umas das outras”.

Nessa perspectiva, todo o estudo foi registrado em diários de campo¹¹, nos quais procurou-se refletir sobre as estratégias utilizadas e o percurso de cada elemento envolvido no processo. Para Stack (2007, p.35) citando Wolcott:

[...] a tarefa mais importante na investigação qualitativa não é acumular todos os dados possíveis, mas sim deitar fora a maior parte dos dados acumulados. [...] o segredo é descobrir a essência das coisas e depois revelar essa essência inserida num contexto suficiente sem, no entanto, ficar atolado ao tentar incluir tudo o que se possa eventualmente ser descrito.

O registro das observações, por vezes, não foi possível ser feito no mesmo momento da ação, o que exigiu uma maior atenção e concentração para não ocultar ou alterar a ação. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.177), o diário é uma “descrição regular e contínua e um comentário reflexivo sobre os acontecimentos da sua vida”. Nesse sentido, é importante a

¹¹ Ver anexo I-Diários de campo

organização dos relatos no intuito de compreender o cotidiano do grupo, turma em acompanhamento, e servir de suporte para o relatório final. Esta preocupação vai ao encontro do que Amado (2009, p.227) refere: “[...] os registos do diário, tomado também como espécie de “notas de campo”, permitiram a construção de relatórios finais com elementos sugestivos e ilustrativos de situações, emprestando ao trabalho um carácter de autenticidade, de presença, de vivência, impossível de obter por outro meio”.

O presente estudo de caso enquadra-se na observação, pois acreditamos que a “melhor técnica de recolha de dados consiste na observação participante” (Bogdan & Biklen, 1994, p.90-91) e o foco do estudo centra-se na Escola, especificamente em uma turma. A esse respeito, segundo os mesmos autores “[...] o investigador qualitativo tenta ter em consideração a relação desta parte com o todo, mas, pela necessidade de controlar a investigação, delimita a matéria de estudo”. Ainda acerca da observação participante, pretendeu-se registrar, nos diários de campo, o que Lessard-Hebert (1994, p.154) refere como importante: “descrever o que foi visto, ouvido e pensado”. Reflexões, contributos e questionamentos estiveram lado a lado durante o período da investigação, uma vez que a preocupação de identificar e analisar as diversas situações observadas no grupo turma PIEF foi uma constante.

2.1.4. Sequência das etapas da investigação

As etapas da investigação caminharam sempre com o intuito de compreender o funcionamento do PIEF e identificar, na prática dos diversos atores envolvidos no processo, as ações que contribuíram para a (re) integração dos alunos no universo escolar, bem como as que não contribuíram e o porquê.

O contato inicial foi em setembro de 2011, momento em que foram solicitadas as autorizações para o desenvolvimento do estudo junto à escola, cuja permissão contemplou o ano letivo 2011/2012. Em outubro, iniciou-se o acompanhamento da rotina de trabalho do Técnico da Equipa Móvel Multidisciplinar (EMM). Este foi um momento privilegiado, pois o contato se deu com os primeiros processos de organização para que a turma PIEF viesse a funcionar na Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis.

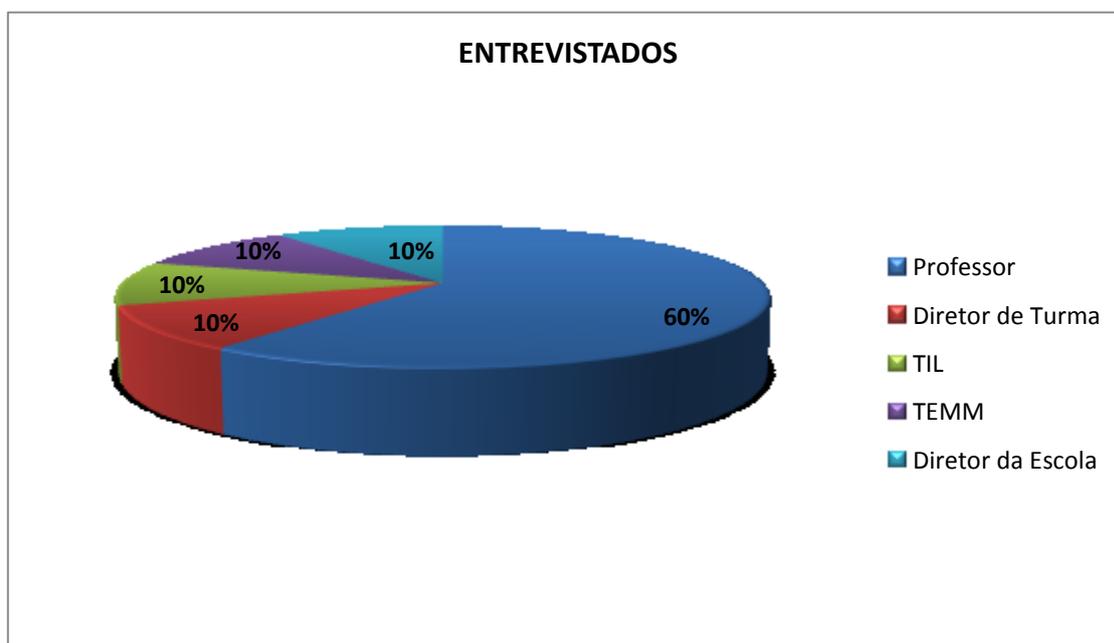
A questão burocrática para estruturar a organização demandou tempo e cuidados peculiares, pois além da documentação, houve uma agravante no que diz respeito aos horários dos professores. Quando se definiu que iria iniciar uma turma PIEF na referida Escola, o ano

letivo já havia começado, o que dificultou a composição das atividades pedagógicas. Estas foram adequadas não às necessidades dos alunos, mas ao tempo livre que restava no horário de cada docente.

O início das observações aconteceu nos primeiros encontros em que o Técnico EMM se reuniu com o Técnico de Intervenção Local (TIL), Diretor de Turma, Diretor da Escola e professores, para apresentar a metodologia do PIEF e traçar possíveis estratégias a seguir. Assim também aconteceu durante as reuniões com os pais/encarregados de educação, e representante de instituição, tendo em conta a integração de jovens institucionalizados ao PIEF. E, por fim, também foi vivenciada a recepção dos alunos na escola e o primeiro dia de atividades. Desde estes momentos, o grupo/turma PIEF foi acompanhado até o encerramento do ano letivo. Em julho, as visitas à escola continuaram, cujo objetivo era participar das últimas reuniões pedagógicas com os professores e técnicos, momento do fechamento das notas e construção de relatórios acerca dos alunos.

Para além dos registros nos diários de campo, elaboraram-se entrevistas semiestruturadas¹² para aplicar ao Técnico de Intervenção Local (TIL), Técnico da Equipa Móvel Multidisciplinar (EMM), Diretor de Escola, Diretor da Turma e professores. Veja-se a demonstração, no gráfico abaixo, da distribuição das entrevistas.

Quadro 6-Distribuição das Entrevistas



¹² Ver anexo II- Guião de Entrevista

As entrevistas aconteceram de maneira tranquila, com a total colaboração dos entrevistados, desde o momento da abordagem até a realização da mesma. Para Guerra (2008, p.22), do “ponto de vista relacional, a entrevista (ou a observação) exige o mesmo que qualquer outra técnica de recolha de informação decorrente do estabelecimento de uma relação de confiança: neutralidade e controlo dos juízos de valor, confidencialidade, clareza de ideias para poder transmitir e devolução dos resultados”. As entrevistas só foram realizadas mediante autorização¹³, por meio de carta ao diretor da escola, bem como, a concessão de cada entrevistado¹⁴ autorizar formalmente a análise do conteúdo e a publicação dos dados.

Utilizou-se o guião como referência, mas, nos momentos oportunos, surgiram novas perguntas, que, acredita-se, acrescentaram, de maneira positiva, fundamentos aos objetivos do estudo. Para Bell (1997, p.118), “ [...] a grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade. Um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos, coisa que o inquérito nunca poderá fazer. A forma como determinada resposta é dada (o tom da voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode fornecer informações que uma resposta escrita nunca revelaria”. Complementando, o mesmo autor refere que “os dados recolhidos por meio de inquéritos, entrevistas, diários ou qualquer outro método têm pouco significado até serem analisados e avaliados. Recolher grandes quantidades de informações na esperança de que algo surja não é aconselhável em nenhuma investigação” (p.157).

O objetivo das perguntas foi atendido e não houve dispersão do assunto. Toda a recolha de informação foi gravada mediante a autorização do entrevistado, o que constitui, para Bogdan e Biklen (1994), duas questões relevantes no que diz respeito ao panorama “[...] recente no âmbito da ética relativa à investigação com sujeitos humanos; o consentimento informado e a protecção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos” (p.75). O processo de construção do guião, solicitação, autorização, aplicação, realização e transcrição das entrevistas, deu-se entre abril e junho de 2012.

2.1.5. Análise de conteúdo

¹³ Ver anexo III- Autorização do Diretor da Escola para aplicação as entrevistas

¹⁴ Ver anexo IV- Autorização dos entrevistados para utilizar os dados recolhidos

Após aplicação, seguiu-se a transcrição¹⁵ e, posteriormente, a análise dos conteúdos das entrevistas. Para Gil (1999, p.168), “[...] a análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos”. Neste sentido, acrescenta Teixeira (2003), que “[...] a análise de dados é o processo de formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá, consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado” (p.191-192).

A partir da análise de conteúdo, intentou-se ligar a parte empírica à parte teórica, observando uma coerência em todo o trabalho. Bardin (2011, p.33), citando Henri e Moscovici (1968), refere “[...] tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo”. Bardin explica que a análise de conteúdo que é “[...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p.42). A importância dessa etapa de trabalho exigiu, portanto, o que Lessard-Herbe (1996) chama de operação intelectual, ou seja, a decomposição de um todo nas suas partes, com o propósito de relacionar as partes.

A categorização auxilia o processo de classificação dos elementos informados nas entrevistas, facilitando a classificação dos elementos dos dados a partir de determinados critérios. Não pode esquecer-se dos objetivos da investigação, e foi neste sentido que construímos a matriz de categorização dos dados¹⁶. A investigação é constituída de cinco dimensões, cada uma com categorias, subcategorias e identificação dos sujeitos. A partir da referida matriz, construiu-se a matriz de redução de dados¹⁷. Das entrevistas foram extraídas as unidades de registros.

Para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos no estudo, elaborou-se a seguinte codificação: as letras TEMM correspondem ao Técnico da Equipa Móvel Multidisciplinar, TIL ao Técnico de Intervenção Local, Diretor, ao Diretor da Escola, a letra P seguida de um número corresponde aos professores, e a letra J, seguida de um número corresponde aos alunos, ou seja, aos jovens PIEF.

¹⁵Ver anexo V-Transcrição das Entrevistas

¹⁶ Ver anexo VI-Matriz de Categorização dos Dados

¹⁷ Ver anexo VII-Matriz de Redução de Dados

Quadro 7-Codificação dos sujeitos do estudo

CÓDIGO	SUJEITO
Diretor	Diretor da Escola
TEMM	Técnico da Equipa Móvel Multidisciplinar
TIL	Técnico de Intervenção Local
P1 ao P9	Professores
J1 ao J11	Alunos

2.2. Análise e discussão dos dados

Apresentada a metodologia, busca-se, através das entrevistas e dos diários de campo, analisar os conteúdos a partir de “uma *dimensão descritiva* que visa dar conta do que nos foi narrado e uma *dimensão interpretativa* que decorre das interrogações do analista face a um objecto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência” (Guerra, 2008, p. 62).

Nesse sentido, tentou-se atribuir significados “aos dados reduzidos e organizados através da formulação de relações ou de configurações expressas em proposições ou modelos” (Lessard-Hébert, 1994, p.122), dados estes que são indispensáveis para se perceber as potencialidades e fragilidades do PIEF, apresentados a partir de dimensões, categorias, subcategorias e sujeitos, entrevistados e observados.

DIMENSÃO 1: IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

CATEGORIA 1.1: FORMAÇÃO

Com vista a identificar o nível de formação, o perfil dos técnicos e dos professores que atuaram no grupo turma acompanhado durante o ano letivo 2011/2012, apresentar-se-á a caracterização sociodemográfica destes, identificando a formação inicial, a existência da formação no âmbito PIEF, e a devida experiência no programa.

Quadro 8- Caracterização sociodemográfica dos profissionais

Sujeito	Idade	Género	Formação inicial	Anos de serviço em educação	Experiência em PIEF
Diretor	51	M	Filologia Românica	29	10 meses
TEMM	52	F	Educação Visual	24	1 ano
TIL	35	F	Serviço Social	04	4 anos
P1	55	F	Línguas e Literaturas Modernas	32	10 meses
P2	51	F	Línguas e Literaturas Modernas	21	10 meses
P3	57	M	Filologia Românica	33	10 meses
P4	51	M	Licenciatura em História	17	10 meses
P5	55	M	Engenharia Eletrotécnica	34	10 meses
P6	44	F	Licenciatura em Química	20	10 meses
P7	55	M	Engenharia Mecânica	35	10 meses
P8	51	M	Arquitetura	31	10 meses
P9	39	M	Ciência do Desporto e Ed. Física	10	10 meses

Fonte: Matriz de redução de dados 2012 e anexo I

A partir das entrevistas e do diário de campo, constata-se que a totalidade dos professores já faziam parte do quadro efetivo da escola em questão, tendo sido destacados para o programa por designação do Diretor da escola. Para tal, observou-se o perfil dos docentes, porém, em primeiro lugar, levou-se em consideração o condicionalismo dos horários, por haver alguns com horário incompleto. Todavia, apesar dos critérios, percebeu-se, na entrevista com o Diretor, o caráter subjetivo na escolha dos docentes que iriam compor a equipe pedagógica, dada a confiança ressaltada pelo mesmo na escolha dos nomes no processo de recrutamento.

Durante o processo de observação, pode-se identificar uma proximidade considerável entre os professores, fato sugerido diante do compromisso assumido relatado nas entrevistas.

Nesse sentido, o P1 afirma que uma característica da equipe pedagógica se passa pelo apoio uns aos outros, e que este apoio “[...] às vezes é mais profissional, outra menos profissional, mais afetivo”. Na mesma linhagem o P3 afirma: “ao nível dos colegas, e de quem trabalha com professores, acho que sim, há um certo apoio. Há troca de ideias, há troca de experiências, há tentativa de fazermos um trabalho em conjunto” – situação que, para o P6, se resume a “[...] uma união fantástica” - característica que considera-se de extrema importância no momento que possibilita um melhor desempenho da equipe e melhores resultados para a turma.

No que concerne ao Técnico da Equipa Móvel Multidisciplinar (EMM), o Técnico de Intervenção Local (TIL), juntamente com todos os docentes, identificou-se que não houve formação específica para trabalhar em PIEF, fato questionado por quase todos os

entrevistados diante da necessidade de uma formação específica. Dentro dessa formação específica foram propostos pelos entrevistados alguns caminhos.

No caso do TIL a formação que julgava necessário passa “[...] pelo trabalho com jovens pré-delinquentes e delinquentes”. Acrescentam os professores P2, P5 e P7 que a formação necessitaria capacitá-los para uma atuação “ao nível da gestão de conflitos”. Esta questão foi reforçada pelo professor P6 no momento em que julga necessário a “formação a nível de saber lidar com os comportamentos desviantes”. Apenas o P1 referiu: “não precisaria de formação especial, precisava de condições”. Porém, há de se ressaltar que este docente é visto, internamente, como um profissional com amplas competências pessoais para lidar com este público característico, tendo em conta a sua experiência em trabalhos semelhantes, anteriormente realizados.

DIMENSÃO 2: ORGANIZAÇÃO E DINÂMICAS PEDAGÓGICAS

Nesta dimensão, analisa-se a avaliação dos professores sobre a estrutura organizativa do PIEF, sob três categorias: Organização do horário das aulas; Matriz curricular do PIEF; Prática Pedagógica no PIEF e em outras turmas do ensino regular.

CATEGORIA 2.1: ORGANIZAÇÃO DO HORÁRIO DAS AULAS

A importância da proposta organizativa dos horários das aulas é tido como relevante para um melhor funcionamento do PIEF, tanto por parte dos entrevistados quanto por nossa parte. A avaliação desta categoria tem por base especificamente o horário das aulas da turma PIEF do estudo.

Não foram referidos aspectos positivos sobre a organização do horário das aulas, fato já esperado, pois no decorrer do ano letivo observou-se, como registrado no diário de campo, sempre como um motivo de queixa por parte dos professores.

Quadro 9-Aspectos negativos sobre a organização do horário das aulas

PROFESSOR	“ [...] o projeto foi condicionado a coisas que já existiam e não se conseguiam, não se puderam ou não se quiseram alterar, ou seja, a mancha de horário dos alunos existe de forma a poder contemplar o que já existia como horários estabelecidos dos professores que passaram a integrar esta equipa pedagógica. Portanto, o critério não foi o critério de adequação dos alunos ao tempo ou a rentabilidade de uma parte ou outra do dia, mas o critério foi o transtornar ao menos possível àquilo que já estava feito. [...] em português faz-se uma pausa para se ter matemática e depois é capaz de
-----------	---

	haver uma outra coisa que até se poderia ligar ao primeiro bloco mas que já desligou. Portanto, há uma maior dificuldade de continuidade no dia em determinados tipos de tarefa, [...]” (P1) “[...] as disciplinas não são gavetas, não são compartimentos distantes.” (P2)
--	--

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

O Técnico EMM afirma que antes de iniciar este grupo turma PIEF já existia uma circunstância relevante: no ano letivo anterior (2010/2011), após o TEMM percorrer diversas escolas, não foi possível conseguir uma escola que recebesse a turma PIEF. Após várias tentativas fez-se contato com a Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis que, mesmo já tendo sido iniciado o ano letivo, veio a aceitar o projeto.

Para justificar a aceitação por parte da escola desta turma o Diretor refere que “o programa visa, em termos escolares, dar uma resposta junto ao conjunto de alunos que não podem ficar em casa, que não podem ficar na rua. [...] Portanto estes miúdos têm que estar na escola”.

Interessante perceber que a justificativa dada pelo Diretor para aceitação desta turma, passa justamente por critérios que fizeram com que as outras escolas a rejeitassem, pois destaca-se o fato “que os alunos que constituem essa turma PIEF vêm de percursos escolar e social repletos de insucesso, comportamentos antissociais, vulnerabilidade social, negligência familiar, abandono escolar etc”.

No gabinete PIEF, em conversas informais e reuniões, durante o processo da observação percebeu-se por diversas vezes a necessidade de uma reorganização do horário das aulas, fato suscitado por todos os professores. Em uma ocasião específica, mais precisamente em uma reunião pedagógica, registrou-se que, para o P6 “com a organização do horário das aulas em que, a cada 45 minutos, ocorre mudança da disciplina e do professor, acaba por não ser muito valioso no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos”.

Com o objetivo de amenizar e/ou sanar essa deficiência do horário, os professores formaram parcerias, sendo explicado pelo P5 a partir da experiência de uma parceria feita com o P1, onde é aplicado “o dobro dos tempos, graciosamente porque a escola resolveu que não ia corresponder à reorganização de horários, [...]. Portanto, os alunos são divididos em dois grupos, o do 2º ciclo e outro do 3º ciclo, onde cada professor permanece com cada grupo pelo dobro do tempo, e depois inverte o grupo”.

Apesar do tom da observação do P5 girar em torno de uma crítica à organização do horário proposto pela escola, é preciso salientar que isto é feito através de um crítica direta ao gestor da escola. Em continuidade à proposta frisada, o P5 afirma ainda que é possível

trabalhar de maneira mais individualizada buscando desenvolver aspectos mais pontuais com cada um dos docentes. Apesar de ter ocorrido entre os professores, as parcerias só vieram a ganhar corpo quando o programa já estava em andamento, e se apresentaram vulneráveis diante dos imprevistos do cotidiano.

Quadro 10-Sugestão acerca do horário das aulas

PROFESSOR	<p>“[...] dentro do que já existe, penso que poderia associar-se disciplinas por afinidades e que poderia permitir inclusivamente a realização de atividades mais em conjunto, [...] mais flexível nele mesmo, quero dizer que os professores que estiverem a trabalhar nesta equipa deveriam ter uma facilidade de horário que pudesse ser um horário de acordo com as necessidades dele e as necessidades do próprio projeto semanal.” (P1)</p> <p>“[...] nas línguas há sempre matéria que é transversal a outras disciplinas e se nós tivéssemos tempo de reunir e de fazer, de organizar as aulas de maneira que quando der uma matéria o outro lhe desse continuidade, embora de maneira diferente eu acho que havia um encadeamento lógico das matérias, e isso faria com que os alunos vissem um fio condutor e poderia ser que eventualmente se interessassem.” (P2)</p> <p>“[...]é predominar de manhã com o conhecimento, a do domínio cognitivo e na parte da tarde algumas atividades mais de caráter prático, ou seja, domínio psicomotor, como é formação vocacional.” (P7)</p>
-----------	--

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Como pode-se ver no quadro acima, as questões apresentadas sugerem, a partir da experiência desses docentes uma melhoria para o funcionamento do PIEF, no que diz respeito à organização do horário das aulas.

Neste sentido, entende-se que os horários constituem uma vertente importante, merecendo ser organizados a partir das características do grupo de alunos. Nesta linha, propõe Roldão (2008, p.43): “a não ocupação das primeiras horas da manhã em contexto sócio-familiares, onde esse é reconhecidamente um tempo difícil para os alunos estarem na escola, ou a distribuição equilibrada de actividades não formais, consideradas mais difíceis para os alunos, e a remissão para a tarde do trabalho vocacional”.

Como foi referido pelos entrevistados, é preciso uma reformulação do tempo. Esta reformulação, segundo os docentes entrevistados, passa necessariamente por dois fatores: primeiro, a ampliação do tempo de aula, uma vez que os 45 minutos destinados, que correspondem a uma aula, não são suficientes para atividades significativas; segundo, aumentar a disponibilidade do tempo do professor destinado ao trabalho com o PIEF.

CATEGORIA 2.2: MATRIZ CURRICULAR DO PIEF

Através da identificação da análise que os docentes fazem da matriz curricular do PIEF, buscar-se-á compreender se a matriz proposta é vista como uma mais-valia no processo de (re) integração do aluno e se esta contribui para o favorecimento (ou não) da aprendizagem do jovem.

Quadro 11-Aspectos positivos sobre a matriz curricular do PIEF

PROFESSOR	“Quanto à estrutura está minimamente adequada, tem disciplinas que são bases, matemática, português, as TICs, e depois tem outras disciplinas que procuram completar em termos culturais todo um ciclo de ensino.” (P5)
-----------	---

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Através do quadro 11, percebe-se que não há consenso quanto à opinião dos professores sobre a matriz proposta pelo PIEF, à exceção do P5, que a considera adequada para desenvolver o trabalho com o público abrangido pelo programa, afirmando que “a integração, seria um período de transição para que eles adquirissem competências e depois adaptarem o seu currículo em um círculo normal de ensino”. Como nota-se, para o professor, o problema está na integração destes alunos à escola, pois, acredita que estes deveriam ser mais bem informados para perceberem o objetivo do curso.

Quadro 12-Aspectos negativos sobre a matriz curricular do PIEF

PROFESSOR	<p>“É um modelo como não se faz.” (P1)</p> <p>“[...] não compreendo e que não me parece lógico que alunos com essas características, tenham por exemplo, uma segunda língua estrangeira. [...] E penso que isso não é produtivo para eles.” (P3)</p> <p>“É complexo olhar para a matriz estrutural do PIEF”. (P5)</p> <p>“ [...] uma aberração. [...] está a tentar-se no fundo ir ao encontro de um currículo normal, que é impossível em turmas destas, isso é uma fantasia.” (P6)</p>
-----------	--

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Após análise dos dados sobre os aspectos negativos sobre a matriz curricular do PIEF, nota-se, de maneira direta, a oposição dos sujeitos entrevistados para com a matriz. Os docentes discordam que o ensino direcionado para o público PIEF siga a mesma matriz do ensino regular, uma vez que, para eles, isto significa dizer que não há reformulação do currículo, tendo uma única possibilidade de alteração: esta ficando a critério de ser reajustada ao nível dos conteúdos pelo professor. Nesse sentido, para o P9, em termos de lecionação, deve-se fazer uma avaliação inicial das disciplinas que são propostas pela matriz curricular, com o intuito reajustá-la de acordo com as necessidades da turma PIEF. O que se percebeu é que, na realidade dos alunos, há muitas lacunas ao nível da aprendizagem cognitiva.

Especificamente no grupo tratado, a turma da Escola Secundário D. Dinis, pôde-se observar situações limites, como a de um aluno com habilitação no 5º ano que não sabia ler nem escrever. Para uma melhor visualização da situação, apresenta-se abaixo a caracterização sociodemográfica do grupo turma PIEF para que se possa ter informações das limitações, do perfil escolar e do contexto atual dos alunos envolvidos.

Quadro 13- Caracterização sociodemográfica dos alunos

Sujeito	Idade	Género	Frequentou a Pré-escola	Frequentou sempre a mesma escola	Habilitação	Anos de abandono	Anos de retenção
J1	15	F	N	Não	5º	2	4
J2	16	F	S	Não	7º	1	6
J3	15	F	N	Não	5º	2	2
J4	16	M	S	Não	6º	1	4
J5	16	M	S	Não	6º	1	3
J6	16	M	S	Não	6º	1	4
J7	15	M	S	Não	6º	0	4
J8	17	M	S	Não	7º	1	3
J9	14	M	N	Não	5º	1	3
J10	14	M	S	Não	6º	1	2
J11	14	M	S	Não	4º	2	3

A partir das observações da implementação do programa nesta turma, e dos dados sintetizados no quadro 13, refletiu-se no diário de campo, que segundo o nosso ponto de vista, percebeu-se que:

A estrutura do PIEF exige organização, flexibilidade e sensibilidade para trabalhar com o inesperado. Nem sempre o planeado consegue um resultado satisfatório. O humor e a disposição dos alunos são sempre algo muito instável. Por outro lado, os professores têm sempre uma inquietação e insegurança por não saber se as propostas atingirão algum resultado. Percebe-se, ainda, uma ansiedade em atingir resultados imediatos. [...] com os alunos PIEF, as ações necessitam ser pensadas de modo individual. Para atingir resultado no grupo, é fundamental que o trabalho desenvolvido perceba as carências, deficiências e possíveis potenciais (Anexo I).

Para tanto, a reflexão vai ao encontro da angústia do professor, que muitas vezes se manifestou no sentido de não perceber avanços nos alunos e, ao mesmo tempo, de confrontar a proposta curricular, que se apresenta limitada, quanto aos reajustes ao nível dos conteúdos correlacionados com os níveis de aprendizagem dos alunos.

Apesar desta limitação, a questão dos alunos PIEF não se restringe somente à dificuldade de aprendizagem. Neste sentido, acredita-se ser pertinente o pensamento de Rodrigues (2003, p.91-92) face à inclusão e à estruturação dos parâmetros curriculares:

O currículo é, certamente, um dos aspectos centrais que deve ser levado em conta quando procuramos realizar alterações na escola no sentido da inclusão. Antes de mais, porque é ele que as reformas da escola têm tido mais dificuldade em alterar e, de certa forma, o currículo é usado como uma justificação para se manter a escola como está. Na verdade, os conteúdos, o elenco das disciplinas, o tempo semanal a elas destinado, a dimensão e a organização por turmas, os processos de avaliação, etc., são muitos mais estáveis do que os outros aspectos como as nomenclaturas, as instalações, etc. Assim, o currículo (referimo-nos obviamente à concepção restrita de currículo encarada em termos estritamente escolares) pode ser identificado como um dos dilemas da inclusão.

Quadro 14-Sugestão acerca da matriz PIEF

PROFESSOR	<p>“[...] esses cursos do PIEF deviam se centrar em competências básicas no português, na matemática, nas tecnologias de informação, e depois uma disciplina abrangente, que abordasse a história, a geografia, rudimentos de ciência. Mas eu estou a falar com base nestes alunos que conheço [...]” (P3)</p> <p>“Se os alunos do PIEF tivessem na verdade um currículo que não fosse inspirado no currículo nacional, que eles tivessem por exemplo menos aulas.” (P3)</p> <p>“[...] penso que para o ano se houver PIEF aqui na escola, penso que nós já partiremos de outro currículo, já com sensibilidade, já com um bocadinho de experiência, fundamentalmente sensibilidade mais do que experiência para propormos alterações, porque já conseguimos perceber como é que estes miúdos funcionam.” (P6)</p> <p>“Temos que trabalhar mais na matriz PIEF. [...] as turmas PIEF deveriam estar mais articuladas com o mercado de trabalho. [...] ter mais disciplinas práticas, que deviam entrar no currículo da turma PIEF.” (P9)</p>
-----------	--

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Para além do aspecto positivo e negativo, os docentes acrescentam sugestões que podem servir de melhoria para a implementação do PIEF. Basicamente, manifestam preocupação relativamente às áreas de ensino que, na atual estrutura curricular, não estão integradas em um projeto verdadeiramente interdisciplinar, capaz de favorecer o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Logo, seguir a mesma matriz do ensino regular faz com que os professores sejam obrigados a adaptar, com as limitações existentes, um currículo que não foi pensado para estes alunos.

Percebeu-se, no decorrer do ano letivo, a manifestação dos docentes pela necessidade de desenvolver projetos comuns a todos, em função dos quais, cada docente implemente conhecimentos possíveis na sua área de ensino. Segundo o P1, é possível criar projetos interdisciplinares que desenvolvam atividades em conjunto e depois avaliem os ganhos e a viabilidade, para, a partir de então, cogitar-se outros projetos. Nesse sentido, o P2 elucida que “[...] teria toda a vantagem em haver um espaço no horário que fosse reservado para os professores trabalharem em conjunto”. Por fim, para o P9, é preciso trabalhar mais em equipe,

com a perspectiva de fazer o melhor, “[...] o melhor para responder às necessidades educativas dos alunos” .

No caso específico do P1, há uma proposta de integração do programa PIEF com o mercado de trabalho, fazendo com que houvesse maior sentido se fosse com uma metodologia de ensino diferenciada. Assim, ao atingirem a maior idade, e cumprida a escolaridade obrigatória, pelo menos os alunos poderiam ter obtido uma qualificação e classificação mínimas, que lhes permitissem trabalhar e terem uma profissão.

CATEGORIA 2.3: PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PIEF E EM OUTRAS TURMAS DO ENSINO REGULAR

Os professores destacados para trabalhar na turma PIEF dividem o horário com as turmas do ensino regular, ambas na mesma escola. Nesse sentido, é fundamental perceber até que ponto o professor está preparado para identificar as semelhanças e as diferenças principais da prática pedagógica e das manifestações dos alunos nos dois níveis de ensino (regular e PIEF).

Quadro 15-Semelhanças em turma PIEF comparada a turmas do ensino regular

PROFESSOR	<p>“São somente ao nível da organização. Em termos de alunos não.” Em todas as turmas eu tenho alunos que poderiam estar neste projeto, não estão porque a idade ou porque outro tipo de circunstâncias não os encaminhou [...]” (P1)</p> <p>“Não identifico semelhanças nenhuma [...]” (P6)</p>
-----------	--

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

De acordo com a opinião dos entrevistados, de modo geral, as semelhanças são poucas. Como se observou no estudo, conforme registro no diário de campo, “a complexidade que envolve os alunos do PIEF requer um esforço profissional e humano para perceber brechas, por meio das quais, se possam desenvolver as competências pretendidas pelo programa” (Anexo I).

Quadro 16-Diferenças em turma PIEF comparada a turmas do ensino regular

	<p>[...] diferenças claro que há, porque este tipo de turma tem alunos que para eles estar aqui ou não estar é igual. [...] Quanto aos encarregados de educação fica mais apagado. Enquanto os outros ainda vêm à escola, ainda vem falar com o diretor de turma, ainda fazem participações de que determinado professor não agiu da maneira mais correta, estes não. Estes parecem que são um bocadinho mais abandonados à</p>
--	---

PROFESSOR	<p>sua sorte.” (P2)</p> <p>“Pois a escola nada diz. Enquanto nas outras turmas, a perspectiva dos alunos é esmagadoramente diferente, a prática também é diferente. É diferente o nível de exigência, acho que é tudo diferente.” (P3)</p> <p>“[...] os alunos não se sentem obrigados a nada, isto leva a que nós tenhamos grande dificuldade em motivar o aluno para o desenvolvimento seja de qual atividade for. Obriga-nos a ser mais criativos, não se pode explorar determinado conteúdo uma vez até o fim, que eles cansam-se. Se em um dia conseguíssemos até pela novidade algum desenvolvimento da parte deles, na segunda aula se calhar já não resulta.” (P5)</p> <p>“[...] as diferenças são todas.” (P6)</p> <p>“A grande diferença é a nível de comportamento. Enquanto uma turma normal os miúdos estão mais atentos e mais predispostos para fazer e cumprir as tarefas que nós incutimos, já nestas turmas PIEF temos que criar estratégias para os motivar ao máximo e para que eles estejam empenhados.” (P9)</p>
-----------	--

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Com as entrevistas, verifica-se o que as observações já vinham constatando: que há muitas diferenças entre a prática docente na turma PIEF se comparada com as turmas do ensino regular. Além disso, também há fortes diferenças de comportamento entre as turmas, apresentadas, sobretudo, pela complexidade dos alunos e, por consequência, das dificuldades apresentadas pelos professores diante da situação. Conforme Miranda (2008, p.53-54)

É um grande desafio para os jovens, as famílias, os professores, os técnicos, uma vez que todos têm de aprender a trabalhar juntos, a adequar-se a novas realidades. No caso da equipa pedagógica o esforço torna-se ainda maior uma vez que o percurso escolar de cada um dos jovens foi distinto, em termos de resultados, de duração, de tempo de ausência do meio escolar, de capacidades e conhecimentos adquiridos dentro e fora da sala, de experiências de vida após o abandono escolar [...].

Esse tipo de abordagem concilia-se com a percepção e o registro no diário de campo, onde “os problemas repetem-se com frequência. Assim, é importante um planeamento coletivo da equipe pedagógica, a fim de reunir mecanismos e estratégias que vão ao encontro da promoção da mudança dos comportamentos dos alunos” (Anexo I).

Na opinião do P2, essas diferenças são mais evidentes ao nível do acompanhamento dos encarregados de educação, pois, no PIEF, os mesmos são mais ausentes. Por diversas vezes, presenciou-se o Diretor de Turma e o Técnico de Intervenção Local (TIL) telefonarem aos pais e encarregados de educação, buscando informações sobre o aluno, mais especificamente, buscando informações sobre os motivos da ausência nas aulas. Estas preocupações unem-se à colocação do P5, ao salientar a grande diferença que se apresenta

quando os alunos PIEF demonstram não sentir responsabilidade e motivação para frequentar a escola.

DIMENSÃO 3: COMPORTAMENTO E A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

O histórico escolar repleto de insucesso é, sem dúvidas, uma forte característica dos alunos PIEF. Por isso, é fundamental discutir o conceito de aprendizagem, que, por si, é um processo lento e complexo, de acordo com o público-alvo. Isso acontece porque as situações que permeiam a vida dos jovens PIEF são consideradas problemas complexos, intrinsecamente ligados ao percurso escolar e social desde a infância.

CATEGORIA 3.1: COMPORTAMENTO

Com o intuito de verificar um meio que concilie o comportamento como um aliado para o processo de ensino aprendizagem, faz-se fundamental identificar como os alunos com o perfil característico dos PIEF lidam com as regras e com o autocontrole, justificado por ser uma problemática constantemente referida nos diversos relatórios destes alunos durante o percurso escolar.

Quadro 17-Cumprimento das regras dos alunos

DIRETOR	“A escola é o único sítio que em certa medida a vida lhes impõe regras, e eles não estão acostumados a respeitá-los e por vezes leva a comportamentos que fogem das regras e do regulamento, mas como eu disse no início da questão, nada que nos surpreendêssemos, pois eu já estava à espera que assim fosse. E apesar, eu sei que em sala de aula alguns professores sofrem, eu sei que alguns professores sofrem com a linguagem obscena, com a linguagem indecorosa, com o desrespeito, mesmo assim em termos de participações e queixas acho que foi menos do que aquela que eu estava à espera.” (Diretor)
TEMM	“Este tipo de aluno quando estão todos juntos, é uma bomba relógio [...]” (TEMM)
TIL	“[...] o que está por traz desses maus comportamentos é o percurso de vida que eles têm, a carência de afeto que tem e toda a falta de estrutura familiar, social, enfim, todos os baixos que tem na vida.” (TIL)
	“Entram quando querem, saem quando querem, partem uma coisa se lhes apetece, tem que pagar se os pais não aparecerem, nada acontece, ou seja, acho que eles dominam e se eles quiserem boicotar uma aula boicotam. Não vêm se não querem, e portanto acho que o comportamento é dominador.” (P1) “[...] deixa muito a desejar porque quando há alunos que querem fazer alguma coisa, imediatamente há uma outra parte da turma que impede que isso aconteça. E por muitas estratégias que o professor utilize acaba por não surtir efeito, porque realmente existe alunos que simplesmente não querem estar ali, [...]” (P2) “[...] digo que é o “jamais visto” é no sentido do professor querer falar com eles e eles estarem numa postura de total alienação, de total ignorância do professor. Não

PROFESSOR	<p>ligando rigorosamente. Nós nos aproximamos fisicamente deles, eles viram as costas e tornam a falar com outro que está em outro sítio da sala. Não acatam nossas sugestões, nossas ordens. Não trazem material nenhum. O material que lhes é dado na aula, viram bolas de papel, e aviões. Não há ninguém com o dossiê da disciplina minimamente organizado. Chegam atrasadíssimos, quando chegam querem logo sair.” (P3)</p> <p>“A escola não é reconhecida como um fator de autoridade, penso na escola como vou ao jardim, só que não estrago o jardim, estrago a escola.” (P3)</p> <p>“Os alunos que não têm conhecimento das regras e quando têm não as cumprem, muitas vezes eu diria minimamente.” (P7)</p> <p>“[...] o que todos nós professores pretendemos deste tipo de alunos é que inicialmente no contexto de escola saibam respeitar as pessoas e o patrimônio. Dentro da sala de aula é a mesma situação, ou seja, sabendo à partida que por não ser pelo menos alguns alunos de maneira conflituosa, mas tem que saber estar. Há condições em que eles tem que conhecer e respeitar, não podem, cada um fazer aquilo que quer e que lhes apetece, e porque é uma sala de aula e com todos os efeitos às vezes é necessário cumprir regras.” (P7)</p>
-----------	--

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Da análise das entrevistas e dos diários de campo, verificou-se que um dos fatores mais fortes e presentes na característica dos alunos PIEF é a questão do não cumprimento das regras. Foi relatado no diário de campo, em circunstância da primeira reunião, em que o diretor da escola “chamou a atenção para o compromisso da instituição. Alertou pais e encarregados de educação sobre as suas responsabilidades e as responsabilidades dos jovens, no processo de ensino aprendizagem.[...] evocando, dos alunos, o respeito para com as pessoas e o cumprimento das regras” (Anexo I).

Pôde-se observar que, em muitas situações, a falta de respeito dos alunos era para consigo próprios, os colegas, técnicos e professores. Tornou-se comum presenciar o não cumprimento do horário da entrada e saída das aulas e o uso de palavras de baixo calão. A recusa em participar das atividades propostas também foi uma constante. Ao abordar essa questão o TIL, referiu os alunos como sendo mau-comportados e que, por vezes, assumem “comportamentos desadequados, disruptivos, para que, realmente, possam chamar atenção de alguém, neste caso, os professores, toda a equipa pedagógica em geral, equipa docente, não docente da escola, e outros colegas de alunos”.

Como forma de combate ao mau comportamento e na tentativa de criar um sistema de cumprimento de regras, cotidianamente havia a reafirmação de determinadas regras básicas de convivência na escola, como bem relatado no diário de campo: “[...] pela manhã, é necessário lembrá-los do cumprimento das regras, iniciando pelo celular (telemóvel) que não pode ser levado para a sala de aula. Isto porque, mesmo sob orientação, eles insistem, sendo necessário ir até a sala para recolher. Nesse momento, há sempre um ou outro que insiste em não entregar” (Anexo I).

Havia sempre a negociação entre os técnicos e os professores para com os alunos, pois a regra é clara de que na sala de aula não se pode ter o celular. Algumas vezes determinados alunos chegavam a entregar o aparelho, entretanto, havia um outro no bolso que, durante a aula era tirado e causava transtornos, pois, além das ligações, e troca de mensagens de texto, ouviam música.

As medidas utilizadas pela escola para aplicar punições pode-se considerar que não causaram grande efeito, uma vez que mesmo com as punições, o comportamento disruptivo permaneceu durante todo o programa, o que podemos considerar uma fragilidade que, segundo os relatos dos professores e técnicos, dificultou muito a aprendizagem.

Relativamente aos pais e aos encarregados de educação, estes muitas vezes foram os causadores dos problemas, pois, de acordo com a nossa observação, agiam, continuamente, no sentido de ocultar o comportamento disruptivo dos filhos. Presenciou-se a ausência dos encarregados de educação que, muitas vezes, eram convocados a vir à escola, e não compareciam; no entanto, quando o faziam, em alguns casos, demonstravam desconfiança face à versão do docente relativamente ao comportamento dos filhos.

Para o Diretor da escola “na estrutura familiar tem-se pais permissivos, pais praticamente ausentes, cada um dos miúdos se habitua a fazer o querem, quando querem e depois tu levas a pensar que mandam nos professores, que mandam na polícia, que mandam no juiz, mandam em toda gente”. Segundo o Técnico EMM trabalhar com esses pais e encarregados de educação “[...] por vezes é muito difícil, porque são pessoas que muitas vezes não valorizam a escola”.

Nesse contexto, a opinião do P1 é taxativa: “zero na relação com os encarregados de educação. Não acredito nela e ao longo de todos estes anos ter sido diretor de turma de muita gente, e de tutora de muitos alunos e de ter acompanhado em tribunal e outras coisas, e portanto, eu não acredito no sucesso destes alunos a partir da responsabilização da família”.

Ressalta-se que na percepção dos sujeitos entrevistados há um consenso no que diz respeito à postura dos pais e dos encarregados de educação com relação à escola. Estes não colaboram ou, colaboram muito pouco. Constatação que aumenta substancialmente o trabalho e a responsabilidade da escola no processo de (re) integração dos alunos.

Um estudo publicado pela UNESCO (2011, p.7), em parceria com o Ministério da Educação do Brasil (MEC), sobre a interação Escola-Família, elenca uma função entre muitas: aluno deve ser olhado no seu contexto mais amplo, entendendo que quando a escola o conhece e o compreende, há uma melhoria da habilidade de comunicação e de adequação das

estratégias didáticas dos mesmos, resultando no aumento das chances de um desempenho escolar com sucesso.

A mera constatação dessa estreita correlação entre mundo familiar e mundo escolar não basta para mudar o quadro tão antigo e atual da conversão das desigualdades sociais em desigualdades escolares. Na perspectiva de uma educação de qualidade para todos, essa situação precisa ser enfrentada, pois a escola pública eficaz deve ser capaz de ajudar a garantir a cada um de seus alunos, independentemente das condições de seu grupo familiar, o direito de aprender.

Compreende-se não ser fácil, mas acredita-se ser possível promover alguma transformação positiva nesses alunos atendidos pelo PIEF, pelo papel que a escola desempenha na construção do cidadão, mesmo tendo em conta as limitações da relação escola-família e do cada vez mais precário investimento do Estado em iniciativas de índole socioeducativas como esta.

Conforme Fonseca (2000), a construção do cidadão passa por diversas influências e diversos contextos em que o indivíduo habita.

Quadro 18-Autocontrole

DIRETOR	“Para o tipo de alunos que são, acho que os comportamentos estão dentro da normalidade, também há outros que têm também a questão social atrás de si, a desestrutura familiar existente e inexistente, que na maior parte dos casos é inexistente.” (Diretor)
TEMM	“[...] não vale a pena estarmos a mentir porque não são turmas aceites, são turmas muito complicadas, devido à falta de competências ao nível das competências pessoais e sociais. Isso traz muitos comportamentos disruptivos do exterior da escola que depois se reflete dentro da sala de aula e para um professor não é fácil aceitar de bom grado dar aulas a turmas que estão sempre no fio da navalha. Nunca se sabe o que vai resultar dali, pode levar uma aula muito bem preparada mas não conseguir nem se quer iniciar a aula.” (TEMM)
TIL	“Há imensa rebeldia, há imensa necessidade de se manifestarem sempre pela negativa, por manifestas características de oposição. Eles têm sempre a necessidade de se revelar pela negativa. Esses miúdos são extremamente carentes de afeto e não sabem como demonstrar isso, portanto eles negam o afeto que lhe possam vir a dar, só mesmo com uma relação de muita confiança, que eles demonstram realmente que precisam desse afeto e aceitam esse afeto.” (TIL)
PROFESSOR	“[...] eles não têm o mais pequeno autodomínio, nem a mais pequena autocensura, o que eles têm a dizer, dizem.” (P3) “Perdemos um pouco o controlo e por mais que nós tenhamos conseguido em um espaço normal, fora desse espaço de aula, eles acabam por ter comportamentos e, às vezes, até de vandalismo. Até hoje não fazem o transporte, não conseguiram fazer o transporte de dentro da sala para o espaço autónomo. De vez em quando fazem aqueles buracos nas paredes, ainda agora entramos aqui e estavam aqueles buracos nas paredes, as pegadas marcadas nas paredes.” (P5) “O comportamento é muito mal. No início muito mal. Alguns continuam muito mal, outros passaram a mal e, outros podemos considerar muito bons, portanto, houve sem dúvidas uma evolução em alguns alunos.” (P6) “Claro que isto é um trabalho de equipa e não basta só falar com os alunos. Há todo

	<p>um conjunto de pessoas, de professores, toda uma equipa que é necessário juntar e reunir com uma regularidade para que tenhamos algum <i>feedback</i>, caso contrário cada um isolado por si não resolve e não dá os resultados que todos nós ambicionamos.” (P7)</p> <p>“E os alunos não sabem ouvir, e querem dar a sua opinião sobre tudo e pensam a partida que podem fazer seu próprio regulamento, e isso não pode acontecer, [...]”. (P7)</p> <p>“São comportamentos complicados, [...] apresentam características muito negativas, muitos problemáticos, em que temos que perceber o porquê dos problemas, temos que analisar, temos que encontrar soluções, [...]. Também temos que os ajudar, temos que refletir em conjunto, dar entender o problema que está a existir, e deles perceberem o erro que estão a cometer e ajudar a mudar.” (P9)</p>
--	--

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Frequentaram durante o ano letivo 2011/2012 o total de onze (11) alunos e, em todos, pode-se constatar situações em que não foi possível manter o controle. Fatores como a dificuldade de concentração e a violência direta estiveram presentes em diversos momentos da vivência com os alunos. Ao analisar-se os processos escolares pode-se identificar que essas duas vertentes estão presentes em diversos momentos da vida dos jovens.

No ambiente familiar, as condições socioeconómicas são desfavoráveis, sendo famílias beneficiárias de Rendimento Social de Inserção (RSI). Três dos alunos são de etnias ciganas (J1, J3 e J8), quatro alunos foram retirados da família (J6, J7, J8, J9), e manifestaram em conversas informais que sofriam muito pela retirada. Dois destes (J7 e J9) rejeitavam e não aceitavam a instituição, tendo sido os mesmos transferidos para centros educativos fechados. Relativamente ao J9

À medida que foi conquistando a confiança de todos e principalmente dos colegas de turma, foi revelando desinteresse pelas atividades, assumindo postura desestabilizadora, perturbadora e revelando a sua teimosia. Comportamento hostil, desafiante, aparentemente recentido com nada e com todos, desafiando permanentemente ou recusando simplesmente o cumprimento de qualquer tipo de regras, rejeitando qualquer aproximação, nem que fosse de reforço positivo e ignorando a figura do professor (Anexo I).

A partir da análise do processo do J5 “fica evidente que o jovem não aceita regras impostas por ninguém, mostra-se muito revoltado e agitado. Além disso, tem problema em assumir os erros, responsabilizando sempre os outros pelas suas atitudes. O que se percebe é que a mãe o protege”. No caso do J6, “a família é de origem bastante disfuncional, o que contribui para a instabilidade emocional do jovem que, também, é enquadrado por comportamento desviante” (Anexo I).

No processo escolar dos alunos J2 e J4, foi evidenciado a falta de concentração para as atividades propostas pela escola. O comportamento do J4 é classificado como desviante, antissocial e desestabilizador. No J4 foi diagnosticado depressão e instabilidade emocional. Os dois alunos são gêmeos, e a mãe já verbalizou em reuniões nesta turma PIEF, não saber lidar com os problemas dos filhos. Ao acompanhar o grupo turma, presenciou-se, por diversas vezes, a retirada do aluno J10 da sala de aula, que assumiu agir mal por estar “enervado”. Por vezes, assumiu a falta de controle e, em outras, apenas reafirmava que estava bem e que não achava ter agido mal.

O J11, a partir do processo escolar e das observações na turma, demonstra ter muita dificuldade de conviver com os pares. Por diversas vezes, foi necessário o técnico ou o professor intervirem na relação do aluno com os colegas da turma. O aluno faltou muito às aulas, e a mãe quando contactada pelo TIL ou pelo Diretor de Turma, usou sempre de justificativas sem grande relevância. Para além das situações referidas, sendo estas, muitas vezes comuns e peculiares a cada um, a maior parte do grupo adota comportamentos de risco, fazendo uso de drogas lícitas e ilícitas. Têm os pais separados, alguns pais encontram-se com irregularidade judicial, estando, pois, em sistema prisional. Alunos que já sofreram ou presenciaram situações de violência. E de modo geral, alunos com percursos de vida e escolar marcados por problemas e situações de exclusão.

Quadro 19-Informações gerais sobre os alunos

Sujeito	Entidade que acompanha o aluno	Encarreg. de educação	Ingressou desde o início do funcionamento da turma	Permaneceu até ao fim do ano letivo na turma PIEF	Motivo da não permanência	Certificação
J1	CPCJ	Mãe	Sim	Sim		Não
J2	EMAT	Mãe	Sim	Sim		Sim
J3	CPCJ	Mãe	Sim	Sim		Não
J4	EMAT/DGRS	Mãe	Sim	Sim		Não
J5	EMAT	Mãe	Sim	Sim		Não
J6	EMAT	Tutora da Inst.	Sim	Não	Alteração da medida aplicada	Não
J7	EMAT/DGRS	Tutor da Inst.	Sim	Não	Alteração da medida aplicada	Não
J8	EMAT	Tutora da Inst.	Sim	Não	Ajustamento de resposta educativa	Não
J9	EMAT/DGRS	Tutora da Inst.	Não	Não	Alteração da medida aplicada	Sim
J10	EMAT/DGRS	Mãe	Não	Sim		Não
J11	EMAT	Mãe	Não	Sim		Não

Com esta abordagem acerca do percurso vivido pelos alunos, é fundamental identificar situações que possam contribuir junto aos professores e técnicos, no sentido de intervir, a partir da necessidade e carência de cada um,

Para o Diretor, por exemplo, estes alunos têm percursos escolares chamados de irregular, com reprovações, desinteresse e desmotivação pela escola. Fatores que geram e contribuem para os comportamentos inadequados. Para o Diretor além disso,

a escola pode contribuir com boa vontade em reconstruir personalidades, em transmitir valores e princípios. [...] E a escola tem corpo docente que quer colaborar e que quer ajudar, que quer reconstruir, tem espaço para os acolher, tem um ambiente interno, e quando digo interno é o comportamento dos outros alunos que prima pela tolerância, pelo respeito e pela compreensão.

Na visão do Técnico EMM, não se pode tratar de uma doença quando a mesma encontra-se em um estado muito avançado, pois as chances de cura serão poucas. Portanto, o mesmo acredita “num investimento precoce e não nesta fase em que eles já são adolescentes, adultos. Possuem muitas experiências fora da escola que, para eles, são muito mais interessantes que a escola, que não lhes diz absolutamente nada”.

Para o TIL, a partir da entrevista foi dito que o pessoal docente e não docente gostam dos alunos. Que estes são vistos “[...] de uma forma carinhosa, eles acreditam nesses alunos, eles acabam por perceber que são o que são realmente no dia a dia, mas também que são capazes de se reintegrar”. Acrescenta o P2 “[...] que todos fazem um certo esforço para transformar o trabalho que fazem, em algo de bom para os miúdos, algo positivo para eles”.

A relação dos alunos com os técnicos e professores foi permeada de conflitos. Da parte dos alunos não havia um respeito pela autoridade do professor, e este por mais boa vontade que tenha, não conseguiu avançar. A instabilidade é uma das marcas observadas na personalidade deste grupo turma, e constitui um fator condicionante para o não desenvolvimento da aprendizagem por parte dos alunos.

CATEGORIA 3.2: APRENDIZAGEM

Para além de garantir a escolaridade obrigatória, o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) pretende desenvolver a aprendizagem cognitiva e as competências pessoais e sociais dos alunos. Neste sentido, torna-se pertinente refletir sobre a percepção dos docentes

acerca destas aprendizagens, identificando os avanços e retrocessos, além das suas percepções, relativamente ao processo de construção das aprendizagens.

Quadro 20-Aprendizagem cognitiva

PROFESSOR	<p>“[...] os conhecimentos que alguns já possuíam, conseguiram aplicá-los ao longo das fichas que foram ensinadas. Também sinto que alguns embora de uma maneira muito rudimentar, conseguiram aprender algumas coisinhas novas, embora poucas.” (P2)</p> <p>“Foi muito pouquinho. Ao nível do conhecimento científico na disciplina que leciono: rudimentar. Rudimentar. São resíduos que ficam lá e pouco mais.” (P3)</p> <p>“Quando eu olho para traz e vejo por exemplo uma J3 que não trocava uma palavra de relacionamento comigo, ou quando eu lhe fazia uma proposta de trabalho, ela nem reagia, não tinha a mínima reação e quando eu por exemplo hoje lhe expliquei a atividade e consegui fazer dois exercícios de forma autónoma, tem que considerar que houve evolução. Quando olho para o percurso do J10, um percurso conturbado de desafios constante, de contraposição a tudo, o facto dele neste momento estar até preocupado, porque está muito à frente dos outros, mas porque que eu não hei de fazer só as mesmas fichas que os outros fazem, porque que eu hei de andar a fazer fichas mais avançadas.” (P5)</p> <p>“Em termos de aprendizagem, houve avanços sim, sou franca que se passasse um teste de avaliação tenho algumas dúvidas que eles conseguissem fazer, porque eles ainda não cresceram o suficiente. Mas aprenderam, por exemplo, já conseguem fazer uma ficha, ler um texto e com ajuda ir ao texto e ir buscar pistas para as respostas, já se motivam por terem um caderno em ordem.” (P6)</p> <p>“[...] eles tem que ser mais cumpridores, desde logo vir mais às aulas, esses tipos de alunos, de uma forma geral faltam muito às aulas, e não tem qualquer tipo de preocupação em justificar as faltas.” (P7)</p> <p>“[...] foi muito pouco.” (P9)</p>
-----------	--

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Como bem referiu o P9 “foi muito pouco” o desenvolvimento da aprendizagem cognitiva, mas que nem por isto podem ser ditas como não significativas.

Nas observações participantes em sala de aula, pode-se ser registradas situações das mais diversas, que consideramos ter implicação com a aprendizagem cognitiva do aluno.

A fragilidade emocional e a carência afetiva é algo gritante nos jovens PIEF. A sensação que se tem é que, cada jovem construiu um “muro”, funcionando como uma espécie de proteção para não serem atingidos por novos conhecimentos, sendo capazes de, minutos depois de resistirem a participar de uma atividade, cederem facilmente. O “muro” que, por vezes, parece ser alto e resistente é, na verdade, muito frágil. Apesar de, inicialmente, muitos se recusarem a realizar as atividades, com muita insistência e motivação os professores [...], conseguiram cumprir com o que havia planejado para a aula.(Anexo I)

Dentro do desafio docente, acreditamos ser pertinente elencar Sollé (2001) e Gadotti (2002), que consideram a proximidade na relação afetiva entre professor e aluno como uma

mais-valia na construção de novos conhecimentos. Como já foi referido anteriormente, o humor dos alunos PIEF oscila muito em um curto espaço de tempo e, por vezes, tornou-se enfadonho para professores e técnicos o trabalho com eles, pois os problemas foram repetitivos e os avanços poucos.

A partir das observações *in loco*, identificou-se que o nível de exigência dos professores com relação aos alunos era demasiado alto. Havia uma cobrança pedagógica para que a intervenção docente causasse grandes transformações em curto espaço de tempo. Neste sentido, o Técnico EMM alertou os professores para que diminuíssem a exigência e começassem a perceber os avanços nas pequenas coisas. Avanços ocorridos, pois, mesmo com algumas resistências, os alunos em alguns momentos integravam a atividade, e essa era realizada com sucesso. Ressaltamos a discrepância entre a habilitação do aluno e o nível de conhecimento que eles demonstraram possuir.

Percebeu-se um avanço e um aprendizado também por parte dos professores. Na ocasião da primeira reunião com a equipe pedagógica as falas dos docentes centraram-se em lamentações. Não havia, segundo eles, condições de desenvolver qualquer trabalho. Explicitamente, no início do programa, houve um choque por parte da maioria dos docentes, pois eles não concebiam a ideia de trabalho com as características que os alunos PIEF vinham a apresentar: forte rejeição às propostas, indisciplina, não cumprimento das regras, etc.

E no decorrer das outras reuniões durante o ano letivo, a postura do professor era outra. Apresentavam-se reclamações, dificuldades, mas também preocupações, reflexões e propostas. Havia um planejamento que ia de encontro aos pontos positivos e negativos encontrados no trabalho com o PIEF.

Foram desenvolvidas durante o ano letivo atividades em que se conseguiu atingir a proposta da aula. Em ocasião da aula de Ciências Físicas e Naturais, registrou-se que “para estudar o movimento da Terra, do Sol e da Lua, o professor apontou para as fases da lua e as estações do ano. Os alunos participaram, respondendo as questões colocadas”. Um aspecto negativo com relação ao desenvolvimento da aprendizagem cognitiva dos alunos é o fato de não haver uma continuidade das atividades. Essas não acontecem porque os alunos faltam muito e, outras vezes, não estão colaborativos. Sempre houve imprevisto que dificultou ou impossibilitou um trabalho contínuo.

O reforço dos comportamentos positivos foi percebido como um mecanismo positivo para motivar o aluno no processo de ensino aprendizagem. A esse respeito, o professor de matemática entra na sala, entrega uma avaliação ao J9, que fora realizado na última aula.

Orgulhoso, J9 exibe o seguinte recado do professor: “realizado de forma autônoma. Revela boas competências de percepção. Deve aplicar-se mais e de forma mais regular. Muito bem!” (Anexo I).

Conforme Antunes (2002), a aprendizagem escolar deve ser vista como um processo conjunto, onde professor e o aluno compartilhem a conquista do progresso e da autonomia de resoluções de tarefas. Essas por vezes serão transformadas em conhecimento.

Quadro 21-Competências pessoais e sociais

PROFESSOR	<p>“[...] eles se portam mal porque querem e já tem consciência disso. E há situações em que se eles quiserem não se portam mal. [...] eles conseguiram no mínimo relacionar-se entre si e conseguiram no mínimo gostar de nós, porque eu acho que eles gostam de nós, isso aí eu não tenho dúvidas, podem não demonstrar nem nada disso, mas acho que gostam. [...] Estes alunos continuam a faltar, a não ter material, salvo algumas exceções, mantêm os comportamentos que os fizeram ser alunos PIEF.” (P1)</p> <p>“[...] houve alguma evolução e por diversas vezes ao contrário que não faziam no início, já dão a sua saudação, já dizem bom dia, boa tarde. Sim, já houve alguma evolução.” (P2)</p> <p>“[...] o que foi investido nestes alunos não corresponde à melhoria que seria esperada.” (P3)</p> <p>“Eu penso que os alunos que não atingiram nenhum desenvolvimento ao nível das competências sociais e pessoais, são não, a nível nenhum.” (P6)</p> <p>“Houve uma evolução no saber estar, de forma geral em todos eles, uma atitude diferente, sabem comportar-se de forma diferente, [...].” (P7)</p> <p>“Mínimas das mínimas, mas pelo menos ficou neles essas competências mínimas.” (P9)</p>
-----------	---

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Pela característica dos alunos PIEF, era esperado pelos técnicos e professores, que os comportamentos fossem disruptivos, perturbadores, etc - fato que superou o esperado, uma vez que, além de indisciplinados, em alguns momentos, os jovens foram violentos quando, agindo individualmente e em grupo, “destruíram equipamentos e depredaram a escola, quebrando os vidros das janelas, espelhos dos banheiros, arrombando portas, estragando fechaduras, fazendo buracos nas paredes da sala e queimando, com isqueiro, as mesas” (Anexo I).

Os comportamentos de alguns contribuem e estimulam que outros também os imitem. Situação que, infelizmente, foi presenciada na maioria das vezes pela negativa. “Os alunos persistem na resistência em não participar das atividades. Em alguns momentos, sente-se um corporativismo no grupo, e em outros não, é cada um por si” (Anexo I). Cada vez que o aluno não se integra na atividade proposta considera-se que as estratégias de intervenção precisam de reflexão, no sentido de uma reformulação. O saber estar na sala de aula foi uma questão

que inquietou os professores do primeiro dia de aula ao último. Houve momentos em que foi impossível e impensável determinados acontecimentos para uma escola.

Em ocasião de uma das reuniões com os alunos e a equipe pedagógica, o “P5 disse ser desgastante e frustrante o trabalho com essa turma PIEF, e o P3 disse ser uma tortura. Já P2 referiu que lamenta a não valorização dos jovens, no que diz respeito ao trabalho que a escola tem realizado”. Nessa mesma reunião observou-se as falas dos dois técnicos que acompanham este grupo turma:

O técnico EMM propôs que, em conjunto, fossem definidas regras e estratégias para uma possível mudança de comportamento. Se não existir um cumprimento das regras, vão-se os limites, lembrando ainda que os documentos de compromisso, assinados pelos alunos frente ao tribunal, não estão sendo seguidos. O técnico sugeriu que o grupo de alunos assumisse um compromisso entre os que querem tentar uma postura de mudança e os que não querem. Todos os alunos optaram por querer assumir o compromisso, que se firmou em quatro tópicos: assiduidade, pontualidade, comportamento e respeito. O TIL deixou bem claro que o dia a dia tem sido muito complicado, pois há um acompanhamento constante e não se percebe avanços (Anexo I).

É nesse contexto que os avanços identificados são pequenos. Coisas simples, como foi referido pelo P2 quando cita que o aluno passou a saudar as pessoas com um bom dia, uma boa tarde.

Uma das questões presentes no saber ser e estar desses jovens é a falta de afetividade que eles apresentam. O ambiente familiar como já foi referido não lhes oferece ou ofereceu um baixo nível de afeto. Para o TIL a relação de proximidade e confiança que os alunos podem vir a estabelecer na escola favorece o desenvolvimento das competências pessoais e sociais. “É uma forma deles chegarem à escola e tenham alguém pra dizer diferente, que os acompanha e os ouve, que conversa com eles informalmente, os entende basicamente como eles são, e os percursos de vida que eles têm e as problemáticas que eles têm”.

Muitas foram as vezes que presenciou-se o TIL chamar o aluno à parte e conversar. Essas conversas, longas ou rápidas, mas sempre marcadas pelo desabafo ou a resistência. O aluno resistia em não falar nada e ignorava a atenção do TIL, e em outras situações era um confessor dos conflitos e de tantos problemas. A figura do TIL no programa é de fundamental importância, pois busca estabelecer uma confiança e maior proximidade com os alunos e com as famílias.

Mais uma vez a questão da expectativa se faz necessário, e se traz o P7 quando diz que é “lamentável para um professor dizer que não houve avanço. Haver avanços existe, resta

saber se é aquele que para nós existe. Enfim, ambicionamos face à nossa própria expectativa naturalmente, e nunca corresponde totalmente à nossa expectativa”.

DIMENSÃO 4: CONDIÇÕES DE AÇÃO

Avaliou-se as condições de ação em que o programa PIEF se propôs na turma em questão. Sobretudo, através da identificação a partir de alguns aspectos, como: Organização; Espaços e Materiais; Parceiros. A avaliação foi feita pelo Diretor da Escola, o Técnico de Intervenção Local (TIL), o Técnico da Equipe Móvel Multidisciplinar (EMM) e pelos professores. Propõem-se, para isto, uma análise a partir das entrevistas e das observações nos diários de campo.

CATEGORIA 4.1: ORGANIZAÇÃO

Quadro 22-Visão acerca da organização de funcionamento do PIEF

DIRETOR	<p>“Mas a escola mesmo tendo um conjunto de docentes bem intencionados, à escola faltam recursos, sobretudo no âmbito da psicologia, da assistência social e essa é a principal dificuldade.” (Diretor)</p> <p>“A maior dificuldade que sinto nesta relação organizativa, é efetivamente nós pertencermos, e somos uma estrutura do Ministério da Educação, a quem temos de prestar contas, e de repente temos também o Ministério da Solidariedade e depois sinto algumas dificuldades em saber quem me dar instruções, [...]” (Diretor)</p> <p>“Procuramos isolar os meninos, isolar não no sentido discriminatório, não, não, não é nada disso. Foi isolar no sentido de salvaguardar os interesses escolares dos outros alunos das outras turmas e ao mesmo tempo salvaguardar os objetivos do PIEF desses alunos, daí polos em um bloco sozinhos. De maneira que a parte social e comportamental pudesse ser trabalhada por todos os intervenientes sem que perturbassem, porque a partida sabíamos que eles iam ter momentos de roer, de barulho, e portanto queríamos que eles não perturbassem os outros alunos, o direito dos outros alunos a aprendizagem, e ao mesmo tempo dar-lhes a possibilidade de esses meninos da escola lhes dar mais uma possibilidade e de atingirem a certificação.” (Diretor)</p>
TEMM	<p>“[...] não sei se é a melhor metodologia juntar alunos com problemáticas tão específicas, e ao mesmo tempo tão dramáticas mesmo, se será a melhor solução. Porque agressividade puxa agressividade e às vezes é muito complicado gerir esses conflitos entre os jovens, e essencialmente dentro da sala de aula.” (EMM)</p> <p>“Dentro da escola este projeto específico tem algumas características negativas, pois o projeto iniciou depois do arranque do ano letivo, não houve possibilidade de uma preparação, ou seja, estes projetos podem ter dois professores destacados a tempo inteiro e um técnico. O que aconteceu foi que como iniciou no dia 24 de outubro, os horários já estavam feitos e a fase dos destacamentos já tinham passado e, portanto, esta turma acabou por funcionar com as boas vontades de alguns professores que fizeram algum horário, que, de certa forma, pudessem dar alguma resposta a algum destes alunos, como por exemplo terem três professores voluntários e desdobarem a turma, e muitos deles darem horas gratuitamente. A técnica inicialmente não foi atribuída, e tivemos que ir buscá-la de outro projeto</p>

	que tinham poucos alunos. [...]” (TEMM)
TIL	“[...] eu acho que seria importante é a nível de condições para trabalhar de forma mais intensa, e dar resultados aos trabalhos com estes jovens seria realmente proporcionar na escola outro tipo de atividade, outro tipo de dinâmicas, outra metodologia de ensino também, portanto mudar a mentalidade de professores de toda comunidade escolar e precisava-se de mudar muito as muitas coisas na escola. Essa metodologia a utilizar por estes alunos não é fácil de conseguir, portanto não há uma receita que se diga, vamos trabalhar com estes meninos desta forma, assim, assim, assim. Cada turma é diferente, os professores também são diferentes, mas há de chegar a um consenso que o trabalho de equipa é fundamental.” (TIL)
PROFESSOR	“Eu sinto-me apoiada pela equipa que está no gabinete, sempre que tenho pedido ajuda tem sido correspondido.” (P2) “Pelo grupo, pela equipa pedagógica, pelo PIEF para falar da técnica, dos professores que acompanham o conselho de turma, pela responsável fora da escola, temos todo apoio. Eu tenho sentido apoio, quanto mais não seja solidariedade. Ao nível da direção da escola, acho que a escola aceitou a turma, pô-la num gueto, num sítio afastado, penso que não saberá muito bem o que passará lá dentro. E ver aqueles alunos como algumas coisas que temos que aturar, mas que não consideram propriamente alunos da escola.” (P3) “[...] os professores apoiam-se minimamente uns aos outros e disponibilizaram inclusivamente para fazer parcerias, têm procurado diminuir suas ansiedades e suas dificuldades e colaborarem entre si. Se perguntarmos se podíamos funcionar de forma mais organizada, mais estrutural, mais conjugada, acho que sim. [...] Se falarmos na coordenação local do PIEF, tem havido uma grande correspondência, não digo o máximo porque se calhar não estão preparados para este máximo. [...] Da direção da escola, acho que não podia ser mais negativa do que aquilo que tem sido, não tem havido a mínima compreensão, alguns dos problemas com alguma boa vontade da direção e acho que poderiam ter sido se não ultrapassado pelo menos diminuído e a perspectiva foi sempre mais ou menos de rejeição do projeto”. (P5) “Sinto que há aqui o espírito PIEF, e acho que o grupo de professores com maior ou menor facilidade e dificuldade acho que criou um bloco muito positivo”. (P6)

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Avaliando as condições de ação do programa, o Diretor faz uma análise do que falta à escola, tendo referido a carência de profissionais no âmbito da psicologia e da assistência social, onde esses seriam uma mais-valia para atuar especificamente no processo de (re) integração escolar do jovem PIEF. Ao nível da organização, diz ter tido dificuldade em receber ordens do Ministério da Solidariedade, este tendo responsabilidades com o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), enquanto a escola encontra-se subordinada ao Ministério da Educação.

Avaliando a organização no que concerne à escola, o Diretor explica a escolha do espaço para o funcionamento da turma PIEF, motivo pelo qual os professores se manifestaram contra. Para o Diretor “isolar” os alunos em um bloco separado, favorecia a metodologia pedagógica, porque segundo o Diretor,

sabíamos que eles iam ter momentos de roer, de barulho, e portanto queríamos que eles não perturbassem os outros alunos, o direito dos outros alunos a aprendizagem, e ao mesmo tempo dar-lhes a possibilidade de esses meninos da escola lhes dar mais uma possibilidade e de atingirem a certificação. De atingirem ou melhorarem os comportamentos através da ação da escola, [...] e procurarmos conciliar e por acaso a escola tinha essas condições que permitia fazer isto e foi isto que tentamos fazer. Efetivamente, por um lado os objetivos para eles e por outro lado os objetivos para os outros alunos e foi explorando as possibilidades da escola, que viabilizamos isto.

Relativamente aos Técnicos EMM e TIL, concordam que tem de haver um trabalho conjunto para se conseguir resultados positivos com os jovens. Para o TEMM a medida PIEF deve repensar a metodologia de trabalhar com os jovens de maneira separada. O aluno é inserido na escola e não há uma integração com “o mundo escolar”, pois o programa é direcionado para um trabalho, onde forma-se a turma a partir das características destes. E na opinião do Técnico EMM, se estas características na grande maioria forem marcadas por aspectos negativos e, sabe-se que são, fator que fortalece e potencializa cada vez mais a persistência dos comportamentos de forma negativa.

Na percepção do TIL, a escola deve acreditar mais no processo de mudança dos jovens. Deve olhá-los sem os estereótipos que os mesmos já trazem e, partir disto, desenvolver um trabalho pedagógico com dinâmicas diferenciadas. O mesmo diz não ser fácil, não haver receitas, mas com um esforço e uma metodologia que sejam desenvolvidos em conjunto, acredita que surtirá efeito positivo.

Quanto aos professores, P2, P3 e P5 referiram sentir apoio às condições de trabalho que os Técnicos EMM, TIL, juntamente com o Diretor de Turma tem prestado ao programa. Da mesma maneira os professores manifestam sentir-se apoiados uns pelos outros.

De modo geral, a análise se deu da seguinte maneira: o TIL reflete a atuação dos professores. Estes tecem crítica à direção da escola, que por sua vez, tece crítica à estrutura do Programa. Por fim, o Técnico EMM se posiciona em uma abordagem que ressalta na opinião dele, falhas do PIEF, e relata situações relativamente ao desenvolvimento das suas funções: diz que não houve possibilidade nessa escola (D. Dinis), de uma maior preparação antes de iniciar o ano letivo deste grupo turma, ressaltando ainda que o mesmo iniciou após o ano letivo da escola.

CATEGORIA 4.2: ESPAÇOS E MATERIAIS

Quadro 23-Visão acerca dos espaços e materiais

PROFESSOR	“[...] na organização do espaço, não pode haver uma sala em que está a TIL, o Diretor de Curso, e ser o mesmo sítio onde os alunos guardem as coisas, onde recebem ralhete, onde elas estão a trabalhar coisas de privacidade, onde tem o seu computador aberto. Tem que haver uma demarcação dos espaços de forma diferente. Nós próprios não deveríamos estar nos reunindo na sala deles, tem que haver um espaço em que os professores têm que estar a conversar, trocar ideias. Tem que haver um conforto e não há. Estes professores, todos precisam, tanto os técnicos que trabalham com este tem que haver um conforto adequado às exigências que esta tarefa lhes dá”. (P1)
-----------	---

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Houve situação em que no gabinete destinado para o PIEF, situado no mesmo bloco que funcionaram as aulas, estavam em reunião o Técnico de Intervenção Local (TIL), o Diretor de Turma com alguém externo à escola, e foi preciso interromper a reunião incontáveis vezes, pois, era necessário um aluno pegar uma caneta, uma folha etc ou um professor pegar algum material para ser utilizado na aula.

No espaço relativo ao funcionamento do gabinete PIEF, permaneciam durante todos os dias da semana o Diretor de Turma e o TIL. Estes, mostraram-se sempre disponíveis a colaborar com os professores e atender os alunos no que fosse preciso. A porta do gabinete era mantida sempre aberta, fato que facilitava ao Diretor de Turma e TIL perceberem as reações dos alunos durante o período em que estavam na escola.

CATEGORIA 4.3: PARCEIROS

Como sabido, o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) é um programa que pretende se desenvolver em rede, onde cada parte integre e fortaleça a proposta reintegradora do jovem. Neste sentido, a categoria parceiros para uma discussão sobre como estes, segundo avaliação dos sujeitos do nosso estudo, têm atuado e contribuído para a efetivação deste grupo turma.

Quadro 24-Um olhar sobre a atuação das parcerias no PIEF

TEMM	“As parcerias às vezes, são muito complicadas, são muito bonitas no papel, mas depois efetivamente não funcionam e acaba por todo o trabalho ser feito pela escola. E nós verificamos que na reunião de assembleia de parceiros onde deveriam estar todos os parceiros, acabaram por faltar bastantes parceiros e não é, em três reuniões de parceiros, que na verdade se planifica, se organiza o trabalho de intervenção. [...] São poucos os parceiros que entendem o trabalho efetivo que se faz na escola e as necessidades que a escola necessita. Existem bons parceiros e bom trabalho de parceria, mas outros só efetivamente só, e no papel.” (TEMM)
------	--

TIL	<p>“É extremamente importante a envolvimento dos parceiros até porque estas turmas sem parcerias não funcionavam ou não atingiriam os objetivos que são propostos de início. É necessário uma envolvimento, uma enorme envolvimento de todos e todas as parcerias que são efetivadas, porque só daí é que conseguimos tirar proveitos e facultar a estes alunos oportunidades que só, e apenas dentro da escola nós não conseguimos aos mais vários níveis desde a Comissão de Proteção da Criança e Jovens, EMAT, a Entidade Gestora, outras entidades que se venham a associar, digamos assim as turmas PIEF. Só vem contribuir para o melhor e até eu diria, bom funcionamento, excelente funcionamento, das turmas, portanto o Centro de Saúde a própria Escola Segura, o Município, portanto favorecem condições as turmas PIEF para promoverem tanto as atividades, como promoverem condições diferentes em que a escola com as suas limitações não consegue. E são eles que realmente dão muita vida e dão uma enorme ajuda às turmas PIEF para funcionarem de outra forma.” (TIL)</p>
-----	---

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Os dois Técnicos, EMM e TIL concordam sobre a importância das parcerias e a contribuição destas para o sucesso do programa. Concordam que deve haver uma atuação mais efetiva da maior parte dos parceiros, pois especificamente neste grupo turma que acompanhamos as parcerias deixaram a desejar. Como bem referiu o Técnico EMM, “as parcerias as vezes são muito bonitas no papel”.

DIMENSÃO 5: PROPOSTAS FUTURAS

A partir do funcionamento desta turma PIEF ambicionou-se identificar quais as propostas futuras que os sujeitos identificaram como sendo importantes para um melhor funcionamento do programa para os próximos anos letivos.

CATEGORIA: 5.1 ORGANIZAÇÃO

As propostas elencadas pelos diversos sujeitos envolvidos na turma na qual realizou-se o estudo, sugere para a estrutura organizativa, intervenções que possam vir a contribuir para um melhor resultado da medida aplicada.

Do nosso ponto de vista avalia-se como positivo as propostas refletidas e sugeridas pelos profissionais que atuaram nesse grupo turma. Acredita-se que educação se faz com planejamento e avaliação das ações. Os atores integrados no funcionamento desse grupo turma possuem legitimidade para propor, avaliar e (re) ver a aplicabilidade da proposta PIEF e como esta foi efetivada na Escola.

Quadro 25-Proposta futura sobre a organização

DIRETOR	
TEMM	<p>“Estes projetos para terem bons resultados, voltamos ao trabalho das parcerias. Primeiro porque este tipo de trabalho, e de investimento devia começar no pré-escolar e no 1º ciclo, e paralelamente com as famílias.” (EMM)</p> <p>“Acredito muito mais em uma metodologia de trabalho mais individualizado, em que os alunos estão integrados em turmas com outros alunos com outros tipos de comportamento que não o destes alunos.” (TEMM)</p>
TIL	<p>“A interdisciplinaridade e isso já assisti em outras turmas PIEF, funciona extremamente bem e se a equipa técnico pedagógica conseguir entrelaçar os conteúdos programáticos seria o ideal para que toda uma equipa PIEF consiga entender que as disciplinas estão interligada e que há temas comuns trabalhados em todas as disciplinas e noutra de outra fórmula e assim sucessivamente acho que facilitaria muito mais aprendizagem.” (TIL)</p>
PROFESSOR	<p>“Acho que a filosofia deste projeto é interessante, mas na realidade não há projeto nenhum que mude seja quem for quem não queira mudar. [...] Eu penso que tem de haver um envolvimento maior dos alunos na construção do projeto, do seu projeto de vida, individual e do seu projeto coletivo.” (P1)</p> <p>“[...] serem integrados durante todo o ano em determinado tipo de experiência de trabalho [...] .Eu acho que falta essa relação com as empresas que nós não temos e era importante para o projeto haver a relação com o mundo laboral.” (P1)</p> <p>“[...] em vez de ser o ensino organizado como ele está por disciplinas, ser organizado por temas. Acho que isso era realmente importante no mesmo tema, em que os professores pudessem trabalhar, cada um dirigindo para a sua matéria, mas realmente por temas era o essencial. [...] Mexer também na carga horária e nas disciplinas.” (P2)</p> <p>“Eu alterava sobretudo a integração e preparação para estes jovens no mercado de trabalho. [...] tinha que haver oportunidades para que uns estivessem a desenvolver aulas de carpintaria, outros de eletricidade, outros de mecânica, outros de cabeleireiro em função das suas competências, [...]” (P5)</p> <p>“[...] deve ser um projeto que não deve entrar de qualquer maneira. Tem que ser tudo muito bem preparado. Os professores devem ser preparados também. E claro que a preparação que tenham talvez seja completamente diferente, mas tem que haver tempo. Tempo para nos prepararmos emocionalmente, tempo para isto tudo. É um desafio muito grande, muito grande mesmo.”(P6)</p> <p>“Alterava a matriz.” (P6)</p> <p>“Não focalizar muito na teórica, mas na teórico-prática em todas as disciplinas.” (P9)</p> <p>“Que nestas turmas o programa PIEF tem que contemplar mais a componente prática de acordo com os gostos dos alunos, e articular com as futuras profissões que eles desejariam ter. No fundo, sermos os primeiros a dar-lhes uma formação base, numa determinada formação, numa determinada profissão, para que depois posteriormente eles tivessem uma formação específica nessa profissão, para depois no fim, eles tarem preparados para trabalhar no mercado de trabalho.” (P9)</p>

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Para o Técnico EMM deve-se observar como proposta futura a (re) integração desse jovem no ensino regular. Para o TIL, a escola deve canalizar organização ao nível de atividades, estas pautadas pela interdisciplinaridade como um caminho facilitador para desenvolver a aprendizagem nos jovens.

Nesse contexto o P2 acrescenta que o ensino deveria ser organizado por temas. Proposta que comunga o P1, pois o mesmo sugere a construção de projetos (individual e coletivo). Uma vertente necessária a ser mudada e/ou melhorada segundo professores P1, P5, P6 e P9 é uma maior integração do aluno em uma atividade vocacional ou profissional, como citado anteriormente.

CATEGORIA 5.2: ESPAÇOS E MATERIAIS

Entende-se espaços e matérias como sendo importantes para o processo de ensino e aprendizagem, portanto, fundamental é avaliar como aqueles, dentro da realidade PIEF, podem apresentar propostas de melhoria para o funcionamento das turmas futuras.

Quadro 26-Proposta sugerida sobre os espaços e materiais

PROFESSOR	“Dar-vos uma sala vazia e dizer, vamos agora durante a primeira semana de aula, ou 15 dias, todos juntos fazer a decoração da sala de aula de modo a que a gente goste dessa sala e que ela seja a nossa sala. [...] Até podem fazer alguma coisa que daqui a um mês não lhes diga nada, mas podemos restaurar espaços. Nós já crescemos, vamos fazer o espaço crescer connosco. Fizemos umas pinturas que não gostamos, que já não nos dizem nada e portanto agora queremos fazer outra. Porque não tatuar aquele espaço a nossa medida?” (P1)
-----------	---

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Os professores, a partir da observação participante, manifestaram não haver material didático pedagógico para trabalhar, isto de forma geral, seja específico ou não. Na opinião do P1, os alunos devem ser integrados aos espaços, sobretudo à sala de aula, buscando “tatuar” os espaços para que eles sintam a sala como sendo deles, tendo um pouco deles.

CATEGORIA 5.3: RECURSOS HUMANOS

O ser humano pode ser considerado um ser passivo ou ativo dentro do processo educacional. Este pode ter todas as condições favoráveis ao nível de recursos humanos, ou essa ser justamente uma deficiência presente no trabalho. Neste sentido, analisou-se os recursos humanos que foram disponíveis para o funcionamento da turma PIEF ano letivo 2011/2012. Observando, a partir desta vivência, propostas futuras para uma melhoria no funcionamento dos próximos anos letivos. É fundamental pensar nos recursos humanos como uma potencialidade ou fragilidade presente neste grupo turma PIEF.

Quadro 27-Proposta sugerida sobre os recursos humanos

DIRETOR	“Falta esse apoio de retaguarda, com especialista que auxiliem os professores, as escolas, e os alunos. [...] a falta de técnicos especializados, até porque nós professores, a nossa formação foi para um conjunto de alunos, eu não queria chamar a estes de anormais, mas foi para um conjunto de alunos normais. E não estou a considerar estes uns anormais, não é nada disto, portanto se nós formos passar da expressão formatados, o facto de lidar com estes alunos tal como lidar com necessidades educativas especiais, tudo que sai a média se calhar não estaríamos preparados. Uns estariam mais preparados que outros, pela sua personalidade, pela sua capacidade intuitiva e pela sua auto formação e muitos deles autodidaticamente procuraram dar respostas, mas falta os parceiros dos especialistas.” (Diretor)
TEMM	“[...] é a falta de formação que nós professores temos para lidar em sala de aula e em contexto escolar com estes alunos, e portanto não há formação.” (TEMM)
TIL	“[...] formação específica que os professores deveriam ter. [...] Seria realmente ideal se os professores tivessem formação específica, seria realmente ideal se esta escola tivesse muito sensibilizada no seu geral para este tipo de problemáticas que estes meninos trazem para a escola e que de certa forma estes meninos já trazem para outra escola.” (TIL) “Talvez o trabalho com as famílias nessas turmas era fundamental, criar uma escola de pais, [...] eu acho que a moldura familiar iria mudar, portanto toda esta estrutura, este enquadramento familiar poderia funcionar de maneira muito mais saudável, e os encarregados de educação, pais, famílias acompanhadas pelos acompanhamentos dos menores, todos eles também sentir que são valorizados para além da escola e das famílias também, [...]” (TIL)
PROFESSOR	“[...] uma escola de pais em que os obrigam a ir a uma escola de pais com o mesmo tipo de obrigatoriedade que obrigam os filhos a irem à escola, e certificam esses pais como nós temos de certificar os filhos.” (P1) “[...] quer os técnicos quer os professores, para trabalhar em projetos PIEF, tem que ser cuidadosamente escolhido e tem que ter essas características: dedicação, motivação, disponibilidade, sem pensar em compensação.” (P5) “É necessário que as pessoas estejam a 100% se possível motivadas, e sabendo das dificuldades que vão encontrar e estarem preparadas para este desafio e não serem encaminhadas quase de forma rígida e rigorosa, [...]” (P7) “Nós professores temos mais tempo de nos reunirmos, para identificar os problemas, trabalhar nesses problemas, de encontrarmos estratégias de atuação. Em que essas reuniões fossem semanais, num horário de manhã, que tivesse contemplado no nosso horário, para que depois através de alguma estratégia conjunta dos professores, e de forma a nós termos mais “poder”, mais capacidades de liderar perante essa turma, de os apoiar.” (P9)

Fonte: Matriz de redução de dados 2012

Quanto ao Diretor, a nível de proposta para um melhor funcionamento das turmas PIEF, ele sugere o trabalho de técnicos especializados para atuar junto aos professores. Estes sendo citado pelo TEMM e TIL como necessário haver formação específica para trabalhar em PIEF. Em consenso do TIL e do P1, seria fundamental aproximar os pais da escola e das responsabilidades, sugerindo uma escola de pais, onde os mesmos teriam as mesmas condições de exigência, pois esta causaria uma transformação nos encarregados de educação que *a posteriori* refletiria no comportamento dos filhos.

CONCLUSÃO

Desafio, essa é, sem dúvidas, a palavra que vem ao pensamento, quando se trata do Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF). Durante o ano letivo 2011/2012 acompanhou-se o grupo turma PIEF da Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis, e foi um desafio, não só académico, mas também pessoal. Os alunos, como já foi referido, são problemáticos e carregam um histórico escolar com repetidas retenções e abandono. São jovens oriundos de famílias com problemáticas diversas, entre as quais se destacam: a violência física, o alcoolismo, a instabilidade financeira, entre outros fatores de natureza social e pessoal. Todas estas características contribuem, em nosso entender, para que algumas famílias não consigam reunir as condições mínimas para a promoção da educação dos filhos. Na turma estudada, determinados jovens foram retirados da tutela familiar.

O desafio inicial da medida PIEF é estimular este grupo de jovens a frequentar assiduamente a escola, de modo a garantir o cumprimento da escolaridade obrigatória destes alunos. Em seguida, visa desenvolver uma proposta educacional que mantenha este público na escola, certificando-o.

A partir das nossas observações, viu-se que, na tentativa de manter o aluno na escola, foi identificada, logo nos primeiros contatos com a turma, a instabilidade emocional e afetiva dos jovens. São carentes de afeto, colocaram-se em uma postura de recusa ao diálogo, reforçaram os comportamentos desviantes mesmo dentro da escola e, conseqüentemente, a dinâmica de trabalho dos professores também foi afetada.

Foram incontáveis os momentos em que os alunos esforçaram-se para boicotar a aula e não participar das atividades, deixando, muitas vezes, os professores e técnicos desestimulados e desmoteados. Foi inevitável, em alguns momentos, um envolvimento e um desgaste emocional da nossa parte, por ter sido este o nosso primeiro contato com um público-alvo com estas características.

Por outro lado, presenciou-se, diariamente, tentativas educacionais que não obtinham sucesso. A inqueitação diante dessa situação era constante, pois havia uma enorme sensação de impotência em decorrência das várias limitações pessoais do grupo. Esta conjuntura frustrava técnicos e professores, pois, segundo os mesmos, de nada valia planejar atividades, já que os alunos não demonstravam o menor interesse em participar.

Os professores destacados para trabalhar com o PIEF, na sua grande maioria, nunca tinham tido experiências semelhantes, o que dificultou a atuação deles. Para além disso, a falta de experiência e de amadurecimento pedagógico dos professores para trabalhar com um público tão específico limitava a capacidade dos mesmos em lidar com as várias situações cotidianas. Foi conflituoso para os professores perceberem o perfil dos alunos que são encaminhados ao PIEF. Deste modo, ficou clara a necessidade de formação específica para atuar no PIEF, por quase todos os docentes.

Os professores evidenciaram questões, como: a distribuição do horário das aulas, não é favorável à boa aplicação dos conteúdos programáticos e das outras atividades pedagógicas, pois contribui para um isolamento das disciplinas, promovendo uma ruptura na continuidade do trabalho desejável para a turma. Da mesma forma, a pouca assiduidade dos alunos reforça a dificuldade dos professores e técnicos de promoverem esta continuidade.

Identificou-se que, ao nível da construção da aprendizagem cognitiva, os professores exigiam de si e dos alunos um desenvolvimento maior que a resposta que a turma poderia oferecer. Este fator gerou muitos conflitos, pois cada docente demorou um tempo até identificar que os alunos não conseguiam acompanhar a proposta curricular direcionada pelo programa, a mesma matriz do currículo nacional, proposta para o ensino regular. Não se alcançaram grandes avanços, embora os pequenos possam ser considerados valiosos, tendo em conta o perfil dos alunos.

Uma das problemáticas mais referidas pelos técnicos e professores era o fato de não haver cumprimento de regras. Os alunos agiam com comportamentos inadequados e disruptivos, motivando sempre, uns aos outros, a permanecer com essa postura. Havia a recusa quase que constantemente para não participar das atividades.

No âmbito do desenvolvimento das competências pessoais e sociais, conseguiu-se identificar determinados avanços, que, estando longe de ser totais, representam mudanças importantes no comportamento da turma, nomeadamente, a maior flexibilidade de alguns jovens relativamente à mudança de posturas; a aquisição de um hábitos cotidianos simples, que norteiam a interação pessoal dos indivíduos (como: cumprimentar as pessoas ao chegar, não sair da sala sem autorização do professor, etc); aumento da disposição para participar das atividades. Em alguns momentos, o próprio aluno viu-se estimulado a propor uma mudança pessoal, de forma autônoma, fato que, tendo em vista as imensas fragilidades iniciais do público, apresenta-se como uma situação de exceção extremamente positiva na turma em estudo.

Relativamente às condições de ação, verificou-se que este grupo turma PIEF foi fortemente afetado em todas as esferas de organização, pois, na esfera nacional, houve um rompimento da operacionalização do Programa para Inclusão e Cidadania (PIEC), que fora desativado. Na escola houve uma discordância entre gestor e docentes, no que se refere à forma de gestão da situação, pois havia discordância com relação ao local onde a turma funcionava, aos horários das aulas e ao modo como técnicos e professores se sentiam tratados.

De modo geral, os professores e técnicos entrevistados no âmbito deste trabalho apresentaram propostas e reflexões que, em nossa opinião, são bastante interessantes, para que nos anos letivos seguintes, o trabalho com turmas PIEF, na escola D. Dinis, possa acarretar menos conflitos. Tais propostas são de responsabilidade e decisão interna da escola e também de órgãos externos.

Por tudo o que mencionamos ao longo da nossa produção, espera-se que este estudo possa apresentar-se como um subsídio de reflexão importante para pensarmos as potencialidades e, ao mesmo tempo, as fragilidades da medida PIEF e dos profissionais que o integram. De igual modo, objetiva-se que o caso específico em análise possa servir de parâmetro para o surgimento de novas investigações em contextos diferenciados.

BIBLIOGRAFIA

- Amado, J. (2009). *Introdução à Investigação Qualitativa em Educação*. (Investigação educacional II). Coimbra.
- Antunes, C. (2002). *Novas maneiras de ensinar. Novas formas de aprender*. Porto Alegre: Artmed.
- Avanzini, G. (1969). *O insucesso escolar*. Lisboa: Editorial Pórtico.
- Azevedo, J. (1996). *Avenidas da Liberdade*. Porto: ASA.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barroso, J. (2003). “Fatores organizacionais da exclusão escolar. A inclusão exclusiva”. In Rodrigues, D. (org.), *Perspectiva sobre a inclusão. Da educação à sociedade*. Porto: Porto Editora, pp.26-36.
- Barroso, J. (2005). *Políticas educativas e organização escolar*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Benavente, A. (1990). *Escola, Professores e Processos de Mudanças*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Benavente, A. (1990). *Insucesso Escolar no Contexto Português – Concepções e políticas*. In Cadernos de Pesquisa e Intervenção, nº 1. Lisboa.
- Bogdan, R & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bruner, J. (1999). *Para uma teoria da educação*. Lisboa: Relógio D'agua.
- Bruner, J.(1997). *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Castro, M & Regattieri, M. (orgs). (2009). *Interação escola-família. Subsídios para prática escolares*. Brasília: UNESCO;MEC.
- Canavarro, J. (2004). “Escola para todos”. In *Seminário direito à educação e a educação dos direitos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, pp. 339-340.
- Coll, C. [et al.] (2001) – *O construtivismo em sala de aula*. Porto: ASA.
- Dubet, F. (2008). *O que é uma escola justa? A escola das oportunidades*. São Paulo: Cortez Editora.
- Faure, E.[et al.]. (1972). *Aprender a ser*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Fonseca, M. (2000). *Educar para a Cidadania – Motivações, princípios e metodologia*. Porto: Porto Editora.
- Fonseca, V. (1998). *Aprender a aprender: a educabilidade cognitiva*. Porto Alegre: Artmed.

- Fontes, A. & Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a aprendizagem cooperativa: uma forma de aprender melhor*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Formosinho, J. [et al.] (2005). *Administração da educação: lógicas burocráticas e lógicas de mediação*. Porto: Edições ASA.
- Formosinho, J. (1992). “Contributos para uma outra prática educativa”. In Formosinho, J. (org.), *Organizar a escola para o (in) sucesso educativo*. Porto: Edições ASA, pp.17-42.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Gadotti, M (2002). *Boniteza de um sonho. Ensinar-e-aprender com sentido*. São Paulo: Cortez.
- Gil, C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5º Ed. São Paulo: Altas.
- Guerra, I. (2008). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Cascais: Principia Editora.
- Henriques, M. (2000). Perspectivas conceptuais da educação para a cidadania. *Revista primavera*, nº 93 – 2.ª Série pp. 35-52.
- Leddó, E. (1998). *Imágenes y palabras*. Madrid: Taurus.
- Lessard-Hébert, M. (1994). *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lima, L. (2010). A educação faz tudo? Crítica ao pedagogismo na “sociedade da aprendizagem”. *Revista Lusófona de Educação*, nº 15, pp.43-54.
- Machado, C. (2006). “Identificação dos instrumentos e boas práticas de combate à exploração do trabalho infantil – A experiência de Portugal e a experiência do Brasil: apresentação de boas práticas”. In *Actas da conferência internacional subordinada ao título: Combate à Exploração do Trabalho Infantil no Mundo de Língua Portuguesa*. Lisboa: MTSS/PETI.
- Marto, H. (2006). “Identificação dos instrumentos e boas práticas de combate à exploração do trabalho infantil – A experiência de Portugal e a experiência do Brasil: apresentação de boas práticas”. In *Actas da conferência internacional subordinada ao título: Combate à Exploração do Trabalho Infantil no Mundo de Língua Portuguesa*. Lisboa: MTSS/PETI.
- Miras, M. (2003). “Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios”. In Coll, C. *O construtivismo em sala de aula*. Porto: ASA, pp.54-73.
- Miranda, F. (2008). “Porquê a opção do professor do primeiro ciclo?- Os meninos das alíneas e a magia perdida da escola primária”. In Roldão. M. *A medida PIEF*. Lisboa: MTSS/PETI, pp.53-62.
- Moraes, M. (2006). *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus.
- Nóvoa, A. (2000). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora.

- Pedroso, L. (2011). *Projeto de Constituição do PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação)*. Coimbra.
- Pereira, A. (2007). *PIEF: um programa de educação e formação*. Lisboa: MTSS/PETI.
- Perenoud, P. (1986). “Das diferenças culturais às desigualdades escolares: a avaliação e a norma no ensino diferenciado”. In: L. C. Alaa, *A avaliação formativa num ensino diferenciado* (pp. 27-73), Coimbra: Almedina.
- Perrenoud, P. (2002). *A escola e a aprendizagem da democracia*. Porto: Asa Editora.
- Pinto, J. (2008). *Freguesia de Eiras: a sua história (do séc. XXI)*. Coimbra: Editor: Junta de Freguesia de Eiras.
- Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. *Quadrante*, 3 (1), 3-18.
- Ponzio, S. (2009) *É Possível promover o sucesso escolar? Um estudo a partir do pensamento das educadoras das séries iniciais*. Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil.
- Pourtois, J.P. & Desmet, H. (1999). *A Educação Pós-Moderna* Lisboa: Instituto Piaget
- Rangel, M. (2010). Fundamentos pedagógicos e dimensões do processo educativo de ensino-aprendizagem: questões básicas da escola básica. *Revista @ambienteeducação*, vol 2 nº 1, pp.159-165.
- Rodrigues, A. (2004). *A escola e a cidadania- tradição e modernidade*. Braga: Plátano.
- Rodrigues, D. (2003). “Educação Inclusiva. As boas notícias e as mas notícias”. In Rodrigues, D. (org.), *Perspectiva sobre a inclusão. Da educação à sociedade*. Porto: Porto Editora, pp.89-101.
- Roldão (Coord.), M. d., Campos, J., & Alves, M. (2008). *Estudo curricular da medida PIEF- Programa Integrado de Educação e Formação 2006-2007*. Lisboa: Edições Colibri.
- Roldão, M. & Santos, A. (2008). *A medida PIEF*. Lisboa: MTSS/PETI.
- Santos, B. (2007). *Comunidade escolar e inclusão. Quando todos ensinam e aprendem com todos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sollé, I. (2003). “Disponibilidade para a aprendizagem e sentido de aprendizagem”. In Coll, C. *O construtivismo em sala de aula*. Porto: ASA, pp.28-53.
- Stake, R. (2007). *A arte da investigação com estudos de caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tavares, J. [et al.] (2007). *Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Teixeira, E. (2003). A análise de dados na pesquisa científica. Importâncias e desafios em estudos organizacionais. *Red de revistas Científicas de América latina y el Caribe, España y Portugal*, Volume 2, p 177-202.

Thurler, M. (1994). “Levar os professores a uma construção activa da mudança. Para uma nova concepção da gestão da inovação”. In Thurler, M. & Perrenoud, P. *A escola e a escola*. Lisboa: Escolar Editora.

Vygotsky, L. (1999). *Pensamento e linguagem: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. (2000). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.

LEGISLAÇÃO

Assembleia da República Lei n.º 85/09 de 27 de agosto. *Diário da República n.º 1.ª Série - n.º 166*. Lisboa.

Conselho de Ministro n.º 75/98 de 2 de julho. *Diário da República n.º 150 - I Série B*. Lisboa

Conselho de Ministro n.º 79/2009 de 2 de setembro. *Diário da República n.º 170 - 1ª Série*. Lisboa.

Decreto Lei n.º 75/08 de 22 de abril. *Diário da República*, 1ª Série, n.º 79-22. Ministério da Educação.

Decreto Lei n.º 93/86 de 10 de maio. *Diário da República, Série I, n.º 107*. Ministério da Educação e Cultura. Lisboa.

Decreto Lei n.º 93/86 de 14 de setembro. *Diário da República, Série I-A, n.º 215*. Ministério das Finanças.

Despacho Conjunto n.º 37/2004 de 20 de março. *Diário da República n.º 68 - I Série B*. Ministério da Educação e da Segurança Social. Lisboa.

Despacho Conjunto n.º 453/2004 de 27 de julho. *Diário da República n.º 175. II Série*. Ministério da Educação e da Segurança Social. Lisboa.

Despacho Conjunto n.º 948/2003 de 26 de setembro. *Diário da República n.º 223 - II Série*. Ministério da Educação e da Segurança Social. Lisboa.

Despacho n.º 260/04 de 31 de dezembro. *Diário da República, II Série*. Ministério da Educação e Cultura. Lisboa.

Despacho Normativo n.º 1/06 de 6 de janeiro. *Diário da República n.º 5 - I Série B. Ministério da Educação*. Lisboa

Lei de Bases do Sistema Educativo n.º 46/86 de 14 de outubro. *Diário da República Série I N.º 237*. Lisboa.

Portaria n.º 261/87 de 2 de abril.

OUTRAS FONTES

Blog PIEF- disponível em: <http://olhopief.blogspot.com/p/pief-em-numeros.html> acedido em 25/11/2011 às 13:30m.

Projeto Educativo da Escola Secundária com 3.º Ciclo D. Dinis - Coimbra 2009/ 2013- disponível em: <http://esb3-ddiniscoimbra.ccems.pt/> acedido em 25/11/2011 às 17h.

ANEXOS

ANEXO I
DIÁRIOS DE CAMPO

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	18-10-2011
ATIVIDADE	Leitura de Documentos sobre o PIEC
LOCAL	Centro Distrital de Segurança Social de Coimbra
PARTICIPANTE(S)	Técnico EMM e Estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA Acompanhada pelo Técnico EMM, realizamos um estudo acerca dos documentos estruturantes do Programa para Inclusão e Cidadania (PIEC). Identificamos que o programa foi criado pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 79/09 de 2 de setembro. A missão do PIEC, segundo os documentos analisados, foi:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Organização, implementação e acompanhamento de respostas integradas, designadamente socioeducativas e formativas; ❖ Destina-se a crianças e jovens que se encontram em situação indicada ou sinalizada de risco de exclusão social; ❖ Visa favorecer a reinserção escolar e o cumprimento da escolaridade obrigatória. <p>O público-alvo é constituído de crianças e jovens em situação de exclusão ou risco de exclusão social até aos 18 anos de idade. Esses destinatários serão encaminhados, entre outras medidas, para o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF). Este é o programa que pretendemos acompanhar durante o primeiro semestre do ano letivo 2011/2012, constituindo, portanto, o foco do nosso estudo.</p>
REFLEXÃO	<p>Não houve dificuldades para a compreensão da documentação estudada. São claras as propostas do PIEC e sua atuação junto ao PIEF. A atribuição fundamental do PIEC é a promoção da inclusão e a sensibilização em rede para a garantia dos direitos de crianças e jovens.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	19-10-2011
ATIVIDADE	Leitura de Documentos sobre o PIEF
LOCAL	Centro Distrital de Segurança Social de Coimbra
PARTICIPANTE(S)	Técnica EMM e estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA Para entender a dinâmica de funcionamento do programa, realizamos acompanhada pela Técnica EMM, um estudo acerca dos documentos estruturantes do Programa para Inclusão e Cidadania (PIEC). Identificamos, entre outros aspectos, os objetivos, princípios e a missão. O princípio básico do PIEF estabelece a oferta da escolaridade obrigatória, capacitando os jovens no âmbito das competências pessoais, sociais e formativas.</p> <p>A medida PIEF é organizada, a partir dos seguintes documentos: Plano de Educação e Formação (PEF), Documento de Apoio e Formação (DAF), regimento de funcionamento do programa, ficha de caracterização-diagnóstico e de proposta de intervenção, avaliação intercalar e projeto de constituição do PIEF. Além dos referidos documentos, existe a parte legal que foi revista e reformada pelo Despacho Conjunto n.º 948/03 dos ME e MSST.</p>
REFLEXÃO	<p>Acreditamos ser de suma importância esse momento de estudo documental, pois pudemos compreender um pouco sobre como a estrutura PIEF propõe a integração entre os jovens e a escola, e como se pretende desenvolver as competências propostas. Os documentos estão estruturados de maneira clara, facilitando a compreensão, embora seja coerente afirmar que, pelo fato de serem muitos os documentos, exigirão, da nossa parte, outros momentos de estudo. Consideramos que a atividade proporcionou um conhecimento teórico acerca da medida PIEF. Sentimos que há muito o que entender, embora, a partir de hoje, já é possível construir uma ideia geral sobre o programa.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
-------------	------------------

DATA	20-10-2011
ATIVIDADE	Análise dos processos dos jovens da turma PIEF e reunião com o Coordenador Local.
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Técnico EMM, TIL, Coordenador Local, Estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Com o objetivo de identificar e aprofundar informações sobre os percursos educativos dos jovens, os processos foram avaliados individual e cuidadosamente. Foram divididos entre o Técnico EMM, TIL e comigo, que rastreamos qualquer fato que pudesse ser importante para revelar um pouco dos comportamentos dos jovens e, posteriormente, apontar caminhos para se trabalhar. Assim, com base nos dados recolhidos, construímos o “perfil” de cada jovem da turma PIEF que funciona na Escola D. Dinis. Os processos analisados foram dos jovens J2, J4, J5, J6, J7 e J8. Conseguimos identificar as seguintes informações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ J2: sexo feminino, tem 16 anos, pais separados e, atualmente, encontra-se acompanhada pela Equipa Multidisciplinar de Apoio aos Tribunais (EMAT). Apresenta problemas de depressão e é acompanhando pela psiquiatria; ❖ J4: sexo masculino, 16 anos e pais separados. Está sendo acompanhado pela EMAT e, em seu processo, parece não haver cumprimento de nenhuma regra da Escola; ❖ J5: sexo masculino, 14 anos, mora com a mãe e encontra-se acompanhado pela CPCJ. Foi expulso da Escola D. Dinis nos anos letivos 2010/2011; ❖ J6: sexo masculino, 16 anos, acompanhado pela EMAT e reside no CAT do Loreto; ❖ J7: sexo masculino, 14 anos e residente no Lar de S. Martinho. O jovem não cumpre regras e possui antecedentes de maus tratos familiares; ❖ J8: sexo masculino, 15 anos, acompanhado pela EMAT e residente no Colégio S. Caetano. Foi retirado da família cedo e, nos registos escolares, constam maus tratos para com os colegas e professores. <p>Em seguida, a TIL apresentou ao Coordenador Local o “perfil” que havia sido construído. O Coordenador Local assumirá a função de Diretor de Turma, cabendo a este, responsabilidades a mais do que os demais professores da turma. Assim, o Coordenador Local caracterizou o perfil dos professores da Escola D. Dinis que foram indicados para o trabalho com a turma PIEF.</p>
REFLEXÃO	<p>Avaliando os processos, constatou-se que os fatos apresentados acabam por se repetir nos diversos anos de escolaridade (abandono escolar, insucesso, indisciplina etc). A partir dos dados nas fichas não se identifica muitos avanços no âmbito das aprendizagens cognitivas. Segundo os relatórios, os jovens não demonstram mudanças positivas no que diz respeito aos comportamentos sociais, ficando evidente, também, a desestrutura familiar, significando, portanto, um fator determinante no percurso escolar e social desses alunos.</p> <p>Da parte de todos, foi notório, durante as atividades, um desejo em assumir de modo comprometido a proposta PIEF. Havia um esforço na tentativa de inserir os jovens em alguma atividade que contribuísse para o desenvolvimento de alguma competência.</p>

ACÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	24-10-2011
ATIVIDADE	Manhã: reunião para recepção dos alunos. Tarde: reunião com a equipe pedagógica
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Técnico EMM, TIL, Diretor da Escola, Coordenador Local, Psicóloga da escola, Professores da Turma PIEF, Pais e encarregados de educação, Alunos e estagiária Darliane Amaral.

DESCRIÇÃO ATIVIDADE	DA	<p>Com o objetivo de promover uma sessão inicial de recepção da turma PIEF, realizou-se a reunião, tendo seu início pontualmente às 9h no auditório da Escola.</p> <p>O diretor da Escola chamou a atenção para o compromisso da instituição. Alertou pais e encarregados de educação sobre as suas responsabilidades e a responsabilidade dos jovens, no processo de ensino aprendizagem. Concluiu a fala, evocando, dos alunos, o respeito para com as pessoas e o cumprimento das regras. Em seguida, a técnica EMM apresentou a estrutura e a organização da turma PIEF. Por fim, pais e encarregados de educação dividiam as expressões e as falas, uns mais calados, outros motivados, mas, todos, demonstrando e reafirmando o compromisso dos filhos com a escola. Os jovens, além do nome, nada disseram, não demonstraram reações nem positiva nem negativa.</p> <p>E para encerrar a reunião, pais e encarregados de educação, bem como os alunos foram convidados a conhecer o bloco onde a turma PIEF iria funcionar. Todos foram alertados sobre o cuidado com o espaço físico que se encontrava em bom estado de conservação. Assim, expressaram a importância de os alunos manterem tal qual encontraram.</p> <p>No período da tarde, com início às 18h30min, aconteceu a reunião com a equipe pedagógica da Escola e técnicos do PIEF. A Técnica EMM passou algumas informações sobre o programa, ressaltando a importância da contribuição da Escola para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais nos jovens. Individualmente, cada professor se apresentou e foi unânime o comprometimento com o PIEF. Também ficou evidente a preocupação com o trabalho, referindo os diversos níveis, pois alguns jovens não sabem ler nem escrever. Além disso, apresentam dificuldades em respeitar regras e têm comportamentos desviantes. Os professores demonstraram união e espírito de grupo para trabalharem com a turma.</p>
------------------------	----	--

REFLEXÃO	<p>Um início de semana com um encontro sem ausências. A escola foi democrática em sua totalidade, expondo direitos e deveres. Reafirmou o compromisso no que diz respeito à cidadania e à inclusão dos jovens. Sentiu-se uma sintonia entre os professores, no sentido de desenvolver um bom trabalho com os jovens, mesmo sem conhecer as peculiaridades da proposta PIEF. Deixaram claro que havia medo diante do desafio, pois sabiam que os alunos vêm de um percurso de vida muito complicado.</p> <p>O modo como decorreu a reunião sugeriu que os pais e encarregados de educação demonstram exercer suas funções com responsabilidade e autoridade, contrariando os relatos descritos nos processos analisados, onde se evidencia a ausência dos pais junto à escola. Com as atitudes dos pais/encarregados de educação e dos jovens reveladas na reunião, pensamos que as consequências futuras serão positivas e o trabalho garantirá a escolaridade obrigatória dos alunos, bem como o desenvolvimento da aprendizagem.</p> <p>A reunião foi positiva, e todos os intervenientes estavam adequados: a Escola promovendo a inclusão, integrando a família aos processos educativos, e docentes abertos ao trabalho de grupo. Além disso, os jovens souberam ouvir e estiveram abertos ao diálogo. O meu desejo como estagiária dessa turma PIEF é identificar como os diversos atores intervêm e colaboram para o processo de (re)integração desse jovem, embora seja prematuro afirmar que se a postura demonstrada na reunião fosse permanente, por todas as partes, provavelmente não existiriam turmas PIEF.</p>
----------	--

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	25-10-2011
ATIVIDADE	Acompanhar aula de Português e visita às instalações escolares
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	TIL, Professor P1, Professor P8, alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO	DA O TIL, Diretor de Turma, P1 e eu estávamos às 8h25min no bloco para

ATIVIDADE

repcionar os alunos. À medida que iam chegando, havia um reconhecimento, pois os alunos já não eram nomes e ralatórios, mas pessoas com expressões e sentimentos. As expectativas eram positivas por parte dos professores e TIL, embora se sentisse, também, “medo” com relação ao cumprimento das regras, respeito mútuo e interação nas atividades.

Já, na sala, o P1 organizou as cadeiras em semicírculo, motivando os alunos para que sentassem a partir da organização proposta, não permitindo que ninguém sentasse fora do círculo. À frente do grupo foi projetado, na parede, uma imagem com oito cores e a frase: EU SINTO-ME. Individualmente, cada pessoa lia a frase e completava com uma das oito cores. Depois cada um falou o que a cor escolhida trazia a mente, sendo dito “alegria”, “comida”, “cor que mais gosto”.

Em seguida, formaram-se duplas para uma rápida conversa, cujo objetivo era saber duas ou três coisas de que o outro gostava e, depois, apresentar o colega ao grupo. A partir dessa dinâmica, houve uma reflexão de autoconhecimento, inspirada na Janela de Johari (de quem somos, como nos vemos e como o outro nos vê).

No horário da tarde, o P8 conduziu a visita por todos os blocos, apresentando e explicando aos jovens os trabalhos desenvolvidos na Escola. No fim da tarde, recebemos a técnica EMM que veio visitar a Escola. O objetivo da visita era saber como tinham corrido as aulas e apresentar duas estagiárias de Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCE) da Universidade de Coimbra (UC), que desenvolverão, junto aos alunos, as atividades do Programa de Gerar Percursos Sociais (GPS).

No decorrer do dia, foram evidenciados alguns comportamentos como o não cumprimento das regras, conversas paralelas no momento das atividades, falta de concentração e uma baixa autoestima. Isso se tornou comum a todos.

- ❖ **J1 e J3:** permaneceram calados durante todo o dia, não demonstrando interesse em nenhuma atividade;
- ❖ **J2:** participou das atividades e manteve-se sempre em silêncio todo o tempo;
- ❖ **J4:** extremamente inquieto, não respeitou os colegas e os professores. Ocupou o tempo em manifestar-se negativamente, e sempre contrário a tudo que era proposto;
- ❖ **J5:** respeitou as regras e mostrou-se calado o tempo todo, embora não tenha interagido;
- ❖ **J6:** mostrou-se provocante, sempre procurando criar situações que descumprissem as regras;
- ❖ **J7:** mesmo resistindo, em alguns momentos participou;
- ❖ **J8:** não apresenta autonomia em seus atos e procurou sempre imitar as ações dos amigos.

REFLEXÃO

Um dos comportamentos mais evidentes que se percebeu durante o dia todo e em todos os jovens foi a questão da concentração. Qualquer ação que exigisse mais que 8 ou 10 minutos, já começava a cansá-los. Ficou evidente o corporativismo entre eles para não cumprir as regras da Escola.

A fragilidade emocional e a carência afetiva é algo gritante nos jovens PIEF. A sensação que se tem é que, cada jovem construiu um “muro”, funcionando como uma espécie de proteção para não serem atingidos por novos conhecimentos, sendo capazes de, minutos depois de resistirem a participar de uma atividade, cederem facilmente. O “muro” que, por vezes, parece ser alto e resistente é, na verdade, muito frágil. Apesar de, inicialmente, muitos se recusarem a realizar as atividades, com muita insistência e motivação os professores (P1 e P8), conseguiram cumprir com o que havia planejado para a aula.

AÇÃO

DESCRIÇÃO

DATA

26-10-2011

ATIVIDADE

Manhã: leitura do DAF.

		Tarde: organizar a parte burocrática do programa com o TIL
LOCAL		Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)		TIL, Alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	DA	<p>No gabinete PIEF, iniciei a leitura do documento, sendo uma atividade que não obtive êxito, pois os alunos não se portavam bem, e os professores colocavam para fora da sala. Assim, era necessário desenvolver alguma atividade com eles. O restante do tempo foi ocupado, junto com o TIL, em acompanhamento nos horários das saídas de cada aula e entradas na aula, bem como no acompanhamento nos intervalos. Isto porque é necessário chamar e alertar os alunos para o cumprimento dos horários.</p> <p>Durante essa manhã, eles tiveram contato com cinco disciplinas e seus respectivos professores (P1, P2, P4, P6 e P7). Somente o P1 e o P6 manifestaram ter conseguido uma mínima participação dos alunos nas aulas.</p> <p>No período da tarde, os alunos foram embora, pois todas as quartas-feiras eles só têm aula no período da manhã. Acompanhamos o TIL na organização de algumas situações do PIEF, fazendo-se necessário tomar decisões para resolver questões envolvendo o passe e alimentação dos jovens, como, também, verificar possíveis pendências na documentação pessoal de cada um.</p>
REFLEXÃO		<p>A estrutura do PIEF exige organização, flexibilidade e sensibilidade para trabalhar com o inesperado. Nem sempre o planeado consegue um resultado satisfatório. O humor e a disposição dos alunos são sempre algo muito instável. Por outro lado, os professores têm sempre uma inquietação e insegurança por não saber se as propostas atingirão algum resultado. Percebe-se, ainda, uma ansiedade em atingir resultados imediatos.</p> <p>Mesmo estando só no início, já percebemos que, com os alunos PIEF, as ações necessitam ser pensadas de modo individual. Para atingir resultado no grupo, é fundamental que o trabalho desenvolvido perceba as carências, deficiências e possíveis potenciais.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	27-10-2011
ATIVIDADE	Acompanhar aula de Português
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Diretor de Turma, P1, Alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	DA <p>Os alunos chegaram atrasados cerca de 30 minutos, dirigiram-se à sala e foram convidados a assistirem a um vídeo sobre a surpreendente história de Nick Vujicic - 27 anos, um australiano que nasceu sem braços e pernas. O vídeo fala um pouco sobre o percurso de vida do Nick e, depois, mostra como ele se movimenta e desempenha uma série de atividades no cotidiano. Ao vir o vídeo, o silêncio tomou conta da sala, não havia reação coletiva. Pessoalmente, cada um era impactado com as imagens, e as reações eram percebidas silenciosamente por meio das expressões não verbais. Em seguida, o professor os questionou sobre o que lhes meteu mais impressão no vídeo. Para o J3, “nada me impressionou, nada”, enquanto que o J5 disse “se fosse eu, sem pernas e sem braços não saia de casa”, e o J7 recusou-se a falar. Quanto aos demais, manifestaram as mesmas impressões “não sei como ele consegue fazer quase tudo sem ter mãos e braços”.</p> <p>Depois das aulas, os professores passam no gabinete e o diretor de turma sempre solicita um <i>feedback</i>. Neste dia, exceto a aula de português, os demais seguiram todas repletas de queixas. O problema apresentado é o fato do não cumprimento das regras (respeitar horários, colegas, participar quando solicitado etc).</p> <p>Durante toda esta semana vem sendo observado, da minha parte, que no horário dos intervalos das aulas, os alunos da turma PIEF não buscam interagir com os demais da Escola. Até o momento, eles procuram isolar-se em recantos, indo ao pé do portão de entrada e saída da escola, fumam um cigarro e voltam para o bloco.</p>

REFLEXÃO

O efeito do vídeo sugere reflexão sobre as palavras que muitas vezes são jogadas ao vento. Imagens fortes causam impacto e parecem dizer muito, e de diversas maneiras, aos jovens PIEF. Imagens invadem os olhos e cérebro, dando descanso aos ouvidos, esses que, por vezes, encontram-se enfiados de serem chamados a atenção sempre pelos mesmos motivos.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	28-10-2011
ATIVIDADE	Filme "Ritmo e Sedução"
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Alunos e estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	DA Sentados em círculo, durante 45 minutos, os alunos conseguiram se concentrar e acompanhar as cenas. A necessidade de fumar os inquieta e, a partir dos 56 minutos, vão se levantando e, sem que seja permitido, saem da sala. O filme será retomado em outro momento, pois, após o intervalo, o trabalho segue com outro professor. A narrativa era algo que parecia semelhante com o mundo deles, eram histórias de pessoas de classes sociais bem diferentes, mesclando cenas de uma escola pobre, com jovens oriundos de problemas sociais, e outra em que os jovens eram ricos. Durante as cenas, ouviam-se algumas asneiras, como também risos que demonstravam satisfação (identificação) quando os jovens do filme transgrediam regras e agiam de modo irresponsável.
REFLEXÃO	Parece contraditório relatar que os alunos conseguiram se concentrar durante 45 minutos, quando essa tem sido uma questão referida, nos diários anteriores, como um problema grave e persistente. Para os professores, a constante falta de concentração tem sido aliada à indisciplina: a grande causadora do insucesso da aprendizagem da turma até o momento, embora devamos ressaltar que estamos pouco menos de um mês do início das aulas. A atividade do filme possibilitou um encontro com imagens que os alunos se identificaram. Os poucos comentários, no momento do filme, giravam em torno dessa identificação. Não conseguimos perceber até onde o filme consegue estimular uma reflexão acerca dos comportamentos negativos, seja no sentido de promover mudança ou reafirmação.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	31-10-2011
ATIVIDADE	Construção de cartaz
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	TIL, Alunos e estagiária Darliane Amaral,
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	DA No período da tarde, junto com o TIL, desenvolvemos o Programa de Competências Pessoais e Sociais (CPS), iniciando com as boas vindas, seguido de uma breve explicação sobre a existência e importância das regras para a convivência escolar e social. O TIL versou sua fala em torno dos direitos que assistem cada um de nós, como também dos deveres que, por sua vez, devem ser cumpridos, ressaltando ainda que, no PIEF, a dinâmica também era essa. Cada aluno é portador de direito, devendo, ao lado deste, ser cumpridor de dever. Sobre essa questão, foi solicitado que os alunos expressassem suas opiniões, sugestões ou dúvidas, pois, em grupo, eles iriam construir as regras de convivência da turma. Livremente, organizaram-se em dois grupos, ficando J1, J2 e J3 com o TIL. Este grupo construiu alguns deveres e direitos. Recusando-se a participar da atividade, os alunos J4, J5, J6, J7 e J8, com o consentimento do TIL, e acompanhados por mim, foram para outra sala, com a proposta lançada por eles de construir um cartaz sobre o <i>halloween</i> . Todos participaram e colaboraram. A aula teve duração de 01h30min, concluindo com a fixação dos cartazes na parede e, posteriormente, conversa sobre deveres e direitos.
REFLEXÃO	Com o objetivo de motivar a participação e desenvolver a autonomia

dos alunos, se propôs a construção dos deveres com eles. Pode-se considerar que não se conseguiu que a atividade fosse realizada, embora três tenham sugerido alguma coisa, sendo esses os que menos descumprem as regras. O modo como decorreu a atividade já foi, por si, uma quebra da regra, pois a sugestão era a construção em grupo e, dos oito alunos, cinco não participaram. O fato de a maioria dos alunos sugerirem e fazerem outra proposta só foi concedida após a relutância do TIL em insistir na necessidade de todos integrarem a construção das regras. Isso para referir que há, por parte dos alunos, uma constante negação à participação.

Seria válido retomar essa atividade? Como motivar jovens que não cumprem regras a pensarem e construir regras? Como é possível fazer com que as regras da Escola sejam cumpridas por jovens com percursos de transgressão e comportamentos desviantes? É possível atribuir êxito ao processo de (re)integração do aluno que se recusa as tentativas pedagógicas que têm sido propostas?

A complexidade que envolve o público alvo do PIEF requer um esforço profissional e humano para perceber brechas por meio das quais se possam desenvolver as competências pretendidas pelo programa. Considera-se que a fase vivida ainda é diagnóstica e requer da equipe pedagógica uma maior observação a fim de conhecer e construir o “perfil” de cada aluno.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	02-11-2011
ATIVIDADE	Reunião pedagógica
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	Técnico EMM, Diretor de turma PIEF D. Dinis, TIL, Professores da turma PIEF D. Dinis, Diretor de turma PIEF Cantanhede, Professora Doutora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCE) e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>A reunião foi conduzida pelo Diretor de Turma da referida Escola que, após as boas vindas, conduziu a palavra para a Técnica EMM, com o intuito de apresentar a Professora da FPCE que foi convidada a refletir junto com os professores, acerca da avaliação das estratégias e metodologias utilizadas pelos professores da turma PIEF D. Dinis.</p> <p>As contribuições da professora foram no sentido de propor ao grupo pensar sobre a inclusão social, o papel da escola, a postura do professor e o contexto social e familiar em que os alunos PIEF estão inseridos. Foi observado que todas estas questões estão diretamente ligadas com o tipo de comportamento a que os jovens eventualmente poderão aderir. A fala da professora ajudou a pensar sobre os impactos de riscos que circulam a vida dos jovens, e as ações que, possivelmente, amortecem esses riscos, pensando na escola como fator de proteção e fator de risco. A ideia era propor ao professor uma autoavaliação, em que ele pudesse refletir sobre sua postura, como sendo responsável direto dessa Escola que se projeta.</p> <p>As abordagens realizadas pelos professores da turma PIEF D. Dinis colocavam questões que potencializavam sempre o comportamento do aluno, referindo que é impossível ensinar a quem não quer aprender, atribuindo o não desenvolvimento da aprendizagem, nessa turma, ao acúmulo de insucessos já trazidos por eles, como também à constante indisciplina durante as aulas. A professora foi conduzindo as respostas de modo aberto para que todos pudessem participar, refletindo sobre as atitudes dos alunos. O grupo chegou a conclusão de que os alunos não tiveram escolhas quanto à vida que tem. São jovens multiproblemáticos e que precisam de ajuda, não devendo deixar de serem punidos sempre que for necessário.</p> <p>Dando seguimento à reunião, a diretora de turma do PIEF de Cantanhede testemunhou sobre a experiência vivida com o PIEF. Ela deixou claro que os problemas nunca deixarão de existir, como também a resistência dos jovens em participar das atividades. Estes serão sempre fatores fortes para impedir o</p>

trabalho. Para finalizar a reunião, a técnica EMM sugeriu aos professores uma formação creditada, cujas áreas trabalhadas na formação seriam definidas pelos professores mediante às necessidades. Todos concordaram com a formação, ficando de pensar sobre os temas.

REFLEXÃO

A partir das questões colocadas na reunião, é sugerido pensar em uma “limitação” da Escola e do trabalho docente no que concerne ao tipo de aluno que constitui essa turma PIEF, entendendo como alunos que fogem do convencional ou do perfil de alunos que a escola determina como bons.

É fundamental uma autoavaliação do professor para que não cometa o erro de limitar-se às evidências. Quando o professor é desafiado a trabalhar com o diferente, é aceitável que sinta dificuldade, que demande tempo para conhecer as potencialidades e necessidades da turma. No caso dos jovens PIEF, o sentimento de incapacidade já não causa efeito algum, só reforça a exclusão escolar e social. O aluno tem grandes chances de tornar-se o responsável pela não aprendizagem, pelo insucesso. Esse jogo de responsabilidades e de relatórios recheados de insucesso escolar não reintegra nem promove mudança e desenvolvimento nos jovens. Faz-se necessária a coragem e a ousadia para abraçar a proposta PIEF, permitindo ao professor construir e destruir planos, agindo no imprevisto das sugestões e carências de cada jovem. É preciso ter sensibilidade para perceber as falas e os gestos que demonstram necessidades, manter pulso firme para impor respeito e fazer-se respeitado.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	03-11-2011
ATIVIDADE	Análise do processo do J1 e J3
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	TIL e estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Ao analisar o processo sempre que se fazia necessário, o TIL esclarecia dúvidas e acrescentava informações que fossem pertinentes para contribuir com uma possível construção do perfil do aluno, de modo que destacamos alguns dados.</p> <p>O J1 mora com mãe, pai, irmãos e cunhados. É de etnia cigana, beneficiários de RSI e está sendo acompanhado pela CPCJ. O percurso escolar do aluno é marcado por absentismo e insucesso escolar. Apresenta dificuldades de aprendizagem e baixo nível de conhecimento em relação ao grau de escolaridade que possui (5ºano). Não sabe ler nem escrever.</p> <p>J3 está sendo acompanhado pela CPCJ, mora com a mãe, o pai apresenta questões judiciais pendentes, detido no Estabelecimento Prisional de Coimbra há quase 10 anos. O aluno é um agregado familiar e beneficiário de RSI. Segundo os relatórios, J3 apresenta <i>déficit</i> de atenção e dificuldade de aprendizagem, tendo o percurso escolar sido marcado por absentismo e insucesso escolar.</p>
REFLEXÃO	<p>A deficiência na aprendizagem dos dois alunos é semelhante e tem coerência com o atual diagnóstico que tem sido efetuado pelos professores PIEF. Saliento que há um esforço e também uma vergonha do aluno J1 pelo fato de não saber ler e escrever. Já por parte do aluno J3, tem sido sempre uma problemática para que este participe das atividades, sendo muito comum dizer “eu não sei”.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	04-11-2011
ATIVIDADE	Análise do processo do J5
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	TIL e estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Ao analisar o processo sempre que se fez necessário, o TIL esclareceu dúvidas e acrescentou informações que fossem pertinentes para contribuir com uma possível construção do perfil do aluno, de modo que destacamos alguns</p>

dados.

O aluno mora com a mãe, filho de pais separados, está sendo acompanhado pela CPCJ e pediatra do Hospital Pediátrico de Coimbra. No processo fica evidente que o jovem não aceita regras impostas por ninguém, mostra-se muito revoltado e agitado. Além disso, tem problema em assumir os erros, responsabilizando sempre os outros pelas suas atitudes. O que se percebe é que a mãe o protege. O aluno tem um percurso de insucesso escolar, abandono e comportamento desviante.

REFLEXÃO

Em virtude da complexidade do comportamento do aluno, nos perguntamos se através da medida PIEF, é possível desenvolver mudanças.

ACÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	07-11-2011
ATIVIDADE	Projeto Take Care
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	TIL, Enfermeira da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC), Psicóloga (ESEnfC), Estagiários (ESEnfC), Alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>De hoje até o dia 10 de novembro, os alunos PIEF participarão do Projeto Take Care que, em Portugal, é coordenado pelos profissionais da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC). O projeto tem como objetivo aumentar o conhecimento dos jovens sobre os efeitos e riscos do álcool a nível físico, psicológico e social, informando, ainda, sobre as questões legais relacionadas com o álcool. Pretende-se também desenvolver as competências dos jovens para lidar com situações de risco também associadas ao consumo de bebidas alcoólicas.</p> <p>A enfermeira apresentou a equipe que irá conduzir as atividades do Projeto Take Care, como também, apresentou a proposta do projeto, e as atividades que serão desenvolvidas. Cada aluno se apresentou, falando uma qualidade pessoal e, a partir disso, houve uma conversa sobre as diversas qualidades que cada ser humano possui.</p> <p>Em seguida, todos saímos da sala de aula e nos dirigimos ao pátio da Escola para a dinâmica intitulada <i>Ovo flutuante</i>. O dinamizador colocou um ovo cru num anel de metal, sustentado no ar, por cabos de 3 metros de comprimento. Cada aluno, agarrado aos cabos, teve que andar em conjunto de modo que não deixasse o ovo cair. O participante que não conseguiu andar em conjunto desequilibrou os cabos e o ovo caiu no chão. Como a regra do jogo era que o participante que deixasse o ovo cair, limpava o chão, assim foi feito. No momento em que o aluno limpava o chão, houve uma reflexão sobre o equilíbrio pessoal, concentração e trabalho em conjunto. A enfermeira ressaltou que “sem isso, a missão de transportar o ovo sem derrubá-lo jamais seria possível”.</p> <p>Dando por encerrada as atividades do período da manhã, a psicóloga conduziu todo o grupo à cantina, pois uma das tarefas do projeto é o almoço coletivo. Mesmo contra a vontade, todos foram para o refeitório. Os alunos J5 e J7 se recusaram a almoçar, mas permaneceram até os demais terminarem a refeição.</p> <p>A tarde começou com os participantes sentados em círculo, e cada pessoa recebeu o nome de uma fruta. Ao todo foram três frutas (banana, morango e maçã). No centro, tinha uma pessoa que comandava o jogo e, ao dizer uma fruta, as pessoas que tinham sido nomeadas por ela, levantavam-se e mudavam de cadeira, sendo permitido ao comandante do jogo sentar-se. E toda troca de lugar havia sempre alguém que ficava em pé, e que assumia o comando do jogo, de modo que poderia falar salada de fruta, e todas “as frutas” trocavam de lugar. A dinâmica buscava estimular a concentração e agilidade de cada pessoa no jogo, como também a autonomia e criatividade do comandante do grupo em tomar decisão (escolha da fruta). Os alunos J5, J6 e J7 não estavam na aula até o fim desta atividade, retornando do intervalo do almoço só após terem sido procurados.</p> <p>Dando continuidade, o assunto em pauta foi a sexualidade, especificando as abordagens sobre os órgãos sexuais feminino e masculino, com duração de aproximadamente 30 minutos.</p>
REFLEXÃO	As ações desenvolvidas pelo Projeto Take Care foram de grande valia no

sentido de desenvolver atividades que motivassem o exercício da concentração e a prática de trabalho coletivo. Um fator desfavorável no grupo é a instabilidade de motivação para participar das atividades.

Segundo a nossa avaliação que teve por base a avaliação realizada pela equipe que conduziu as atividades do projeto, (hoje) atingiram o objetivo, além de cumprir toda agenda, acredita-se ter contribuído para melhorar a autoestima e o respeito pelo outro.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	08-11-2011
ATIVIDADE	Projeto Take Care
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	TIL, Enfermeira da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (EEnfC), Psicóloga (EEnfC), Estagiários (EEnfC), Alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>As atividades do período da manhã iniciaram com todos os alunos presentes. Foi colocada, no chão da sala de aula, uma fita longa, dividindo a sala ao meio, de um lado representava o SIM e do outro o NÃO. Todos os participantes se posicionaram do lado do sim, o dinamizador fazia perguntas e o grupo ia respondendo, escolhendo o lado conforme a resposta. As perguntas procuravam sondar um pouco a vida dos jovens, sobretudo as experiências deles com drogas e álcool. O jogo foi dinamizado por várias pessoas, incluindo os jovens, seguido de uma reflexão sobre os aspectos comuns entre o grupo. Essa atividade teve duração de, aproximadamente, duas horas.</p> <p>Em seguida, os jovens PIEF foram fazer escalada. O treinador verificou a segurança dos dispositivos de escalada, e os participantes começaram a escalar as rotas propostas pelo treinador, obedecendo a diferentes níveis de dificuldade. Apenas os alunos J3 e J7 se recusaram a participar, com o restante não houve problemas. Após essa atividade, seguindo a proposta do projeto do almoço coletivo, fomos todos para a cantina onde almoçamos.</p> <p>No momento do intervalo do almoço, a enfermeira percebeu que alguns alunos da turma PIEF estavam com comportamentos suspeitos no que diz respeito à venda e consumo de drogas. Ela informou ao TIL, solicitando que ele tomasse providência no tocante ao contato com a Polícia Segura. Os alunos J4, J5, J6, J7 e J8 foram conduzidos a uma sala fechada, onde, sob ordem da polícia, tiraram a roupa, mas nada foi encontrado. Revoltados, os alunos depredaram a Escola.</p> <p>O período da tarde teve início com a avaliação das atividades realizadas pela manhã, com uma escala de números que segue de 1 a 10. Cada jovem posicionou-se ao lado do número que julgava representar a avaliação. Em seguida, foi realizado um aquecimento corporal para ativar a circulação sanguínea. O assunto sexualidade voltou a ser abordado, ainda falando sobre a funcionalidade dos órgãos sexuais feminino e masculino. A pauta da tarde não foi cumprida na íntegra, pois os alunos J4, J6 e J7 não foram à aula e as dinamizadoras do Projeto Take Care avaliaram que não valia à pena avançar no assunto quando não estavam todos em sala.</p>
REFLEXÃO	<p>O humor dos alunos PIEF oscila muito num curto espaço de tempo. Em uma manhã, eles são capazes de participar e integrarem-se numa atividade, no momento seguinte fazem questão de conturbar o ambiente, não participando e nem permitindo que o professor desenvolva o planejado.</p> <p>Com as atividades propostas para o dia, tentou-se refletir sobre a autonomia e as experiências de riscos que os jovens correm ao consumir álcool e drogas. Com base nas intervenções dos alunos, foi fácil constatar que eles conhecem todos os riscos, embora não percebam os reais danos e o impacto disso ao longo do tempo.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	09-11-2011
ATIVIDADE	Reunião

LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	Técnico EMM, Diretor da escola, Diretor de turma, TIL, Professor P3, Pais e encarregados de educação, Alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>O diretor da Escola deu as boas vindas e explicou os objetivos da reunião. A pretenção é refletir sobre as atitudes que os jovens têm tido nas aulas e no espaço escolar. Foi apresentado aos pais e encarregados de educação o comportamento negativo dos alunos, sendo definida, segundo o regulamento interno da Escola, punição para cada um conforme os atos. A pauta da reunião centrou-se na avaliação dos tais comportamentos e das definições das punições, considerando as portas da casa de banho masculina e feminina que foram quebradas, além do não cumprimento dos horários das aulas e o desrespeito com o professor.</p> <p>Quando questionado sobre a referida situação, os alunos J1, J2 e J3 assumiram que o comportamento da turma estava mal, que iriam melhorar e pediram desculpas. Os alunos J6, J7 e J8, timidamente, pediram desculpas, assumiram o erro pela destruição das portas dos banheiros, prometeram melhorar o comportamento nas aulas e concordaram em ser punidos. Também envolvidos na destruição das portas estavam os alunos J4 e J5 que assumiram publicamente não estarem envolvidos, não havendo, portanto, motivo para desculparem-se. Ainda afirmaram que caso fossem punidos não cumpriria a punição. Ficou decidido que a direção da Escola iria pensar na punição para todos.</p> <p>As falas dos pais e encarregados de educação, técnica EMM, Diretor de Turma, professores e demais presentes foram de reprovar as atitudes dos jovens no que diz respeito aos comportamentos negativos em sala de aula e nos intervalos. Como também de alertá-los para a valorização do trabalho que tem sido organizado para eles, de modo que pudessem usufruir positivamente.</p>
REFLEXÃO	<p>Pelas observações que temos vindo a acompanhar, é sugerido a nós que os alunos que constituem essa turma PIEF aos qual propomos o acompanhamento vêm de percursos escolar e social repletos de insucessos, comportamentos antissociais, vulnerabilidade social, negligência familiar, abandono escolar etc. Uma constatação que, mesmo não representando novidade, constrange e preocupa o trabalho pedagógico que pouco tem conseguido fazer. O discurso dos professores, pais e encarregados de educação sobre a oportunidade que o aluno está tendo na Escola parece não surtir nenhum efeito. Nesse sentido não há remorso pelos erros, não há visão futurista, nem senso crítico. Há uma desleal e excludente disputa pela sobrevivência que não é guiada por sonhos, pois o imediatismo das incertezas não contempla metas. Entre o desacato e os riscos estão jovens, seres humanos que parece não ambicionar pela construção de projetos de vida. O discurso da oportunidade não é compreendido ou não é real no mundo em que cada aluno PIEF vive.</p> <p>Pelos relatórios das nossas observações e conversas informais, tem sido impossível ficar isento emocionalmente e não se chocar com as histórias percorridas pelos, aproximadamente, 16 anos de vida desses alunos. Sabemos que não é fácil o processo de inclusão e (re)integração escolar e social, mas temos que acreditar, lutar e trabalhar para que seja possível.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	10-11-2011
ATIVIDADE	Palestra sobre drogas lícitas, ilícitas e sexualidade
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	TIL, Psicóloga (ESENfC), Estagiários (ESENfC), Alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Com o objetivo de promover uma consciência sobre a sexualidade e a sensibilização para a prevenção sexual, novamente foi abordado o tema, explicitando o assunto sobre os métodos contraceptivos e a forma mais segura da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Além das explicações, os estagiários mostraram imagens (fotos) das doenças, causando impacto nos jovens que falaram sentir nojo de olhar as imagens.</p> <p>No segundo momento, a psicóloga dinamizou os assuntos das drogas e do</p>

álcool, sempre envolvendo os jovens e dirigindo-lhes perguntas para sondar os conhecimentos, bem como envolvê-los na temática discutida. As participações ficaram restritas aos alunos J4, J5, J7 e J8. Salientamos que foram participações coerentes, demonstraram um nível elevado de conhecimento acerca do assunto, inclusive das questões legais relacionadas à venda e ao consumo de álcool. Todos sabiam sobre as proibições, os efeitos e as doenças causadas.

REFLEXÃO

A mensagem proposta era que os jovens conhecessem os riscos ao consumirem drogas e álcool, questionassem sobre a eficácia dos debates, uma vez que os alunos dessa turma PIEF, na sua maioria, já têm contato com as drogas lícitas e ilícitas. Percebeu-se que as informações sobre o uso, os riscos, o período de abstinência e as doenças relacionadas com o uso das drogas não representam novidade, pelo contrário soam banalidade. Reiteramos que essas informações são conhecidas pelos alunos.

Podemos supor que o discurso da psicóloga é uma fala solta, dentro do emocionante e perigoso mundo dos consumos. O papel da Escola nunca pode ser passivo. A reflexão e a persistência tem que ser uma constante, uma vez os jovens ainda têm a possibilidade de transformar em hábitos saudáveis aquilo que lhes prejudica.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	14-11-2011
ATIVIDADE	Manhã: Preenchimento da Ficha Biográfica. Tarde: filme <i>Pular a cerca</i>
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	TIL, Alunos e estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>A ficha biográfica é composta pelas seguintes informações: identificação, agregado familiar, saúde e alimentação, vida escolar, hábitos e métodos de estudo, ocupação de tempos livres e personalidade. Com esses dados, pretende-se conhecer um pouco mais sobre os hábitos e pensamentos dos jovens. Acompanhei os alunos J1, J2 e J3 no momento em que estavam preenchendo as fichas. Não demonstraram a menor perspectiva de futuro para a vida pessoal ou a possível construção de uma carreira profissional. J1 e J2 não preencheram nada nos quesitos sobre sua personalidade, enquanto J3 define-se como uma pessoa “chata, teimosa e resmungona”, acrescentando que odeia quando as pessoas implicam com ela. A pessoa que mais admira no mundo é o namorado e, nas demais, aprecia a beleza do corpo.</p> <p>No período da tarde, o Programa Gerar Percursos Sociais trabalhou com o filme <i>Pular a cerca</i>. Todos os alunos estavam na sala e assistiram ao filme todo com atenção. O gênero é uma comédia. A história centra-se em alguns animais que, em uma tarde de primavera, se encontram e decidem saquear comida de um perigoso urso. A partir desse fato, decorrem todas as situações que acabam por envolver cenas que podem ser vistas no cotidiano das vidas humanas. A discussão do filme fica para outro momento, tendo em conta o fim do horário da aula.</p>
REFLEXÃO	<p>Considero que a atividade do preenchimento das fichas foi razoavelmente difícil, pois os referidos alunos não se esforçaram para pensar as questões que envolviam sonhos e questões da personalidade. Foi necessária uma constante motivação a cada pergunta, pois eles respondem por impulso e de qualquer maneira. Não se importam que os dados sobre suas vidas sejam preenchidas com qualquer informação. Para os três, não havia diferença entre qualidades e defeitos, entre uma pessoa que eles mais admiravam no mundo ou o programa preferido nas horas de lazer. A sensação que temos com a convivência com esses alunos é que a vida os treinou em experiências que não os permitem respeitar a si próprio, as regras nem as outras pessoas. A autoestima é algo inexistente em suas falas e comportamentos.</p> <p>O filme <i>Pular a cerca</i> foi uma tentativa de fazê-los pensar em posturas que os indivíduos têm e que somos seres humanos suscetíveis ao erro, como também aos acertos, e, acima de tudo, nunca devemos esquecer a perspectiva da mudança. Espera-se que, para além dos efeitos gráficos, possa ter havido alguma reflexão pessoal. Pois não houve tempo para que o TIL no momento após o filme</p>

explorasse uma reflexão individual e coletiva.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	15-11-2011
ATIVIDADE	Acolhida dos alunos; Atividades de matemática.
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	TIL, alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Durante a recepção dos alunos, pela manhã, é necessário lembrá-los do cumprimento das regras, iniciando pelo celular (telemóvel) que não pode ser levado para a sala de aula. Isto porque, mesmo sob orientação, eles insistem, sendo necessário ir até a sala para recolher. Nesse momento, há sempre um ou outro que insiste em não entregar. A manobra de negociação para a retirada do celular passa por diversos caminhos, desde a ordem até a conversa amigável, pois, se o aluno ficar com o aparelho, é um motivo a mais de transtorno na aula.</p> <p>Na aula de matemática, eu fiquei com os alunos J1 e J3, desenvolvendo atividades de raciocínio lógico, com exercícios que envolveram resolução de problemas simples. As temáticas dos problemas estavam relacionadas com situações possíveis do cotidiano, como ida à escola, cinema, gastos com dinheiro etc. O aluno J1 não sabe ler, sendo fundamental um acompanhamento individualizado. J3 desenvolveu a atividade com mais autonomia. Com os propostos, pretendeu-se desenvolver o pensamento lógico a partir de uma realidade próxima dos alunos. A atividade foi realizada com êxito.</p>
REFLEXÃO	<p>Acompanhar essa turma PIEF é, por vezes, muito enfadonho, pois o progresso é mínimo. É necessário todos os dias chamá-los atenção pelos mesmos motivos. É o celular que tem que ser deixado no gabinete antes da entrada do aluno na sala de aula; é o cumprimento dos horários; o respeito com os professores e demais profissionais da escola; são os palavrões; a não participação nas aulas etc. Os “problemas” repetem-se com frequência. Assim, um planeamento coletivo da equipe pedagógica a fim de reunir mecanismos e estratégias que vão ao encontro à promoção da mudança dos comportamentos dos alunos é importante.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	16-11-2011
ATIVIDADE	Manhã: reunião com os alunos. Tarde: reunião com a equipe pedagógica.
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	Diretor de turma, TIL, Professores, Psicóloga, Alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>O objetivo da reunião com os alunos foi levá-los a refletir acerca das ações que têm tido no ambiente escolar. A reunião foi coordenada pelo diretor de turma que, sem citar nomes, refletiu sobre as posturas (comportamentos) de cada aluno, propondo que cada aluno se identificasse com o comportamento citado. Por fim, solicitou empenho e compromisso nas aulas e reafirmou a disponibilidade, como diretor de turma, para ouvir cada um e em qualquer situação. Finalizou com a frase “a porta do gabinete encontra-se sempre aberta”.</p> <p>No período da tarde, com duração de, aproximadamente, 2h30min, realizou-se a reunião com a equipe pedagógica da turma PIEF. O diretor de turma coordenou os trabalhos, abrindo espaço para o diretor da Escola, que centrou a fala nas respostas que a Escola poderia dar aos alunos, referindo que “serão as possíveis e não as ideais”. Dando continuidade, o P5 disse que as condições de trabalho que os professores da turma PIEF têm “são inumanas”, acrescentando que ainda não conseguiu “arranjar estratégias que faça efeito nos alunos” e, como educador, sente que tem que fazer mais</p>

do que tem sido feito.

Entre outras falas, surgiu a preocupação com a influência negativa que os alunos PIEF podem desenvolver nos demais alunos. O P1 diz que a atuação da equipe pedagógica deverá ser em grupo, fazendo pressão sobre os alunos PIEF, desenvolvendo, portanto, um trabalho em equipe. No mais, a reunião com a equipa pedagógica se deu de maneira tranquila. Muitos desabafos com relação aos comportamentos negativos dos PIEFs nas aulas, muita insatisfação dos professores no que diz respeito aos avanços, e algumas frustrações por não atingirem determinados objetivos. Poucas sugestões.

REFLEXÃO

Durante a reunião com os alunos, as reações acabaram por se repetir, identificamos pernas inquietas, resmungos, cabeças balançando, mãos em busca dos outros, olhares vagos, corpos jogados e dispersão. Com esses gestos, eles foram reagindo de maneira negativa ao diálogo posposto pelo diretor de turma. Eles banalizam qualquer forma de comunicação que os leve a pensar sobre os atos negativos praticados pelo grupo, seja de maneira individual ou coletiva.

No diálogo proposto com a equipe pedagógica, as reações foram repetitivas e semelhantes entre todos. O muro das lamentações parece dominar a pauta da reunião e, quando se dão conta, o tempo acabou. As discussões não se fecham, não se propõem mudanças, a maioria não sugere, tampouco se valorizam as experiências exitosas de algum professor que, por sua vez, não se manifesta, pois uma experiência positiva, mesmo que pequena, seria um desacato diante do percurso (diálogo) que a reunião tomou.

Com os alunos PIEF, o nível de exigência do professor deve ser pequeno. Ele não pode observar mudanças e transformações se estas só acontecem em grandes contextos. Percebe-se que, mesmo com alguns desrespeitando os horários, continuam vindo à escola. Não se podem esquecer as características próprias do público que o PIEF atende. Pretende-se que este público se (re)integre e seja incluído nas escolas.

ACÃO	DESCRIÇÃO
DATA	18-11-2011
ATIVIDADE	Acompanhar aula de TIC; Acompanhar aula de Português; Acompanhar aula de Educação Física; Acompanhar o Programa Gerar Percursos Sociais (GPS).
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	Professor P5, P1 e P9, estagiárias de psicologia (GPS), alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Na aula de TIC, os alunos J4 e J7 faltaram. Os demais estavam sentados individualmente e em duplas nos computadores. O professor ia conduzindo o exercício, de modo que todos participaram e, no momento do intervalo, decidiram permanecer na sala, continuando a atividade. O exercício foi com o programa <i>Word</i>, explorando a digitação de texto e como inserir imagens junto ao texto. Dos seis alunos presentes na aula, só dois (J1 e J8) demonstraram mais dificuldade, mas realizou a atividade até o fim. O professor foi conduzindo passo a passo e acompanhando cada aluno.</p> <p>A proposta desenvolvida na aula de português foi organizar ideias para elaboração de trabalhos que tratassem dos direitos da criança. Como sugestão, o grupo definiu que, na próxima aula, as atividades desenvolvidas seriam a criação de uma poesia, uma música (rap) e um desenho.</p> <p>Os alunos dirigiram-se para o pavilhão, e o professor de educação física treinou técnicas de <i>basquete</i>. Estavam todos os oito alunos, somente J3 se recusou a participar.</p> <p>O programa GPS pretende promover a prevenção e reabilitação psicossocial dos comportamentos desviantes nos jovens. Para a sessão de hoje, foi desenvolvido a perspectiva da linguagem não verbal, por meio de uma dinâmica com o grupo. A sessão tem duração de 1h45min, para acontecer uma vez por semana. Nesta sessão, a atividade, contando com início meio e fim, teve duração de, aproximadamente, 30 minutos. Estão na sala: J1, J2, J3, J6 e J8. O restante, após o intervalo do almoço, já não voltaram.</p>

REFLEXÃO

O computador ainda representa uma atração para os alunos PIEF, pois em casa não é um equipamento comum a todos. Os alunos residentes em instituições (J6, J7 e J8) só podem usar o computador e usar a *internet* uma vez por semana com horário limitado.

Os alunos persistem na resistência em não participar das atividades. Em alguns momentos, sente-se um corporativismo no grupo, e em outros não, é cada um por si. Essa postura representa ameaça ao professor, pois ele nunca sabe quando o grupo é grupo, e pode trabalhar em conjunto, ou quando o trabalho é individual, ou quando os jovens estão irmanados em não produzir.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	22-11-2011
ATIVIDADE	Aula de Formação Vocacional
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	Professor P8, alunos e estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	Após o intervalo do almoço, os alunos J5, J6, J7 e J8 não retornaram. Segundo o porteiro, eles haviam saído da Escola. Os alunos J1, J2, J3 e J4 foram conduzidos pelo professor para a oficina de carpintaria, onde o trabalho foi desenvolvido com pedaços de madeira. Depois das medições, a madeira foi cortada na máquina em pedaços menores. Essas peças cortadas seriam trabalhadas nas próximas aulas, tendo em conta que o horário havia encerrado. Os alunos fizeram a limpeza da sala.
REFLEXÃO	A atividade correu bem, e todos participaram. O P8 ressalta a importância de desenvolver uma conscientização para a segurança no trabalho, pois as máquinas são perigosas, se não utilizadas corretamente causam sérios danos físicos. Isto não causou medo ou cuidado, pois percebemos certa imaturidade nos alunos em relação aos cuidados e à segurança. São capazes de brincar de maneira irresponsável perto das máquinas, inclusive ligadas.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	23-11-2011
ATIVIDADE	Acompanhamento da aula de Ciências Físicas e Naturais (CFN) Acompanhamento da aula de Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho (HSST)
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	Professor P6 e P7, alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	O assunto da aula de CFN foi movimento. O movimento, em si, e também quando o a gente o faz sentir iniciar ou cessar. Para desenvolver a temática da aula, o professor utilizou um carro de brinquedo, fazendo a simulação de um carro em movimento, sendo puxado para trás e para os lados. À medida que o carro ia reagindo, o professor instigava os alunos J1, J2, J3 e J7 a responderem as questões que foram respondidas de modo coerente. Os demais alunos J4, J5 e J6 e J8 estavam na aula, entretanto recusaram-se a participar, verbalizando que já sabiam tudo sobre movimento, não havendo necessidade de estudar, de modo que se isolaram a brincar entre si. O professor iniciou a aula de HSST, formando duplas. Cada uma recebeu uma folha com imagens, textos e questões a serem respondidas sobre a segurança no trabalho. Juntamente com o professor, acompanhamos a resolução do exercício, colaborando com esclarecimentos, motivando a participação dos dois elementos, e identificando possíveis erros. A atividade foi finalizada por todas as duplas. Não estavam na aula os alunos J4, J6 e J7.
REFLEXÃO	Percebeu-se, da parte dos dois professores, que foi feito o planejamento da aula, com a tentativa de motivar a participação dos alunos. Em Ciências Físicas e

Naturais, o professor propôs uma aula com teoria aliada à prática. Já em Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho, o exercício proposto foi pensado com muito cuidado, observando textos aliados a figuras, dentro de uma realidade que foi possível atrair a atenção dos alunos e motivá-los a pensar sobre a segurança, a partir de questões não tão complexas, e sim mais simples e atuais. Em ambos os casos, não houve participação de todos. A cada dia, a convivência com os alunos dessa turma nos faz pensar sobre o impacto da motivação e da insistência na postura de sempre não querer participar das atividades.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	29-11-2011
ATIVIDADE	Acompanhamento da aula de Inglês
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	Professor P2, alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	O professor levou, em desenho, cinco bandeiras de diferentes países que têm como língua oficial o inglês. Os alunos coloriram o desenho de acordo com as cores da bandeira. Todos participaram e colaboraram. No centro da mesa, estavam os lápis de cor e sempre que alguém os pegava, a professora motivava-os a falar o nome da cor em inglês. As cores que o aluno não sabia, a professora falava e o aluno repetia. Por fim, foi criado um cartaz grande, com todas as bandeiras e os nomes dos respectivos países.
REFLEXÃO	Os oito alunos estavam na aula e participaram da atividade. A aula tratava algo do interesse dos jovens? Os mesmos estavam motivados a participarem? Eles gostam de pintar? São respostas que não se encontram até a presente reflexão. O que se tornou evidente foi o fato de que, quando os alunos colaboram, mesmo com o mínimo de motivação e colaboração, permitem que o professor desenvolva o planejado e acrescente algo que pode ter surgido, que tenha algum significado ou interesse para eles.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	30-11-2011
ATIVIDADE	Acompanhamento da aula de Ciências Físicas e Naturais (CFN) Acompanhamento da aula de Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho (HSST)
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE (S)	Professores P6 e P7, alunos e estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	Para estudar o movimento da Terra, do Sol e da lua, o professor pontuou para as fases da lua e as estações do ano. Os alunos participaram, respondendo as questões colocadas. Havia sempre um ou outro que insistia em falar asneiras e/ou falar que a atividade não os interessava em nada. Na aula de HSST, o professor deu as boas vindas e lançou o desafio para a participação de uma competição em dupla, cujos vencedores seriam premiados. Foi realizado um sorteio para a formação das duplas, em seguida o professor apresentou os cartazes onde constavam os seguintes sinais: proibição, obrigação, aviso, salvamento ou emergência. Cada dupla teve que montar o cartaz, afixando as figuras que correspondiam ao sinal indicado no cartaz. A dupla vencedora foi a que cumpriu as atividades sem erros e no menor tempo possível. Houve integração e premiação para todos.
REFLEXÃO	Não se consegue compor um perfil desses alunos, pois, todos os dias e em cada aula, eles reagem de maneira diferente diante das atividades propostas. O que não muda é a agressividade, falta de respeito por eles e pelo outro. O que hoje funciona muito bem pode amanhã ou no mesmo dia já não ter receptividade

nenhuma. É sempre um desafio propor algo a este grupo de alunos.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	02-12-2011
ATIVIDADE	Preenchimento da Ficha Biográfica
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	J7 e estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO ATIVIDADE DA	<p>A ficha biográfica é composta pelas seguintes informações: identificação, agregado familiar, saúde/alimentação, vida escolar, hábitos e métodos de estudo, ocupação de tempos livres e personalidade. O aluno respondeu os quesitos com muita facilidade e, para o último item, disse que ser amigo é a sua principal qualidade, elencando como principais defeitos “ser mal educado, não obedecer e ser influenciado”. Acrescentou que, quando age pela negativa, é porque foi influenciado pelo outro. E sempre depois que comete o erro, ele pensa que poderia não ter agido errado, culpando-se pelo fato de ser uma pessoa influenciável. Aprecia como qualidade que admira no outro o “ser amigo” e o pior defeito para ele é “ser egoísta”.</p> <p>Nesse sentido, instiguei o aluno sobre como ele compreendia essas questões, e de maneira bem clara o J7 foi exemplificando que para ele ser amigo é fazer o que o outro pede e não revelar algo que entregue os amigos. Como oposto disso, ressaltou que o egoísta é aquele a quem se pede um cigarro, por exemplo, e ele tem e nega. É alguém que facilmente joga a culpa dos erros nos outros.</p>
REFLEXÃO	<p>Este aluno vem sendo considerado por professores e técnicos como o elemento mais difícil do grupo, recusando-se sempre em cumprir regras e participar das atividades. Desse modo, consideramos muito significativo no aluno, além do preenchimento da ficha, ter conversado sobre os traços da sua personalidade no que diz respeito às qualidades que mais aprecia e defeitos que menos aprecia em si e nos outros.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	05-12-2011
ATIVIDADE	Reunião com encarregados de educação do aluno J7
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Técnico EMM, Diretor de turma, TIL, Diretor Técnico do Lar de S. Martinho, Professor do Lar de S. Martinho, J7 e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO ATIVIDADE DA	<p>A reunião foi proposta para desenvolver uma maior aproximação entre a Escola e os encarregados de educação do aluno J7, verificando, portanto, como ele tem agido na instituição onde mora. O Diretor de Turma dirigiu a reunião e apresentou a situação do aluno na Escola e considerou que pouco ou nada tem mudado. O aluno está sempre agindo de forma mal educada, recusando-se sempre a participar das atividades. Encontrando-se completamente desmotivado, não tem qualquer interesse em frequentar a Escola, além de afirmar que não gosta de estar na Instituição.</p> <p>Foi solicitado ao diretor do Lar de S. Martinho um maior empenho da Instituição, no sentido de acompanhar mais o aluno na Escola. O diretor ressaltou que, desde o início das aulas, não se percebeu avanços no aluno que é, no momento, considerado o caso mais problemático que o Lar de S. Martinho tem. Disse, ainda, que a medida PIEF não resultará positivamente em nada, pois o jovem necessita de uma instituição especializada, e que o a direção do Lar já tem tomado diversas providências no sentido de transferi-lo. Pede a colaboração da Escola para enviar relatórios ao tribunal, na tentativa de intensificar a informação</p>

	sobre o comportamento do aluno, para que, diante da gravidade, seja transferido com a maior brevidade possível.
REFLEXÃO	<p>Complicado, esta foi a palavra utilizada por todos, incontáveis vezes, durante as quase duas horas de reunião. A Instituição se mostrou impotente e incapaz de lidar com o jovem, demonstrando não ser mais possível nenhuma tentativa que provoque mudança no comportamento e na aprendizagem do J7. A Escola convocou a reunião na tentativa de, junto com a Instituição, desenvolver estratégias que pudessem resultar positivamente no processo de integração do jovem na Escola.</p> <p>O fato de o aluno em breve ser encaminhado para uma Instituição fechada causou um certo impacto nos técnicos EMM, TIL e Diretor de Turma, pois ambos têm consciência que o sistema prisional promove a reinserção de maneira a restringir 100% a liberdade do jovem.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	06-12-2011
ATIVIDADE	Analisar o processo do aluno J7
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	TIL e estagiária Darliane Amaral

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Analisando o processo do referido aluno, elencamos algumas informações que são representativas para formar o “perfil” dele. Encontra-se com 14 anos, cursando o 6º ano, reside no Lar de S. Martinho, há cerca de dois (2) anos. Foi retirado da família, pois o agregado familiar não possui condições financeiras e sociais para educá-lo. É acompanhado pela Equipe Multidisciplinar de Apoio aos Tribunais (EMAT) de Espinho e pelo serviço de Pedopsiquiatria do Hospital Pediatria de Coimbra. O aluno tem vários processos, estando, portanto, em lista de espera para ser integrado em centro educativo fechado pelas suas complexas características de personalidade e de comportamento.</p> <p>Segundo os relatórios que compõem o processo, o jovem é descrito como um indivíduo com muitos problemas de comportamento, incitador de maus comportamentos junto dos outros colegas, sendo considerado um elemento altamente desestabilizador nas turmas em que andou e, na atual, continua com as mesmas características. Tem muitas faltas injustificadas, não cumpre os horários estabelecidos pela Escola e raramente participa de alguma atividade.</p>
------------------------	--

REFLEXÃO	<p>A situação do referido aluno é complicada desde a infância, tornando-se crescente, sendo atualmente classificado por assumir comportamentos antissociais, agressivos verbais e não verbais. Na turma, ele não se integra com todos os colegas e, na escola, também não procura integrar-se. É notório, pelos depoimentos dos professores e pelas atitudes demonstradas pelo jovem, que ele, além de deficiência afetiva, nutre uma revolta pessoal pelo fato de não morar em casa dos pais. Em conversas, ele já deixou claro que tem sonho de ganhar dinheiro, ajudar a mãe e construir um futuro melhor, assumindo, ainda, que se arrepende de muitas das atitudes que pratica, pois sabe que são erradas, reconhecendo que é um elemento que facilmente sofre influência negativa dos colegas.</p>
----------	--

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	07-12-2011
ATIVIDADE	Reunião pedagógica

LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Técnico EMM, TIL, Diretor de Turma, Professores e Estagiária- Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Às 15h teve início a reunião pedagógica dirigida pelo Diretor de Turma que deu as boas vindas e passou a palavra ao técnico EMM. Este fez esclarecimentos e socializou informações importantes sobre o encaminhamento dos alunos PIEF para as atividades de exploração vocacional. Foi discutido com mais atenção e de modo mais detalhado a situação do aluno J8 que, provavelmente, será encaminhado à Quinta da Conraria para o curso de jardinagem. O técnico EMM mostrou-se preocupado com a quantidade de jovens que estão sinalizados, encontrando-se fora da Escola e que, provavelmente, no próximo ano letivo (2012/2013) deverão frequentar a Escola, uma vez que são jovens com a idade de escolaridade obrigatória. São jovens com multiproblemas escolar e social. Isto exigirá um esforço e uma preparação maior da Escola para atender, de maneira eficaz, essa demanda.</p> <p>Dando seguimento à reunião, cada professor fez um breve diagnóstico das aulas. Foi unanimidade que os jovens J4 e J5 não apresentam nenhum sinal de evolução das competências pessoais e sociais, acrescentando que os dois são os maiores desestabilizadores das aulas, pois se recusam em participar de qualquer que seja a atividade proposta. São constantemente convidados a deixarem a sala de aula, indo ao gabinete PIEF por para conversarem com o DT e o TIL.</p> <p>O P1 retomou o mesmo assunto da reunião anterior, que era trabalhar em grupo de modo que todos os professores desenvolvam o mesmo projeto. Ainda demonstrou que não tem medo de trabalhar com os jovens com as características dos PIEFs, ou seja, indisciplinados, com comportamentos desviantes e dificuldades de aprendizagem. P2, P3 e P8 expuseram ao grupo que tem conseguido desenvolver algumas atividades com os jovens, mas sempre há um ou outro que se recusa a participar. P6 demonstra confiança no que está fazendo, mas reforça ao grupo a proposta de que o trabalho com o PIEF deveria ser um único projeto, em que todos os professores desenvolvessem e explorassem temas dentro das suas áreas, de modo que houvesse uma continuidade do assunto e do trabalho. Este professor acredita que, com a organização do horário das aulas em que, a cada 45 minutos, ocorre mudança da disciplina e do professor, acaba por não ser muito valioso no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. P4 demonstra muita insegurança e insatisfação em atuar na referida turma, considerando que na disciplina dele não houve nenhum avanço. P5 abordou a questão da avaliação. Segundo ele, não há condições de avaliar os alunos de maneira quantitativa.</p> <p>Retomando a fala, o técnico EMM referiu que os professores têm autonomia para, nesse momento inicial, avaliar os jovens por meio de relatórios e que se registre em ata. Também apresentou uma proposta de formação creditada para os professores PIEF, cujos temas poderiam ser sugeridos por eles próprios. A previsão para acontecer será em janeiro de 2012. O coordenador local deu por encerrada a reunião.</p>
REFLEXÃO	<p>Na reunião, percebeu-se uma mudança na postura dos professores, pois, no encontro anterior, foram relatadas somente reclamações e dificuldades em trabalhar com o PIEF. Nesta reunião, apresentaram-se, também, preocupações com relação ao nível de aprendizagem que pouco tem progredido, a indisciplina que, por vezes, atrapalha o plano que o professor tem para executar, como também o não cumprimento dos horários nas entradas das aulas. Reflexões como estas são importantes, pois direciona a prática pedagógica para criar estratégias de como desenvolver propostas que vão ao encontro dos pontos positivos e de encontro aos pontos negativos identificados.</p> <p>Trabalhar com esse perfil de aluno é um desafio para o professor que, muitas vezes, vê seu planeamento, suas metodologias e técnicas por água abaixo.</p>
AÇÃO	DESCRIÇÃO

DATA	12-12-2011
ATIVIDADE	Analisar o processo do aluno J8
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	TIL e estagiária Darliane Amaral

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>DA</p> <p>Analisando o processo do aluno J8, foram identificadas algumas informações consideradas relevantes, entre as aproximadamente trezentas páginas, como: desde 2006 foi retirado da família, pois a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ) entendeu que os elementos do agregado familiar deram provas evidentes de não possuírem capacidades para cuidarem do filho, nem tampouco para assegurar os cuidados básicos de higiene, educação, alimentação e saúde necessária a um crescimento adequado. O jovem é de etnia cigana, filhos de agricultor e doméstica, beneficiário de Rendimento Social de Inserção (RSI). O pai sofre de alcoolismo, origem que dão a conflitos e maus tratos aos filhos, presenciados por vizinhos e negados pela esposa e filhos. O pai já foi submetido a tratamento de desintoxicação alcoólica, mas não obteve sucesso.</p> <p>Atualmente, o J8 é acompanhado pela Equipe Multidisciplinar de Apoio aos Tribunais (EMAT) e pelo serviço de Pedopsiquiatria do Hospital Pediatria de Coimbra, sendo, portanto, medicado para controlar a hiperatividade e estabilizar o humor. Isto porque há momentos em que J8 é bem disposto e acata sugestões e propostas dos professores, em outros, adota uma atitude crítica e recusa-se a colaborar, sendo mesmo mal educado e, às vezes, agressivo. Em relação á aprendizagem, apresenta problemas cognitivos que comprometem acentuadamente a sua aprendizagem e participação no contexto educativo/escolar. No processo do aluno, há referências de que, desde criança, apresenta atenção e concentração são baixas e não consegue realizar uma tarefa até o fim. Além disso, não possui autonomia à realização do trabalho individual, necessitando de acompanhamento permanente. Situação constatada com a vivência no PIEF.</p>
------------------------	--

REFLEXÃO	<p>A análise de um processo como este constitui uma leitura dolorosa, pois identificamos que o percurso de vida do aluno, que tem apenas 15 anos já é a exclusão de uma vida que se possa chamar de normal. É humanamente impossível não nos inquietarmos com a realidade deste jovem, que tem um porte físico muito alto, dono de um sorriso cativante que o diferencia do restante do grupo no aspecto da afetividade, pois constantemente sente a necessidade de estar abraçando ou beijando as pessoas ao seu redor, de modo que todos os professores, técnicos e colegas de turma já foram abordados com as atitudes de carinho do J8. Como também, todos já foram vítimas e/ou presenciaram situações de agressividade ou desacato do aluno que minutos depois é capaz de pedir desculpas, admitindo ter agido por impulso e assumindo o erro.</p> <p>A impulsividade torna-se uma marca forte no comportamento desse aluno. Espelho e portas de banheiro já foram partidos por ele. Já quase perdeu um dedo na oficina de carpintaria, tendo causado susto, pois se feriu em uma máquina. Diante de nossas observações, fica a ideia até o presente diário que o J8 tem facilidade de socialização e integração em qualquer grupo, fato que, na Escola, tem sido reafirmado. Apesar de todos os comportamentos pela negativa, o aluno tem conquistado uma relação amigável com o grupo de alunos PIEF, professores, funcionários e demais alunos da Escola.</p>
----------	--

ACÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	13-12-2011
ATIVIDADE	Analisar o processo do aluno J6

LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis	
PARTICIPANTE(S)	TIL e estagiária Darliane Amaral	
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	DA	<p>Analisando o processo do aluno J6, sempre que surgiram dúvidas, pude contar com o auxílio e esclarecimento do TIL.</p> <p>O jovem encontra-se institucionalizado, acompanhado pela EMAT e pelo serviço de Pedopsiquiatria do Hospital Psiquiátrico da Figueira da Foz. A família é de origem bastante disfuncional, o que contribui para a instabilidade emocional do jovem que, também, é enquadrado por comportamento desviante.</p>
REFLEXÃO		<p>Nesta atual situação, o aluno da turma PIEF revela-se instável, agindo tanto pela negativa como pela positiva. Por vezes, já foi chamado a atenção pelo Diretor de Turma e pelo Técnico de Intervenção Local para liderar entre os colegas da turma PIEF os comportamentos positivos. Pois quando J6 quer, consegue se portar de maneira adequada, contribuindo para o processo de ensino aprendizagem, respeitando as regras etc.</p>

ACÇÃO	DESCRIÇÃO	
DATA	14-12-2011	
ATIVIDADE	Analisar o processo do aluno J2 e J4	
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis	
PARTICIPANTE(S)	TIL e estagiária Darliane Amaral	
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	DA	<p>Os dois alunos são irmãos gêmeos e estão sendo acompanhados pela EMAT. O agregado familiar é constituído por mãe e companheiro.</p> <p>O aluno J2 não apresenta problemas aparentes de comportamento. Vem sendo atualmente acompanhado em consultas de Pedopsiquiatria, diagnosticada depressão e instabilidade emocional, estando sempre medicado. Tem um percurso de abandono escolar e manifesta o desejo de uma formação na área de cabeleireiro.</p> <p>Quanto ao aluno J4, o seu percurso escolar, a partir da análise do processo, é marcado por imensas dificuldades de concentração. É considerado um indivíduo agitado, desestabilizando a organização da sala de aula, sempre brincando com os colegas e provocando nestes comportamentos pela negativa.</p>
REFLEXÃO		<p>A partir da análise dos processos, os dois irmãos apresentam atitudes bem diferentes. O J2 tem motivação para frequentar a Escola, embora haja desistência em alguns anos. J4 deixa claro que só vem à Escola porque é obrigado. A mãe demonstra não saber lidar com as situações problemáticas do J4, pois, nos relatórios, não consta interferência educativa de punição pelo comportamento que o filho tem na Escola. O aluno passou, aproximadamente, quatro meses sem frequentar a Escola e, posteriormente, foi sabido que ele escondia-se o dia todo embaixo da cama. Segundo a mãe, nunca se apercebeu da presença do filho em casa.</p> <p>Nessa turma PIEF, o J2 tem sido assíduo, buscando sempre colaborar com a aprendizagem de mais dois alunos. Já o J4 desrespeita as regras, raramente cumpre o horário do início das aulas, desafia a autoridade do professor etc. Na escola, os irmãos tem uma relação de cordialidade, mas o J2 encobre os comportamentos negativos no irmão.</p>

ACÇÃO	DESCRIÇÃO	
DATA	03-01 a 06-01-2012	
ATIVIDADE	Acompanhar o aluno J1	

LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Aluno e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA Após observar que todos os professores e técnico, por diversas vezes, chamaram atenção do aluno, pedindo que “fale mais baixo” ou “não grite” e, minutos depois, a cena se repetia sem a menor mudança, decidi acompanhar este aluno com o objetivo de fazê-lo perceber o tom da própria voz.</p> <p>De maneira sutil, fosse ao horário das aulas ou aos intervalos, quando o aluno falava alto, me aproximava com um tom de voz bem mais baixo que o dele e pedia que ele procurasse ouvir a própria voz. E acrescentei que, quando estivesse chateado com alguma situação ainda assim, não podia ceder as provocações dos amigos e gritar. No início, o aluno atribuía o tom da voz aos outros: “Foi ele que veio mexer comigo”, “estou no meu lugar e ficam falando coisas que não gosto sobre mim”. E, para se justificar, falava aos gritos. Conversamos sobre o tom da voz e J1 mostrou-se receptivo à proposta de falar baixo. Algumas vezes quando o aluno não cumpria o trato, e eu estava por perto, bastava olhar, sorrir, ele já percebia que havia falhado. Quando eu não estava próximo, mas ouvia o tom alto da voz dele, me aproximava e, sempre que possível, procurava intervir no momento, dialogando com o aluno. Ao fim de três dias, já se percebia uma mudança.</p>
REFLEXÃO	O acompanhamento correspondia ao momento em que o aluno entrava na escola até o final do dia. Sempre que o pacto de falar baixo fosse cumprido, J1 era elogiado. O sorriso da conquista do aluno foi algo que me marcou, pois cada vez que ele conseguia controlar a voz, já se percebia uma satisfação.

ACÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	12-01-2012
ATIVIDADE	Recolher informações sobre o aluno J5
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA Após o 1º período de aula (aproximadamente três meses), o Diretor de Turma encaminhou à direção da Escola um documento com informações acerca do aluno J5, cuja síntese apresento neste diário.</p> <p>O aluno não revela preocupação para cumprir regras e muito menos o horário escolar. Por vezes, muito antes da hora prevista para o término da aula, levanta-se e sai da sala. Junto aos colegas, exerce papel de líder, embora assumindo posturas agressivas, batendo-lhes e caindo sobre eles em uma tentativa de, inicialmente, brincar, mas, na maioria dos casos, a brincadeira acaba mal, com situação de ferimentos.</p> <p>Quando J5 é chamado à atenção, nunca aceita a orientação. Reage intempestivamente com arrogância e ameaças. “Agora é que vão ver, já que dizem que me porto mal, agora vou mesmo portar-me muito mal”. Acrescentamos que nos comportamentos negativos, age sempre às escondidas. E, se a responsabilidade da ação cair sobre alguém, ele não se manifesta para assumir.</p> <p>Para a mãe, o filho é bem comportado, incapaz de se portar mal na escola, sugerindo que outros agem mal com intenção de colocar a culpa nele. Afirma, ainda, que esta mesma situação o filho já havia vivenciado em outras escolas.</p>
REFLEXÃO	O aluno foi descrito no relatório com fidedignidade. Mesmo diante dos fatos ocorridos na escola, a mãe defende o filho, pondo sempre em causa a versão contada pela escola. O que nos sugere que o comportamento do aluno J5 pode ser fruto da educação recebida em casa.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	13-01-2012
ATIVIDADE	Relatório de uma situação do aluno J9
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Técnico de Intervenção Local (TIL) e J9.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Por volta das 12h, o TIL deslocou-se para o campo de futebol a fim de averiguar como estava ocorrendo a aula de educação física. O aluno J9 não se encontrava, e os colegas informaram que não o tinham visto.</p> <p>Uma funcionária do bloco onde funciona a turma PIEF, comunica que J9 havia falado que estava indisposto e pediu papel higiênico para ir ao banheiro. Desde este momento, o mesmo não foi mais visto. Entretanto, ouve-se um barulho, e o TIL, acompanhado da funcionária do bloco, dirigiu-se ao banheiro e deparou-se com o aluno caído no corredor, pálido, olhos revirados e sem reação. A direção da escola foi comunicada para acionar os mecanismos de emergência médica.</p> <p>O aluno havia vomitado e estava desacordado. Quando acordou referiu aos colegas que havia fumado ganza (maconha). O J9 foi transferido pelos bombeiros voluntários ao hospital Pediátrico de Coimbra.</p> <p>O ocorrido deixou o TIL perplexo, pois, por instantes, o aluno parecia estar muito mal. Disse que foi um susto encontrar o aluno caído e totalmente pálido. O aluno J9 tem porte físico muito fraco, e em dezembro passou por situação de internamento e cirurgia. Além disso, esteve fugido da instituição onde reside, dormindo várias noites na rua, se alimentando mal e fazendo uso de drogas.</p>
REFLEXÃO	A situação foi desconfortável e complexa. Desconfortável no sentido de mexer com a organização normal do planejado, e complexa porque envolveu um problema de saúde que a princípio pareceu muito grave. Porém com os devidos cuidados a situação foi resolvida.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	25-01-2012
ATIVIDADE	Reunião com a equipe pedagógica
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Técnico de Intervenção Local (TIL), Técnico da Equipa Móvel Multidisciplinar(EMM), Diretor da Escola, Diretor de Turma, professores, pais e encarregados de educação, alunos e a estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>O Diretor de Turma coordenou a reunião, fazendo o ponto de situação da turma no que diz respeito ao comportamento individual e coletivo dos alunos, estratégias de intervenção e resultados obtidos.</p> <p>Com relação aos comportamentos, foi dito que os alunos não respeitam os horários de entrada e saída das aulas e, mesmo em sala, não demonstram qualquer interesse pelo conteúdo, recusando-se a participar das atividades seja individual ou em grupo. Destroem equipamentos e depredam a Escola, quebrando os vidros das janelas, espelho dos banheiros, arrombando portas, estragando fechaduras, fazendo buracos nas paredes da sala e queimando, com isqueiro, as mesas.</p> <p>Quanto às estratégias de intervenção, tentamos a criação de hábitos de rotina como: pontualidade, cumprimento dos horários, organização de alguns materiais, participação nas atividades propostas, incentivo à reflexão do trabalho realizado, o saber estar na sala de aula e o falar na altura que é solicitado pelo professor e não aos gritos, seja qual fosse a situação. Houve a tentativa de diversificar as atividades na sala, resultando no reforço positivo face à realização de atividades e de pequenos progressos, atitude de motivação e encorajamento. A</p>

opção pelos computadores tem sido difícil, pois eles não respeitam a atividade do professor, apenas realizam consulta de interesse próprio (*youtube, google e facebook*).

Com relação aos resultados obtidos, foi apresentado na reunião que os alunos manifestam um comportamento hostil, desafiando ou recusando o cumprimento das regras, rejeitando qualquer aproximação ainda que de reforço positivo. Segundo os depoimentos dos professores, os alunos apresentam dificuldades de autorregulação emocional, comportamentos desajustados e recusa de afeto. Por fim, apresentam enormes dificuldades de aprendizagem e de compreensão mesmo de conteúdos básicos.

Os professores fizeram suas considerações, argumentando que P1 ressaltou o desrespeito que os alunos têm tido para com eles próprios, os colegas e os professores. P5 disse ser “desgastante e frustrante” o trabalho com essa turma PIEF, e P3 disse ser uma “tortura”. Já P2 referiu que lamenta a não valorização dos jovens no que diz respeito ao trabalho que a escola tem realizado.

O técnico EMM propôs que, em conjunto, fossem definidas regras e estratégias para uma possível mudança de comportamento. Se não existir um cumprimento das regras, vão-se os limites, lembrando ainda que os documentos de compromisso, assinados pelos alunos frente ao tribunal, não estão sendo seguidos. O técnico sugeriu que o grupo de alunos assumisse um compromisso entre os que querem tentar uma postura de mudança e os que não querem. Todos os alunos optaram por querer assumir o compromisso, que se firmou em quatro tópicos: assiduidade, pontualidade, comportamento e respeito.

O TIL deixou bem claro que “o dia a dia tem sido muito complicado, pois há um acompanhamento constante e não se percebe avanços”.

Estavam na reunião sete alunos dos quais J1, J2, J3 e J4 usaram a mesma frase “não tenho nada a falar”. O J5 prometeu que ia melhorar o comportamento, o J6 reconheceu as besteiras que fez, prometendo que podia melhorar e ia melhorar. O J9 pediu desculpas e disse que os comportamentos negativos não iriam mais se repetir.

O Diretor da Escola finalizou a reunião, advertindo os alunos que, se houvesse arrombamentos das portas dos banheiros ou das salas de aula, seria considerado e participado como roubo. Chamou a atenção para o respeito com os professores, acrescentando que “tanta gente preocupada convosco. O espírito da escola é dar oportunidade a todos. Andar na escola é a maior conquista da sociedade. Todos têm o direito a aprender”.

As considerações apresentadas e discutidas na reunião limitaram-se o 1º período de aula, ou seja, outubro, novembro e dezembro e três semanas do 2º período (janeiro).

REFLEXÃO

Não é fácil trabalhar com o público do PIEF, pois são jovens com percursos de vida bastante complicados. São oriundos de família com problemas sociais, econômicos, etc. A escola não parece representar nada para os jovens. E os jovens será que representam algo para a escola? Qual é a real preocupação da escola? Já ficou claro que, por imposição, os alunos não cumprem as regras. Será que a escola (pessoal docente e não docente) se sente impotente diante do insucesso e da rejeição dos alunos?

É sempre salutar a reflexão coletiva, pois muitos pensam em volta de uma mesma situação e espera-se que se construa proposta positiva que tente mudança e atinga o desenvolvimento. Espera-se que haja evolução das situações em que não se consegue avançar.

Pelas nossas observações é sugerido pensar que os professores e técnicos buscam os melhores resultados. Nesta busca supomos que deixa a desejar na integração de um trabalho integrado e coletivo por partes destes profissionais. Sabemos que é difícil, mais não é impossível trabalhar para a promoção da (re)integração destes jovens.

AÇÃO

DESCRIÇÃO

DATA	26-01-2012
ATIVIDADE	Acompanhar o trabalho do Diretor de Turma
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Diretor de Turma, Técnico de Intervenção Local(TIL), alunos e estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA Após a reunião com a presença do diretor da Escola, técnico da Equipa Móvel Multidisciplinar, Técnico de Intervenção Local, Diretor de Turma, professores, encarregados de educação e alunos, ficou definido que cada aluno assumiria o compromisso de mudar o comportamento. Foi criado um documento que dizia “Assumo que a partir desta data, irei fazer o que está ao meu alcance para ser, sempre que possível: 1-Pontual às aulas, não só ao 1º tempo, mas em todas as aulas; 2-Assíduo a todas as aulas; 3-Tudo farei para melhorar o meu comportamento nas aulas. Saberei acatar as orientações do Diretor de Turma / TIL / Professores”. Todos os alunos assinaram o documento.</p> <p>Acompanhando a rotina do Diretor de Turma (DT), percebeu-se a integração que o programa exige do mesmo em todas as atividades que são realizadas com a turma PIEF. Além das questões burocráticas, o diretor atuou, nesse dia, de maneira muito próxima dos jovens, sempre intervindo e interagindo nos intervalos e/ou sempre que fosse oportuno. A cada professor, ao término da aula, o DT perguntava sobre como tinha ocorrido a aula.</p> <p>Verbalmente, na reunião, os alunos já tinham assumido o compromisso com o qual hoje todos assinaram. Esperamos que esta medida venha acrescentar de maneira positiva uma melhoria efetiva no comportamento dos alunos e possa desenvolver a aprendizagem.</p> <p>A figura do Diretor de Turma tem sido considerada uma mais valia junto ao TIL para mediar os conflitos presentes nos alunos PIEF. Não queremos desmerecer o importante trabalho de cada professor, mas ressaltar o acompanhamento permanente e diário do DT e TIL.</p>
REFLEXÃO	<p>Com o acompanhamento que temos tido junto ao grupo turma PIEF da escola D. Dinis, reafirmamos que as condições humanas, ou seja, os técnicos e professores se estiverem minimamente preparados e motivados consegue-se desempenhar um trabalho que vá ao encontro do processo de integração desse jovem. O próprio professor ressalta a necessidade de formação específica para trabalhar com o público PIEF. No programa as ações leva muitas vezes os que estão a volta à exaustão. Pois os erros são repetitivos e o desenvolvimento é lento e pouco.</p>

ACÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	31-01-2012
ATIVIDADE	Analisar contrato do J1 e J3
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA Dentro da proposta PIEF, é previsto que o aluno integre alguma atividade profissional por meio da realização das atividades de exploração vocacional, sendo esta uma ação coordenada e acompanhada pelo DT, TIL e a Psicóloga da Escola. O processo de integração destes dois alunos foram a partir da manifestação pessoal dos dois.</p> <p>O aluno J1 foi integrado na área do Serviço de Limpeza, com o objetivo de desenvolver uma aproximação com o mundo do trabalho, como também o exercício do respeito às regras de higiene. Nesse contexto, pretende-se que o J1 execute as atividades de limpeza de vidros, chão, mesas, banheiros e sempre observando a sua correta utilização de acordo com a situação.</p>

O aluno J3 foi integrado na área de serviços básicos de Mesa e Bar, com o objetivo de desenvolver uma postura correta no atendimento. Nesse contexto, pretende-se que o J3 execute as atividades de registro dos pedidos dos clientes, sirva-os, prepare alimentos para servir, simule pagamentos e efetue trocos com dinheiro virtual, proceda à limpeza de utensílios e do espaço.

As atividades serão desenvolvidas na Escola, às terças e quintas, no horário das 13h30min às 15h.

Desde o primeiro momento em que os dois alunos foram abordados sobre o que gostariam de fazer na atividade de exploração vocacional, já foi manifestado esse desejo. Houve reuniões para esclarecer os alunos sobre a importância da proposta, de modo que eles tomassem consciência do acompanhamento e da exigência. Os encarregados de educação assinaram o contrato autorizando a participação dos filhos em tal proposta.

REFLEXÃO

Encaminhar o jovem para o mundo que o preparará para o mercado de trabalho é uma mais valia proposta pelo PIEF. É oferecer efetivamente a possibilidade de uma mudança de vida desses jovens. Se essa integração acontecer de maneira exitosa, pode-se apostar como sendo um contributo fundamental que o jovem adquiriu para a vida. É a real possibilidade de inclusão.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	02-02-2012
ATIVIDADE	Preencher ficha Biográfica e analisar relatório do aluno J11
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	J11 e estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA O aluno não apresentou nenhuma dificuldade em preencher a ficha biográfica que é composta pelas seguintes informações: identificação, agregado familiar, saúde/alimentação, vida escolar, hábitos e métodos de estudo, ocupação de tempos livres e personalidade.</p> <p>O J11 referiu como principal qualidade que identifica em si estar com os pais, pois são as pessoas que mais admira na vida. E destacou com o pior defeito não gostar da escola. As qualidades que ele mais aprecia nos outros são o respeito e a atitude. E os defeitos que menos aprecia é o indivíduo ser ladrão e usuário de drogas. O aluno deseja ser médico e advogado.</p> <p>Depois de preencher a ficha, fui analisar um relatório presente no processo do aluno, cuja sinalização foi responsabilidade do Agrupamento de Escolas de Taveiro, constando um diagnóstico realizado pela psicóloga, onde aponta como características demonstradas em contexto escolar:</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Graves dificuldades na relação com os pares, procurando os adultos em todos os momentos disponíveis; ❖ Irrequieto, desconcentrado, revelando necessidade de atenção; ❖ Graves dificuldades em manter atenção durante muito tempo em contexto de sala de aula para executar as atividades com sucesso; ❖ Dificuldades ao escrever (erros gramaticais e de pontuação na elaboração das frases).
REFLEXÃO	<p>A avaliação referida pela psicóloga vem a ser confirmada mantendo-se no momento na mesma situação. O aluno por muitas vezes permaneceu no gabinete na companhia do DT e TIL, alegando que, na sala, os outros o insultam.</p> <p>O referido aluno integrou o grupo turma PIEF após o ano letivo ter iniciado. Portanto, a situação vivida nas outras escolas em que o aluno frequentou vem se repetindo nesta escola. Há uma preocupação por parte de todos e em diversos níveis tendo em conta duas situações mais pontuais. A primeira é a dificuldade que o jovem tem demonstrado em integrar-se com os colegas da turma e a outra é quantidade de faltas. O aluno chega a faltar 15 dias seguidos e não apresenta justificativa plausível.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	06-02-2012
ATIVIDADE	Análise de documento sobre o aluno J9
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA O Diretor de Turma fez o ponto de situação do aluno J9, e encaminhou para o Técnico EMM. Ao analisar o documento, extraímos algumas informações que acreditamos ser pertinente colocar neste diário.</p> <p>O J9 foi integrado à turma PIEF em 03-01-2012, revelando, inicialmente, uma postura reservada. Durante as duas primeiras semanas esteve durante os intervalos das aulas no gabinete junto do DT e TIL. À medida que foi conquistando a confiança de todos e principalmente dos colegas de turma, foi revelando desinteresse pelas atividades, assumindo postura desestabilizadora, perturbadora e revelando a sua teimosia. Comportamento hostil, desafiante, aparentemente recentido com nada e com todos, desafiando permanentemente ou recusando simplesmente o cumprimento de qualquer tipo de regras, rejeitando qualquer aproximação, nem que fosse de reforço positivo e ignorando a figura do professor.</p> <p>O aluno, quando confrontado por suas atitudes incorretas, distorce a realidade dos fatos, não assume os erros, mente, vitimiza-se e vira as costas a quem está falando. O aluno tem sido suspenso das aulas várias vezes, em virtude de se recusar a participar das atividades, desestabilizar a tranquilidade da sala ou fazer chantagem, dizendo que só fazia as atividades se o deixassem ouvir música durante a aula, o que não é permitido. Tem se tornado comum o aluno pedir dinheiro aos funcionários da Escola para comprar cigarro, chantageando “se não me der, vou te roubar”.</p> <p>J9 adota comportamentos de risco, como consumo de substâncias ilícitas, evidenciado pelo episódio sucedido no dia 13-01-2012 em que foi encontrado caído e desmaiado no bloco onde decorrem as aulas.</p>
REFLEXÃO	<p>A situação deste aluno é grave, pois se encontra institucionalizado, correndo sérios riscos de ser transferido para um centro educativo fechado não tendo ido ainda por falta de vaga. J9 já fugiu por diversas vezes da instituição onde reside atualmente.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	13-02-2012
ATIVIDADE	Acompanhamento do comportamento do J9
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	TIL, Diretor de Turma, professores, J9 e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA O aluno chegou ao bloco no horário certo, mas se recusou a entrar na sala, falando para o Diretor de Turma que tinha algo muito importante para conversar com o TIL. O DT insistiu para que J9 fosse para a sala, sob a orientação de que quando o TIL chegasse, ele o chamaria. Mesmo assim, J9 persistiu e permaneceu no gabinete.</p> <p>Na tarde deste mesmo dia - 13-02, J9 teve uma reunião no tribunal e estava visivelmente nervoso, ansioso e preocupado, pois nutria o medo de ser transferido para uma instituição especializada. Esta foi uma preocupação que ele expôs a todos, perguntando as pessoas (professores, TIL e DT) se elas acreditavam que ele poderia ser transferido. As respostas variavam entre não, e</p>

devolver a pergunta ao aluno. J9 dizia que comparando o comportamento que tinha antes de integrar esta turma PIEF, ele estava muito bem, portava-se de maneira adequada. E dizia “vocês não sabem o que eu fazia”. O aluno tremia só em falar na possibilidade de ser transferido.

REFLEXÃO Em todos os momentos o Diretor de Turma, TIL e professores ameaçaram o J9, reforçando a possibilidade da transferência. Todas as conversas circularam sempre de modo a tranquilizar o aluno e fazer percebê-lo que quanto mais o comportamento dele estivesse adequado a proposta que o tribunal havia lhe indicado, mais remota seria a possibilidade de ele ir para um centro educativo fechado.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	27-02-2012
ATIVIDADE	Acompanhar o comportamento do J9
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	TIL, Diretor de Turma, J9 e estagiária Darliane Amaral.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE O Diretor de Turma chamou o aluno ao gabinete com o objetivo de conversar sobre os comportamentos inaceitáveis que ele tem tido. O aluno sugeriu ao DT um pacto: “Comprometo-me a não faltar, não chegar atrasado e empenhar-me mais nas aulas. E sair para fumar devido ao melhor comportamento à tarde. No caso de não cumprir será retirada a saída”. A instituição onde o aluno reside encaminhou à Escola uma carta informando que J9 fora proibido de fumar no período dos intervalos das aulas.

O texto foi criado, escrito e assinado pelo aluno, constando também da assinatura do Diretor de Turma, que reforçou o empenho em colaborar no que for preciso para que o aluno cumpra com o combinado.

REFLEXÃO Com os alunos integrados nesta turma PIEF cada dia é um recomeço, seja das promessas de mudanças, dos comportamentos negativos, do enfado pela vida, do reforço dos comportamentos desviantes etc. O imprevisível é algo que já faz parte da rotina, pois a qualquer momento pode-se ser surpreendido com uma atitude negativa ou positiva por parte de todos.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	23-02-2012
ATIVIDADE	Analisar documento do aluno J4
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Estagiária Darliane Amaral

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE O documento foi elaborado pelo Direto de Turma e TIL, e encaminhado ao Técnico EMM e à Direção da Escola. Ao analisar o documento que trata do aluno J4, enfatizamos algumas informações que acreditamos ser pertinentes e coerentes com a realidade observada na escola.

Segundo o relatório, o aluno é desmotivado, desestabilizador e antissocial. Sempre falta os dois primeiros horários das aulas, chegando à escola por volta das 10h. Nas aulas, ele demonstra total desinteresse pelas atividades, mantendo uma postura de arrogância e péssima educação, sendo a ausência de qualquer regra, uma das características que se reflete naturalmente no aproveitamento escolar.

O J4 utiliza normalmente uma linguagem desajustada com o uso cosntante de palavões, assumindo, em todas as aulas um comportamento completamente inadequado, perturbador, sistematicamente desrespeitando sempre

a figura da autoridade do professor.

Quando confrontado com as suas atitudes incorretas, o aluno distorce a realidade, não assume os seus erros, apontando para os outros, revelando a sua incidência e a falta de respeito por quem quer que seja. O DT e TIL têm tentado dialogar regularmente para que ele frequente mais às aulas, insistindo para uma mudança de comportamento.

REFLEXÃO Este aluno vem sendo motivo de preocupação por parte dos técnicos e professores em geral. Pois, segundo a fala dos professores e das nossas observações, o comportamento do aluno no espaço da escola não demonstra uma melhoria no comportamento.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	28-02-2012
ATIVIDADE	Reunião com o J10 Acompanhamento da aula de Ciências Físicas e Naturais
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	TIL, Diretor de Turma, P6, J10 e estagiária Darliane Amaral

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE O Diretor de Turma chamou o aluno ao gabinete e abordou alguns assuntos sobre o mau comportamento, entre eles o uso de drogas no intervalo das aulas, insistindo o J10 que não havia consumido nada e que estava tudo bem. Por fim, assume que estava meio alterado, nervoso e, por isso, agia mal com todos. O DT pergunta em que pode ajudá-lo, e o aluno de modo sarcástico pergunta ao DT em que o DT poderia ajudá-lo. O DT pede ao aluno que tenha um comportamento de um homemzinho, pensando melhor antes de agir de maneira intempestiva e agredindo as pessoas, sejam elas professores ou colegas de grupo. O aluno é dispensado da conversa e encaminhado à aula de CFN.

Neste dia, o J10 havia trazido um portátil o que causara certa confusão na aula anterior a de CFN, pois serviu de distração e inquietação para os demais alunos. A P6 entrou na sala com um portátil da escola para ministrar a aula, e eu a sugeri que ela pedisse emprestado o equipamento do aluno, pois era uma maneira de ocupar o computador que estava para ser o centro das atenções para a dispersão da aula, de maneira a favorecer a aula. A tentativa funcionou, o aluno cedeu o computador, a aula foi bem.

REFLEXÃO Os alunos PIEF não permanecem sentados, silenciosos e receptivos, aguardando a chegada do professor. Este, às vezes, tem que negociar e motivar o aluno para que pelo menos se inicie a aula. E outras vezes, para conseguir iniciar a aula não é necessário tal negociação, não sendo necessários grandes sacrifícios, e sim, uma sensibilidade para valorizar algo e ser indiferente a outros. A abordagem inicial é muito importante para pelo menos se tentar um início de aula.

Não há uma receita que possa ser seguido todos os dias e por todos. Primeiro porque lidamos com pessoas e estas são suscetíveis a mudanças. Depois porque de modo geral o perfil de alunos do grupo PIEF como já foi referido é sobretudo complexo no que concerne o humor, o cumprimento das regras e o autocontrole. Especificamente nesta turma é comum presenciarmos situações de desajuste emocional, onde acaba por afetar as pessoas ao redor.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	05-03-2012
ATIVIDADE	Reunião com o J10
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	TIL, Diretor de Turma, J10 e estagiária Darliane Amaral.

DESCRIÇÃO ATIVIDADE	DA	<p>O aluno foi convidado a sair da sala pelo professor de Matemática. Segundo o professor, o aluno insistia em fazer cigarros no horário da aula e não acatou a orientação de que não era permitido fumar em sala, enfrentando e desafiando o professor. Chegando ao gabinete, o DT questiona sobre o motivo do aluno J10 ter suspenso da aula: o aluno diz não saber, pois não fazia nada, sob o argumento “estava quieto e calado no meu canto”. O aluno permanece todo o tempo da aula de Matemática no gabinete e, quando termina a aula, o DT o questiona para esclarecer a situação.</p> <p>Na mesma manhã, a mesma situação se repete na aula de Francês.</p>
REFLEXÃO		<p>A insistência parece dominar os comportamentos negativos algumas vezes. Quando o aluno quer, porta-se bem, colabora com a aula, pois tem potencialidade cognitiva superior ao nível de outros alunos da turma. O DT tem sempre demonstrado abertura para ouvir os alunos, percebendo o motivo das atitudes e levantando a possibilidade de uma reflexão para que haja uma mudança de comportamentos inadequados. Pela insistência dos comportamentos pela negativa é sugerido pensar que não houve avanços do aluno. Embora, essa possa parecer uma avaliação extremista, pois o aluno mesmo com toda a persistência dos comportamentos pela negativa não tem faltado as aulas.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	06-03-2012
ATIVIDADE	Acompanhamento da aula de CFN Acompanhamento da aula de Inglês
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	TIL, Diretor de Turma, P2, P6 e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA</p> <p>O professor chegou atrasado e teve que sair da sala para solicitar um computador, retornando sem o equipamento, pois já não havia nenhum disponível naquele momento. Ele disse que não havia problemas, pois improvisaria a aula, iniciando o assunto sobre a relação entre o oxigênio, a fotossíntese e o gás carbônico.</p> <p>Os alunos J1, J2 e J3 estavam fazendo pintura de corações e escrevendo os nomes dos respectivos namorados, demonstrando desinteresse total. J9 e J11 estavam concentrados na aula e colaboravam com os questionamentos suscitados pelo P6. Já o trio J4, J5 e J10 estavam integrados a outra atividade, liderada pelo J10 que simulava estar cheirando pó (droga), teatralizando ainda os supostos efeitos do uso. Por diversas vezes, o professor chamou a atenção deles. No entanto, eles permaneciam agindo da mesma forma.</p> <p>O professor pegou na mesa de um dos alunos uma atividade de matemática da aula anterior a CFN, e fez perguntas sobre a referida atividade. J5 disse que queria sair, pois a aula não estava sendo nada. J9 perguntou ao P6 se a aula já tinha acabado e, por conta própria, sem que fossem autorizados, os alunos saíram da sala, permanecendo só o J11.</p> <p>O professor de Inglês chegou antes do horário, organizou o material que utilizaria e aguardou os alunos voltarem do intervalo. Acolheu-os e passou um vídeo que ensinava o nome das cores e de alguns objetos.</p> <p>Os alunos J1, J2 e J3 persistiram no comportamento da aula anterior, ou seja, desenhando corações e escrevendo frases de amor. J9 e J11 assistiam ao vídeo com atenção. J10 inicia o mesmo comportamento da simulação do consumo de pó, e eu o chamei a atenção, motivo pelo qual J4 disse que eu estava começando a ficar malzinha. Os dois (J4 e J10) começaram a fazer um som com a boca, o professor pede que parem, mas eles começam uma competição de sons imitando barulho de carro e moto em alta velocidade.</p> <p>Não sendo possível ouvir o vídeo, o P2 desliga-o, convida J4 e J10 para saírem da sala. O professor entrega uma atividade fotocopiada a todos que se recusam a fazê-la. A aula chega ao fim, o professor chama o aluno J9 e diz-lhe que ele se portou muito bem em não se envolver com a brincadeira dos outros</p>

dois. A conversa finaliza, com a fala do professor: “que as companhias acabam por influenciar para o bem e para o mal”.

Após o horário da aula de inglês, seria a aula de Formação Cívica. Mas o professor estava viajando para participar de uma formação. O TIL, juntamente comigo, organizou o material necessário para passar o filme *O Rebelde*. Neste mesmo horário, a mãe do aluno J10 deveria ter vindo à escola, uma vez que foi convocada pelo Diretor de Turma para uma reunião sobre o comportamento do filho, que se agrava a cada dia. A mãe telefonou ao filho, dizendo que não vinha à reunião, não explicitando o motivo.

REFLEXÃO

A partir das observações, propomos a reflexão sobre a prática docente do professor de CFN e o de Inglês. Em CFN, identificamos que houve algum contratempo que pode ter comprometido o planeamento da aula. Relembramos o fato do computador que o professor pretendia usar e no momento não foi possível, como também a situação de ele ter chegado atrasado. Acreditamos que esses dois motivos podem ter prejudicado o planeamento e afetado de maneira negativa o trabalho do professor, que rapidamente teve que improvisar uma aula. Percebemos que não houve integração dos alunos. Estes estiveram inquietos durante todo o tempo.

Já na aula de Inglês, não houve atrasos nem imprevistos com relação ao material que o professor usaria, de modo que não podemos associar a falta de integração dos alunos a imprevistos. Perguntamos como reverter o comportamento de quem tem sido persistente em não participar das atividades e boicotar as aulas.

A razão da observação das duas aulas (CFN e Inglês) é perceber, a partir de duas situações, que os alunos reagiram da mesma forma, sendo indiferente e não integrando em nada que foi proposto pelos professores.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	08-03-2012
ATIVIDADE	Análise da documentação do aluno J3
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Estagiária Darliane Amaral
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>O Diretor de Turma encaminhou ao Técnico EMM o ponto de situação do aluno J3, que sintetizamos da seguinte maneira.</p> <p>O aluno normalmente é pontual no início das aulas. No entanto, o mesmo não acontece nas outras aulas. J3 tem faltado com bastante regularidade, e a mãe, quando contatada, justifica a ausência, apresentando motivos de saúde (dor de dente, dor de barriga e cólicas menstruais). A mãe do aluno J3, não mostra qualquer preocupação em levar o filho ao médico. Em contexto de sala de aula, J3 demonstra normalmente desinteresse, distração, preguiça, muita timidez e, geralmente, não participa nas atividades propostas pelos professores. Nos intervalos está sempre ao telemóvel, falando com o namorado.</p>
REFLEXÃO	<p>O que temos percebido com nossas observações vão ao encontro de um conjunto de informações que foram elencadas pelo DT nesse documento. Temos procurado conversar com o aluno, mas ele se limita a frases curtas, sugerindo que esteja tudo bem ou mal.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	19-03-2012
ATIVIDADE	Acompanhamento da entrada dos alunos à primeira aula
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis

PARTICIPANTE(S) Diretor de Turma, TIL e estagiária Darliane Amaral.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE No horário do início da aula não estavam nenhum dos alunos, somente às 8h45min chegaram J1 e J3, às 9h, J2 e J4, às 9h20min, J5 e J10. O Diretor de Turma recepciona os alunos e questiona o motivo do atraso. As respostas parecem ensaiadas e decoradas, dizendo que perderam o autocarro.

Na aula de Formação Cívica, o professor chega ao gabinete, dirige-se ao TIL e pergunta se há algum computador disponível. A resposta é positiva. Ele pergunta se há algum filme que pudesse ser passado para os alunos, justificando o pedido de não haver preparado aula. O professor recebe um filme, passa e os alunos integram bem, sendo interrompidos ao fim da aula. O restante do filme fica para a aula do dia seguinte com o mesmo professor.

REFLEXÃO O não cumprimento do horário inicial das aulas é bem comum e torna-se habitual entre os alunos desse grupo turma PIEF. Há um acompanhamento cotidiano por parte do DT e do TIL, no sentido de identificar, junto ao aluno e/ou encarregados de educação, o motivo pelo qual o aluno tem faltado ou chegado atrasado às aulas. Esta situação colabora para pressionar alunos e pais a não abandonarem a escola, mas reconhecemos, também que, ainda assim, tem sido grande a falta de assiduidade e pontualidade.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	20-03-2012
ATIVIDADE	Conversa informal com o aluno J9 Conversa com o DT Acompanhamento do comportamento do aluno J10
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis

PARTICIPANTE(S) Diretor de Turma, TIL, J9, J10 e estagiária Darliane Amaral.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE No gabinete, logo ao início da manhã, o aluno J9 não quis ir para a aula. No gabinete partilhou comigo a decisão da instituição onde ele reside, em autorizar sua ida para casa aos fins de semana. E que, inicialmente, se ele se portar bem, futuramente poderá passar férias em casa com os familiares.

Contou-me que já havia fumado muitas ganzas (maconha), e que fazia uns dois meses que não fumava. Perguntei o motivo pelo qual ele havia deixado, ele diz que não apetecia mais. Acrescentou, ainda, a sensação que esta droga causava, lhe dando paz, tranquilidade, a cabeça ficava leve e favorecia muitos pensamentos bons, dos quais não quis falar.

O professor de matemática entra na sala, entrega-o a avaliação realizada na última aula. Orgulhoso, J9 exhibe o seguinte recado do professor: “realizado de forma autónoma. Revela boas competências de perceção. Deve aplicar-se mais e de forma mais regular. Muito bem!”

Em uma conversa com o DT, refletimos sobre a evolução da turma PIEF, identificamos situações positivas como o comportamento dos alunos que apresentam uma leve melhora, a participação nas aulas, bem como o cumprimento do horário por parte de alguns. Com relação aos professores, pensamos ser pertinente uma avaliação individual e coletiva sobre os avanços atingidos pelos alunos.

Ao acompanharmos o comportamento do aluno J10, identificamos que houve uma evolução pela negativa desde a primeira aula, quando o professor relatou que o aluno realizou a atividade e, ao fim da aula, já o desafiava e portava-se mal. Na segunda aula, o professor fez a participação no gabinete que o referido aluno resistiu a fazer a atividade, levantou-se por diversas vezes da carteira, indo insultar os demais. Na terceira aula, logo no início, o professor já o colocava para fora da sala. Chegando ao gabinete, J9 disse ao DT que não percebia o que se passava, pois estava agindo normalmente. Por fim, disse que estava com os nervos alterados e que só sentia vontade de fazer “merda”. Encerrando sua fala, disse ao DT que não lhe perguntasse mais nada, pois não sabia de mais nada. Era

REFLEXÃO	de conhecimento do DT que, no atual momento, o aluno está de castigo em casa. É necessário os professores identificar avanços alcançados, primeiro porque é preciso reconhecer o trabalho da equipe e, segundo, porque é uma maneira, também, de motivar-se. A cada dia surgem situações novas e as velhas tornam-se a repetir, mas é pertinente que a equipe pedagógica reconheça que, em todos os alunos, já foi possível desenvolver algumas competências. Em diferentes níveis já houve desenvolvimento da aprendizagem cognitiva, pessoal e social.
----------	---

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	28-03-2012
ATIVIDADE	Reunião de avaliação
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Técnico EMM, Diretor de Turma, TIL, Professores e estagiária Darliane Amaral.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>O Diretor de Turma coordenou a reunião e iniciou, verificando se todos os professores estavam com todas as documentações que correspondem ao relatório de disciplina, balanço do 2º período e proposta de níveis (notas). Cada professor foi falando a nota (de 1 a 5) de todos os alunos por disciplina.</p> <p>O Técnico EMM fez uma breve contextualização sobre o insucesso, referindo o cuidado que os professores devem ter sobre a questão de não acumular insucesso sobre insucesso. Chamou a atenção para os alunos do 2º ciclo, que apresentam alguma chance de serem certificados, no sentido de que os professores ponderem as notas. No PIEF compreende-se a certificação não somente como desempenho, mas a frequência e o desenvolvimento das competências básicas. Finalizou a fala, ressaltando que o critério de avaliação é do professor.</p> <p>Com a reflexão em grupo, P5, P2, P7 mudaram a nota de 2 para 3 do aluno J9. A nota do aluno J2 em TIC mudou de 2 para 3. Cada professor justificou o motivo da mudança.</p>
REFLEXÃO	A reunião foi bastante produtiva, pois todos estavam presentes e apresentaram suas reflexões sobre o andamento da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos no que refere ao 2º período de aulas. Relativamente às notas, considera-se que foram muito negativas: de modo geral, os alunos ficaram com média 2.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	29-03-2012
ATIVIDADE	Análise da documentação dos alunos J1, J3 e J11
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Estagiária Darliane Amaral

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Os referidos alunos irão integrar aulas de reforço escolar, para tanto é necessária uma autorização. Analisamos a documentação que consta dos dados do aluno e da frequência às segundas-feiras e sextas-feiras à tarde, nas instalações da associação, integradas a partir do início do 3º período.</p>
REFLEXÃO	A proposta da aula de reforço vem sanar uma deficiência desta turma, pois a estrutura organizativa propõe um suporte de dois professores destacados para trabalhar junto aos professores das disciplinas. Pelo fato do início das aulas do grupo PIEF, ter sido após o arranque do ano letivo da escola D. Dinis, não havia disponibilidade nos horários dos professores. De modo que só agora os três alunos (J1, J3 e J11) serão encaminhados ao reforço. Isto representa uma mais valia para todos. Os professores ganham, pois eles já reivindicavam este reforço.

Os alunos ganham porque terão um suporte a mais para atuar junto a proposta do professor.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	16-04-2012
ATIVIDADE	Reunião com o aluno J10
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Diretor de Turma, TIL, Psiquiatra, Encarregado de educação do aluno, J 10 e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Ao iniciar a reunião, o Diretor de Turma cumprimentou todos os presentes e fez o ponto de situação do comportamento do aluno: “ele dá ponta pés nos armários, fala diversos palavrões, reage de uma forma muito agressiva, seja com os colegas, professores ou funcionários, não tendo, muitas vezes, condições de permanecer em sala.” E perguntamos mais uma vez como trabalharmos com o aluno. A mãe responde “não sei, pois em casa ele não age dessa maneira”, acrescentando que já falou com o psiquiatra e constatou-se a ausência de problemas que possam motivar esses comportamentos agressivos do aluno. O médico diz que não há remédio para a situação, esperando que, com o tempo, o aluno mude de comportamento.</p> <p>O DT participou à mãe a questão do celular do J10, pois havia uma semana que celular tinha sido retirado do aluno, estando em poder da direção da Escola. A medida foi tomada pelo DT, em reação ao mau comportamento que J10 tem demonstrado no horário das aulas.</p> <p>Depois de uma hora do início da reunião chega ao gabinete a psiquiatra que acompanha o aluno, ouvindo, portanto, atentamente tudo que havia sido referido anteriormente à mãe. A médica diz que a Escola tem problemas demais e pessoas de menos, favorecendo um esgotamento do professor. O DT pergunta o que a Escola deve fazer pelo aluno. A médica responde com outra pergunta. E o que o aluno pode fazer por ele? Explicitando que, na situação em que estão os jovens, o PIEF pode ser considerado frágil, sugerindo que o aluno tem que ser penalizado pelo não cumprimento das regras.</p> <p>Dando continuidade, a médica refere que, para controlar a impulsividade, é preciso definir quais os impulsos que ele precisa melhorar. Convoca todos a pensar e definir um comportamento para ser trabalhado. Foi, portanto, definida a pontualidade. E o não cumprimento da regra implica na retirada do computador e, como recompensa pelo cumprimento, o uso do computador com <i>internet</i>. A implementação desta medida decorrerá no prazo de uma semana. A ideia é punir os negativos e reforçar os positivos com alguma recompensa.</p> <p>O aluno J10 foi chamado ao gabinete, o DT apresentou a medida a ser implementada durante uma semana. O J10 não reagiu mal, disse que se portava mal porque se enervava. Assumiu diante de todos e em voz alta o acordo, dizendo que tinha entendido tudo. A reunião teve duração de aproximadamente 2 horas.</p> <p>Vinte minutos após a reunião, iniciou a aula, e o aluno não esteve na sala. Sendo abordado pelo TIL, disse que pensava estar em horário de intervalo. O mesmo estava em companhia de mais dois alunos: o J4 e J5.</p> <p>Registramos, também, nesse dia, o comportamento do aluno J9. Este se portou muito mal, saindo da Escola antes do fim das aulas e sem autorização. A instituição onde o aluno reside informou ao TIL a fuga dele. Por uma noite, ele esteve fora.</p>
REFLEXÃO	<p>O objetivo da reunião era pensar, refletir e avaliar a situação do J10 na escola. Reviu-se os pontos positivos e negativos. Considerou-se que a reunião foi bastante produtiva, tendo em conta, após a avaliação proposta pela psiquiatra e acordada com todos os presentes, sendo estes o Diretor de Turma, o TIL e o encarregado de educação (mãe), que todos iriam trabalhar para atingir os mesmos objetivos. A escola, o acompanhamento médico (psiquiátrico) e a família estariam mais integradas e assumindo uma mesma postura para o aluno.</p>

Pretende-se desenvolver no aluno o autocontrole, pois o mesmo age muito por impulsos, e estes, muitas vezes ocasionam perturbações nas aulas e no ambiente escolar como um todo.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	17-04-2012
ATIVIDADE	Acompanhamento da entrada dos alunos na aula
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Diretor de Turma, TIL, Alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA Às 8h25min, horário do início das aulas, estavam, no bloco, o DT, P5 e eu. Somente às 8h50min, chegam os alunos J1 e J3. Às 9h15min, chega o J11 e, às 9h40min, J2, J4 e J5. À medida que os alunos vão chegando, o DT os encaminha à sala, pois a aula de matemática já está a ser dada. Dos três últimos alunos a chegar, somente o J2 recusou-se a entrar na sala. O TIL foi conversar e ele mostrou-se desestabilizado emocionalmente: chorou e disse estar farto de tudo (escola, família e namorado). Disse, ainda, que não estava tomando a medicação antidepressiva, alegando que a medicação dar-lhe sono, causa a diminuição da libido, afetando, portanto, a relação com o namorado. Os alunos J4 e J5 permaneceram na sala por apenas 9 minutos. Segundo o professor, eles não apresentaram o menor interesse em participar da aula, ainda tentaram boicotar a concentração dos que lá estavam.</p> <p>Somente às 10h27min, chegou o aluno J9 e foi questionado pelo DT sobre o que estava havendo, pois havia uma semana, que o comportamento dele era totalmente indiferente a tudo que se passava na Escola. O DT perguntou-lhe em que a escola podia ajudá-lo. J9 disse que em nada, e que ele não ia morrer pelo fato de não estar vindo às aulas.</p> <p>O TIL esteve conversando com o aluno e o mesmo disse que estava tudo bem, que tinha dormido na casa da namorada.</p>
REFLEXÃO	<p>As nossas inquietações são muitas, pois percebemos que os alunos não cumprem o horário do início das aulas e, quando chegam à sala de aula, acabam por desestabilizar a atividade do professor. O trabalho com a turma PIEF tem se tornado a cada dia um novo caminho. Percebemos que não há continuidade das ações desenvolvidas pelos professores, pois, mesmo que isto seja planejado, há sempre imprevistos. O aluno não veio e, se vem, nem sempre se integra na atividade. Questões como estas representam uma constante fragilidade no processo de desenvolvimento da aprendizagem.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	30-04-2012
ATIVIDADE	Reunião sobre o J2, J4 e J10 Programa GPS
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Técnico EMM, Diretor de Turma, TIL, Representante da EMAT e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO ATIVIDADE	<p>DA No gabinete do PIEF, às 10h27min, teve início a reunião onde foi apresentado o ponto de situação dos alunos.</p> <p>O TIL apresentou que o aluno J4 tem sido pouco assíduo, pouco pontual e tem faltado muito, sem justificação plausível. A mãe alega que o filho está com dor de cabeça ou de dente. O TIL acrescenta, “sabemos que o miúdo sai da Escola, por volta das 15h, e só chega a casa, por volta das 22h”. O Técnico EMM diz que “ele está muito rebelde” e o DT reforça que “o aluno quer se afirmar diante do grupo como líder, tendo destaque sempre pela negativa”. Apresenta a</p>

constante recusa em participar das atividades, procurando, ainda, desestabilizar a turma.

O Técnico da EMAT fala que, pelo acompanhamento que faz com o jovem, percebe que, fisicamente, ele está apático, magro, com aspecto de doente. Salienta que acha interessante no aluno, comparando a outros, pois, mesmo com todas as intermitências, o fato de ele vir à escola. Por telefone, a mãe disse que o filho estava mais calmo, meiguinho com a mãe.

O Técnico EMM informa que o J4 está viciado em jogos da *internet*. Complementando essa fala, o técnico da EMAT informa que, desde 2009, constata-se que ele joga o mesmo jogo. Esta informação foi passada pela irmã aos técnicos da EMAT em uma visita domiciliar. É comum, aos fins de semana, o jovem ir à casa da tia, e ocupa o tempo todo só no computador.

A Técnica EMM informa que, com o comportamento que o J4 tem manifestado desde o início, no PIEF, não tem condições de ser certificado, mas pode permanecer no programa no 7º ano e, para o próximo ano letivo (2012-2013), poderia se certificar, pois a proposta do programa é de dois anos.

Analisando a situação do aluno J2, segundo as informações médicas, o aluno anda muito nervoso e com insônias. O jovem afirma ouvir vozes durante a noite e, por algumas vezes, já esteve à beira de ser internada. O TIL acrescenta que quem convive com o aluno percebe que a medicação não é tomada regularmente, pois o comportamento muda logo, alterando o humor e emocionalmente fica mais nervoso. Assim, o Técnico da EMAT solicitará pedido de consulta urgente, quando será repassada ao médico a necessidade de orientar o aluno no sentido de tomar a medicação não interrompendo por conta própria. Outro fator significativo é a relação conflituosa que gerou a separação dos pais, bem como a atual convivência com o padrasto.

O DT informa que as saídas da Escola, nos intervalos, foram vetadas, de modo que J2 diminuiu o consumo de tabaco, podendo mesmo ser encontrado, eventualmente, fumando escondido na Escola.

Relativamente ao aluno J10, o TIL refere que ele não alterou o comportamento ao nível da pontualidade e assiduidade. Tem imitado o comportamento do J5, até na maneira de se vestir. O aluno J10 faz tudo para chamar a atenção pela negativa, não escondendo seus atos, enquanto que o J5 faz tudo para se esconder. O DT diz que o aluno J10 tem potencialidades ao nível de um bom desenvolvimento da aprendizagem, e se ele tivesse um pouco de motivação para estudar, teria sucesso. Está hoje integrado em turma PIEF, pelo excesso de falta à aula, juntamente com muitos processos indisciplinares.

O Técnico EMAT referiu que, em dezembro de 2011, foi aplicada a medida de apoio junto aos encarregados de educação com três Cláusulas do acordo que não está sendo cumprido: a obrigatoriedade de frequentar a escola, a ida às consultas médicas e a correção dos comportamentos indisciplinares. A situação do J10 é mais complicada, relativamente do que o aluno J4, no sentido da transparência, pois, sobre este, se sabe com clareza a real situação em que vive em casa. Enquanto que no aluno J10 há muita coisa obscura. É como se visse apenas a ponta do *iceberg*, mas não se sabe o que tem por baixo.

Para concluir a reunião, ficou a proposta do aluno J4 ser integrado aos fins de semana em instituição, onde cumpriria ordens internamente, não sendo autorizada a saída. Com o J10, a proposta é pedir para o Tutelar Educativo que seja chamado o encarregado da educação dele.

No período da tarde, o trabalho foi coordenado pelo TIL e estavam para participar do GPS, os alunos J4, J5 e J10. Foram participar da aula de reforço (Apoio da Associação Integrar) os alunos J1 e J3.

REFLEXÃO

A reunião teve duração de três horas, onde foi discutida, em pormenores, a situação de três alunos. Levantaram-se questões contidas nos processos, como também foram avaliadas as atuais. Os passos desses jovens estão sendo monitorados e acompanhados por muitos técnicos. E nos inquieta a precisão com que os Técnicos sabem da vida dos jovens e pouco ou nada é alterado na vida desses alunos. Há um trabalho enorme e um cruzamento dos dados do percurso de vida desses jovens. Salientamos a precisão e agilidade com que cada informação é

repassada entre os órgãos que desenvolve acompanhamento do jovem. Embora não se avance muito as problemáticas existente.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	28-05-2012
ATIVIDADE	Acompanhamento da rotina de aulas Reunião com a equipe pedagógica
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Diretor de Turma, TIL, Professores, Alunos e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>Para mais uma semana de aula, às 8h25min horário do início das aulas estavam no bloco, o Professor de Português e eu. O Diretor de Turma juntamente com o TIL foram ao hospital pediátrico para uma reunião sobre o aluno J10.</p> <p>A aula teve início às 8h50min com a chegada dos alunos J3 e J10. O P1 passou o curta-metragem “China, China”. O Filme conta a história de uma moça chinesa que tem uma loja em Lisboa. O P1 indicou como trabalho, durante a exposição do filme, a dedução do que se passou (e não se viu), a tentativa de construção da continuação lógica da história e o final feliz. Esta atividade era construída a partir das perspectivas de cada indivíduo. Os alunos se integraram bem à atividade e não quiseram o intervalo da aula.</p> <p>Somente às 10h25min chega o aluno J2. O professor de Formação Cívica inicia a aula com os presentes. Os três alunos saem para o intervalo e só retornam ao bloco quinze minutos após o início da aula de Francês, cujo professor já tinha estado no bloco, esperando pelos alunos e como não aparecera nenhum, ele marcou falta em todos e registrou que não havia alunos. Portanto, não houve aula. Faltando apenas quinze minutos para encerrar a última aula do período da manhã, chegam ao bloco os alunos J4 e J5. Eu os perguntei por que não vieram às aulas anteriores, eles justificam que já sabem que não obterão resultados positivos, portanto, não valia à pena assistir à aula.</p> <p>No período da tarde, às 17h30min tem início a reunião com a equipe pedagógica, coordenada pelo DT. Este informou ao grupo de professores sobre a ida, junto com o TIL, ao hospital pediátrico de acompanhamento do J10. Fez o ponto de situação do J9, dizendo não havia notícias do aluno. E que tinha a possibilidade de o aluno ser transferido para uma instituição fechada.</p> <p>O P1 falou que, com os alunos J4 e J5 em sala, é quase impossível desenvolver alguma atividade, uma vez que as provocações deles afetam o restante da turma: “eles boicotam o trabalho dos colegas”. O P5 acrescenta que há 15 dias que eles (J4 e J5) não frequentam a aula de matemática. O P3 diz que, se o aluno J10 quiser, pode ter sucesso. Para o P2, o J4 não faz nada a não ser boicotar as aulas. Em CFN, o P6 diz que os alunos têm conseguido desenvolver algum trabalho, mas refere que J4 e J5 também têm atrapalhado. O P9 diz que mantê-los no pavilhão exige algum sacrifício, pois eles sentem-se desmotivados pelo fato de serem poucos, já tendo dito ao professor que queriam fazer educação física com outras turmas. Segundo o P5, o aluno J3 anda menos motivado e com muito sono durante as aulas. O J1 trabalha 100% do tempo de aula, mesmo com todas as dificuldades que tem. O J2 tem faltado muito nas últimas aulas e o J10 tem correspondido de maneira muito positiva nas duas últimas semanas.</p> <p>O DT informa que, com relação à certificação, tendo em conta o fim do primeiro ano letivo está próximo, só vê possibilidade de certificar o J2.</p> <p>Os professores demonstram uma grande preocupação com relação ao próximo ano letivo (2012/2013), caso permaneçam ou sejam destacados para outras turmas. Sugerem questões que podem ser levadas em consideração para a continuidade do trabalho com a turma PIEF. Entre as sugestões, aparece como prioridade a reformulação do horário das aulas.</p>

Estive durante toda manhã no gabinete sem a presença do DT e do TIL, o que, de certa maneira, faz com que minha atenção dobre. A observação tem que ser constante, pois a qualquer instante pode acontecer algo inesperado causado por algum aluno. A manhã correu tranquila, tendo em conta os comportamentos indisciplinados.

Durante a reunião com a equipe pedagógica, pude observar a avaliação do professor, tendo em conta o percurso vivido este ano letivo e com projeções para o próximo. A reunião durou aproximadamente duas horas e todo o tempo foi projetado para discussões que são consideradas pertinentes.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	30-05-2012
ATIVIDADE	Reunião com o aluno J3 e J10
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Diretor de Turma, TIL, J3, J10 e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE	<p>No gabinete, o Diretor de Turma foi apurar a situação ocorrida em sala de aula, pois havia três buracos na parede e o aluno J10 foi responsabilizado pelo aluno J3. Este, após negar por diversas vezes, assume a autoria de um dos buracos, dizendo não saber quem fez os outros dois. Esta situação aconteceu na tarde da última sexta-feira.</p> <p>Às 9h25min, chega o aluno J2 e informa ao DT que não vai à atividade de exploração vocacional (cabelereiro), pois tem consulta marcada no pediatra. O aluno foi à aula de Francês, pois era dia de avaliação. Estavam na sala apenas dois alunos. O restante dos alunos tinha consciência do teste, entretanto não vieram.</p> <p>Juntamente com o TIL, fomos à residência do J1, pois o mesmo tem faltado muito. Fomos recebidos pela mãe que, de imediato, justificou que a filha estava com cólicas e dor de cabeça. Permanecemos na casa dela durante, aproximadamente, uns vinte minutos, e o TIL alertou a encarregada de educação pela falta sem justificação do aluno. Esta garantiu que o J1 não voltaria a faltar.</p> <p>Retornando ao gabinete, o TIL telefonou a todos os pais e encarregados de educação, cujos filhos não estão hoje na escola. Com alguns, consegui falar e foi informado que, por motivo de doença, o filho não veio às aulas. Com outros não se conseguiu falar, pois os telefones estavam desligados.</p>
REFLEXÃO	<p>Há um acompanhamento constante por parte do TIL e do DT, seja no horário em que os alunos estejam na escola, ou estando ausentes. Os encarregados de educação têm sido constantemente avisados da quantidade de faltas dos filhos, muitas destas sem a menor justificação plausível.</p> <p>Com relação à situação dos buracos na parede, é importante referir que em todas as situações em que acontece depredação do património escolar, todos os alunos são ouvidos e tenta-se apurar, responsabilizar e punir os responsáveis. Medidas que não percebemos contribuir para uma mudança de comportamento, pois os mesmos atos acontecem.</p>

AÇÃO	DESCRIÇÃO
DATA	31-05-2012
ATIVIDADE	Acompanhamento da rotina de uma manhã de aula
LOCAL	Escola Secundária com 3º ciclo D. Dinis
PARTICIPANTE(S)	Diretor de Turma, TIL e estagiária Darliane Amaral.
DESCRIÇÃO DA	Ao chegar ao bloco, juntamente com o diretor de Turma, já encontrávamos os alunos J5 e J10 que se dirigem à sala de aula. Às 9h, chega o

ATIVIDADE

aluno J1, dizendo que não ia entrar na sala, pois estava muito cansado e permanece no gabinete até o intervalo da aula. Decide ir à aula após o intervalo.

O DT e o TIL conversam com o aluno J2 sobre as faltas e atrasos. A preocupação vai ao encontro ao que tem causado a desmotivação do aluno nas atividades escolares. O aluno ri e diz que não está se passando nada. Está tudo bem, reafirmando que o comportamento está normal, igual ao de sempre.

Na aula de Ciências Humanas e Sociais, o aluno J5 é convidado a sair da sala. Segundo o professor, o aluno falava ao celular no momento da aula, o professor pediu o aparelho e o aluno não o entregou. Chegando ao gabinete, o DT disse que se o aluno persistisse com o uso do celular no momento da aula, o mesmo ficaria sem o equipamento. O J5 diz “fico, fico”. O DT diz que se houver necessidade garante que ele fica sim, e pede ao aluno que pense sobre a conversa. O J5 fala que não interessa a ninguém o que estava sendo falado. O DT agradece e pede que o aluno se retire.

REFLEXÃO

É sempre um mistério a conversa com os alunos dessa turma PIEF. Eles, algumas vezes, assumem os erros ou permanecem em silêncio. Outras vezes, usam de palavras grosseiras e simplesmente ignoram o que estão ouvindo, retribuindo com palavrões.

Estas questões dos palavrões já poderiam não existir, pois desde o início do ano letivo que se trabalha para que os alunos mudem o vocabulário. Entendemos o percurso de vida em que estes jovens estão inseridos, mas não se pode permitir tudo. A escola deve impor regras e trabalhar para o autocontrole de determinados impulsos.

ANEXO II
GUIÃO DE ENTREVISTA

GUIÃO DE ENTREVISTA AO DIRETOR DA ESCOLA

DIMENSÃO	OBJETIVOS	QUESTÕES ORIENTADORAS
I-Informação/Legitimação da entrevista e identificação pessoal e profissional	- Propor um momento de descontração; - Informar ao entrevistado o procedimento da entrevista; -Coletar dados pessoais; -Saber acerca do percurso profissional (anterior e atual).	1-Apresentar os objetivos do estudo. 2-Explicar os objetivos da entrevista. 3-Garantir o anonimato e confidencialidade do conteúdo da entrevista. 4-Qual a sua idade? 5-Qual a sua formação inicial? 6-Tem quantos anos de profissão? 7-Trabalha nesta escola há quanto tempo? E há quantos anos desempenha a função de diretor?
II – Seleção da escola, dos professores e diretor de turma	-Perceber qual foi o critério de seleção para que a turma PIEF funcione na escola; -Identificar como se deu a escolha dos professores e diretor de turma.	1 - Como se deu a abordagem para o funcionamento desta turma PIEF? 2 - Na escola já funcionou alguma turma PIEF? 3-Como foram escolhidos os professores para o PIEF? Como foi a indicação para o diretor de turma?
III-Comportamento e a aprendizagem dos alunos	- Compreender como o diretor da escola avalia o comportamento dos alunos (cumprimento das regras e autocontrole);	1-Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma? 2-Com o objetivo de contribuir para o processo de (re)integração escolar e social do jovem, como o diretor avalia que a escola pode contribuir?
IV-Condições de ação	-Verificar a percepção do diretor sobre a organização do PIEF; -Verificar a percepção do diretor da escola sobre os objetivos do PIEF.	1-Como observaria a relação da estrutura organizativa do programa com a escola e o diretor da mesma? 2- Como relacionar as condições de trabalho, com os objetivos do PIEF?
V-Propostas futuras	-Compreender as sugestões do diretor sobre a organização do PIEF.	1- Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA TÉCNICO DA EQUIPA MÓVEL MULTIDISCIPLINAR

DIMENSÃO	OBJETIVOS	QUESTÕES ORIENTADORAS
I - Informação/Legitimação da entrevista e identificação pessoal e profissional	<ul style="list-style-type: none"> - Propor um momento de descontração; - Informar ao entrevistado o procedimento da entrevista; -Coletar dados pessoais; -Saber do percurso profissional (anterior e atual). 	<ol style="list-style-type: none"> 1-Apresentar os objetivos do estudo. 2- Explicar os objetivos da entrevista. 3-Garantir o anonimato e confidencialidade do conteúdo da entrevista. 4-Qual a sua idade? 5-Qual a sua formação inicial? 6-Tem quantos anos de profissão? 7- Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite? 8-No PIEF sempre integrou a EMM? 9-Com esta turma à qual propomos o estudo, trabalha há quanto tempo?
II-Formação e atribuições do técnico EMM	-Perceber se houve formação específica para a ocupação e execução do atual cargo.	<ol style="list-style-type: none"> 1-Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF? 2-Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF? 3-Quais as atribuições de um Técnico de Equipa Móvel Multidisciplinar (EMM) que você destacaria? 4- Considera que as referidas atribuições vão ao encontro do processo de (re)integração escolar e social dos alunos?
III-Comportamento e a aprendizagem dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> -Compreender como o técnico da EMM percebe os alunos; - Verificar a percepção do técnico EMM acerca das parcerias. 	<ol style="list-style-type: none"> 1-Através da sua vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos? 2-Como foi a escolha desta escola para o funcionamento desta turma? 3-Em sua opinião, a escola (pessoal docente e não docente) acredita e colabora no processo de (re)integração dos alunos?
VI- Condições de ação	<ul style="list-style-type: none"> -Identificar a percepção do técnico EMM sobre a organização do PIEF; -Verificar a percepção do técnico EMM sobre os objetivos do PIEF. 	<ol style="list-style-type: none"> 1-O que pensa dos parceiros do PIEF na efetivação do programa? 2-Como relacionar as condições de trabalho, com os objetivos do PIEF?
V- Propostas futuras	-Compreender as sugestões do técnico EMM sobre a organização do PIEF.	1-Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA TÉCNICO DE INTERVENÇÃO LOCAL

DIMENSÃO	OBJETIVOS	QUESTÕES ORIENTADORAS
I - Informação/Legitimação da entrevista e identificação pessoal e profissional	- Propor um momento de descontração; - Informar ao entrevistado o procedimento da entrevista; -Coletar dados pessoais; -Saber do percurso profissional (anterior e atual).	1-Apresentar os objetivos do estudo. 2- Explicar os objetivos da entrevista. 3-Garantir o anonimato e confidencialidade do conteúdo da entrevista. 4-Qual a sua idade? 5-Qual a sua formação inicial? 6-Tem quantos anos de profissão? 7- Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite? 8-No PIEF sempre esteve como Técnico de Intervenção Local? 9-Com esta turma à qual propomos o estudo, trabalha há quanto tempo?
II - Formação e atribuições do TIL	-Perceber se houve formação específica para a ocupação e execução do atual cargo.	1-Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF? 2-Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF? 3-Quais as atribuições de um Técnico de Intervenção Local (TIL) que você destacaria? 4- Considera que as referidas atribuições vão ao encontro do processo de (re)integração escolar e social dos alunos?
III-Comportamento e a aprendizagem dos alunos	-Compreender como o TIL percebe os alunos; -Verificar a percepção do TIL acerca das parcerias.	1-Através da sua vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos? 2-Em sua opinião, a escola (pessoal docente e não docente) acredita e colabora no processo de (re)integração dos jovens?
VI- Condições de ação	-Identificar a percepção do TIL sobre a organização do PIEF; -Verificar a percepção do TIL sobre os objetivos do PIEF.	1-O que pensa dos parceiros do PIEF na efetivação do programa? 2-Como relacionar as condições de trabalho, com os objetivos do PIEF? 3-O que pensa dos parceiros do PIEF na efetivação do programa?
V- Propostas futuras	-Compreender as sugestões do TIL sobre a organização do PIEF.	1-Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES E DIRETOR DE TURMA

DIMENSÃO	OBJETIVOS	QUESTÕES ORIENTADORAS
I- Informação/Legitimação da entrevista e identificação pessoal e formação profissional	<ul style="list-style-type: none"> - Propor um momento de descontração; - Informar ao entrevistado o procedimento da entrevista; -Coletar dados pessoais; -Saber do percurso profissional (anterior e atual); -Perceber se houve formação específica para a ocupação e execução do atual cargo. 	<ul style="list-style-type: none"> 1-Apresentar os objetivos do estudo. 2- Explicar os objetivos da entrevista. 3-Garantir o anonimato e confidencialidade do conteúdo da entrevista. 4-Qual a sua idade? 5-Qual a sua formação inicial? 6-Tem quantos anos de profissão? 7- Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite? 8-No PIEF sempre esteve como TIL? 9-Com esta turma à qual propomos o estudo, trabalha há quanto tempo? 10-Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF? 11-Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF?
II-Organizações e dinâmicas pedagógicas	<ul style="list-style-type: none"> -Analisar os aspectos positivos e negativos da organização do horário das aulas; -Verificar a avaliação do professor sobre a proposta curricular que orienta a prática pedagógica. 	<ul style="list-style-type: none"> 1-O que pensa da matriz curricular do PIEF e da forma como estão organizados os horários? 2-O professor considera que a sua experiência escolar, contribui de maneira relevante para o trabalho que tem desempenhado com os alunos PIEF? Quais as semelhanças e diferenças que há na sua prática pedagógica nessa turma PIEF, e nas outras turmas da escola?
III-Comportamento e a aprendizagem dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> -Compreender como o professor avalia os alunos, considerando o comportamento (cumprimento das regras e autocontrole); - Avaliar a aprendizagem cognitiva; -Avaliar o desenvolvimento das competências pessoais e sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> 1-Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma? 2-O professor identifica e considera que houve avanço da aprendizagem e/ou das competências pessoais e sociais? Quais?
IV- Condições de ação	<ul style="list-style-type: none"> -Verificar a percepção do professor sobre a organização do PIEF; -Perceber a opinião do professor sobre os espaços e matérias; 	<ul style="list-style-type: none"> 1-Quais as suas principais preocupações pedagógicas neste programa? 2-O professor do PIEF sente-se apoiado pela estrutura do programa? Pela gestão da escola? E pelos demais professores? 3-Pensa que a prática pedagógica e a organização do ensino possibilita a integração dos jovens do PIEF?
V-Propostas futura	<ul style="list-style-type: none"> -Compreender as sugestões do professor sobre a organização do PIEF(espaços e materiais/recursos humanos). 	<ul style="list-style-type: none"> 1-Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

ANEXO III

AUTORIZAÇÃO DO DIRETOR DA ESCOLA PARA
APLICAR AS ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Exmo. Senhor
Diretor da Escola Secundária com 3º Ciclo D. Dinis

Darliane Silva do Amaral, aluna do curso de Mestrado em Ciências da Educação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, orientada pelo Professor Doutor António Gomes Alves Ferreira, está a realizar no presente ano letivo uma investigação sobre o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) na referida escola.

Neste sentido, pretende-se recolher informação da máxima importância para a elaboração do trabalho, através da aplicação de entrevistas aos docentes que trabalham com os alunos da turma PIEF, com o Diretor de Turma e o Diretor da Escola. Todos os sujeitos terão direito a não responder, sendo garantida a maior discrição e sem qualquer perturbação das atividades pedagógicas e funcionais da escola. Desta forma, solicito a autorização de V. Ex.^a e colaboração para aplicação das entrevistas.

A todos os intervenientes na investigação é garantida a confidencialidade, das informações facultadas, comprometendo-se a investigadora a que os dados recolhidos serão unicamente utilizados para a investigação em curso, respeitando todos os procedimentos de uma forma ética e profissional.

Agradeço desde já toda a disponibilidade e colaboração.

Coimbra, 23 de Maio de 2012

A Investigadora

(Darliane Silva do Amaral)

Tomei conhecimento e concordo
O(A) Diretor

ANEXO IV

AUTORIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS PARA
UTILIZAÇÃO DOS DADOS RECOLHIDOS



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Exmo(a). Senhor(a) Professor(a)

Darlíane Silva do Amaral, na qualidade de estudante da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, a frequentar o curso de Mestrado em Ciências da Educação, orientada pelo Professor Doutor António Gomes Alves Ferreira, vem respeitosamente, solicitar a aplicação de entrevista, entendendo que esta constitui um importante instrumento para o nosso trabalho. O mesmo tem sido desenvolvido no âmbito do estágio no Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF), na Escola Secundária com 3º Ciclo D. Dinis.

Requer também, autorização para utilizar todos os dados recolhidos na entrevista para futuras publicações.

Antecipadamente grata pela atenção e colaboração dispensada.

Coimbra, 23 de maio de 2012

A investigadora

(Darlíane Silva do Amaral)

Tomei conhecimento e concordo

O(A) Docente

ANEXO V

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA DIRETOR

DATA:08/06/2012 HORA:10:30

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Qual a sua idade? 51.

Qual a sua formação inicial?

Sou licenciado em Filologia Românica, quer dizer, Latim, Português, Cultura e Literatura. Depois fiz um Mestrado em Ciências da Educação, Gestão e Administração Educacional.

Tem quantos anos de profissão?

Agora em outubro vou fazer 29.

Trabalha nesta escola há quanto tempo?

13 anos.

E há quantos anos desempenha a função de diretor?

Doze anos, mas também tenho dois anos em outra escola de experiência diretiva.

SELEÇÃO DA ESCOLA, DOS PROFESSORES E DIRETOR DE TURMA

Como se deu a abordagem para o funcionamento desta turma PIEF?

Foi o Técnico EMM que fez o primeiro contacto e perguntou da disponibilidade da escola em receber os alunos e essa foi a primeira abordagem. E manifestamos logo a receptividade diante da comunidade em que nos inserimos, e do serviço social que está subjacente ao funcionamento de uma turma PIEF.

Na escola já funcionou alguma turma PIEF?

Não, essa foi a primeira experiência.

Como foram escolhidos os professores para o PIEF? Como foi a indicação para o diretor de turma?

Ora bem, aí há dois tipos eu não diria de escolha, mas efetivamente dois casos em que houve escolhas efetivas em nos levou a mudar horários. E em outros casos, já não foi uma escolha objetiva, mas os condicionais dos horários dos docentes e havia dois ou três com horários incompleto, e então foi inevitável. Mas atenção, neste caso, se também nós achássemos que estes não tinham perfil pra ir para lá também não teria ido. Agora se a posteriori com esse ou com aquele teve dificuldade, no momento da decisão havia confiança nestes docentes. Portanto, em síntese houve dois processos, um de escolha, no caso do professor de Português por exemplo, nós conhecemos bem o perfil dela, achamos e continuamos a achar que é uma professora capaz e com competências para lidar com este tipo de miúdos. E houve outros casos que foram as contingências dos horários deles.

COMPORTEAMENTO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma?

Ora bem, são comportamentos que a mim não me surpreendem. Nós sabemos dos percursos escolares que estes alunos têm, percursos que normalmente chamamos de irregulares, com reprovações atrás de si, desinteresse da escola, desmotivação. Depois a desmotivação e desinteresse levam a comportamentos inadequados, incivilizados, perturbadores, e por isso não me surpreendeu. Para o tipo de alunos que são, acho que os comportamentos estão dentro da normalidade, também há outros que tem também a questão social atrás de si, a desestrutura familiar existente e inexistente, que na maior parte dos casos é inexistente. Na estrutura familiar tem-se pais permissivos, pais ausentes praticamente, cada um dos miúdos se habitua a fazer o querem, quando quer e depois tu levas a pensar que mandam nos professores, que mandam na polícia, que mandam no juiz, mandam em toda gente. A escola é o único sítio que em certa medida a vida lhes impõe regras, e eles não estão acostumados a respeitá-los e por vezes leva a comportamentos que fogem das regras e do regulamento, mas como eu disse no início da questão, nada que nos surpreendêssemos, pois eu já estava a espera que assim fosse. E apesar, eu sei que em sala de aula alguns professores sofrem, eu sei que alguns professores sofrem com a linguagem obscena, com a linguagem indecorosa, com o desrespeito, mesmo assim em termos de participações e queixas acho que foi menos do que aquela que eu estava a espera.

Com o objetivo de contribuir para o processo de (re)integração escolar e social do jovem, como o diretor avalia que a escola pode contribuir?

Acho que a escola contribui através da sua boa vontade em reconstruir personalidades, em transmitir valores e princípios. Mas a escola mesmo tendo um conjunto de docentes bem intencionados, a escola faltam recursos sobretudo no âmbito da psicologia, da assistência social e essa é a principal dificuldade. E a escola tem corpo docente que quer colaborar e que quer ajudar, que quer reconstruir, tem espaço para os acolher, tem um ambiente interno, e quando digo interno é o comportamento dos outros alunos que prima pela tolerância, pelo respeito e pela compreensão. A escola faltará depois esses meios e se calhar, também uma presença mais participativa dos encarregados de educação.

CONDIÇÕES DE AÇÃO

Como observaria a relação da estrutura organizativa do programa com a escola e o diretor da mesma?

A maior dificuldade que sinto nesta relação organizativa, é efetivamente nós pertencermos, e somos uma estrutura do Ministério da Educação, a quem temos de prestar contas, e de repente temos também o Ministério da Solidariedade e depois sinto algumas dificuldades em saber quem me dar instruções, se é ao Ministério de Educação ou a estes dois ministérios. E para mim essa é a principal dificuldade. Agora efetivamente e utilizando novamente a expressão as boas intenções, e as finalidades para mim tem permitido, e acho que vão continuar a permitir que as pessoas envolvidas, o Técnico EMM, o TIL, a própria estagiária e nós, nós através do Diretor de Turma, continuamos a resolver os problemas e em termos organizativos essa é a principal dificuldade em saber a qual ministério que devo. Houve situações em que o Técnico EMM dizia que eu tinha que fazer isto, e eu ficava a saber qual era o ministério que estava a dar-me instruções. É o Ministério da Segurança que está a dar-me instruções quando eu pertença ao Ministério da Educação? E essa acho que foi a principal dificuldade, mas superou-se. E Superou-se.

Como relacionar as condições de trabalho, com os objetivos do PIEF?

É uma pergunta interessante. As condições são aquelas que a estagiária conhece, procuramos que fossem as condições mais que mínimas. Procuramos isolar os meninos, isolar não no sentido discriminatório, não, não, não é nada disso. Foi isolar no sentido de salvaguardar os interesses escolares dos outros alunos das outras turmas e ao mesmo tempo salvaguardar os objetivos do PIEF desses alunos, daí polos em um bloco sozinhos. De maneira que a parte social e comportamental pudesse ser trabalhada por todos os intervenientes sem que perturbassem. Porque a partida sabíamos que eles iam ter momentos de roer, de barulho, e portanto queríamos que eles não perturbassem os outros alunos, o direito dos outros alunos a aprendizagem, e ao mesmo tempo dar-lhes a possibilidade de esses meninos da escola lhes dar mais uma possibilidade e de atingirem a certificação. De atingirem ou melhorarem os comportamentos através da ação da escola que são os seus objetivos, portanto e procuramos conciliar e por acaso a escola tinha essas condições que permitia fazer isto e foi isto que tentamos fazer. Efetivamente, por um lado os objetivos para eles e por outro lado os objetivos para os outros alunos e foi explorando as possibilidades da escola, que viabilizamos isto.

PROPOSTAS FUTURAS

Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

O programa visa em termos escolares, dar uma resposta junto ao conjunto de alunos que não podem ficar em casa, que não podem ficar na rua. E o que falta ao programa? Falta esse apoio de retaguarda, com especialista que auxiliem os professores, as escolas e os alunos. Porque de resto eu entendo a finalidade do curso, percebo, concordo, tem que haver programas, porque toda vida houve e nós estamos em uma escola de massa em que todos somos obrigados a andar na escola, e no meu tempo quem não queria não andava. E os miúdos já não eram oprimidos, eu sei que para alguns alunos, e atendendo as características de alguns alunos que eu já referi o espaço da escola é opressor, se habituaram a crescer e a marcar o seu ritmo de tempo a fazerem o que querem. A mandar nos pais e de repente a sala de aula há um espaço físico, há professores que dão atividades, que dão ordens, que no fundo, não é ordens no sentido de mandar, mandar. Apenas um conjunto de procedimentos, de atitudes e comportamentos que é preciso respeitar. E para estes miúdos a escola é opressora e nos tempos em que vivemos em que reconhecemos o direito a escolaridade, e sabemos que os jovens têm que andar na escola e atingir competências mínimas, e ter habilitação mínimas em que a escolaridade obrigatória não tem sentido em sociedades civilizadas, modernas, haver este tipo de abandono escolar, de exclusão escolar e por aí fora. Portanto estes miúdos têm que estar na escola, agora estes miúdos que não querem andar na escola e se obrigam a andar na escola, porque querem outro tipo de programa, outro tipo de curso, um perfil docente diferente, e é isto que temos tentado fazer. É de facto uma escola diferente pra eles dentro das condições que temos. Portanto as minhas críticas é sobretudo a falta de técnicos especializados, até porque nós professores, a nossa formação foi para um conjunto de alunos, eu não queria chamar a estes de anormais, mas foi para um conjunto de alunos normais. E não estou a considerar estes uns anormais, não é nada disto, portanto se nós formos passar da expressão formatados, o facto de lidar com estes alunos tal como lidar com necessidades educativas especiais, tudo que sai a média se calhar não estaríamos preparados. Uns estariam mais preparados que outros, pela sua personalidade, pela sua capacidade intuitiva e pela sua auto formação e muitos deles autodidaticamente procuraram dar respostas, mas falta os parceiros dos especialistas.

Se achar pertinente, sinta-se a vontade para acrescentar o que desejar.

Ao longo dos anos para dar sal a nossa vida é preciso de motivações e nossa escola ao longo dos anos temos tido motivação extra. Há uns anos por exemplo tivemos aqui uma turma timorense, para prepará-los para universidade, vinte timoreneses que mal sabiam falar português e foi um desafio, uma experiência pedagógica interessantíssima, depois tivemos os cursos de educação e formação e agora tivemos o PIEF. Portanto são experiências novas, desafiantes e que deve funcionar como motivadora e o professor que consiga trabalhar ou ter essas experiências é evidente que estará preparado para ser o melhor professor, até para entender os jovens de uma forma geral sejam privilegiados, sejam desprivilegiados, sejam de que tipo for.

ENTREVISTA TEMM

DATA:18/06/2012 HORA:21:30

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Qual a sua idade?

52.

Qual a sua formação inicial?

Professora de Educação Visual do Ensino Básico.

Tem quantos anos de profissão?

24.

Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite?

Foi convite. Estou requisitada há um ano, portanto o ano letivo que terminou.

No PIEF sempre integrou a Equipa Móvel Multidisciplinar?

Sim. Fui convidada justamente para integrar esta equipa, para coordenar os projetos na região Centro no distrito de Coimbra.

Com esta turma a qual propomos o estudo, trabalha há quanto tempo?

Há 1 ano exatamente.

FORMAÇÃO E ATRIBUIÇÃO DO TÉCNICO EMM

Após o contato com a escola demorou quanto tempo para o início das aulas.

Quando integrei a equipa, o projeto já estava elaborado, só que existia uma circunstância um bocado complicada, porque no ano anterior não se conseguiu uma escola que recebesse a turma. E foi após várias tentativas e vários contatos com todas as escolas, que na verdade eu fiz um contato com a Escola D. Dinis que aceitou o projeto, ou seja, o projeto arrancou a 24 de outubro, já depois do ano letivo ter iniciado.

Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF?

A formação que tivemos foi essencialmente uma formação burocrática. Se está a referir uma formação pedagógica não. Foi uma formação mais burocrática para trabalhar ao nível das bases de dados essencialmente, a relação com as escolas, e toda a minha experiência profissional e também a formação não só de educação visual, mas toda a outra formação após eu ter tirado o curso, que adquiri, foi uma mais valia para este projeto e também por isto me convidaram.

Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF?

A formação que eu senti mais necessidade foi essencialmente mais ao nível legislativo e de trabalho e entre os diferentes parceiros, ou seja, essencialmente ao nível do trabalho com as comissões da CPCJ, EMAT e das equipas multidisciplinares de assessoria de menores ao tribunal.

Quais as atribuições de um Técnico de Equipa Móvel Multidisciplinar (EMM) que você desatacaria?

As nossas funções são essencialmente a articulação com as escolas, a monitorização dos projetos, e inicialmente somos nós também que elaboramos os projetos, que também damos indicações para a seleção dos docentes. Estamos presentes em todas as reuniões, e fazemos reuniões sempre que possíveis semanais, mas por vezes são quinzenais. Fazemos a ligação com outras instituições e outros parceiros. Desbloqueamos determinadas situações que são importantes para agilizar os processos relativamente aos alunos porque os alunos que constituem essas turmas são essencialmente alunos acompanhados pela CPCJ e pela EMAT. Portanto são alunos que estão ou institucionalizados ou as famílias são famílias que recebem RSI, que estão a ser acompanhadas pelos técnicos, e por vezes temos que fazer o acompanhamento em equipas com estes técnicos e ir mesmo a casa das pessoas, falar com as pessoas, coresponsabiliza-las pelos processos, do trabalho com a escola, e por vezes é muito difícil porque são pessoas que muitas vezes não valorizam a escola. Por outro lado, somos responsáveis pela parte financeira, tudo que é imputável ao projeto é da nossa responsabilidade e temos que ser nós a autorizar e depois fazer relatórios de todas as despesas com o projeto, inclusive os dias em que o TIL tira, que necessita. Temos que ser nós a autorizar e sermos nós a subscrever os quilómetros que o TIL fizer, alguma despesa que o Técnico faz, somos nós que temos essa responsabilidade.

Considera que as referidas atribuições vão ao encontro do processo de (re)integração escolar e social dos alunos?

Isso é uma coisa muito discutível e eu sou de certa forma muito crítica. Este tipo de aluno quando estão todos juntos, é uma bomba relógio e aí eu não sei se é a melhor metodologia juntar alunos com problemáticas tão específicas, e ao mesmo tempo tão dramáticas mesmo, se será a melhor solução. Porque agressividade puxa agressividade e às vezes é muito complicado gerir esses conflitos entre os jovens, e essencialmente dentro da sala de aula. Acredito muito mais em uma metodologia de trabalho mais individualizado, em que os alunos estão integrados em turmas com outros alunos com outros tipos de comportamento que não o destes alunos. É uma opinião muito pessoal.

COMPORTAMENTO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma?

São crianças como eu já disse, muito complicadas, com históricos de vida muito complicados e são frutos do meio familiar em que vivem e são frutos dos problemas ao nível político, económico, social e cultural. E acabam por ser as maiores vítimas. Não tem culpa de terem nascido nas famílias e nas sociedades em que nasceram, e por vezes são os mais castigados, inclusive nós temos muitos deles que chegam aqui em regime de internato em colégios, como aconteceu este ano com dois alunos nossos da turma irem para centros educativos fechados. Ora, são duplos castigos que estas crianças têm e a sociedade exclui-os, e eles já são excluídos e continuam a excluí-los.

Como relacionar as condições de trabalho, com os objetivos do PIEF?

Relativamente ao meu trabalho, logicamente que eu tenho que fazer um plano semanal e permissões de saídas que fazemos toda semana seguinte, da anterior para a seguinte, mas temos bastante autonomia para fazer este trabalho. Dentro da escola este projeto específico, tem algumas características negativas, pois o projeto iniciou depois do arranque do ano letivo, não houve possibilidade de uma preparação, ou seja, estes projetos podem ter dois professores destacados a tempo inteiro e um técnico. O que aconteceu foi que como iniciou no dia 24 de outubro, os horários já estavam feitos e a fase dos destacamentos já tinham passado e portanto esta turma acabou por funcionar com as boas vontades de alguns professores que fizeram algum horário, que de certa forma pudessem dar alguma resposta a algum destes alunos, como por exemplo terem três professores voluntários e desdobrem a turma, e muitos deles, darem horas gratuitamente. A técnica inicialmente não foi atribuída, e tivemos que ir busca-la de outro projeto que tinham poucos alunos e deslocamos a técnica, mas não teve os dois professores destacados que é uma mais valia para poderem dividir a turma, quando necessário. E ainda por cima, esta turma tem alguns alunos para preparar a certificação para o 2º e 3º ciclo com níveis diferentes ou supostamente diferentes porque as competências deles são tão baixas, tão diferentes umas das outras, que a turma poderia ser dividida e aqueles que estavam mais avançados estarem com esse professor destacado a tempo inteiro. E não foi possível fazer isso, porque inicialmente foi impossível encontrar uma escola que aceitasse a turma e por isso foi trabalhando com as boas vontades dos professores da escola que foram incansáveis.

Em sua opinião, a escola (pessoal docente e não docente) acredita e colabora no processo de (re)integração dos alunos?

Este tipo de alunos é excluído da sociedade e acabam por ser excluídos da escola. E são poucos os professores se perguntarem se querem ir trabalhar com este tipo de aluno são poucos, aqueles que o aceitam. Por isso a partida, logo a relação que se cria até numa atitude destas é de exclusão. E portanto não vale a pena estarmos a mentir porque não são turmas aceites, são turmas muito complicadas, devido a falta de competências ao nível das competências pessoais e sociais. Isso traz muitos comportamentos disruptivos do exterior da escola que depois se reflete dentro da sala de aula e para um professor não é fácil aceitar de bom grado dar aulas a turmas que estão sempre no fio da navalha. Nunca se sabe o que vai resultar dali, pode levar uma aula muito bem preparada mas não conseguir nem se quer iniciar a aula. Agora a maior parte desses professores, poderia até dizer todos, tendo em conta o processo inicial foram pessoas que lutaram sempre e tiveram sempre disponíveis pra trabalhar com estes alunos.

CONDIÇÕES DE AÇÃO

O que pensa dos parceiros do PIEF na efetivação do programa?

As parcerias as vezes são muito complicadas, são muito bonitas no papel mas depois efetivamente não funcionam e acaba por todo o trabalho ser feito pela escola. E nós verificamos que na reunião de assembleia de parceiros onde deveriam estar todos os parceiros acabaram por faltar bastante parceiros e não é em três reuniões de parceiros que na verdade se planifica, se organiza o trabalho de intervenção. Portanto o trabalho continua a ser da escola. São poucos os parceiros que entendem o trabalho efetivo que se faz na escola e as necessidades que a escola necessita. Existem bons parceiros e bom trabalho de parceria, mas outros só efetivamente só, e no papel.

Considera um desafio, o trabalho com esta turma PIEF?

Foi um desafio. Essencialmente o trabalho com as crianças além de todo o meu percurso profissional eu tenho valorizado muito o meu trabalho com este tipo de jovens, e tenho experiência em sala de aula, em projetos com estes alunos e é sempre gratificante porque aprendemos sempre muito. Porque estes meninos que são diferentes, tem muitas coisas para nos ensinar, e por vezes lições de vida.

Então considera que da vossa parte houve aprendizado?

Sim, muito gratificante. De certeza que me deu mais valias, para outros trabalhos que eu profissionalmente ou pessoalmente tenho ainda para fazer.

PROPOSTAS FUTURAS

Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados.

Estes projetos para terem bons resultados, voltamos ao trabalho das parcerias. Primeiro porque este tipo de trabalho, e de investimento devia começar no pré-escolar e no 1º ciclo, e paralelamente com as famílias. Fazer um trabalho ou tentar curar uma doença quando ela já está muito avançada é muito complicado, porque eu acredito num investimento precoce e não nesta fase em que eles já são adolescentes, adultos. Possuem muitas experiências fora da escola, que para eles, são muito mais interessante do que a escola, que não lhes dizem absolutamente nada.

Se achar pertinente, sinta-se a vontade para acrescentar o que desejar.

Neste momento, a escola está a ser confrontada com várias reformas das quais os professores não se conseguem apropriar nem adaptar-se. Não há avaliações e nota-se que, avança-se com outros projetos com outras propostas sem avaliarem situações anteriores. Penso que nesta fase em que o país está a passar por problemas económicos, sociais, portanto toda esta política a nível da Europa, e toda esta reação se vai sentir muito na escola e principalmente estes jovens, em que há um aumento muito grande de famílias a receber o RSI e crianças também. Houve um aumento de crime ao nível dos adolescentes e eu não sei muito bem como é que no próximo ano letivo vamos implementar uma lei que na verdade já é da lei 85/2009, que deveria durante estes anos os políticos terem-se organizado para a aplicação desta lei, e não o fizeram e para o próximo ano com todas essas questões que estamos a viver no nosso país, eu penso que não vai ser fácil. Um outro especto também importante, é a falta de formação que nós professores temos para lidar em sala de aula e em contexto escolar com estes alunos, e portanto não há formação. Os centros de formação também estão a passar por um período de recessão e não tem financiamento para propor ações de formação e portanto neste momento a oferta é muito a prata da casa, ou seja, somos nós a escola, professores amigos que gratuitamente fazem formação e portanto tem de restringisse exatamente as temáticas disponíveis, e não se faz um diagnóstico das necessidades que os professores sentem, tendo em conta as problemáticas vivenciadas na escola para que adquiram competências para lidar com estas situações, e isso não existe. Basta fazer um levantamento ao nível dos quatro centros de formação que temos no distrito, e verifica-se que as áreas temáticas para trabalhar em sala de aula, penso que foram feitas cerca de três ações unicamente.

ENTREVISTA TIL

DATA:29/05/2012 HORA:15:00

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Qual a sua idade?

35.

Qual a sua formação inicial?

É Serviço Social.

Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite?

Eu trabalho com turmas PIEF desde 2009, portanto, prestes a fazer quatro anos. E na altura foi por concurso, seleção mesmo.

No PIEF sempre esteve como TIL?

Sim. Apenas com funções de Técnica de Intervenção Local.

Com esta turma à qual propomos o estudo, trabalha há quanto tempo?

Desde outubro. 24 de outubro, portanto desde o início do ano letivo.

FORMAÇÃO E MATRIZ CURRICULAR

Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF?

Formação específica para trabalhar nas turmas PIEF não tive. A seleção para ingressar nessas turmas como Técnica de Intervenção Local foi um bocadinho baseada na minha experiência profissional, portanto da experiência profissional que tenho foi tida em consideração para a seleção para a Técnica de Intervenção Local para as turmas PIEF.

Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF?

Concretamente a formação se passava muito pela educação especial, pelo trabalho com jovens pré delinquentes, delinquentes. Eu diria que mais na área da justiça, da reinserção social, até porque estes alunos têm muito este perfil de pré delinquência. Outra área que eu penso que teria muita importância aqui, era ter formação para trabalhar com as famílias multi problemáticas que tem sido a base do meu trabalho até hoje.

Quais as atribuições de um Técnico de Intervenção Local (TIL) que você destacaria?

Sem dúvidas alguma que será a relação de confiança que se estabelece com estes alunos, e também o trabalho que se faz, o acompanhamento, a proximidade que se tem com as famílias. Porque muitos destes alunos, as problemáticas que apresentam são derivadas ao percurso individual ao percurso de vida cada um, e tem muito a ver com aquilo que a família também diz dele, ou não deu durante a sua vida, a sua infância e já neste momento na adolescência é claro.

Considera que as referidas atribuições vão ao encontro do processo de (re)integração escolar e social dos jovens PIEF?

Sem dúvida alguma, sim. Vão ao encontro porque sem dúvidas estes alunos precisam mesmo disso, de um suporte, precisam de alguém em quem eles possam confiar. Para além da equipa constitui, a equipa das turmas PIEF que é chamada a Equipa Técnico Pedagógica em que elas tenham uma relação de proximidade, de alguma confiança com os professores. Aqui com o Técnico de Intervenção Local, favorece muito a relação de proximidade e o facto deles terem confiança em alguém, uma relação mais informal, se assim se pode dizer com alguém, e vou dizer com alguém dentro desta equipa técnico pedagógica, favorece tal como a relação que eles tem com a escola. É uma forma deles chegarem à escola e tenham alguém pra dizer diferente, que os acompanha e os ouve, que conversa com eles informalmente, os entende basicamente como eles são, e os percursos de vida que eles têm e as problemáticas que eles têm, sem dúvidas que sim. Outra questão, é o trabalho com as famílias sem dúvidas eles sentem que se alguém também abordar as famílias, os pais ou mesmos quando não são pais são as instituições em que estão integrados se há um trabalho em parceria em articulação é um trabalho também de rede, é por um lado eles não aceitam muito bem, porque entendem que aqui há uma passagem de informações que não lhes agrada, por outro lado eles entendem que é a forma de alguém estar interessados neles e fazendo um trabalho que eles com certeza devem entender que é gratificante. Alguém interessado neles que faz a ponte da família, ou no caso das instituições sentem realmente que o trabalho é gratificante, e que há alguém que se preocupa com eles, e mexe com toda dinâmica familiar e institucional no caso de serem miúdos institucionalizados.

COMPORTAMENTO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma?

Vou falar um bocadinho no geral, porque esta turma PIEF da Escola Secundária D. Dinis não é, não deixa de ser diferente das outras que já tive anteriormente. Há imensa rebeldia, há imensa necessidade de se manifestarem sempre pela negativa, por manifestas características de oposição. Eles têm sempre a necessidade de se revelar

pela negativa. Esses miúdos são extremamente carentes de afeto e não sabem como demonstrar isso, portanto eles negam o afeto que lhe possam vir a dar, só mesmo com uma relação de muita confiança, que eles demonstram realmente que precisam desse afeto e aceitam esse afeto. Caso contrário estes meninos continuam com os seus maus comportamentos, com comportamentos desadequados, disruptivos, para que realmente possam chamar atenção de alguém, neste caso os professores, toda a equipa pedagógica em geral, equipa docente, não docente da escola, e outros colegas de alunos. Portanto eles basicamente passam por esta postura, esses comportamentos, são maus educados, são, mas sempre, sempre chamando a atenção de alguém, portanto são puras chamadas de atenção que eles têm. Mas o que está por traz desses maus comportamentos é o percurso de vida que eles têm, a carência de afeto que tem e toda a falta de estrutura familiar, social, enfim, todos os baixos que tem na vida.

Como relacionar as condições de trabalho, com os objetivos do PIEF?

Relativamente as condições de trabalho para concretização dos objetivos do trabalho com as turmas PIEF, há realmente condições que se exigem ou pelo menos deveriam existir nas escolas em geral, não estou a falar nesta em concreto, se bem que nesta também eu senti, e portanto há aqui algumas dificuldades e lacunas nas condições para o trabalho com estas turmas. Pois estas turmas exigem dos professores, da equipa técnico pedagógica, também falo ao nível geral da escola uma sensibilidade muito grande para trabalhar com estas turmas ainda formação específica que os professores deveriam ter. Lá está por que todas as metodologias usadas nesta turma não é usual, os professores não estão habituados e portanto é difícil encontrar a metodologia adequada a lecionar nestas turmas. Seria realmente ideal se os professores tivessem formação específica, seria realmente ideal se esta escola tivesse muito sensibilizada no seu geral para este tipo de problemáticas que estes meninos trazem para a escola e que de certa forma estes meninos já trazem para outra escola. Mas como os alunos estão de uma certa forma estão espalhados pela turma de ensino regular, ou seja nos CEFs, ou nos ensinos profissionais portanto não se dar tanta importância ao conjunto de miúdos com estas mesmas problemáticas numa mesma turma. Aí nesta mesma turma evidenciam-se certas problemáticas, certos comportamentos, estes maus comportamentos que toda a escola deveria ser ela sensibilizada para estes alunos, especificamente para estas turmas e estes alunos. Eu encaro um rol de atividades, que com certeza ao nível do PIEC neste momento não se concretiza ao nível de verbas, por exemplo não existe neste momento verbas disponíveis para que se possa desenvolver atividades que vão ao encontro dos interesses dos jovens e de certa forma também cativá-los para a frequência na escola para que realmente o que é importante numa escola. Andar na escola não é aquela carga pesada que eles imaginam, portanto essas atividades iriam facilitar com certeza a forma como os alunos entendem a escola. Ser mais uma forma de integra-lo a escola, chamá-lo de uma outra forma. A própria comunidade escolar através dessas atividades que poderiam ser desenvolvidas dentro ou fora da escola, neste caso dentro da escola, também dariam com certeza com essas atividades as turmas PIEF dariam realmente a conhecer as competências as capacidades que cada um deles tem e que no fundo no dia a dia não as transmitem, são aqueles meninos realmente rebeldes, mal comportados, mal educados e que só fazem asneiras digamos assim por estas atividades que eles pudessem resolver requerem verbas, quererem material, requerem envolvimento de verbas e se não estar contemplados não estar a serem possíveis através dessas atividades que esses alunos mostrariam então aquilo que realmente são capazes. E pra isso também claro que necessitaríamos de professores e toda uma equipa que estivesse preparada para desenvolver essas mesmas atividades e que tenham nessas turmas e que os mostrassem a escola em si. Neste momento aquilo que se sente é de uma forma geral tanto a equipa docente como o seu todo ver esta turma como uma forma negativa digamos assim e seria bom que não visse esta turma desta forma. Portanto não sentissem receio de mostrar os alunos que tem, tem realmente competências e estão dotados de grandes capacidades para muitas, diversas atividades, cada um na sua área de intervenção de interesses mas todos eles muito dotados para algumas das áreas desde o interesses que eles tem em mostrar a escola que tem capacidades que são capazes, até mais capazes do que os outros alunos que frequentam as turmas de ensino regular ou seja, profissionais.

Em sua opinião, a escola (pessoal docente e não docente) acredita e colabora no processo de (re)integração dos jovens?

Eu acredito que todas essas pessoas, quer o pessoal docente e não docente eles veem estes alunos de uma forma carinhosa, eles acreditam nesses alunos, eles acabam por perceber que eles são o que são realmente no dia a dia, mas também que são capazes de se reintegrar. Acreditam nele e eles são os próprios a admitir que queriam ajudar mais, de poder estar mais envolvidos na dinâmica das turmas PIEF. Gostariam de participar estando mais envolvidos e fazendo com que estes menores, estes alunos fossem mais do que eles são estes dias então neste momento toda gente trata os alunos com apesar de haver dias em que não é fácil lidar com eles sentem realmente que eles vão ter possibilidade e oportunidade de se reintegrar e voltar a ter uma vida dita normal. É claro que sim, acredito piamente que sim.

CONDIÇÕES DE AÇÃO

O que pensa dos parceiros do PIEF na efetivação do programa?

É extremamente importante a envolvência dos parceiros até porque estas turmas sem parcerias não funcionavam ou não atingiriam os objetivos que são propostos de início. É necessário uma envolvência, uma enorme

envolvência de todos e todas as parcerias que são efetivadas, porque só daí é que conseguimos tirar proveitos e facultar a estes alunos oportunidades que só, e apenas dentro da escola nós não conseguimos aos mais vários níveis desde a Comissão de Proteção da Criança e Jovens, EMAT, a Entidade Gestora, outras entidades que se venham a associar, digamos assim as turmas PIEF. Só vem contribuir para o melhor e até eu diria, bom funcionamento, excelente funcionamento, das turmas, portanto o Centro de Saúde a própria Escola Segura, o Município, portanto favorecem condições as turmas PIEF para promoverem tanto as atividades, como promoverem condições diferentes em que a escola com as suas limitações não consegue. E são eles que realmente dão muita vida e dão uma enorme ajuda às turmas PIEF para funcionarem de outra forma.

Você considera o trabalho com o PIEF um desafio?

Sem dúvida, sempre foi. Desde o primeiro processo de seleção em que fui submetida para a primeira turma em que tive as funções Técnicas de Intervenção Local sempre foi um desafio. E em cada ano mais um desafio que vem, e espero bem que hajam mais desafios. E estes garotos têm vindo a mudar, a apresentar características completamente diferentes, vem apresentando também problemáticas diferentes, personalidades mais vingadas. Há sempre a necessidade de estarmos atualizados, necessidades de estarmos aperfeiçoados, de estarmos ajustados a mudar as necessidades deles. É sempre um desafio, é um constante desafio diário eu diria, porque todos os dias são diferentes, todos os dias são desgastantes, mas todos os dias também são gratificantes, e ao final de um ano letivo é mais gratificante ainda porque vê-se sempre resultados positivos. Há aspeto que são negativos durante o ano, há momentos que realmente nos deixam desgostosos e tristes porque as coisas não correram como nós mais desejássemos porque nós trabalhamos para que as coisas se desenvolvessem. Mas no final de um dia, de uma semana, no final de período letivo o balanço é sempre positivo, porque nós sabemos que eles são diferentes chegam ao final de uma determinada etapa e que estão diferentes e que há muita coisa que mudou e que eles se sentem que realmente alguém estar com eles, é este o desafio e pra mim vai sempre ser um desafio enquanto estivermos com o PIEF claro.

Você considera que há alguma aprendizagem em trabalhar e conviver esta turma PIEF?

Sempre. Eu acho que até começar com as turmas PIEF tive um percurso profissional muito diversificado e na minha experiência passa por várias áreas com educação, na área da educação específico nunca tinha trabalhado. A partir do momento que eu começo a trabalhar com esta população em que o grupo etário varia entre os 13 e os 17, 18 anos sensivelmente começo a aprender muito, até mesmo na própria educação que levamos pra casa e transmitimos para quem mais nos rodeiam. A maneira como vemos a juventude de hoje é desafiante, ajuda-nos imenso a crescer tanto profissional como pessoalmente e é realmente gratificante trabalhar com eles. Nós crescemos muito a trabalhar com estes meninos

PROPOSTAS FUTURAS

Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

Não é fácil responder esta pergunta. Talvez o trabalho com as famílias nessas turmas era fundamental, criar uma escola de pais, pode até ter sido criado em outras turmas que eu não tenha conhecimento, mas acho que por exemplo criarmos uma escola de pais das famílias como já disse anteriormente as famílias são muito de o problema que nós temos dos menores a frequentar as turmas PIEF uma escola de pais seria fundamental seria extremamente gratificante trabalharmos muitas das questões em que os alunos nos transmitem diariamente as famílias, transmitir não só reeducar estes pais se é que se pode reeducar alguém já com experiência de vida tão forte como tem os pais destes meninos mas também, dar-lhes a conhecer a riqueza que tem, os filhos que tem, as especialidades que os filhos tem, também é importante deixar que eles conheçam e fortaleçam realmente estes meninos com o conhecimento que tem. Portanto transmitir aos pais que os filhos tem determinadas competências, determinadas potencialidades que eles provavelmente desconhecem ou que não querem mesmo conhecer e valorizarem os filhos que tem. E por isto mesmo, ao filho e nesta tomada de consciência dos pais em relação aos filhos eu acho que a moldura familiar iria mudar, portanto toda esta estrutura, este enquadramento familiar poderia funcionar de maneira muito mais saudável, e os encarregados de educação, pais, famílias acompanhadas pelos acompanhamentos dos menores, todos eles também sentir que são valorizados para além da escola e das famílias também, felizmente é isto que se sente. Outra questão que eu acho que seria importante é a nível de condições para trabalhar de forma mais intensa, e dar resultados aos trabalhos com estes jovens seria realmente proporcionar na escola outro tipo de atividade, outro tipo de dinâmicas, outra metodologia de ensino também, portanto mudar a mentalidade de professores de toda comunidade escolar e precisava-se de mudar muito as muitas coisas na escola. Essa metodologia a utilizar por estes alunos não é fácil de conseguir, portanto não há uma receita que se diga, vamos trabalhar com estes meninos desta forma, assim, assim, assim. Cada turma é diferente, os professores também são diferentes, mas há de chegar a um consenso que o trabalho de equipa é fundamental. A interdisciplinaridade e isso já assisti em outras turmas PIEF, funciona extremamente bem e se a equipa técnico pedagógica conseguir entrelaçar os conteúdos programáticos seria o ideal para que toda uma equipa PIEF consiga entender que as disciplinas estão interligada e que há temas comuns trabalhados em todas as disciplinas e noutra de outra fórmula e assim sucessivamente acho que facilitaria muito mais

aprendizagem. A aprendizagem como se costuma dizer, nós as turmas PIEF não interessa tanto a transmissão de conhecimentos de conteúdos mas sim, de ensinar as duas questões fundamentais que é o saber estar e o saber ser. O saber estar e o saber ser, como é que se trabalham? Não é com conteúdos programáticos para dar importância para dar estes alunos, é com a convivência diária de avaliar as necessidades diárias porque nos apresentam moldando as nossas maneira de estar com eles e a partir daí, só a partir daí ver realmente o que se pode transmitir a nível de conteúdos. Portanto uma metodologia de ensino não estandarte mas não uma metodologia que se possa criar que seja possível aplicar em todas as turmas mas que seja adaptada a cada turma específica. Havendo esta ligação entre as disciplinas funciona, os alunos aceitam muito bem e muito gratificante para toda gente a equipa técnica pedagógica compara os alunos.

Se achar pertinente, sinta-se a vontade para acrescentar o que desejar.

Acho pertinente acrescentar que estas turmas têm uma conotação muito negativa pela comunidade em geral, os próprios professores quando ingressam nestas turmas também não veem com muito bons olhos essas turmas. E os próprios alunos em si. Estas turmas são essenciais que existam equipa que tenham sensibilidade, força de vontade, boa vontade mesmo, e que apostem nesses meninos. É importante apostar nestes alunos que estão em uma resposta em fim de linha, mas porque estão em uma resposta fim de linha não quer dizer que isto que eles não tenham a oportunidade de mostrar aquilo que realmente são capazes e de terem a oportunidade de ingressarem numa vida dita normal e que até chegar em turma PIEF com certeza não tem. Foram excluídos, foram discriminados, ou então mesmo aquilo que se verifica nestas turmas é que eles próprios se auto exclui portanto é imprescindível que estas turmas continuem se não for com o nome de PIEF seja outro nome, mas que realmente alguém que quebrava tiveram sempre muitas dificuldades, dificuldades de aprendizagem, problemas de comportamentais também basicamente é o que apresentam. Que haja sempre alguém, uma equipa que aposte nesta metodologia, neste conceito que é o de ajudar os miúdos que tem mais problemas e que não foram eles próprios que os criaram e que as vezes achamos nós que não tem retorno. Achamos nós que não tem retorno, mas tem, e temos que apostar nessa visão que se tem.

ENTREVISTA PROFESSOR-P1

DATA: 31/05/2012 **HORA:**14:00

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Qual a sua idade?

55 anos.

Qual a sua formação inicial?

Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, Português Francês.

Tem quantos anos de profissão?

32.

Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite?

Trabalho no PIEF desde que o projeto está aqui, portanto desde outubro de 2011. E acho que não foi nem seleção nem convite. Não sei, o que está por traz eu não sei. O que chegou a mim foi a comunicação que eu seria professora deste projeto. Houve particularmente a prospeção do terreno da minha vontade, até pela Técnica EMM, e eu disse que gostaria, mediante a determinada condições de trabalho, mas depois o diretor apenas me comunicou, mais nada.

Do dia em que recebeu o comunicado para trabalhar com esta turma, até o início das aulas, passou-se quanto tempo?

Não sei, mas foi pouco. Não tenho a memória, mas se calhar foi uma semana, foi algo de muito curto.

Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF?

Não tive.

Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF?

Visto hoje?

Sim.

Pode parecer um pouco pelo arrogante, mas eu acho que não precisaria de formação especial, precisava de condições, ou seja, eu acho que a formação em si que tive e toda a que fui tendo pela minha conta que é capaz de me chegar. Mas, não quero mais a gente poder explorar em termos concretos a nível da pedagogia isto é, o terreno propício para desenvolver a pedagogia diferenciada e não quero mais a gente ter novas experiências e perceber outras coisas e tirar dúvidas que se vão levantando conforme vamos tendo alunos novos com situações novas. Haver uma área, seria essa. Mas também vivo sem ela, porque também já a fiz, estou a dizer isto porque já o fiz, e por fazer é que acho precisamente importante pra mim não é para os outros. Estou a falar no meu caso.

ORGANIZAÇÃO E DINÂMICAS PEDAGÓGICAS

O professor considera que a sua experiência escolar, contribui de maneira relevante para o trabalho que tem desempenhado com os alunos PIEF? Quais as semelhanças e diferenças que há na sua prática pedagógica nessa turma PIEF, e nas outras turmas da escola?

Diferenças sim.

Quais?

São somente ao nível da organização. Em termos de alunos não. Em todas as turmas eu tenho alunos que poderiam estar neste projeto, não estão porque a idade ou porque outro tipo de circunstâncias não os encaminhou pra ir, e portanto não é por aí. O que é diferente é a fórmula como ele está organizado que tem coisas quanto a mim positiva e negativa, em relação como a coisa funcionou. Muito importante a gente ter uma TIL conosco por exemplo, coisas como uma certa flexibilidade até nos horários, e na forma de gestão que eu acho que não foi devidamente usada mas que me parece que é um aspeto positivo e que faz a diferença dos outros projetos. E portanto negativamente isto fazer com que um projeto desses possa aparecer na escola como uma ilha, que é capaz de não ser tão positiva quanto parece.

O que pensa da matriz curricular do PIEF e da forma como estão organizados os horários das aulas?

Eu penso que no caso concreto deste projeto que também não é um modelo para ninguém. É um modelo como não se faz. Porque o projeto foi condicionado a coisas que já existiam e não se conseguiam, não se puderam ou não se quiseram alterar, ou seja, a mancha de horário dos alunos existe de forma a poder contemplar o que já existia como horários estabelecidos dos professores que passaram a integrar esta equipa pedagógica. Portanto, o critério não foi o critério de adequação dos alunos ao tempo ou a rentabilidade de uma parte ou outra do dia, mas o critério foi o transtornar ao menos possível aquilo que já estava feito. Portanto isto é a primeira coisa e por aí não se pode ir. Agora dentro do que já existe, penso que poderia associar-se disciplinas por afinidades e que poderia permitir inclusivamente a realização de atividades mais em conjunto mais colaborativa do que aquelas que se faz, por exemplo, viver em português com a formação cívica ou inclusivamente com a área de formação do GPS. Penso que o viver em português, a formação cívica e o GPS, uma da área humanística, podemos dizer assim poderiam estar associadas, não estou a dizer que estivesse que estar um bloco inteiro com elas, mas que

poderiam estar associadas de maneira a que se pudessem fazer uma série de coisas, entre as quais uma saída, uma coisa qualquer. Que pudesse abranger essa mancha horária e neste momento isto torna-se difícil, porque em Português faz-se uma pausa para se ter matemática e depois é capaz de haver uma outra coisa que até se poderia ligar ao primeiro bloco mas que já desligou. Portanto, há uma maior dificuldade de continuidade no dia em determinados tipos de tarefa, eu não sei se é bom ou mal, estou a constatar que essa é uma dificuldade que eles têm, eu por exemplo tenho se quiser fazer uma saída ou uma coisa qualquer, noventa minutos não dá. Pronto, isso é uma questão, e depois penso que também deveria estar organizado de modo que seja mais flexível nele mesmo, quero dizer que os professores que estiverem a trabalhar nesta equipa deveriam ter uma facilidade de horário que pudesse ser um horário de acordo com as necessidades dele e as necessidades do próprio projeto semanal. Até hoje eu poderia nem dar português mas dado por outro professor que lhe dava mais jeito a sequência de ensino e aprendizagem, e na semana que vem poderia ter esse tipo de bloco que ao invés de 90, ter 180 minutos, porque seria mais interessante para o que eu estou a fazer e tal. Mas isso também não é possível por razões anteriores, pois os professores estão vinculados a outras turmas e a outros horários em que tudo já está encaixado em um único buraco. Mas penso que esta é uma possibilidade, se calhar há outra.

COMPORTAMENTO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma?

Acho que são dominadores, no projeto quem manda são eles. Eles conseguiram dominar o projeto e aí é esse o comportamento. Entram quando querem, saem quando querem, partem uma coisa se lhes apetece, tem que pagar se os pais não aparecerem, nada acontecem, ou seja, acho que eles dominam e se eles quiserem boicotar uma aula boicotam. Não vem se não querem, e portanto acho que o comportamento é dominador. E acho que na generalidade é conseguido, acho que eles conseguem efetivamente dominar. Essa é a palavra pra mim chave, dominadora.

Quais as suas principais preocupações pedagógicas neste programa?

Quer dizer que já falta pouco para acabar, faltando pouco tempo pra acabar, por acaso tenho uma, quase diariamente falo nela, sobretudo ao diretor de curso, que é relacionado com a certificação. Houve, havia uma proposta de hipótese de certificação no 2º período que foi assumida pela própria direção de curso que eu neste momento questiono, estou a falar no caso da aluna J2. Porque a pessoa apresenta uma série de comportamentos no 2º período que em continuarem daria uma melhoria, e afinal de contas vem sendo verificado o contrário e que parece vem sendo criado uma necessidade de certificar alguém a todo custo seja quem for, e portanto têm que se certificar. E pessoalmente é assim, neste momento embora eu tenha feito uma avaliação positiva da prestação dela até pouco tempo atrás acho que, não faria certificação de nenhum aluno. Pelas várias razões que é certificar por exemplo esta, é premiar um comportamento que é perfeitamente incorreto, até a nível das competências pessoais e sociais. Que é não assumir um compromisso, que é não ter correspondido aos avanços. Já no caso do J10 houve mas por questões burocráticas nunca poderia haver certificação. Então eu era da opinião que ninguém fosse certificado, eu penso que precisamente neste regime dominador deles não pode haver certificação, pois não se pode certificar uma atitude um comportamento reprovável. Se querem dizer vão pra ali porque o projeto PIEF quem manda é os alunos.

O professor identifica e considera que houve avanço da aprendizagem e/ou das competências pessoais e sociais? Quais?

Eu não os conhecia antes como pessoas, só os conheci, tirando duas ou três situações, quero dizer que vamos olhar para o bloco e eu tenho que dizer que houve avanço ao nível de alguma coisa eles de certeza aprenderam. E pelo menos há uma coisa que a gente sabe, que eles se portam mal porque querem e já tem consciência disso. E há situações em que se eles quiserem não se portam mal. Quanto a mim há uma exceção que pra mim ainda não vi evolução para ela, foi o caso do J4, mas não vi grande evolução, seguido do J5 vamos lá. Há aqui um certo efeito de contagem ou então havendo a necessidade de manter determinados tipos de comportamentos para não perderem a imagem numa análise que nós podemos fazer do J5 de outra maneira, quer dizer, para todos os efeitos acho que houve, que já não são, eles conseguiram no mínimo relacionar-se entre si e conseguiram no mínimo gostar de nós, porque eu acho que eles gostam de nós, isso aí eu não tenho dúvidas, podem não demonstrar nem nada disso, mas acho que gostam. Pronto, nesse aspeto houve, agora se a gente pensar numa situação de escola, isso aí é um pouco frustrante. Estes alunos continuam a faltar, a não ter material, salvo algumas exceções, mantêm os comportamentos que os fizeram ser alunos PIEF.

CONDIÇÕES DE AÇÃO

O professor do PIEF sente-se apoiado pela estrutura do programa? Pela gestão da escola? E pelos demais professores?

Não. A escola não me interessa por que razão aceitou o projeto, nós fomos enviados para o projeto, apresentamos ao longo do ano vários problemas à direção e apresentamos via papel e em reunião conjunta. Sempre foi dado a resposta que com o que vocês têm e com o que vocês são, têm que se desenrascar e passo a

palavra. E foi isto que fizemos durante o ano. Isto é, nós tivemos que nos apoiar uns aos outros, mas quer dizer, é aquele apoio que às vezes é mais profissional, outra menos profissional, as vezes é mais pessoal, mais afetivo. Nesse aspecto a equipa pedagógica foi se apoiando mas acho que não foi apoiada, coisas claras, no caso concreto, meu e de outras colegas, mais duas colegas, que aceitamos por uma questão nossa fazermos desdobramentos. Porque não é pago, estamos a dar horas a um projeto no sentido de dar e oferecer. Porque entendemos que era a maneira possível de trabalhar, de fazer alguma coisa útil com os alunos e pelo menos nos defendermos a nós em termos de saúde. Não ser tão pesado pra todos, ou seja, nós tentamos arranjar mecanismos que nos defendessem dentro da própria equipa. A equipa trabalhou ao longo de todo o ano como uma ilha, não foram só os alunos que foram postos no bloco a trabalhar sozinhos, e nós é a mesma coisa. Os recursos que temos nas salas, temos as salas vazias, pode haver muitos argumentos, que eles partem, estragam e me parece que houve o apoio eventualmente do Técnico EMM, mas também era o apoio que ela tinha que dar, acho que toda gente fez a sua obrigação e nós tivemos que fazer mais do que a nossa obrigação, tivemos que trabalhar como se diz aqui por devoção e portanto neste aspeto a equipa foi deixada um bocado ao abandono. Quando eu digo equipa digo aqui todos, até o diretor de curso, a própria TIL, quer dizer, acho que trabalhamos muito a volta de nós próprios. E só apoiando-nos para dentro uns aos outros, para conseguirmos levar o barco até o fim.

Considera um desafio o trabalho com esta turma?

Sim. O trabalho com qualquer turma é sempre um desafio. A única vantagem que também é uma desvantagem, é porque nem todos os dias estamos capazes de responder aos desafios e também desafio a toda hora cansa, também enjoa. Mas na generalidade é um desafio, porque nos obriga a pensarmos de maneira diferente. É um problema sempre, e portanto nos obriga a pensar e tentar encontrar solução aquilo que não tem solução e que deixa de ser um problema e tem que ser olhado desta maneira, porque se não tem solução não é problema e como é que a gente não pode trabalhar com essa coisa que afinal já não pode ser problema. Mas que existe porque exige um diálogo permanente conosco com os nossos saberes, com eles com a equipa e um trabalho em tudo que é vertente. O gerir até a relação que os nossos colegas tem com os alunos, isto é, o facto de em uma turma dessas eu ter uma ma aula, uma ma relação com o aluno, implica que o colega que venha a seguir tenha que fazer uma gestão com o qual não estava a contar. Tudo isso é um desafio, cada dia é uma novidade.

Considera que da sua parte houve algum aprendizado?

Essa avaliação tem sido feita devagarinho. Há uma aprendizagem que eu não sei se tem consequências, tem sido sempre aquela questão que tem a ver, aquela aprendizagem que tem a ver com o seguinte: dizer que há x coisas que eu digo que não vou repetir, e depois muita delas também não depende de nós. Acho que há de quebrar este círculo da dominação ou do domínio do aluno, isto pode parecer anti democrático mas cada um leia como quer, porque quem está dentro da sala a trabalhar no terreno do projeto percebe o que eu quero dizer com isto, e que é no fundo quebrar aquele círculo do aluno fazer apenas o que lhe apetece. E que eu penso que não foi quebrado, portanto para mim, faltou haver mecanismos capazes de furar isto, mecanismos que por exemplo pudessem punir inicialmente. Acho que a palavra pode ser forte, mas há situações em que não vejo de outra maneira. O facto de os alunos virem para a escola, ficarem na entrada de bloco, e se recusarem a subirem pra sala, e se lhes apetece subir depois de passados quarenta minutos e subir na mesma e pronto. É preferível que eles ficassem cá fora e portanto deixam-se entrar não é preferível que eles fiquem cá fora, e acho que isto não é educativo. E se calhar é o fazer com que os meninos vão e terem atividades de substituição, sozinhos, acompanhados e alguma coisa que possa fazê-los perceber que neste espaço eles tem uma margem em que na verdade fazem o que entendem, mas quem tem esse tempo somos nós, que é o professor é quem gere, é o gestor desse espaço, TIL, seja quem for, e a gente que é responsável pela gestão do espaço e do tempo, e do ensino, e isso não são eles. E acho que nesse aspeto a reflexão deve ser feita. Isso tem que ser feito e encontrado uma saída, não se pode eternizar e pior do que errar é errar duas vezes com o mesmo erro. Aí já é um ato de burrice. E se agente para o ano repetir isso estamos a ser burros e eles espertos.

PROPOSTAS FUTURAS

Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

Olhe, primeiro isto implica que eu acredite na medida PIEF para mudar seja quem for, e portanto eu vou começar a dizer que eu não acredito. Primeira questão é essa. Acho que a filosofia deste projeto é interessante, mas na realidade não há projeto nenhum que mude seja quem for quem não queira mudar. E quando estes alunos veem nesta postura intransigente de não querer mudar e não consegue que eles deem a volta. Pode haver as mudanças que quiserem pra mim não funciona, tirando isto o que é que eu posso fazer para mudar esta atitude. Eu penso que tem de haver um envolvimento maior dos alunos na construção do projeto, do seu projeto de vida, individual e do seu projeto coletivo. Contrariamente ao que as pessoas se calhar vão achar isto escandaloso o que eu vou dizer, eu aposto zero na relação com os encarregados de educação. Não acredito nela e ao longo de todos estes anos ter sido diretor de turma de muita gente, e de tutora de muitos alunos e de ter acompanhado em tribunal e outras coisas, e portanto eu não acredito no sucesso destes alunos a partir da responsabilização da família. Porque se isto existisse, eles não precisariam de ter sido indiciados como situações de risco, como isso,

como aquilo. Portanto estamos a partir de um pressuposto que eu acho que é falso. Estamos a contar com uma coisa que não existe, e quando a gente começa a fazer parte de uma coisa que não existe realmente é usado, devia ser. Só que o devia ser não dá para construir projetos e a gente só consegue mudar o que é e não o que devia ser. Consegue trabalhar o que é e não o que deveria existir. E portanto, a família ou criam estrutura que paralelamente fazem uma escola de pais, uma escola de acompanhamento de encarregados de educação, uma escola de pais em que os obrigam a ir uma escola de pais com o mesmo tipo de obrigatoriedade que obrigam os filhos a irem a escola, e certificam esses pais como nós temos de certificar os filhos. Dizer que estes já aprenderam isto aqui, aquilo outro, ou então eu não acredito nesta relação. Posto isto, eu acredito que precisamente na volta que é possível motivar e não dá, mas motiva-lo nele próprio. E acho que é aí que tem que se fazer a aposta. Vamos dar um exemplo. Na gestão do espaço, estes alunos não respeitam o espaço, o espaço físico, partem parede, riscam coisas, penso que eles não fazem isso ao seu telemóvel. Qual é a diferença? É que o telemóvel é deles e os espaços não são deles. Como a gente vai conseguir mudar isto e fazer com que o espaço seja deles. Dar-vos uma sala vazia e dizer, vamos agora durante a primeira semana de aula, ou 15 dias, todos juntos fazer a decoração da sala de aula de modo a que a gente goste dessa sala e que ela seja a nossa sala. Então estes quinze dias não há matemática, isto ou aquilo, ou haverá aplicado. É preciso medir num sei o que, isto ou aquilo, implica uma série de trabalhos conjuntos em que eles pudessem gostar daquele espaço que ainda por cima tem a vantagem de ser usado ao longo do ano. Até podem fazer alguma coisa que daqui a um mês não lhes diga nada, mas podemos restaurar espaços. Nós já crescemos, vamos fazer o espaço crescer conosco. Fizemos umas pinturas que não gostamos, que já não nos dizem nada e portanto agora queremos fazer outra. Porque não tatuar aquele espaço a nossa medida? Este é um dos exemplos. Entre outras coisas, acho que esse é um projeto possível ou ainda criar os tais projetos internos interdisciplinares, em que exista aquela regra dos três P, pouco, pequeno e possível. Os meninos tem quilos de defeitos, quilos de qualidades, nós também, mas pronto, no caso agora eles, portanto vamos escolher um, dois ou três e trabalhar isto durante dois ou três meses. E aqui é que cada disciplina pode concorrer para atingir aquilo, então aí fazer uma coisa conjunta e eles próprios participarem. Vamos escolher nós, vamos escolher em conjunto, o que nos parece mais fácil, o que vos parece e a nós mais fácil de trabalhar e então o que nos parece mais fácil de trabalhar e começamos a seleccionar coisas em grupo, e essas coisas vamos tentar trabalhar com eles e depois medir. Medir o que funcionou. Podemos avançar para outro, e fazer um trabalho de projeto a este nível. E em termos de recursos, na organização do espaço, não pode haver uma sala em que está a TIL, o Diretor de Curso, e ser o mesmo sítio onde os alunos guardem as coisas, onde recebem ralhete, onde elas estão a trabalhar coisas de privacidade, onde tem o seu computador aberto. Tem que haver uma demarcação dos espaços de forma diferente. Nós próprios não deveríamos estar nos reunindo na sala deles, tem que haver um espaço em que os professores têm que estar conversar, trocar ideias. Tem que haver um conforto e não há. Estes professores, todos precisam, tanto os técnicos que trabalham com este tem que haver um conforto adequado as exigências que esta tarefa lhes dá.

Se achar pertinente, sinta-se a vontade para acrescentar o que desejar.

Na verdade nestes projetos, como ele está a funcionar não sei se só aqui ou em outros lados, não resolve os problemas ou não ajuda a resolver os problemas dos meninos. Aqui uma coisa que a gente não falou, e que parece importante que é, estes cursos faz sentido relacionado com o mercado de trabalho que possa assumir em conjunto com a escola projetos desses géneros. E que permita que estes alunos sejam tal como eles são e não como eles deveriam, serem integrados durante todo o ano em determinado tipo de experiência de trabalho que tivessem que contactar com determinado grupo que visse a exigência desse mercado, e que pudesse em determinado altura quando eles concluíssem o ciclo, ter também uma aprendizagem qualquer que vos permita não continuar ciclos de estudo, porque se continuarem assim quando alguns deles atingirem a maioridade, os dezoito anos, tem que ter determinados ciclos de estudo, vamos dizer assim, continuar obrigatório, pelo menos que eles pudessem ter uma classificação mínima de poderem trabalhar. Eu acho que falta essa relação com as empresas que nós não temos e era importante para o projeto haver a relação com o mundo laboral.

ENTREVISTA PROFESSOR-P2

DATA:31/05/2012 **HORA:**10:00

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Qual a sua idade?

51.

Qual a sua formação inicial?

Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas. E depois fiz a profissionalização também na mesma área.

Tem quantos anos de profissão?

Comecei a trabalhar em 1991, altura em que não era profissionalizado. Depois tive muitos horários incompletos, anos em que tive também que trabalhar muito poucos meses e isso acabou por prejudicar meus anos de serviço.

Portanto, trabalho desde 91, mas isto não corresponde aos anos de serviço e nesse momento não lembro exatamente.

Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite?

A minha experiência com turmas PIEF começou este ano, embora hoje haja alguns alunos inseridos em turmas ditas normais que tem características muito distintas. Fui colocado nesta escola para substituir uma colega que se aposentou, e quando cheguei tinha essa turma inserida no horário e ficou.

Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF?

Antes de iniciar o trabalho não tive. Posteriormente a escola através da Técnica EMM que acompanha esta turma PIEF, não mediu esforços e organizou uma ação formação para os professores do conselho de turma que lecionam nesta turma. Fiz e gostei muito.

Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF?

É assim, eu acho que não haverá. Eu tenho sempre em mente uma frase que ouvi na formação, proferida pela Técnica EMM que foi: não há receitas! É óbvio que toda formação que fazemos nos traz sempre algo para nos ajudar nas situações quer nas turmas PIEF, quer nas turmas ditas normais. Mas sinceramente não sei. Ao nível da gestão de conflitos, da indisciplina e gestão de conflitos, nessa área.

ORGANIZAÇÕES E DINÂMICAS PEDAGÓGICAS

O professor considera que a sua experiência escolar, contribui de maneira relevante para o trabalho que tem desempenhado com os alunos PIEF? Quais as semelhanças e diferenças que há na sua prática pedagógica nessa turma PIEF, e nas outras turmas da escola?

Sim. A minha experiência nomeadamente nos meus dois últimos anos letivos de facto tem me ajudado imenso com esta turma. Primeiro de tudo, porque quando lhes peguei não fiquei de modo nenhum chocada com o desenrolar dos acontecimentos e os erros que eu cometi nos dois últimos anos foram de certo modo evitados com este ano com esta turma. Porque aprendi com erros precedente, e de facto a experiência ajuda imenso.

Ora bem, diferenças claro que há, porque este tipo de turma tem alunos que para eles estar aqui ou não estar é igual. Embora os outros de outras turmas que tive é igual, não estejam bem conscientes disto, mas se calhar passa um bocadinho por aí. Se calhar os outros, das outras escolas, dos últimos dois anos tem por traz um bocadinho mais os encarregados de educação, mas não sei até que ponto isso lhes trouxe (outros) benefício porque o que eu tenho notado é que realmente os encarregados de educação ouvem muito e tem como verdadeiras as afirmações que os filhos, fazem e para eles os meninos são bem comportados e nunca fazem nada e os outros são sempre os maus da fita.

Os meninos PIEF?

Não, os meninos das turmas ditas normais. E falo principalmente daquelas turmas em que estive nos últimos dois anos. Quanto aos encarregados de educação fica mais apagado. Enquanto os outros ainda vem a escola, ainda vem falar com o diretor de turma, ainda fazem participações de que determinado professor não agiu da maneira mais correta, estes não. Estes parecem que são um bocadinho mais abandonados à sua sorte. E pronto, essa é uma das diferenças fundamentais.

O que pensa da matriz curricular do PIEF e da forma como estão organizados os horários das aulas?

Ora bem, aí é que as coisas se complicam um bocadinho. Porque para nós equipa pedagógica, acho que teria toda a vantagem em haver um espaço no horário que fosse reservado para os professores trabalharem em conjunto. Eu já tive oportunidade de dizer isto, não sei se foi no relatório da ação de formação, mas também não interessa para o caso. Nós sabemos que as disciplinas não são gavetas, não são compartimentos distantes. Por exemplo, nas línguas há sempre matéria que é transversal a outras disciplinas e se nós tivéssemos tempo de reunir e de fazer, de organizar as aulas de maneira que quando der uma matéria o outro lhe desse continuidade, embora de maneira diferente eu acho que havia um encadeamento lógico das matérias, e isso faria com que os alunos vissem um fio condutor e poderia ser que eventualmente se interessassem. Acho que é sobretudo nessa linha.

COMPORTAMENTO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma?

Ora bem, comportamentos dessa turma, veja, deixa muito a desejar porque quando há alunos que querem fazer alguma coisa, imediatamente há uma outra parte da turma que impede que isso aconteça. E por muitas estratégias que o professor utilize acaba por não surtir efeito, porque realmente existe alunos que simplesmente não querem estar ali, e portanto se não querem estar ali é muito complicado. Para esses, era necessário arranjar outro tipo de currículo, eles tinham que estar à parte, eles não poderiam continuar ali, de facto estão a estragar aquilo que o professor quer fazer com os outros, essencialmente.

O professor identifica e considera que houve avanço da aprendizagem e/ou das competências pessoais e sociais? Quais?

É assim, avanços há sempre alguma coisinha, embora que não temos. Aquilo que por exemplo, os conhecimentos que alguns já possuíam, conseguiram aplicá-los ao longo das fichas que foram ensinadas. Também sinto que alguns embora de uma maneira muito rudimentar, conseguiram aprender algumas coisinhas novas, embora poucas. O problema é que ao nível da oralidade é que há alunos ali, isto referindo ao nível essencialmente as raparigas, a J3, a J1 e J2 que quando é para repetir, quando eu digo as coisas e lhes peço para repetir, elas pura e simplesmente não fazem, parece que tem vergonha. Ora, uma língua é essencialmente para ser falada, é essa a componente principal, a mais importante. Não sei o que fazer quando os alunos se sentem acanhados, aparecem que tem vergonha. Não sei! Não sei como fazer.

Já no nível das competências pessoais e sociais houve alguma evolução e por diversas vezes ao contrário que não faziam no início, já dão a sua saudação, já dizem bom dia, boa tarde. Sim, já houve alguma evolução. Se formos lembrar da última aula a J1 era a única aluna que não falava, estava ali sempre sentada, não tinha iniciativa, e já notei ali uma certa melhoria, um certo avanço. Mas também há o contrário, por exemplo a J3 que inicialmente até tinha uma atitude bastante positiva, acho que regrediu ao longo do 2º e 3º período.

CONDIÇÕES DE AÇÃO

Quais as suas principais preocupações pedagógicas neste programa?

A minha preocupação, e principalmente no domínio da língua inglesa, era realmente muni-los com ferramentas que eles pudessem utilizar no dia a dia, ou seja, não só transmitir-lhes alguns conhecimentos básicos necessários para a vida do dia a dia, enquanto falantes de língua inglesa, mas dar-lhes, ensinar-lhes a procurar aquilo que eles não tem, mas que conseguirão através de outros materiais e já fora da escola conseguissem ir buscar.

O professor do PIEF sente-se apoiado pela estrutura do programa? Pela gestão da escola? E pelos demais professores?

Eu sinto-me apoiada pela equipa que está no gabinete, sempre que tenho pedido ajuda tem sido correspondido.

Considera um desafio, o trabalho com esta turma PIEF?

Sim, sim. É sempre uma experiência nova, embora tenha pontos em comum com outras experiências, mas de facto faz-nos repensar uma série de coisas práticas. Estou a lembrar-me da ação de formação, ela só aconteceu principalmente porque nós tínhamos turmas PIEF, e alguma coisa que foi dita por uma das formadoras que deu um dos módulos em que ela dizia que, a construção da formação de regras tem que ser muito específicas e ela deu um exemplo, que a mim fez pensar. Por exemplo, quando se fala de fazer silêncio, é necessário de facto desmontar a palavra, o conceito, para nos certificarmos realmente se os alunos saibam o que é o silêncio. Ora, a mim essa questão nunca se tinha colocado, pois pra mim fazer silêncio é um dado adquirido, é estar calado, mas atualmente parece que a juventude realmente não tem a menor noção, não sabe associar o conceito, o signficante ao significado. Isso para mim, fez-me repensar uma série de coisas, e aplicar isto que ela disse. O desmontar as palavras e aplicar a outras regras e outras coisas. Para mim, sempre foi um dado adquirido que para os testes era necessário levar a folha de teste, a folha timbrada e aquilo que eu tenho assistido, não se aplica ao PIEF porque eles não fazem, portanto as fichas que fazem de avaliação é no próprio enunciado. Mas por exemplo, nas turmas ditas normais parece que os alunos hoje não têm esta noção, e é preciso lembra-lhes tudo. Isso também me fez pensar na minha prática em relação aos outros alunos, isso ao que eles têm que cumprir ao nível dos telemóveis, do tempo da prova, quando querem sair antes do término da aula. Uma série de coisas.

PROPOSTAS FUTURAS

Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

Olhe, o que eu alterava, e aqui vou aplicar conhecimentos adquiridos na ação de formação, portanto, em vez de ser o ensino organizado como ele está por disciplinas, ser organizado por temas. Acho que isso era realmente importante no mesmo tema, em que os professores pudessem trabalhar, cada um dirigindo para a sua matéria, mas realmente por temas era o essencial. E depois os blocos também mexeriam aí, a carga horária para estes alunos, 90 minutos é impensável, claro que se deu sempre um intervalo que no ensino regular não está contemplado, mas para que as coisas corresse melhor, optou-se por fazer assim, mas os alunos de facto entendem isso como algo que lhes é devido e vão para além desse intervalo, depois não são pontuais e as coisas começam a complicar-se. Mexer também na carga horária e nas disciplinas.

Se achar pertinente, sinta-se a vontade para acrescentar o que desejar.

Sim, eu por exemplo ao nível da disciplina, acho que permanentemente não que estivesse a perturbar, deveríamos ter condições de o retirar da sala e o colocar em uma sala à parte, com trabalho a ser vigiado por outro professor, não sei que outro professor. Algum professor que estivesse em OTE, ou não sei, mas que o aluno saísse e estivesse a ser ali acompanhado por alguém. É claro que há sempre a equipa que está a apoiar, mas por vezes não é suficiente porque são vários alunos e fica um bocado complicado. Acho que aí realmente haveria a necessidade de repensar a melhor maneira de gerir o tempo do aluno que sai da sala de aula, e também ao nível das sanções, porque se o aluno se recusa a cumprir uma ordem, ao nível das sanções, ele ainda por cima é

reincidente. Acho que deveria ser uma sanção mais eficaz, em que o aluno sentisse que a imagem dele estava a ser manchada. Um trabalho em que ele tivesse que dar a cara perante a outra comunidade escolar, acho que isso talvez o fizesse refletir sobre os atos, e que antes de fazer as coisas ele pensasse. Aquilo que nós assistimos é que os alunos e não são só estes, a maioria vem de casa com uma maneira de ser que realmente deixa muito a desejar, parece que em casa lhes deixam fazer tudo e mais alguma coisa. Eles acham tudo muito normalíssimo, e dizem. E nós acabamos por não ter maneira de contornar esta situação, ou de resolver. Então uma coisa que eu tenho pensado é que realmente ser encarregado de educação hoje em dia, vai necessitar de formação por parte deste, porque isto acaba por ser um ciclo vicioso. Os pais deles também já foram mais ou menos como eles, e os filhos agora ainda são piores, e estes serão os pais de amanhã e como é que vai ser? Eu acho que, sinceramente o Ministério de Educação, não só do nosso país, mas a nível mundial, porque os problemas são mundiais, eu acho que vão ter que pensar seriamente nesta questão, porque se não de hoje a amanhã isto vai ser muito mais complicado ainda. Não se respeita a autoridade do professor, não se respeita ninguém, então se algo não for feito, isto vai ficar muito mais complicado. E cá estou eu a bater na mesma tecla, tem que haver formação por pessoas competentes, e a altura de formação para encarregados de educação. Aqui há tempo eu ouvi dizer a propósito da violência dos pais para com as crianças bebés, as crianças não trazem livros de instruções. E realmente nessa área se vê que há imensos bebés que vão as urgências dos hospitais, porque são maltratados pelos próprios pais, e eles não entendem que a criança manifesta-se e se tem algo que estar a incomodar é através do choro e eles não compreendem isso. Os problemas começam logo aí, portanto não só nessa faixa etária e não só nesta, e é imprescindível que haja formação e porque hoje as coisas estão assim e o ministério tem que encarar esta situação de frente e tomar providências.

O professor considera que o trabalho que esta escola tem desenvolvido com os alunos PIEF contribui para o processo de (re)integração desses jovens na escola?

Se lhes à derem ela tem. Mas também acho que neste momento as condições não são proporcionadas de cima, pelo contrário, com todos os cortes que estamos a assistir eu acho que vai ser muito complicado para a escola fazer o seu papel como deve ser. Embora eu ache que esta escola tem condições excelentes para proporcionar um desenvolvimento exemplar a estes alunos, e de os integrar, porque é uma escola com poucos alunos, é uma escola onde os problemas de indisciplinas não abundam, há alguns mas são residuais, e tem uma equipa de professores que são do quadro e que já tem muita experiência e são pessoas muito humanas, e assim eles estão em condições ótimas. Assim eles conseguissem por os seus projetos em prática, mas isso está a ser complicado. Nós vimos que a nível da nossa equipa pedagógica que trabalha com esta turma que apesar da boa vontade, e estou a lembra-me da professora de Português, que desenvolveu por ela, tirou do tempo disponível dela, em casa, em pesquisas, portanto ela organizou um projeto, mas que depois apesar dela querer partilhar com todos nós não foi possível porque de facto os nossos horários não o permitiram, com muito boa vontade que nós tivéssemos, os horários não permitiram. Hora há reuniões da turma ou há outras coisas e depois estava com uma carga de trabalho que os professores têm com outras turmas, portanto ele também aproveitou este espaço para trabalhar para outras turmas e acaba por ser muito complicado.

ENTREVISTA PROFESSOR-P3

DATA:31/05/2012 **HORA:**10:00

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Qual a sua idade?

57.

Qual a sua formação inicial?

Licenciado em Filologia Românica. Tenho estágio profissional, e dou aulas desde 1979.

Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite?

Trabalho no PIEF só este ano. Não no início do ano letivo, que me foi logo mas a partir de outubro. Minha designação para o PIEF foi um convite, dizendo que havia alguém que precisava, portanto podias ser tu, tinhas perfil, e foi assim portanto que iniciei esta atividade.

Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF?

Nenhuma.

Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF?

Eu acho que os PIEF do ponto de vista científico não têm problema nenhum. Ademais, as condições financeiras que é mais necessário não têm grandes problemas. O problema depois é a nível comportamental, aí é que eu precisaria de ter algum respaldo, alguma proteção. Porque o problema é a nível dos comportamentos e dos objetivos que os meninos têm, que parece que não são praticamente nenhum. Portanto é uma maneira, uma necessidade de se estimular para as disciplinas, mas antes disso tinha e tivemos todos, a necessidade de impor umas certas regras porque aquilo era um bocado sabático.

ORGANIZAÇÕES E DINÂMICAS PEDAGÓGICAS

O professor considera que a sua experiência escolar, contribui de maneira relevante para o trabalho que tem desempenhado com os alunos PIEF?

Eu não sei se aquilo que faço é relevante ou não. Eu tento ensinar-lhes alguma coisa, tento ter conversas civilizadas, mas como disse-lhe a um bocado, há pelo menos dois alunos para quem isso não funciona. E portanto eu duvido que o meu papel na turma tenha servido para muito. Acho que todos fazem um certo esforço para transformar o trabalho que fazem em algo de bom para os miúdos, algo de positivo para eles. Mas eu no meu caso, para já desde a especificidade da disciplina, e depois porque eu não vejo grandes transformações de comportamento, a não ser na base da ameaça. E ameaça que não é exercida pela escola, ameaça exercida por ordens exteriores à escola. A escola não é reconhecida como um fator de autoridade, penso na escola como vou ao jardim, só que não estrago o jardim, estrago a escola.

Quais as semelhanças e diferenças que há na sua prática pedagógica nessa turma PIEF, e nas outras turmas da escola?

Sim. Sim. É verdade. Porque a minha prática pedagógica numa turma dita normal é diferente da prática pedagógica nessa turma, porque como eu disse anteriormente, e até por quem somos, não temos expectativas nenhuma. Pois a escola nada diz. Enquanto nas outras turmas, a perspectiva dos alunos é esmagadoramente diferente, a prática também é diferente. É diferente o nível de exigência, acho que é tudo diferente. Embora o empenho seja o mesmo, e eu gostasse que todos estivessem sucesso, acho que a prática docente é diferente.

O que pensa da matriz curricular do PIEF e da forma como estão organizados os horários das aulas?

Eu já disse a quem está a frente do projeto que não compreendo e que não me parece lógico que alunos com essas características, tenham por exemplo, uma segunda língua estrangeira. Não me parece lógico que os alunos aprendam francês, que é uma língua que exige muito trabalho, muito estudo, quando eles tem dificuldades em português, que como todos nós sabemos, em inglês sabem lá alguma coisa que ouvem na televisão, e depois é introduzido uma segunda língua estrangeira. E penso que isso não é produtivo para eles. Porque eles acabam por não dominar a língua, tem aversão, porque como disse a um bocado, o francês exige trabalho, exige atenção. Tem uma pronúncia específica, tem regras muito parecidas com o português, mas se eles não dominam o português. E portanto não dominam o francês. Tem um sistema verbal que é fácil para quem gosta, mas para quem não gosta nada trabalhar é muito difícil. E portanto nesse aspeto acho que não. Acho na verdade que esses cursos do PIEF deviam se centrar em competências básicas no português, na matemática, nas tecnologias de informação, e depois uma disciplina abrangente, que abordasse a história, a geografia, rudimentos de ciência. Mas eu estou a falar com base nestes alunos que conheço, não quer dizer que em outras escolas, em outros PIEF não tenham capacidade para fazer um currículo normalíssimo e positivo.

Considera que isso que falou anteriormente, com relação à matriz curricular, seria uma sugestão que melhoraria os resultados?

Acho que sim.

COMPORTAMENTO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Como caracteriza o comportamento dos alunos desta turma?

Neste momento os PIEF fizeram alguma evolução. Começaram uns que já não estão cá, saíram da escola. Vieram outros. Eu neste momento tenho oficialmente quatro alunos. Como dou francês, tenho quatro alunos. Desses quatro alunos, dois classificá-los-ia como... nem sei. Ao nível de comportamento, uma coisa já mais vista. Os outros dois têm fases, tem fases. Um deles ultimamente tem andado muito bem, julgo fruto de comportamento assumidos entre ele e as entidades superintendentes deste curso. O outro, que nunca deu problemas disciplinares, falta muito, e portanto não sei. Parece ser uma pessoa abordável, mas ao nível do trabalho muito pouquinho, tudo pela “rama” e tudo dá trabalho.

O que o professor diz exatamente quando diz que o comportamento deles é “jamais visto”?

Ora bem, eu já tive alunos de tudo mais alternativos. Tive alunos de tudo mais cursos profissionais, e quando digo que é o “jamais visto” é no sentido do professor querer falar com eles e eles estarem numa postura de total alienação, de total ignorância do professor. Não ligando rigorosamente. Nós nos aproximamos fisicamente deles, eles viram as costas e tornam a falar com outro que está em outro sítio da sala. Não acatam nossas sugestões, nossas ordens. Não trazem material nenhum. O material que lhes é dado na aula, viram bolas de papel, e aviões. Não há ninguém com o dossiê da disciplina minimamente organizado. Chegam atrasadíssimos, quando chegam querem logo sair. Portanto, eles não têm o mais pequeno autodomínio, nem a mais pequena autocensura, o que eles têm a dizer, dizem. E depois aceitam muito mal a proposta do professor e acho que veem no professor um inimigo. Não sei. Uma coisa feita uma polícia que está ali a vigiar. E é nesse sentido que eu digo que o comportamento deles, eu nunca tinha visto este comportamento em nenhum aluno, em nenhuma turma digamos assim. Se eu me lembrar do início da turma, e se estiver todos na mesma turma, eu diria que estava instalado o caos.

O professor identifica e considera que houve avanço da aprendizagem e/ou das competências pessoais e sociais? Quais?

Eu nestes quatro alunos que posso falar acho que o desenvolvimento foi pouquinho. Foi muito pouquinho. Ao nível do conhecimento científico na disciplina que leciono: rudimentar. Rudimentar. São resíduos que ficam lá e pouco mais. Ao nível das competências pessoais e sociais, como disse anteriormente, acho que um deles melhorou na medida em que pressionado e que fez uma espécie de compromisso. Os outros dois que a bocado referi também, acho que não melhoraram nada, pelo contrário. Depois o que fica é o terceiro elemento, que é um elemento feminino, talvez tenha mais competências sociais. Ou seja, o que foi investido nestes alunos não corresponde à melhoria que seria esperada.

CONDIÇÕES DE AÇÃO

O professor do PIEF sente-se apoiado pela estrutura do programa? Pela gestão da escola? E pelos demais professores?

Pelo grupo, pela equipa pedagógica, pelo PIEF para falar da técnica, dos professores que acompanham o conselho de turma, pela responsável fora da escola, temos todo apoio. Eu tenho sentido apoio, quanto mais não seja solidariedade. Ao nível da direção da escola, acho que a escola aceitou a turma, pô-la num gueto, num sítio afastado, penso que não saberá muito bem o que passará lá dentro. E vê aqueles alunos como algumas coisas que temos que aturar, mas que não consideram propriamente alunos da escola. E portanto, é assim que vejo as coisas. Ao nível dos colegas, e de quem trabalha com professores acho que sim, há um certo apoio. Há troca de ideias, há troca de experiências, há tentativa de fazermos um trabalho em conjunto. Nem sempre é fácil como nós sabemos.

Considera um desafio o trabalho com os alunos PIEF?

Ah, sem dúvida nenhuma, um grande desafio. Um grande desafio, que não sei se ganho!

Por fim, considera que houve algum aprendizado da sua parte? Considera que enquanto professor ou enquanto ser humano aprendeu alguma coisa?

Isso, aprende-se sempre. Todos os alunos que nos passam pela frente, ensinam-nos alguma coisa e faz-nos refletir. Quando saio da sala dos PIEF, desejoso de não os ver durante quinze dias, eu também tenho a noção que à minha frente está gente que tem a necessidade de ser apoiada, e portanto eu vejo também esse lado. O que acho que na verdade irrita muito quem está deste lado, é deles não perceberem que nós também precisamos de alguma coisa em troca, ou seja, quando o professor dá alguma coisa que tem, e o aluno não corresponde, o aluno pode não corresponder por não ser capaz, mas também pode não corresponder por decidir não corresponder. E há um bocado de casos cada mais vezes pior. Decidiram boicotar, decidiram não fazer nada e portanto aí não há nada a fazer. Aprender, a gente aprende sempre. E depois aprendemos com conversas que tivemos sempre com outros professores na escola, aprendemos também com ação de formação, que nos abriu luzes, pistas, e nos fazem refletir. Eu acho que nós aprendemos sempre com toda a gente alguma coisa. E portanto acho que todos esses desafios que são muito cansativos, que na maioria das vezes são pouco gratificantes, mas que acabam por ter sempre o seu lado positivo da coisa. Aprende-se sempre com toda a gente alguma coisa.

PROPOSTAS FUTURAS

Acrescentaria algo mais que pudesse melhorar?

Se os alunos do PIEF tivessem na verdade um currículo que não fosse inspirado no currículo nacional, que eles tivessem por exemplo menos aulas, e que só uma parte do dia fosse ocupado. E que se desse primazia ao domínio de português, ao domínio de alguns rudimentos de matemática. O inglês acho que sim, pois eu que sou de francês acho que o inglês para eles é mais fácil, até porque já tem alguma noção dos anos anteriores. E uma disciplina abrangente talvez educação física, tecnologias, acho que seria benéfico para eles.

ENTREVISTA PROFESSOR-P5

DATA:05/06/2012 **HORA:**10:00

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Qual a sua idade?

55.

Qual a sua formação inicial?

Engenharia Eletrotécnica. E depois, formação Tecnológica.

Tem quantos anos de profissão?

34.

Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite?

Só trabalho este ano e se calhar foi mais por imposição do que por convite ou seleção.

Imposição por parte de quem?

Da direção da escola, que definiu dado que eu não tinha horas suficientes para ocupação do horário e apareceu esta turma, e tinha habilitação própria antes em tempo suficiente para dar matemática, acharam que teria perfil.

Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF?

Nenhuma.

Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF?

Eu não sei se propriamente será necessário uma formação ou existirão uma formação específica para trabalhar no PIEF. Se calhar, mais do que a formação específica, é necessário uma organização estruturada, apoiada. Em termos de formação, eu já tinha realizado a formação, não especificamente para trabalhar com PIEF. Mas para trabalhar com alunos de outras áreas que cada vez são mais complexos. Nomeadamente gestão de conflitos e áreas afins, portanto já tinha tido curiosidade e feito formação nos últimos anos.

ORGANIZAÇÕES E DINÂMICAS PEDAGÓGICAS

O professor considera que a sua experiência escolar, contribui de maneira relevante para o trabalho que tem desempenhado com os alunos PIEF? Quais as semelhanças e diferenças que há na sua prática pedagógica nessa turma PIEF, e nas outras turmas da escola?

Eu acho que sim. Em trinta e quatro anos os alunos evoluíram muito, as características dos alunos são completamente diferente. Também o facto de ter trabalhado com alunos de várias áreas do país, desde alunos do interior, da beira mar, de sentadinhos e rurais, ajuda-nos a procurar entender o perfil do aluno e a tentar reagir o mais adequadamente possível às necessidades que eles demonstram. O grupo PIEF tem sido diferente, tem assumido em diferentes estruturas desde o início do ano. A partir do 2º período nitidamente as condições de funcionamento foram melhorando, porque saíram alunos, que eram mais complexos, e que condicionavam o funcionamento do grupo. Chegamos ou cheguei pelo menos eu a ter a ilusão de porque teriam um grupo ao qual se conseguiria fazer um trabalho interessante, engano meu porque alunos com capacidades para, no caso do J5, no caso do J4, subitamente desmotiva completamente e para além de desmotivar tem tentado controlar os outros elementos do grupo. Com quem é que tenho conseguido trabalhar? Com alguém que a determinada altura decidiu afastar-se, desligar-se um pouco dos outros, de quem ela representa boas condições de trabalho e quando quer tem boas competências de raciocínio de interpretação, de desenvolvimento. E com dois elementos do grupo mais do 2º ciclo, que tem tido acompanhamento mais regular, portanto a J3 e a J1, que são dois elementos completamente distintos. A J1 tem capacidade de interpretação é capaz de desenvolver algum raciocínio de forma autónoma, não tem grande auto motivação e não tem grande auto estima, isto é, se eu a motivar para desenvolver um determinado raciocínio, em frente aos outros ela acaba por não desenvolver, portanto fecha-se. J1 sente as dificuldades são inerentes ao seu percurso e quando diz não, é não mesmo, tem um grande défice cognitivo e é extremamente complexo explicar um procedimento, de forma que ela o entenda. E quando nós julgamos que ela o entendeu, põe-se um outro exercício e verifica-se que afinal ela não entendeu nada. Dois exemplos: por mais que eu lhe explique que o sinal + é uma linha vertical, cruzada pela horizontal, ela faz sempre o sinal + como se fosse um X, sempre. Outra situação, é casas decimais, hoje tive a explicar-lhe a

dinâmica da divisão por 10 e a multiplicação por 0,1, por 100, multiplicação por 0,01, portanto casas decimais não conseguem entender. Não consegui com que ela conseguisse entender que as casas decimais se colocam da direita para a esquerda e não da esquerda para a direita, são situações com casos muito complexos, que exigem a colaboração de todos os alunos. No dia em que eles estão colaborativos, até se consegue algum resultado, no dia em que eles estão menos colaborativos não se consegue absolutamente nada. É lógico que este grupo que seria oito, no máximo tem quatro. A maior diferença que eu sinto é, os alunos não se sentem obrigados a nada, isto leva a que nós tenhamos grande dificuldade em motivar o aluno para o desenvolvimento seja de qual atividade for. Obriga-nos a ser mais criativos, não se pode explorar determinado conteúdo uma vez até o fim, que eles cansam-se. Se em um dia conseguisse-mos até pela novidade algum desenvolvimento da parte deles, na segunda aula se calhar já não resulta. Uma experiência que eu fiz ainda agora, eu andei três aulas a tentar desenvolver com eles jogos de lógica, então eles não tinham que fazer mais nada, se não pensar, e colaborarem uns com os outros. Primeiro, não acharam grande graça a terem que pensar, e segundo não sabem conjugar, pegar nisso e tentar desenvolve-la. E não há diálogos, e quando há diálogos entre eles penso que é sempre no sentido de destruir e não de construir. E depois quando conseguem atingir a aprendizagem a primeira vez, ainda se incentivam a ir a uns exercícios, quando não conseguem, pura e simplesmente desistem. É uma das grandes diferenças, deles com outros alunos da escola é que os outros sentem um pouco mais da responsabilidade, um pouco mais de motivação.

O que pensa da matriz curricular do PIEF e da forma como estão organizados os horários das aulas?

É complexo olhar para a matriz estrutural do PIEF. E é difícil porque, todos nós temos noção que um dos principais objetivos de um curso PIEF seria a integração no ensino regular. A integração, seria um período de transição para que eles adquirissem competências e depois eles adaptarem o seu currículo em um círculo normal de ensino. Não sei como é que estar a deficiência, mas a integração deles nessa turma PIEF, se calhar também não funciona da melhor forma, se calhar eles não tem a informação necessária para perceberem que é este o grande objetivo. Se calhar também, se lhes explicassem muito, que esse era o objetivo, não conseguiam cativa-los a integrar em uma turma PIEF, portanto isto é, um compromisso difícil de se conseguir. Quanto a estrutura está minimamente adequada, tem disciplinas que são bases, matemática, português, as TIC, e depois tem outras disciplinas que procuram completar em termos culturais todo um ciclo de ensino. Acho que peca numa vertente essencial, estes cursos teriam que ter uma aliciante, e a aliciante teria que ser a integração numa prática, numa área que fosse investigada ser do interesse dos alunos. Com que sentido? Por um lado, aliviar a carga do estudo regular, o trauma do ensino regular, são disciplinas que nós temos que estudar e fazer, mas não tem nada e é a mentalidade deles, só conseguem fazer este tipo de interpretações. Por outro lado, prepara-los e até alicia-los, para um desenvolvimento de uma profissão, depois começam a ser alunos que brevemente tem idade para sair da escolaridade obrigatória, mais dois anos e estão fora da escolaridade obrigatória. E quando chegarem a esta altura eles não tem uma base suficiente para enfrentar o mercado de trabalho e estar cada vez mais concorrencial, portanto acho que tinha que haver várias tentativas de colocação, algumas horas por semana em termos experimentais, mas não passa disso, portanto tinha que ser muito mais fundamentado e muito mais preparativo.

COMPORTAMENTO E A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma?

Quando falamos às vezes em comportamentos, às vezes misturamos um pouco os conceitos. Comportamentos, atitudes comportamentais, eu julgo que a maior evolução que atingimos com o grupo foi induzir neles que existem um conjunto de atitudes que se tem que assumir no relacionamento com os outros. E acho que eles aceitaram isto como um dado adquirido e importante na vivência deles. Portanto, se considerarmos o comportamento associado a este conjunto de atitudes, acho que sim, acho que o comportamento deles neste momento não é muito diferente do comportamento de outros alunos da escola. Pelo menos no espaço que nos compete que é, o espaço da nossa gestão, de 45 aos 90 minutos de aula. Perdemos um pouco o controlo e por mais que nós tenhamos conseguido em um espaço normal, fora desse espaço de aula, eles acabam por ter comportamentos e as vezes até de vandalismo. Até hoje não fazem o transporte, não conseguiram fazer o transporte de dentro da sala para o espaço autónomo. De vez em quando fazem aqueles buracos nas paredes, ainda agora entramos aqui e estavam aqueles buracos nas paredes, as pegadas marcadas nas paredes. O relacionamento que eles tem com os autistas aqui em baixo no bloco, tentam massacra-los, não conseguem entender que um ser mais frágil tem o mesmo direito do que nós e que merecem a nossa consideração. Este é um outro passo que tem que ser dado, se pensarmos o comportamento tem mais do que isso, em autoestima, auto motivação, integração de forma autónoma em atividades, ainda estamos muito longe de atingir aquilo que nós pretendemos. O que é eles chegarem cá todos os dias e sentirem a necessidade de irem pegar o dossiê, prepararem-se para trabalharem, e quando nós lhes fazermos a proposta, eles aderirem e porque não, com alguma satisfação e propomos que sejam o mais lúdica possível, didáticas mais também lúdica possível.

O professor identifica e considera que houve avanço da aprendizagem e/ou das competências pessoais e sociais? Quais?

Quando eu olho para trás e vejo por exemplo uma J3 que não trocava uma palavra de relacionamento comigo, ou quando eu lhe fazia uma proposta de trabalho, ela nem reagia, não tinha a mínima reação e quando eu por exemplo hoje lhe expliquei a atividade e consegui fazer dois exercícios de forma autónoma, tem que considerar que houve evolução. Quando olho para o percurso do J10, um percurso conturbado de desafios constante, de contraposição a tudo, o facto dele neste momento estar até preocupado, porque está muito a frente dos outros, mas porque que eu não hei de fazer só as mesmas fichas que os outros fazem, porque que eu hei de andar a fazer fichas mais avançadas. E portanto hei de considerar efetivamente uma parte evoluiu.

CONDIÇÕES DE AÇÃO

Quais as suas principais preocupações pedagógicas neste programa?

É sobretudo para além da componente do saber estar, do saber relacionar-se. Procurar que eles sintam que também é necessário aprender um pouco mais, que os conhecimentos que estão em causa, são necessários para qualquer momento da vida. Portanto, são as duas vertentes da pedagogia que eu tento explorar, mas sem preocupação em cumprir grandes planos em definir grandes objetivos, e gerar grandes expectativas. Um passo de cada vez.

O professor do PIEF sente-se apoiado pela estrutura do programa? Pela gestão da escola? E pelos demais professores?

Por mais que custe reconhecer, os professores apoiam-se minimamente uns aos outros e disponibilizaram inclusivamente para fazer parcerias, tem procurado diminuir suas ansiedades e suas dificuldades e colaborarem entre si. Se perguntarmos se podíamos funcionar de forma mais organizada, mais estrutural, mais conjugada, acho que sim. Chegamos a pensar em um plano de implementação conjunta ao nível do ser e do estar que depois ficou muito diluída, porque se exigia uma elevada coordenação, e que todos correspondessem na mesma perspectiva e também tenho que considerar que também nem todos tem que corresponder da mesma forma, o que é natural, porque cada um tem as suas características, tem a sua visão do ensino e de qualquer forma justifica esse facto. Se falarmos na coordenação local do PIEF, tem havido uma grande correspondência, não digo o máximo porque se calhar não estão preparados para este máximo. Mas, mas uma vez aparece a situação de alguma forma distorcida, isto é, há uma grande preocupação com a formalização documental, mas há uma menor preocupação com a formalização em termos de implementação do projecto. Da direção da escola, acho que não podia ser mais negativa do que aquilo que tem sido, não tem havido a mínima compreensão, alguns dos problemas com alguma boa vontade da direção e acho que poderiam ter sido se não ultrapassado pelo menos diminuído e a perspectiva foi sempre mais ou menos de rejeição do projeto.

De que forma as parcerias acontecem?

As parcerias acontecem no sentido de ultrapassar uma falha organizativa que era a organização do grupo, em grupos de níveis. Nós temos nitidamente dois grupos de níveis, alias a própria estrutura da turma PIEF, define uns alunos como sendo alunos do 1º ciclo e do 3º ciclo. Se nós dentro de um ciclo conseguimos trabalhar com alunos com competências tão distintas, e com conhecimentos básicos, como é um J9 e uma J1, que estão em extremos opostos do ciclo, mas se trabalhássemos com nível, com este grupo conseguiríamos montar estratégias de trabalho que pudessem apoiar mais outros na sua necessidade. O grupo do 3º ciclo, é um grupo mais equilibrado em que em termos de competência e em termos de pré requisito, embora em termos de motivação seja mas desequilibrado do que os do 2º ciclo, mas trabalhando com dois grupos de níveis, daí as coisas tornam-se mais simples, mas fáceis, tornando-se mais simples, mais fáceis também se tornam. Portanto, a parceria que eu tenho desenvolvido na quinta feira com o português, em que damos o dobro dos tempos, graciosamente porque a escola resolveu que não ia corresponder à reorganização de horários, com o sentido de nós termos essas horas incluídas no nosso horário de base. Procuramos um professor para fazer isto um grupo do 2º ciclo e o outro fica com o do 3º ciclo 90 minutos, e depois invertemos. Isso tem nos permitido criar algumas situações mais individualizadas, digamos que a quinta feira tem sido aquele dia em que nós procuramos trabalhar aspeto mais pontuais com cada um dos alunos.

Considera um desafio, o trabalho com esta turma PIEF?

É um desafio todos os dias, embora nós precisamos ser desafiados, mas também precisamos ser de alguma forma recompensados porque se não há um em nós e se nós nos deixássemos vencer continuamente nos desafios que nos foram colocados e também começa a ser desmotivador para nós. Eu tenho como características pessoais, uma boas e outras más, que quando atinjo determinado patamar, quando atinjo à saturação, sou algo duro em termo de atuação. O que se calhar neste tipo de alunos até nem é muito mal, eles sentirem de vez em quando que há um limite, em que efetivo eles não podem ultrapassar, mas que me desgastam tremendamente, em termos do meu sistema nervoso, deixam-me completamente desgastado. A outra característica é assim, eu não desisto assim muito facilmente e vou apesar de haver dias em que eu estive algumas horas a tentar imaginar uma atividade que pudesse ser aliciante para este grupo de jovens e chegando cá, sentir que eles não valorizaram minimamente aquela atividade que deu tanto trabalho e ocupou durante tanto tempo não é menos desgastante, não perturba

muito o sistema nervoso, mas acaba por ser de alguma forma desgastante. Tenho conseguido ultrapassar quer uns, quer outros e acham que eles não vão-me vencer.

Houve aprendizado por parte do professor?

Por parte do professor eu não sei se houve. Não sei se houve porque? Porque trinta e quatro anos de ensino, com situações tão diferenciadas de alunos e de sistema de ensino e de níveis de ensino, dão uma grande bagagem. No entanto, eu acho que nós aprendemos todos os dias algo mais, e uma coisa que temos aprendido cada vez mais é que a escola como estar, estar estruturada a deixar de funcionar, isto é a escola, esta é que é a maior aprendizagem e esse é pena que não querem entender esse facto. A escola tem que ser alternativa em termos aliciante aquilo que existe no exterior e não está, isto é, temos que alterar processos de trabalho, temos que alterar recursos, temos que alterar organização, de forma a criar uma dinâmica mais aliciante para estes jovens, principalmente para estes jovens. Porque se foram aliciantes para estes jovens seguramente serão para os outros. E a escola começa a apresentar um grande défice de estímulos, face à sociedade destruída. Como conseguir? É complexo, mas ter um currículo tão sobrecarregado com áreas disciplinares tão distintas neste momento será a solução? Nos momentos em que decorre, por exemplo eu achei curioso que alguém do exterior, resolveu a escola questionar a escola sobre ações de solidariedade num momento atual, e a escola não faz sentir aos nossos alunos, não faz sentir aos nossos alunos, que essa é uma necessidade permanente. A intervenção direta nas sociedades em que fazemos parte, e que a escola tem que ser mais um elemento de mudança da sociedade. Como fazer-lo? Quando falo em escola não é a nossa escola, é a escola em termos de estrutura, até porque na nossa escola vamos tendo algumas aliciantes, alguns concursos em que alguns alunos participam, como as escoliadas em que movimentou um grande conjunto de alunos e que não diz nada a esses alunos PIEF. É estranho, mas não diz nada a estes alunos PIEF. O que quer dizer que a estrutura do PIEF tem que mexer, de forma estruturada, a que estes alunos se envolvam mais na escola.

PROPOSTAS FUTURAS

Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

Eu alterava sobretudo a integração e preparação para estes jovens no mercado de trabalho. Acho que tem que ser uma vertente desenvolvida e implementada, coisas que envolve recursos, porque exigia que nós tivéssemos condições na escola para corresponder a expectativas de cada um dos alunos, em termos de determinadas profissões, e não dizermos que vão todos para cabeleiros ou todos para mecânica ou todos para a carpintaria. Portanto tinha que haver oportunidades para que uns estivessem a desenvolver aulas de carpintaria, outros de eletricidade, outros de mecânica, outros de cabeleiro em função das suas competências, despistarmos através de nosso psicólogo, fazer esta despistagem, e depois integra-lo na perspectiva específicas. Acho que seria a melhor aliciante que nós poderíamos ter em turma PIEF. Frequentei aquela formação PIEF, para professores do PIEF, professores e técnicos PIEF e no final espremidinha como se costuma dizer, não ficou mais nada do que aquelas perceções que nós já tínhamos da nossa experiência. Portanto não funciona com formações, com dinâmicas estruturais. E uma das dinâmicas que eu estava à espera até porque de uma sessão para outra ficou no ar essa possibilidade, era a organização de contratos pedagógicos com os meninos, e de uma vertente específica. Sanções todos nós temos em nossa mente como aplica-los. Compensações na escola, na escola que nós temos para este tipo de alunos, eu sou sincero, eu não consigo encontrar nenhuma. Não consigo, e tinha gostado que me dissessem possibilidades de aliciar estes alunos, nessa formação. O que será essa vertente de integração no mercado de trabalho específica para cada um, acho que é melhor aliciante da escola. Haverá outras eventualmente, embora eu não consiga distingui-la.

Se achar pertinente, sinta-se a vontade para acrescentar o que desejar.

Eu já falei tanto, mas efetivamnete deixo só uma alerta. Nós falamos muito em termos de perfil e achamos que a pessoa A ou B tem perfil, e acho que o perfil é importante, mas não é aquele perfil em que nós habitualmente ouvimos definido. O perfil de ver a função e vestir a camisola, isto é quando se entra em um projeto não se entra para ser derrotista, para ser derrotado, para obter compensações. Portanto nesse sentido, quer os técnicos quer os professores, para trabalhar em projetos PIEF, tem que ser cuidadosamente escolhido e tem que ter essas características: dedicação, motivação, disponibilidade, sem pensar em compensação.

ENTREVISTA PROFESSOR-P6

DATA: 29/05/2012 **HORA:** 11:00

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Qual a sua idade?

44.

Qual a sua formação inicial?

Licenciatura em Química em ramo educacional.

Tem quantos anos de profissão?

Aproximadamente 20.

Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite?

Desde que o programa entrou aqui na escola, portanto, sensivelmente em outubro de 2011. Não houve opção, não houve seleção, não houve convite, foi mesmo atribuição.

Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF?

Nenhuma.

Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF?

Formação a nível de saber lidar com os comportamentos desviantes.

ORGANIZAÇÕES E DINÂMICAS PEDAGÓGICAS

O professor considera que a sua experiência escolar, contribui de maneira relevante para o trabalho que tem desempenhado com os alunos PIEF? Quais as semelhanças e diferenças que há na sua prática pedagógica nessa turma PIEF, e nas outras turmas da escola?

Não. Não identifico semelhanças nenhuma e diferenças todas. Por muito difíceis que sejam as outras turmas, e este ano temos turmas particularmente difíceis não há qualquer semelhança com este tipo de miúdo. São turmas com mal comportamentos, com alunos desinteressados, mas são alunos que por muito desinteressados que sejam tem um objetivo e estes é zero. Não há qualquer semelhança e as diferenças são todas.

O que pensa da matriz curricular do PIEF e da forma como estão organizados os horários das aulas?

Sinceramente, uma aberração. Por uma razão muito simples, quer dizer está a tentar-se quer com o currículo, quer com a forma como estão distribuídos os horários das aulas, não por nós, mas porque veio já estipulados previamente e que nos foram comunicados, nos foram dadas, está a tentar-se no fundo ir ao encontro de um currículo normal, que é impossível em turmas destas, isso é uma fantasia. Mesmo o próprio currículo em que podemos adaptar, portanto tudo isto é verdade, mas a base utópica, completamente utópica. Eu penso que para o ano se houver PIEF aqui na escola, penso que nós já partiremos de outro currículo, já com sensibilidade, já com um bocadinho de experiência, fundamentalmente sensibilidade mais do que experiência para propormos alterações, porque já conseguimos perceber como é que estes miúdos funcionam. E no início não, a base era utópica, completamente utópica.

COMPORTAMENTO E A APRENDIZAGEM OS ALUNOS

Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma?

O comportamento é muito mal. No início muito mal. Alguns continuam muito mal, outros passaram a mal e, outros podemos considerar muito bons, portanto, houve sem dúvidas uma evolução em alguns alunos. A nível de comportamentos eles aprenderam alguma coisa, eles cresceram, eles evoluíram, eles melhoraram na maneira de estar. E há os que continuam grosseiros, continuam a não querer e na forma de estar é zero.

O professor identifica e considera que houve avanço da aprendizagem e/ou das competências pessoais e sociais? Quais?

Eu penso que os alunos que não atingiram nenhum desenvolvimento ao nível das competências sociais e pessoais, são não, a nível nenhum. Em termos de aprendizagem, houve avanços sim, sou franca que se passasse um teste de avaliação tenho algumas dúvidas que eles conseguissem fazer, porque eles ainda não cresceram o suficiente. Mas aprenderam, por exemplo, já conseguem fazer uma ficha, ler um texto e com ajuda ir ao texto e ir buscar pistas para as respostas, já se motivam por terem um caderno em ordem. Lembro-me que em uma das últimas aulas, essa questão dos feijões e da plantação, tentei dar-lhes informação de caráter científico, com experiência laboratorial só que feita lá fora, na rua e não aqui no laboratório fechado. Fizemos um relatório, eles iam dizendo o que tinha que entrar no relatório sem lhe chamar nomes, mas depois já conseguiam na cabecinha deles verbalizar quais os objetivos da nossa experiência, qual foi o procedimento, as conclusões, e tem a ver com a evolução ao nível da aprendizagem, sem dúvida. E eu sei que é prematuro chamar mas, já há uma evolução nesses alunos que evoluíram no todo. Os outros, julgo que não evoluíram porque não quiseram, ou fazem de conta que não evoluíram, ainda não percebi bem.

CONDIÇÕES DE AÇÃO

Quais as suas principais preocupações pedagógicas neste programa?

Eu penso que é conseguirmos transmitir alguma coisa de útil e com base científica aos alunos. Pelo menos é aquilo que eu procuro, e é isso que eu procuro em outras disciplinas. Com base científica, tentar transmitir-lhes no meu caso algo de ciências, mas que eles consigam perceber, seja motivando-os, dando-lhes um caráter prático, quotidiano, que eles sintam que aquilo serve para alguma coisa, mas tendo sempre o fundo científico. Por exemplo, nos últimos dias nós estivemos a ver o crescimento dos feijões e tentamos não só ver os

crescimentos dos feijões, como explicar o que era o feijão, as raízes, o caule, as folhas, como é que evoluía, como crescia. Portanto, o caráter científico aliado ao que eles veem crescer, e que depois comem.

O professor do PIEF sente-se apoiado pela estrutura do programa? Pela gestão da escola? E pelos demais professores?

Sinto que há aqui o espírito PIEF, e acho que o grupo de professores com maior ou menor facilidade e dificuldade acho que criou um bloco muito positivo. E talvez perante as adversidades, mesmo quando há dificuldades, a gente não recorra sabe que se precisar encontra ali ajuda. Portanto acho que sim. Dentro do bloco PIEF há uma união fantástica.

Quando refere o bloco, quem é exatamente?

Os professores, sem dúvidas.

Pensa que a prática pedagógica e a organização do ensino possibilitam a (re)integração do jovem PIEF na escola?

Eu penso que conseguem integrar devido ao esforço que este bloco faz e que a atual equipa faz, mas não é fácil. Não é fácil da forma como está estruturado, só por si, em termos pedagógicos, em termos curricular, eu penso que não é fácil essa (re)integração. Agora da forma como a equipa orienta as coisas e que para os professores da equipa que passam mais tempo com eles, que não é o meu caso, passo pouquinho tempo. Pessoas que passam muito tempo com eles eu penso que sim, que se está a conseguir isto.

Considera um desafio, o trabalho com esta turma PIEF?

Um desafio que merecia mais tempo da parte de alguns professores, que esses professores não têm da maneira como o PIEF apareceu na escola. Não foi de todo programado, portanto como não foi programado temos assim de nos adaptar da forma como conseguirmos. Portanto é um desafio, penso eu. Pelo menos sinto eu que é um desafio demasiado grande para que sendo realmente bem feito como pretendemos que tudo seja, é um desafio muito grande a todos os níveis, ao nível pedagógico, ao nível emocional, até ao nível científico, pois os conceitos apesar de serem tão básicos, dá mais trabalho dar aulas ao nível básico do 7º ano do que o 12º. Porque às vezes não é fácil nós descermos e conseguirmos transmitir conceitos importantes numa forma simples e correta, mas simples, que cative e que o outro consiga apanhar e eu cada vez mais admiro não os professores do secundário, mas os do básico, e quanto mais básico, mais os admiro. Isto é um desafio não porque exige conceitos científicos elaborados, mas é preciso desmontar essa elaboração para os conseguirmos motiva-los por um lado, e eles perceberem por outro, portanto não é fácil. Emocionalmente não é fácil, muitas vezes nós também temos os nossos dias e as nossas vidas particulares e os nossos problemas pessoais e não é fácil emocionalmente trabalhar em muitos dias com estes miúdos. Por isso eu acho que, seja qual for o professor PIEF que esteja com ele, naturalmente, mais eu penso que é preciso haver disponibilidade. Disponibilidade para o desenvolvimento pedagógico, as práticas, disponibilidade mental, é preciso disponibilidade. Portanto não pode ser um projeto, eu entendo que ele caiu aqui assim, da forma como caiu, portanto não critico isso. Entrou naquela altura porque teve que entrar, mas penso que de futuro se ele continuar na escola ele terá de ser mais bem preparado. E se entrar em qualquer outra escola, salvo uma situação muito pontual como a que se verificou com a nossa este ano, que se pode acontecer em qualquer altura, mas salvo em situações dessas, deve ser um projeto que não deve entrar de qualquer maneira. Tem que ser tudo muito bem preparado. Os professores devem ser preparados também. É claro que a preparação que tenham talvez seja completamente diferente, mas tem que haver tempo. Tempo para nos prepararmos emocionalmente, tempo para isto tudo. É um desafio muito grande, muito grande mesmo.

O professor considera que houve aprendizado da vossa parte?

Houve. Sem dúvidas não sei se consegui estar à altura, mas que houve sem dúvida, quer pelo dia a dia, que andou comigo a fazer coisas que não passava muito pela cabeça fazer. Não é pela cabeça no sentido de ai que horror eu não faço isso. No meu percurso enquanto professora de química, eu não julgava ter que um dia vir a fazer isto numa turma destas. Um professor de biologia sim, de ciências sim, agora em um professor de química não. Há coisas que eu faço em casa com os meus filhos aos fins de semana, que neste momento estou a fazer aqui com os miúdos, e portanto isso também faz parte de uma aprendizagem. Uma aprendizagem de gestão das emoções, que nem sempre é fácil. Houve sem dúvida que houve, claro que nem sempre a gente consegue gerir essas emoções, arreventa e pronto. Mas a formação que tivemos com algumas pessoas em particular, foi enriquecedora.

PROPOSTAS FUTURAS

Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

Alterava a matriz. Alterando a forma como ela é trabalhada e os horário talvez todo o resto vem por acréscimo.

Se achar pertinente, sinta-se a vontade para acrescentar o que desejar.

A necessidade de se pensar nessas alterações para o bem dos miúdos e dos docentes que trabalham com estes miúdos. Agente vai nessa linha de pensamento.

ENTREVISTA PROFESSOR-P7

DATA:31/05/2012 **HORA:**12:30

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Qual a sua idade?

55 anos.

Qual a sua formação inicial?

Minha formação inicial foi na área de Engenharia Mecânica, e depois disso tirei o curso de Licenciatura em Educação Tecnológica.

Tem quantos anos de profissão?

35 anos.

Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite?

No PIEF é novidade, porque este projeto é relativamente recente, e cá na escola é o primeiro ano. Portanto eu aderi a este projeto pela primeira vez, no entanto, cá na escola também onde já estou a alguns anos, 25 se a memória também não me falha, tivemos projetos semelhantes. Chamávamos currículos alternativos, fugiam do currículo tradicional, bem como cursos, cursos de educação, informação e designados por CEFS que não são muito diferentes dos PIEF. Em relação ao convite, não fomos propriamente convidados, porque o horário na escola é de aceitação obrigatória, então disseram amanhã tens estas funções e eu como cumpridor, no dia seguinte lá estava aquela hora, portanto é de aceitação obrigatória.

Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF?

Eu gostaria de ter tido, mas foi em cima do próprio quase do dia ou da hora, não houve tempo para ter formação.

Do momento em que soube que ia assumir funções no PIEF, até o dia de iniciar as aulas passaram quantos dias?

Muito poucos, foi quase de um dia para o outro, foi muito em cima.

Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF?

Se fosse no princípio eu não sabia, nesta altura já tenho uma opinião, e aquilo que obviamente nós necessitamos para trabalhar da melhor forma com estes tipos de alunos, tem a ver principalmente com a relação entre as pessoas, porque há muitos conflitos e é preciso alguma diplomacia, vamos chamar assim, para que consigamos viver alguns dos problemas e dificuldades que surjam no nosso dia a dia com os alunos.

ORGANIZAÇÕES E DINÂMICAS PEDAGÓGICAS

O professor considera que a sua experiência escolar, contribui de maneira relevante para o trabalho que tem desempenhado com os alunos PIEF? Quais as semelhanças e diferenças que há na sua prática pedagógica nessa turma PIEF, e nas outras turmas da escola?

Sim, claro que sim. Sem dúvida. Hoje em dia e há alguns anos para cá, tem-se vindo a agravar a relação entre as pessoas, portanto os conflitos são cada vez em maior número e cada vez em maior gravidade. Neste sentido, o professor não pode ser apenas e só professor, ou seja, debitar informação e conhecimento da sua própria disciplina, mas e cada vez mais, um pai, uma mãe, um amigo, um vizinho, um tio etc, ou seja, vai muito para além do conhecimento da disciplina. Portanto, tudo que temos na turma PIEF tem muito a ver também e cada vez em maior quantidade, mas em doses grandes digamos assim também em outras turmas, pelo menos a nível do 7º e 8º ano onde há situações muito próximas dos alunos da turma PIEF.

O que pensa da matriz curricular do PIEF e da forma como estão organizados os horários das aulas?

É sempre discutível. Por muitas vezes que se dê, há sempre outras interpretações o que quero dizer é que cada professor puxa um pouco a brasa a sua sardinha, tenta sempre reter mais horas para lecionar os seus conteúdos. Aqui não se trata de quantidade de conteúdos, mas de conteúdos adequados para este tipo de perfil de aluno que se pretende sair desta turma. Eu conheço a partir da disciplinas que leciono, no caso engenharia de segurança que é apenas um tempo por semana naturalmente que é pouco. Em muitos casos sem dúvida, e é um tema como todos os outros naturalmente, mas que é importante que tem a ver com seu futuro, não só com o presente mas com o seu futuro e há muitos conteúdos que poderiam ser abordados nesta disciplina. Em relação ao horário e daí penso que é predominar de manhã com o conhecimento, a do domínio cognitivo e na parte da tarde algumas atividades mais de caráter prático, ou seja, domínio psicomotor, como é formação vocacional. Os alunos enfim já estão um bocadinho cansados, há um certo desgaste, portanto penso que não só nesta turma PIEF, mas também nos outros anos temos o 7º e 8º ano é isso que predomina na elaboração dos horários.

COMPORTAMENTO E A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma?

No princípio sabíamos que não seria coisa boa, nesta parte estamos quase no final do ano letivo sabemos que de bom teve pouco, ou seja, há muitos conflitos. Os alunos que não tem conhecimento das regras e quando tem não as cumprem, muitas vezes eu diria minimamente. Daí a necessidade de muito diálogo em muitas vezes como eu costumo dizer para darmos um passinho à frente, por mais pequeno que seja, por muitas vezes é necessário dar dois atrás, ou seja, a importância do diálogo com os alunos. Claro que isto é um trabalho de equipa e não basta só falar com os alunos. Há todo um conjunto de pessoas, de professores, toda uma equipa que é necessário juntar e reunir com uma regularidade para que tenhamos algum feedback, caso contrário cada um isolado por si não resolve e não dá os resultados que todos nós ambicionamos.

Quais as suas principais preocupações pedagógicas neste momento em quanto diretor de turma?

As preocupações são muitas. Acima de tudo que eles tenham um comportamento correto na escola, o que nem sempre se consegue, nós sabemos. Depois, face ao regulamento que está estipulado na escola, que ele seja cumprido, pelo menos minimamente, e quando ele não é cumprido, que os alunos saibam que deve ser penalizados por isso, ou pelo menos responsabilizar-se por isto. Por outro lado também com relação ao trabalho em equipa, é necessário termos feedback uns dos outros, sabermos o que se passa nas diversas disciplinas e podermos acompanhar, e adotarmos sempre estratégias que nos parecem mais adequadas à situação do nosso dia a dia. Mas acima de tudo, ouvir todos os técnicos, os professores, os funcionários, os alunos de modo que possa resultar da melhor forma possível. Quanto ao comportamento, o que todos nós professores pretendemos deste tipo de alunos é que inicialmente no contexto de escola saibam respeitar as pessoas e o património. Dentro da sala de aula é a mesma situação, ou seja, sabendo à partida que por não ser pelo menos alguns alunos de maneira conflituosa, mas tem que saber estar. Há condições em que eles tem que conhecer e respeitar, não podem, cada um fazer aquilo que quer e que lhes apetece, e porque é uma sala de aula e com todos os efeitos às vezes é necessário cumprir regras. E os alunos não sabem ouvir, e querem dar a sua opinião sobre tudo e pensam a partida que podem fazer seu próprio regulamento, e isso não pode acontecer e portanto acima de tudo, muito diálogo com os alunos. Saber que as leis existem na escola, e dado os conhecimentos mais importantes e acima de tudo se não cumpriram serem penalizados e responsabiliza-los pelos seus próprios atos.

O professor identifica e considera que houve avanço da aprendizagem e/ou das competências pessoais e sociais? Quais?

Chegando à fase final, é lamentável para um professor dizer que não houve avanço. Haver avanços existe, resta saber se é aquele que para nós existe. Enfim, ambicionamos face à nossa própria expectativa naturalmente, e nunca corresponde totalmente a nossa expectativa. Houve uma evolução no saber estar, de forma geral em todos eles, uma atitude diferente, sabem comportar-se de forma diferente, embora que haja exceção, há regras, mas também porque não há regras. Ao nível do conhecimento das matérias e das disciplinas, penso que podemos ser mais exigentes, ou seja, eles tem que ser mais cumpridores, desde logo vir mais às aulas, esses tipos de alunos, de uma forma geral faltam muito as aulas, e não tem qualquer tipo de preocupação em justificar as faltas. E sabendo a partida que se não vem as aulas não podem aprender, até porque eles em casa não tem trabalho de casa, e não passam também, não recuperam. Segundo o número de faltas elevadas como acontece em muitos casos, a situação é muito penalizante para eles obviamente. Há muitos conteúdos que não houve condições para serem passados e portanto esses conhecimentos quase ignorância sobre conteúdos porque não foi possível abordar, e muitas das vezes por começar na aula, o tempo útil da aula também é muito reduzido porque nem sempre cumprem os horários. A pontualidade para eles na maioria dos casos não é uma palavra que vos diga muito, e também isso e não foi devidamente interiorizado ao longo do ano letivo. E portanto desde o início do ano acaba por ser muito reduzido e esse comprometimento que desejava, mas há sempre evolução obviamente.

CONDIÇÕES DE AÇÃO

O professor do PIEF sente-se apoiado pela estrutura do programa? Pela gestão da escola? E pelos demais professores?

De uma forma geral sim. Mas as pessoas são sempre ambiciosas e querem sempre mais e melhor, e eu não fujo à regra. E se um professor da equipa faz um bocadinho, e todos temos dois bocadinhos, e depois três bocadinhos. Quero pois dizer, de uma forma geral cada um dá o melhor do que sabe, do que pode fazer, mas em termos de equipa penso que sim. E de qualquer das maneiras penso que também se aprende com os erros, e fazer sempre o possível para melhorar e este é o objetivo. Estamos a chegar no fim do ano letivo e aquilo que se está a pensar em fazer, cada um vai já fazendo naturalmente, mas na altura própria todos nós demos nosso contributo em termos de balanço de reflexão. Dos debates individuais ao longo do ano para que as coisas possam correr sempre melhor para o próximo ano, mas de uma forma geral a estrutura tem apoiado desde a parte da coordenação geral do projeto, a própria direção da escola, mas é complicado. É sempre possível ambicionarmos mais e para todos esperamos que haja melhores condições não só materiais, mas também em termos de funcionamento da própria equipa, que é fundamental.

Considera um desafio o trabalho com o PIEF?

O nosso trabalho com pessoas é sempre um desafio. No princípio do ano nunca sabemos como vai ser o ano. Por menor que seja a experiência nos perguntamos como é que vai ser, e aqui o desafio é maior, porque o PIEF dizia alguma coisa, ou melhor não dizia nada. E as pessoas não sabiam o que era o PIEF e agora já sabem, e é um desafio. Portanto por melhor que seja é sempre um desafio novo. O professor não deve cair na rotina, ou seja, ter sempre a situação que ele deverá estar preparado e se ele não está, poderá fazer um esforço para estar, a todos os níveis, a todas as situações, no sentido que possa contribuir também com essas estratégias para o sucesso, tendo em vista o melhor resultado a obter pelos alunos.

Considera que da sua parte houve algum aprendizado?

Todos os dias o professor aprende um bocadinho, pelo menos em saber que houve muitas vezes que determinadas estratégias não resultou ou não resulta e porquê. Portanto, é também com os erros que todos nós aprendemos, e ficamos satisfeitos de identificarmos estratégias que funcionou, o diálogo a comunicação, etc. E quando as coisas não correm, nós temos que perguntar à nós próprios, a nossa consciência o porquê, porque não resultou. E se há determinadas alternativas, determinadas soluções, e isso é muito importante, é sempre um desafio, e temos de estar preparados para estas situações e também de certo modo, estarmos preparados para esta situação que temos sucesso na sua aplicação.

PROPOSTAS FUTURAS

Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

Alterava várias coisas que se houvesse pessoas tal como acontece em experiência do PIEF, em outras escolas, onde tem professores disponíveis a tempo inteiro, o que não é o meu caso, porque leciono em outras turmas, e apesar de ocupar muito do meu tempo, eu venho aqui ao projeto sempre. Não tenho aulas na segunda-feira, mas vim sempre desde o princípio, e em outras situações. Mas considero que é necessário grande disponibilidade de todos um pouco desta equipa. É necessário que as pessoas estejam a 100% se possível motivadas, e sabendo das dificuldades que vão encontrar e estarem preparadas para este desafio e não serem encaminhadas quase de forma rígida e rigorosa, mas até porque não pela iniciativa, a motivação poderia ser outra, nem todas as pessoas teriam as mesmas condições para funcionar com este tipo de alunos, porque a partida a situação não é fácil e ninguém vê muita abertura, muito diálogo, e a comunicação entre todos, tem que ser pessoas também dinâmicas e com força de vontade, e nem sempre estão ao alcance de todos. Considero que a experiência é importante, e que sobretudo este tipo de perfil que possa o sucesso dos nossos alunos obviamente.

ENTREVISTA PROFESSOR-P9

DATA:01/06/2012 **HORA:**12:00

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL

Qual a sua idade?

39.

Qual a sua formação inicial?

Licenciatura em Ciência do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Tem quantos anos de profissão?

10.

Há quanto tempo trabalha no PIEF? O seu ingresso com o referido trabalho foi por meio de seleção ou convite?

Seleção. É o primeiro ano que trabalho no PIEF. Fui selecionado para lecionar numa turma PIEF.

Quem selecionou?

A direção.

Que tipo de formação específica teve antes de iniciar o seu trabalho no PIEF?

Nenhuma. Nunca tive experiência no PIEF. Na minha formação académica não tive formação, para mim é uma coisa recente. É uma estrutura recente que surgiu nas escolas e portanto na minha faculdade apenas tive noção de casos problemáticos, mas dessa natureza, específica PIEF não tive.

Qual a formação que mais necessitava para atuar no PIEF?

Eu acho que isto parte a nível superior. Primeiro teríamos que estruturar muito bem a questão do PIEF na escola. Pois se estiver tudo bem estruturado em termos de horários, em termos da equipa, a partir daí nós com a nossa formação conseguimos melhorar a nossa prestação. Eu penso, que este ano como o PIEF surgiu assim de surpresa, nós fomos apanhados de surpresa, e o que aconteceu é que não se conseguiu criar da raiz horários e estratégias eficazes iniciais para controlarmos a vida desta turma ao longo do ano letivo.

O professor considera que a sua experiência escolar, contribui de maneira relevante para o trabalho que tem desempenhado com os alunos PIEF?

De acordo com a minha formação acadêmica, em que eu tive cadeiras que falavam dos comportamentos dos miúdos, mas a minha experiência educativa ao longo dos anos letivos que eu lecionei, faz com que eu tenha estratégias de atuação perante a turma, diante da natureza de comportamentos que esta turma possui. De forma que consiga atuar da forma mais correta possível, e de uma forma a melhorar as suas atitudes perante professores, colegas e escola.

ORGANIZAÇÕES E DINÂMICAS PEDAGÓGICAS

Quais as semelhanças e diferenças que há na sua prática pedagógica nessa turma PIEF, e nas outras turmas da escola?

A grande diferença é a nível de comportamento. Enquanto uma turma normal os miúdos estão mais atentos e mais pré-dispostos para fazer e cumprir as tarefas que nós incutimos, já nestas turmas PIEF temos que criar estratégias para os motivar ao máximo e para que eles estejam empenhados. Essencialmente, são as atitudes que nós temos que incutir neles, noção de jogo, de fair play, lealdade, de cooperação e companheirismo. Aí que focalizamos mais o nosso ensino. Em termos de lecionação de matérias, também há diferenças, enquanto nas turmas normais nós cumprimos as matérias, aqui temos que fazer uma avaliação inicial das matérias que eles possuem e temos que ir procurar, e de acordo com o programa reajustar as matérias que temos que lecionar na turma PIEF.

O que pensa da matriz curricular do PIEF e da forma como estão organizados os horários das aulas?

Temos que trabalhar mais na matriz PIEF. Penso que estes alunos deviam ser mais focalizados, penso que as turmas PIEF deveriam estar mais articuladas com o mercado de trabalho e nós termos mais condições em termos de conjunto, termos armas para os ensinar de acordo com as profissões que eles querem ser no futuro. Procurar nessa profissão que eles querem ter no futuro, ensinar aquilo ensinar aqui na escola, para que eles tenham mais capacidades para responderem ao mercado de trabalho. Portanto, essencialmente, deviam ter mais disciplinas práticas, que deviam entrar no currículo da turma PIEF, aqui na escola.

No momento o professor considera que da sua parte há alguma preocupação com relação a sua prática pedagógica nesse programa?

Sim, porque a turma PIEF implica sempre uma reflexão em sala de aula. E nós próprios vamos aprendendo, corrigindo e tentando melhorar. Se bem que há momento em que uma pessoa sente-se um pouco desmotivada para lecionar. Mas também compreendemos a natureza dos miúdos, então aula-a-aula tentamos melhorar. E se pelo menos eles tiverem aqui na sala de aula ou no pavilhão desportivo, se pelo menos já tiverem cumprido uma determinada tarefa com motivação, vamos tentar para a próxima acrescentar algo mais, para que eles se sintam com mais motivação para fazer.

COMPORTAMENTO E A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Através da vivência no PIEF, como caracteriza o comportamento dos alunos dessa turma?

São comportamentos complicados, são comportamentos em que tentamos apoiar os alunos. São comportamentos que apresentam características muito negativas, muitos problemáticos, em que temos que perceber o porquê dos problemas, temos que analisar, temos que encontrar soluções, e ao mesmo tempo temos que ser pedagogos. Também temos que os ajudar, temos que refletir em conjunto, dar entender o problema que está a existir, e deles perceberem o erro que estão a cometer e ajudar a mudar.

O professor identifica e considera que houve avanço da aprendizagem e/ou das competências pessoais e sociais? Quais?

Em termos de aprendizagem, foi muito pouco. Aprenderam mais a conhecer um conjunto de modalidades que não conheciam, aprenderam algumas regras de algumas modalidades, regras essas que uma das componentes dessas regras é o fair play, e para eles depois transporem para a vida ativa também. Ou seja, transpor regras para eles valorizarem e mais tarde aplicarem na sociedade, ou até quando tiverem a participar em jogos. Em termos de competências pessoais e sociais, acho também que houve pouco, porque apesar de nós conscientizarmos os alunos a terem comportamentos mais adequados perante um conjunto de pessoas, e que ao longo do ano letivo eles apresentaram problemas e foram corrigidos esses erros, eles aprenderam sempre alguma dessas competências. Mínimas das mínimas, mas pelo menos ficou neles essas competências mínimas.

CONDIÇÕES DE AÇÃO

O professor do PIEF sente-se apoiado pela estrutura do programa? Pela gestão da escola? E pelos demais professores?

Eu acho que esse apoio existe. Se bem que o problema é operacionalizar este apoio. Se tivéssemos mais autonomia ou mais capacidade, ou mais estruturas educativas. Se pudéssemos ter mais um apoio financeiro e de nós próprios definirmos o rumo do PIEF, o apoio seria mais pertinente.

Considera um desafio o trabalho com esses jovens?

Sim, considero. Porque esses jovens devem ser valorizados, devem ser apoiados. Também são alunos, também merecem ser educados, ter uma educação, merecem ter todo o apoio para que um dia mais tarde eles tenham uma vida que possam vir a vingar na vida profissional. Portanto, como são alunos com mais dificuldade, que apresentam mais problemas é um desafio para nós, para nós conseguirmos o melhor possível deles, e que eles ganhem capacidades para que possam atuar no futuro. Se bem que é evidente que isto tem que ser muito bem trabalhado. Também exige de nós. Nós também temos que ter a consciência que temos que trabalhar mais um bocado, temos que ter mais estratégias de atuação, e portanto temos que ser uma equipa unida, para trabalhar com os objetivos que são delineados às turmas PIEF.

Considera que da sua parte houve algum aprendizado?

Sempre que dou aulas, sempre que tenho turmas, eu estou sempre a aprender. De uma próxima vez eu já irei atuar de uma outra maneira. Portanto aprendi sim, aprendi a perceber melhor o comportamento dos miúdos, a atitude dos miúdos. Percebi melhor o conteúdo que devo apertar mais, para cada vez mais motivar esses alunos, e também aprendi que devemos trabalhar mais em equipa, para fazermos o melhor em conselho de turma e fazer o melhor para responder às necessidades educativas dos alunos.

O que quer dizer exatamente quando diz que trabalharia de maneira diferente?

Trabalhar de maneira diferente era no sentido dos nossos horários. Nós professores termos mais tempo de nos reunirmos, para identificar os problemas, trabalhar nesses problemas, de encontrarmos estratégias de atuação. Em que essas reuniões fossem semanais, num horário de manhã, que tivesse contemplado no nosso horário, para que depois através de alguma estratégia conjunta dos professores, e de forma a nós termos mais “poder”, mais capacidades de liderar perante essa turma, de os apoiar. Trabalhar no sentido do comportamento e de situações mais práticas, para os motivar mais. Não focalizar muito na teórica, mas na teórico-prática em todas as disciplinas.

PROPOSTAS FUTURAS

Atendendo aos objetivos do PIEF o que alterava para que o programa tivesse melhores resultados?

Alterava essencialmente na componente prática. Que nestas turmas o programa PIEF tem que contemplar mais a componente prática de acordo com os gostos dos alunos, e articular com as futuras profissões que eles desejariam ter. No fundo, sermos os primeiros a dar-lhes uma formação base, numa determinada formação, numa determinada profissão, para que depois posteriormente eles tivessem uma formação específica nessa profissão, para depois no fim, eles tarem preparados para trabalhar no mercado de trabalho. Portanto é mais prática e ao mesmo tempo dar-lhes as matérias nucleares de uma forma simplificada para eles terem bases a nível linguístico e a nível de cálculo, para eles depois estarem preparados também na componente das relações humanas.

Se achar pertinente, sintá-se a vontade para acrescentar o que desejar.

Aquilo que posso acrescentar é que as turmas PIEF devem ser valorizadas, temos que ajudar os jovens a gostar da escola, a proporcionar a eles uma formação pertinente e que vá ao encontro dos objetivos deles. E no fundo, que eles um dia tenham a noção do saber estar e do saber fazer na sociedade.

ANEXO VI

MATRIZ DE CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

MATRIZ DE CATEGORIZAÇÃO DE DADOS

DIMENSÕES	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	SUJEITOS	
1. IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL	1.1 Formação	1.1.1 Formação Inicial	1.1.1.1 Diretor	
			1.1.1.2 EMM	
			1.1.1.3 TIL	
			1.1.1.4 Professor	
		1.1.2 Formação do âmbito PIEF e experiência no programa	1.1.2.1 Diretor	
			1.1.2.2 EMM	
			1.1.2.3 TIL	
			1.1.2.4 Professor	
2. ORGANIZAÇÃO E DINÂMICAS PEDAGÓGICAS	2.1 Organização do horário das aulas	2.1.1 Aspectos positivos	2.1.1.1 Professor	
		2.1.2 Aspectos negativos	2.1.1.2 Professor	
		2.1.3 Sugestões	2.1.3.1 Professor	
	2.2 Matriz curricular do PIEF	2.2.1 Aspectos positivos	2.2.1.1 Professor	
		2.2.2 Aspectos negativos	2.2.1.2 Professor	
		2.2.3 Sugestões	2.2.1.1 Professor	
	2.3 Prática pedagógica no PIEF e em outras turmas do ensino regular	2.3.1 Semelhanças	2.3.1.1 Professor	
		2.3.2 Diferenças	2.3.2.1 Professor	
	3. COMPORTAMENTO E A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS	3.1 Comportamento	3.1.1 Cumprimento de regras	3.1.1.1 Diretor
				3.1.1.2 EMM
				3.1.1.3 TIL
				3.1.1.4 Professor
3.1.2 Autocontrole			3.1.2.1 Diretor	
			3.1.2.2 EMM	
			3.1.2.3 TIL	
			3.1.2.4 Professor	
3.2 Aprendizagem	3.2.1 Aprendizagem cognitiva	3.2.1.1 Professor		
	3.2.2 Competências pessoais e sociais	3.2.2.2 Professor		
4. CONDIÇÕES DE AÇÃO	4.1 Organização	4.1.1 Visão	4.1.1.1 Diretor	
			4.1.1.2 EMM	
			4.1.1.3 TIL	
			4.1.1.4 Professor	
	4.2 Espaços e materias	4.2.1 Visão	4.2.1.1 Professor	
	4.3 Parceiros	4.3.1 Visão	4.3.1.1 EMM	
			4.3.1.2 TIL	
5. PROPOSTAS FUTURAS	5.1 Organização	5.1.1 Visão	5.1.1.1 Diretor	
			5.1.1.2 EMM	
			5.1.1.3 TIL	
			5.1.1.4 Professor	
	5.2 Espaços e materias	5.2.1 Visão	5.2.1.1 Professor	
	5.3 Recursos humanos	5.3.1 Visão	5.3.1.1 Diretor	
			5.3.1.2 EMM	
			5.3.1.3 TIL	
			5.3.1.4 Professor	

ANEXO VII

MATRIZ DE REDUÇÃO DOS DADOS

MATRIZ DE REDUÇÃO DE DADOS

Dimensões	Categorias	Subcategorias	Sujeitos	Unidade de registro		
1. Identificação profissional	1.1 Formação	1.1.1 Formação inicial	1.1.1.1 Diretor	“Sou licenciado em Filologia Românica, quer dizer, Latim, Português, Cultura e Literatura.” (Diretor)		
			1.1.1.2 TEMM	“Professora de Educação Visual do Ensino Básico.” (TEMM)		
			1.1.1.3 TIL	“É Serviço Social.” (TIL)		
			1.1.1.4 Professor	“Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, Português Francês.” (P1) “Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas.” (P2) “Licenciado em Filologia Românica.” (P3) “Engenharia Eletrotécnica.” (P5) “Licenciatura em Química.” (P6) “Minha formação inicial foi na área de Engenharia Mecânica.” (P7) “Licenciatura em Ciência do Desporto e Educação Física.”		
		1.1.2 Formação do âmbito PIEF e experiência no programa	1.1.2.1 Diretor	“[...]essa foi a primeira experiência.” (Diretor)		
			1.1.2.2 TEMM	“A formação que tivemos foi essencialmente uma formação burocrática. [...] uma formação pedagógica não.” (TEMM)		
			1.1.2.3 TIL	“Formação específica para trabalhar nas turmas PIEF não tive.” (TIL)		
			1.1.2.4 Professor	“Não tive.” (P1) “Antes de iniciar o trabalho não tive.” (P2) “Nenhuma.” (P3) “Nenhuma.” (P5) “Nenhuma.” (P6) “Eu gostaria de ter tido, mas [...] não houve tempo para ter formação.” (P7) “Nenhuma. Nunca tive experiência no PIEF.” (P9)		
		2. Organização e dinâmicas pedagógicas	2.1 Organização do horário das aulas	2.1.1 Aspectos positivos	2.1.1.1 Professor	
				2.1.2 Aspectos negativos	2.1.1.2 Professor	“[...] o projeto foi condicionado a coisas que já existiam e não se conseguiram, não se puderam ou não se quiseram alterar, ou seja, a mancha de horário dos alunos existe de forma a poder contemplar o que já existia como horários estabelecidos dos professores que passaram a integrar esta equipa pedagógica. Portanto, o critério não foi o critério de adequação dos alunos ao tempo ou a rentabilidade de uma parte ou outra do dia, mas o critério foi o transtornar ao menos possível aquilo que já estava feito. [...] em português faz-se uma pausa para se ter matemática e depois é capaz de haver uma outra coisa que até se poderia ligar ao primeiro bloco mas que já desligou. Portanto, há uma maior dificuldade de continuidade no dia em determinados tipos de tarefa, [...]” (P1) “[...] as disciplinas não são gavetas, não são compartimentos distantes.” (P2)
2.1.3 Sugestões	2.1.3.1 Professor				“[...] dentro do que já existe, penso que poderia associar-se disciplinas por afinidades e que poderia permitir inclusivamente a realização de atividades mais em conjunto, [...] mais flexível nele mesmo, quero dizer que os professores que estiverem a trabalhar nesta equipa deveriam ter uma facilidade de horário que pudesse ser um horário de acordo com as necessidades dele e as necessidades do próprio projeto semanal.” (P1) “[...] nas línguas há sempre matéria que é transversal a outras	

				disciplinas e se nós tivéssemos tempo de reunir e de fazer, de organizar as aulas de maneira que quando der uma matéria o outro lhe desse continuidade, embora de maneira diferente eu acho que havia um encadeamento lógico das matérias, e isso faria com que os alunos vissem um fio condutor e poderia ser que eventualmente se interessassem.” (P2) “[...]é predominar de manhã com o conhecimento, a do domínio cognitivo e na parte da tarde algumas atividades mais de caráter prático, ou seja, domínio psicomotor, como é formação vocacional.” (P7)
2.2 Matriz curricular do PIEF	2.2.1 Aspectos positivos	2.2.1.1 Professor	“Quanto a estrutura está minimamente adequada, tem disciplinas que são bases, matemática, português, as TIC, e depois tem outras disciplinas que procuram completar em termos culturais todo um ciclo de ensino.” (P5)	
	2.2.2 Aspectos negativos	2.2.2.1 Professor	“É um modelo como não se faz.” (P1) “[...] não compreendo e que não me parece lógico que alunos com essas características, tenham por exemplo, uma segunda língua estrangeira. [...] E penso que isso não é produtivo para eles.” (P3) “É complexo olhar para a matriz estrutural do PIEF”. (P5) “ [...] uma aberração. [...] está a tentar-se no fundo ir ao encontro de um currículo normal, que é impossível em turmas destas, isso é uma fantasia.” (P6)	
	2.2.3 Sugestões	2.2.3.1 Professor	“[...] esses cursos do PIEF deviam se centrar em competências básicas no português, na matemática, nas tecnologias de informação, e depois uma disciplina abrangente, que abordasse a história, a geografia, rudimentos de ciência. Mas eu estou a falar com base nestes alunos que conheço [...]” (P3) “Se os alunos do PIEF tivessem na verdade um currículo que não fosse inspirado no currículo nacional, que eles tivessem por exemplo menos aulas.” (P3) “[...] penso que para o ano se houver PIEF aqui na escola, penso que nós já partiremos de outro currículo, já com sensibilidade, já com um bocadinho de experiência, fundamentalmente sensibilidade mais do que experiência para propormos alterações, porque já conseguimos perceber como é que estes miúdos funcionam.” (P6) “Temos que trabalhar mais na matriz PIEF. [...] as turmas PIEF deveriam estar mais articuladas com o mercado de trabalho. [...] ter mais disciplinas práticas, que deviam entrar no currículo da turma PIEF.” (P9)	
2.3 Prática pedagógica no PIEF e em outras turmas do ensino regular	2.3.1 Semelhanças	2.3.1.1 Professor	“São somente ao nível da organização. Em termos de alunos não.” Em todas as turmas eu tenho alunos que poderiam estar neste projeto, não estão porque a idade ou porque outro tipo de circunstâncias não os encaminhou [...]” (P1) “Não identifico semelhanças nenhuma [...]” (P6)	
	2.3.2 Diferenças	2.3.2.1 Professor	“[...] diferenças claro que há, porque este tipo de turma tem alunos que para eles estar aqui ou não estar é igual. [...] Quanto aos encarregados de educação fica mais apagado. Enquanto os outros ainda vem a escola, ainda vem falar com o diretor de turma, ainda fazem participações de que determinado professor não agiu da maneira mais correta, estes não. Estes parecem que são um bocadinho mais abandonados à sua sorte.” (P2) “Pois a escola nada diz. Enquanto nas outras turmas, a perspectiva dos alunos é esmagadoramente diferente, a prática também é diferente. É diferente o nível de exigência, acho que é tudo diferente.” (P3) “[...] os alunos não se sentem obrigados a nada, isto leva a que	

				<p>nós tenhamos grande dificuldade em motivar o aluno para o desenvolvimento seja de qual atividade for. Obriga-nos a ser mais criativos, não se pode explorar determinado conteúdo uma vez até o fim, que eles cansam-se. Se em um dia conseguíssemos até pela novidade algum desenvolvimento da parte deles, na segunda aula se calhar já não resulta.” (P5)</p> <p>“[...] as diferenças são todas.” (P6)</p> <p>“A grande diferença é a nível de comportamento. Enquanto uma turma normal os miúdos estão mais atentos e mais pré-dispostos para fazer e cumprir as tarefas que nós incutimos, já nestas turmas PIEF temos que criar estratégias para os motivar ao máximo e para que eles estejam empenhados.” (P9)</p>
3. Comportamento e a aprendizagem dos alunos	3.1 Comportamento	3.1.1 Cumprimento de regras	3.1.1.1 Diretor	<p>“A escola é o único sítio que em certa medida a vida lhes impõe regras, e eles não estão acostumados a respeitá-los e por vezes leva a comportamentos que fogem das regras e do regulamento, mas como eu disse no início da questão, nada que nos surpreendêssemos, pois eu já estava a espera que assim fosse. E apesar, eu sei que em sala de aula alguns professores sofrem, eu sei que alguns professores sofrem com a linguagem obscena, com a linguagem indecorosa, com o desrespeito, mesmo assim em termos de participações e queixas acho que foi menos do que aquela que eu estava a espera.” (Diretor)</p>
			3.1.1.2 TEMM	<p>“Este tipo de aluno quando estão todos juntos, é uma bomba relógio [...]” (TEMM)</p>
			3.1.1.3 TIL	<p>“[...] o que está por traz desses maus comportamentos é o percurso de vida que eles têm, a carência de afeto que tem e toda a falta de estrutura familiar, social, enfim, todos os baixos que tem na vida.” (TIL)</p>
			3.1.1.4 Professor	<p>“Entram quando querem, saem quando querem, partem uma coisa se lhes apetece, tem que pagar se os pais não aparecerem, nada acontecem, ou seja, acho que eles dominam e se eles quiserem boicotar uma aula boicotam. Não vem se não querem, e portanto acho que o comportamento é dominador.” (P1)</p> <p>“[...] deixa muito a desejar porque quando há alunos que querem fazer alguma coisa, imediatamente há uma outra parte da turma que impede que isso aconteça. E por muitas estratégias que o professor utilize acaba por não surtir efeito, porque realmente existe alunos que simplesmente não querem estar ali, [...]” (P2)</p> <p>“[...] digo que é o “jamais visto” é no sentido do professor querer falar com eles e eles estarem numa postura de total alienação, de total ignorância do professor. Não ligando rigorosamente. Nós nos aproximamos fisicamente deles, eles viram as costas e tornam a falar com outro que está em outro sítio da sala. Não acatam nossas sugestões, nossas ordens. Não trazem material nenhum. O material que lhes é dado na aula, viram bolas de papel, e aviões. Não há ninguém com o dossiê da disciplina minimamente organizado. Chegam atrasadíssimos, quando chegam querem logo sair.” (P3)</p> <p>“A escola não é reconhecida como um fator de autoridade, penso na escola como vou ao jardim, só que não estrago o jardim, estrago a escola.” (P3)</p> <p>“Os alunos que não tem conhecimento das regras e quando tem não as cumprem, muitas vezes eu diria minimamente.” (P7)</p> <p>“[...] o que todos nós professores pretendemos deste tipo de alunos é que inicialmente no contexto de escola saibam respeitar as pessoas e o património. Dentro da sala de aula é a mesma situação, ou seja, sabendo à partida que por não ser pelo menos alguns alunos de maneira conflituosa, mas tem que saber estar. Há</p>

				condições em que eles tem que conhecer e respeitar, não podem, cada um fazer aquilo que quer e que lhes apetece, e porque é uma sala de aula e com todos os efeitos às vezes é necessário cumprir regras.” (P7)
		3.1.2 Autocontrolo	3.1.2.1 Diretor	“Para o tipo de alunos que são, acho que os comportamentos estão dentro da normalidade, também há outros que tem também a questão social atrás de si, a desestrutura familiar existente e inexistente, que na maior parte dos casos é inexistente.” (Diretor)
			3.1.2.2 TEMM	“[...] não vale a pena estarmos a mentir porque não são turmas aceites, são turmas muito complicadas, devido a falta de competências ao nível das competências pessoais e sociais. Isso traz muitos comportamentos disruptivos do exterior da escola que depois se reflete dentro da sala de aula e para um professor não é fácil aceitar de bom grado dar aulas a turmas que estão sempre no fio da navalha. Nunca se sabe o que vai resultar dali, pode levar uma aula muito bem preparada mas não conseguir nem se quer iniciar a aula.” (TEMM)
			3.1.2.3 TIL	“Há imensa rebeldia, há imensa necessidade de se manifestarem sempre pela negativa, por manifestas características de oposição. Eles têm sempre a necessidade de se revelar pela negativa. Esses miúdos são extremamente carentes de afeto e não sabem como demonstrar isso, portanto eles negam o afeto que lhe possam vir a dar, só mesmo com uma relação de muita confiança, que eles demonstram realmente que precisam desse afeto e aceitam esse afeto.” (TIL)
			3.1.2.4 Professor	“[...] eles não têm o mais pequeno autodomínio, nem a mais pequena autocensura, o que eles têm a dizer, dizem.” (P3) “Perdemos um pouco o controlo e por mais que nós tenhamos conseguido em um espaço normal, fora desse espaço de aula, eles acabam por ter comportamentos e as vezes até de vandalismo. Até hoje não fazem o transporte, não conseguiram fazer o transporte de dentro da sala para o espaço autónomo. De vez em quando fazem aqueles buracos nas paredes, ainda agora entramos aqui e estavam aqueles buracos nas paredes, as pegadas marcadas nas paredes.” (P5) “O comportamento é muito mal. No início muito mal. Alguns continuam muito mal, outros passaram a mal e, outros podemos considerar muito bons, portanto, houve sem dúvidas uma evolução em alguns alunos.” (P6) “Claro que isto é um trabalho de equipa e não basta só falar com os alunos. Há todo um conjunto de pessoas, de professores, toda uma equipa que é necessário juntar e reunir com uma regularidade para que tenhamos algum feedback, caso contrário cada um isolado por si não resolve e não dá os resultados que todos nós ambicionamos.” (P7) “E os alunos não sabem ouvir, e querem dar a sua opinião sobre tudo e pensam a partida que podem fazer seu próprio regulamento, e isso não pode acontecer, [...]” (P7) “São comportamentos complicados, [...] apresentam características muito negativas, muitos problemáticos, em que temos que perceber o porquê dos problemas, temos que analisar, temos que encontrar soluções, [...]. Também temos que os ajudar, temos que refletir em conjunto, dar entender o problema que está a existir, e deles perceberem o erro que estão a cometer e ajudar a mudar.” (P9)
	3.2 Aprendizagem	3.2.1 Aprendizagem cognitiva	3.2.1.1 Professor	“[...]os conhecimentos que alguns já possuíam, conseguiram aplicá-los ao longo das fichas que foram ensinadas. Também sinto que alguns embora de uma maneira muito rudimentar,

				<p>conseguiram aprender algumas coisinhas novas, embora poucas.” (P2)</p> <p>“Foi muito pouquinho. Ao nível do conhecimento científico na disciplina que leciono: rudimentar. Rudimentar. São resíduos que ficam lá e pouco mais.” (P3)</p> <p>“Quando eu olho para traz e vejo por exemplo uma J3 que não trocava uma palavra de relacionamento comigo, ou quando eu lhe fazia uma proposta de trabalho, ela nem reagia, não tinha a mínima reação e quando eu por exemplo hoje lhe expliquei a atividade e consegui fazer dois exercícios de forma autônoma, tem que considerar que houve evolução. Quando olho para o percurso do J10, um percurso conturbado de desafios constante, de contraposição a tudo, o facto dele neste momento estar até preocupado, porque está muito a frente dos outros, mas porque que eu não hei de fazer só as mesmas fichas que os outros fazem, porque que eu hei de andar a fazer fichas mais avançadas.” (P5)</p> <p>“Em termos de aprendizagem, houve avanços sim, sou franca que se passasse um teste de avaliação tenho algumas dúvidas que eles conseguissem fazer, porque eles ainda não cresceram o suficiente. Mas aprenderam, por exemplo, já conseguem fazer uma ficha, ler um texto e com ajuda ir ao texto e ir buscar pistas para as respostas, já se motivam por terem um caderno em ordem.” (P6)</p> <p>“[...] eles tem que ser mais cumpridores, desde logo vir mais às aulas, esses tipos de alunos, de uma forma geral faltam muito as aulas, e não tem qualquer tipo de preocupação em justificar as faltas.” (P7)</p> <p>“[...] foi muito pouco.” (P9)</p>
		3.2.2 Competências pessoais e sociais	3.2.2.1 Professor	<p>“[...] eles se portam mal porque querem e já tem consciência disso. E há situações em que se eles quiserem não se portam mal. [...] eles conseguiram no mínimo relacionar-se entre si e conseguiram no mínimo gostar de nós, porque eu acho que eles gostam de nós, isso aí eu não tenho dúvidas, podem não demonstrar nem nada disso, mas acho que gostam. [...] Estes alunos continuam a faltar, a não ter material, salvo algumas exceções, mantêm os comportamentos que os fizeram ser alunos PIEF.” (P1)</p> <p>“[...] houve alguma evolução e por diversas vezes ao contrário que não faziam no início, já dão a sua saudação, já dizem bom dia, boa tarde. Sim, já houve alguma evolução.” (P2)</p> <p>“[...] o que foi investido nestes alunos não corresponde à melhoria que seria esperada.” (P3)</p> <p>“Eu penso que os alunos que não atingiram nenhum desenvolvimento ao nível das competências sociais e pessoais, são não, a nível nenhum.” (P6)</p> <p>“Houve uma evolução no saber estar, de forma geral em todos eles, uma atitude diferente, sabem comportar-se de forma diferente, [...]” (P7)</p> <p>“Mínimas das mínimas, mas pelo menos ficou neles essas competências mínimas.” (P9)</p>
	4.1 Organização	4.1.1 Visão	4.1.1.1 Diretor	<p>“Mas a escola mesmo tendo um conjunto de docentes bem intencionados, a escola faltam recursos sobretudo no âmbito da psicologia, da assistência social e essa é a principal dificuldade.” (Diretor)</p> <p>“A maior dificuldade que sinto nesta relação organizativa, é efetivamente nós pertencermos, e somos uma estrutura do Ministério da Educação, a quem temos de prestar contas, e de repente temos também o Ministério da Solidariedade e depois sinto algumas dificuldades em saber quem me dar instruções, [...]” (Diretor)</p>

				<p>“Procuramos isolar os meninos, isolar não no sentido discriminatório, não, não, não é nada disso. Foi isolar no sentido de salvaguardar os interesses escolares dos outros alunos das outras turmas e ao mesmo tempo salvaguardar os objetivos do PIEF desses alunos, daí polos em um bloco sozinhos. De maneira que a parte social e comportamental pudesse ser trabalhada por todos os intervenientes sem que perturbassem, porque a partida sabíamos que eles iam ter momentos de roer, de barulho, e portanto queríamos que eles não perturbassem os outros alunos, o direito dos outros alunos a aprendizagem, e ao mesmo tempo dar-lhes a possibilidade de esses meninos da escola lhes dar mais uma possibilidade e de atingirem a certificação.” (Diretor)</p>
			4.1.1.2 TEMM	<p>“[...] não sei se é a melhor metodologia juntar alunos com problemáticas tão específicas, e ao mesmo tempo tão dramáticas mesmo, se será a melhor solução. Porque agressividade puxa agressividade e às vezes é muito complicado gerir esses conflitos entre os jovens, e essencialmente dentro da sala de aula.” (EMM)</p> <p>“Dentro da escola este projeto específico, tem algumas características negativas, pois o projeto iniciou depois do arranque do ano letivo, não houve possibilidade de uma preparação, ou seja, estes projetos podem ter dois professores destacados a tempo inteiro e um técnico. O que aconteceu foi que como iniciou no dia 24 de outubro, os horários já estavam feitos e a fase dos destacamentos já tinham passado e portanto esta turma acabou por funcionar com as boas vontades de alguns professores que fizeram algum horário, que de certa forma pudessem dar alguma resposta a algum destes alunos, como por exemplo terem três professores voluntários e desdobarem a turma, e muitos deles, darem horas gratuitamente. A técnica inicialmente não foi atribuída, e tivemos que ir buscá-la de outro projeto que tinham poucos alunos. [...]” (TEMM)</p>
			4.1.1.3 TIL	<p>“[...] eu acho que seria importante é a nível de condições para trabalhar de forma mais intensa, e dar resultados aos trabalhos com estes jovens seria realmente proporcionar na escola outro tipo de atividade, outro tipo de dinâmicas, outra metodologia de ensino também, portanto mudar a mentalidade de professores de toda comunidade escolar e precisava-se de mudar muito as muitas coisas na escola. Essa metodologia a utilizar por estes alunos não é fácil de conseguir, portanto não há uma receita que se diga, vamos trabalhar com estes meninos desta forma, assim, assim, assim. Cada turma é diferente, os professores também são diferentes, mas há de chegar a um consenso que o trabalho de equipa é fundamental.” (TIL)</p>
			4.1.1.4 Professor	<p>“Eu sinto-me apoiada pela equipa que está no gabinete, sempre que tenho pedido ajuda tem sido correspondido.” (P2)</p> <p>“Pelo grupo, pela equipa pedagógica, pelo PIEF para falar da técnica, dos professores que acompanham o conselho de turma, pela responsável fora da escola, temos todo apoio. Eu tenho sentido apoio, quanto mais não seja solidariedade. Ao nível da direção da escola, acho que a escola aceitou a turma, pô-la num gueto, num sítio afastado, penso que não saberá muito bem o que passará lá dentro. E vê aqueles alunos como algumas coisas que temos que aturar, mas que não consideram propriamente alunos da escola.” (P3)</p> <p>“[...] os professores apoiam-se minimamente uns aos outros e disponibilizaram inclusivamente para fazer parcerias, tem procurado diminuir suas ansiedades e suas dificuldades e colaborarem entre si. Se perguntarmos se podíamos funcionar de forma mais organizada, mais estrutural, mais conjugada, acho que</p>

				<p>sim. [...] Se falarmos na coordenação local do PIEF, tem havido uma grande correspondência, não digo o máximo porque se calhar não estão preparados para este máximo. [...] Da direção da escola, acho que não podia ser mais negativa do que aquilo que tem sido, não tem havido a mínima compreensão, alguns dos problemas com alguma boa vontade da direção e acho que poderiam ter sido se não ultrapassado pelo menos diminuído e a perspectiva foi sempre mais ou menos de rejeição do projeto.” (P5)</p> <p>“Sinto que há aqui o espírito PIEF, e acho que o grupo de professores com maior ou menor facilidade e dificuldade acho que criou um bloco muito positivo.” (P6)</p>
	4.2 Espaços e materias	4.2.1 Visão	4.2.1.1 Professor	<p>“[...] na organização do espaço, não pode haver uma sala em que está a TIL, o Diretor de Curso, e ser o mesmo sítio onde os alunos guardem as coisas, onde recebem ralhete, onde elas estão a trabalhar coisas de privacidade, onde tem o seu computador aberto. Tem que haver uma demarcação dos espaços de forma diferente. Nós próprios não deveríamos estar nos reunindo na sala deles, tem que haver um espaço em que os professores têm que estar conversar, trocar ideias. Tem que haver um conforto e não há. Estes professores, todos precisam, tanto os técnicos que trabalham com este tem que haver um conforto adequado as exigências que esta tarefa lhes dá.” (P1)</p>
	4.3 Parceiros	4.3.1 Visão	4.3.1.1 TEMM	<p>“As parcerias as vezes são muito complicadas, são muito bonitas no papel mas depois efetivamente não funcionam e acaba por todo o trabalho ser feito pela escola. E nós verificamos que na reunião de assembleia de parceiros onde deveriam estar todos os parceiros acabaram por faltar bastante parceiros e não é em três reuniões de parceiros que na verdade se planifica, se organiza o trabalho de intervenção. [...] São poucos os parceiros que entendem o trabalho efetivo que se faz na escola e as necessidades que a escola necessita. Existem bons parceiros e bom trabalho de parceria, mas outros só efetivamente só, e no papel.” (TEMM)</p>
			4.3.1.2	<p>“É extremamente importante a envolvência dos parceiros até porque estas turmas sem parcerias não funcionavam ou não atingiriam os objetivos que são propostos de início. É necessário uma envolvência, uma enorme envolvência de todos e todas as parcerias que são efetivadas, porque só daí é que conseguimos tirar proveitos e facultar a estes alunos oportunidades que só, e apenas dentro da escola nós não conseguimos aos mais vários níveis desde a Comissão de Proteção da Criança e Jovens, EMAT, a Entidade Gestora, outras entidades que se venham a associar, digamos assim as turmas PIEF. Só vem contribuir para o melhor e até eu diria, bom funcionamento, excelente funcionamento, das turmas, portanto o Centro de Saúde a própria Escola Segura, o Município, portanto favorecem condições as turmas PIEF para promoverem tanto as atividades, como promoverem condições diferentes em que a escola com as suas limitações não consegue. E são eles que realmente dão muita vida e dão uma enorme ajuda às turmas PIEF para funcionarem de outra forma.” (TIL)</p>
5. Propostas futuras	5.1 Organização	5.1.1 Visão	5.1.1.1 Diretor	
			5.1.1.2 TEMM	<p>“Acredito muito mais em uma metodologia de trabalho mais individualizado, em que os alunos estão integrados em turmas com outros alunos com outros tipos de comportamento que não o destes alunos.” (TEMM)</p>
			5.1.1.3 TIL	<p>“A interdisciplinaridade e isso já assisti em outras turmas PIEF, funciona extremamente bem e se a equipa técnico pedagógica</p>

				consequir entrelaçar os conteúdos programáticos seria o ideal para que toda uma equipa PIEF consiga entender que as disciplinas estão interligada e que há temas comuns trabalhados em todas as disciplinas e noutra de outra fórmula e assim sucessivamente acho que facilitaria muito mais aprendizagem.” (TIL)
			5.1.1.4 Professor	<p>“Acho que a filosofia deste projeto é interessante, mas na realidade não há projeto nenhum que mude seja quem for quem não queira mudar. [...] Eu penso que tem de haver um envolvimento maior dos alunos na construção do projeto, do seu projeto de vida, individual e do seu projeto coletivo.” (P1)</p> <p>“[...] serem integrados durante todo o ano em determinado tipo de experiência de trabalho [...] .Eu acho que falta essa relação com as empresas que nós não temos e era importante para o projeto haver a relação com o mundo laboral.” (P1)</p> <p>“[...] em vez de ser o ensino organizado como ele está por disciplinas, ser organizado por temas. Acho que isso era realmente importante no mesmo tema, em que os professores pudessem trabalhar, cada um dirigindo para a sua matéria, mas realmente por temas era o essencial. [...] Mexer também na carga horária e nas disciplinas.” (P2)</p> <p>“Eu alterava sobretudo a integração e preparação para estes jovens no mercado de trabalho. [...] tinha que haver oportunidades para que uns estivessem a desenvolver aulas de carpintaria, outros de eletricidade, outros de mecânica, outros de cabeleireiro em função das suas competências, [...]” (P5)</p> <p>“[...] deve ser um projeto que não deve entrar de qualquer maneira. Tem que ser tudo muito bem preparado. Os professores devem ser preparados também. E claro que a preparação que tenham talvez seja completamente diferente, mas tem que haver tempo. Tempo para nos prepararmos emocionalmente, tempo para isto tudo. É um desafio muito grande, muito grande mesmo.”(P6)</p> <p>“Alterava a matriz.” (P6)</p> <p>“Não focalizar muito na teórica, mas na teórico-prática em todas as disciplinas.” (P9)</p> <p>“Que nestas turmas o programa PIEF tem que contemplar mais a componente prática de acordo com os gostos dos alunos, e articular com as futuras profissões que eles desejarium ter. No fundo, sermos os primeiros a dar-lhes uma formação base, numa determinada formação, numa determinada profissão, para que depois posteriormente eles tivessem uma formação específica nessa profissão, para depois no fim, eles tarem preparados para trabalhar no mercado de trabalho.” (P9)</p>
	5.2 Espaços e materias	5.2.1 Visão	5.2.1.1 Professor	<p>“Dar-vos uma sala vazia e dizer, vamos agora durante a primeira semana de aula, ou 15 dias, todos juntos fazer a decoração da sala de aula de modo a que a gente goste dessa sala e que ela seja a nossa sala. [...] Até podem fazer alguma coisa que daqui a um mês não lhes diga nada, mas podemos restaurar espaços. Nós já crescemos, vamos fazer o espaço crescer connosco. Fizemos umas pinturas que não gostamos, que já não nos dizem nada e portanto agora queremos fazer outra. Porque não tatuar aquele espaço a nossa medida?” (P1)</p>
	5.3 Recursos humanos	5.3.1 Visão	5.3.1.1 Diretor	<p>“Falta esse apoio de retaguarda, com especialista que auxiliem os professores, as escolas, e os alunos. [...] a falta de técnicos especializados, até porque nós professores, a nossa formação foi para um conjunto de alunos, eu não queria chamar a estes de anormais, mas foi para um conjunto de alunos normais. E não estou a considerar estes uns anormais, não é nada disto, portanto se nós formos passar da expressão formatados, o facto de lidar</p>

				com estes alunos tal como lidar com necessidades educativas especiais, tudo que sai a média se calhar não estaríamos preparados. Uns estariam mais preparados que outros, pela sua personalidade, pela sua capacidade intuitiva e pela sua auto formação e muitos deles autodidaticamente procuraram dar respostas, mas falta os parceiros dos especialistas.” (Diretor)
			5.3.1.2 TEMM	“[...] é a falta de formação que nós professores temos para lidar em sala de aula e em contexto escolar com estes alunos, e portanto não há formação.” (TEMM)
			5.3.1.3 TIL	“[...] formação específica que os professores deveriam ter. [...] Seria realmente ideal se os professores tivessem formação específica, seria realmente ideal se esta escola tivesse muito sensibilizada no seu geral para este tipo de problemáticas que estes meninos trazem para a escola e que de certa forma estes meninos já trazem para outra escola.” (TIL) “Talvez o trabalho com as famílias nessas turmas era fundamental, criar uma escola de pais, [...] eu acho que a moldura familiar iria mudar, portanto toda esta estrutura, este enquadramento familiar poderia funcionar de maneira muito mais saudável, e os encarregados de educação, pais, famílias acompanhadas pelos acompanhamentos dos menores, todos eles também sentir que são valorizados para além da escola e das famílias também, [...].” (TIL)
			5.3.1.4 Professor	“[...] uma escola de pais em que os obrigam a ir uma escola de pais com o mesmo tipo de obrigatoriedade que obrigam os filhos a irem a escola, e certificam esses pais como nós temos de certificar os filhos.” (P1) “[...] quer os técnicos quer os professores, para trabalhar em projetos PIEF, tem que ser cuidadosamente escolhido e tem que ter essas características: dedicação, motivação, disponibilidade, sem pensar em compensação.” (P5) “É necessário que as pessoas estejam a 100% se possível motivadas, e sabendo das dificuldades que vão encontrar e estarem preparadas para este desafio e não serem encaminhadas quase de forma rígida e rigorosa, [...].” (P7) “Nós professores termos mais tempo de nos reunirmos, para identificar os problemas, trabalhar nesses problemas, de encontrarmos estratégias de atuação. Em que essas reuniões fossem semanais, num horário de manhã, que tivesse contemplado no nosso horário, para que depois através de alguma estratégia conjunta dos professores, e de forma a nós termos mais “poder”, mais capacidades de liderar perante essa turma, de os apoiar.” (P9)

